UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Câmpus de São José do Rio Preto

Rodrigo Donizeti Mingotti

Heranças do romance naturalista:
alcoolismo e distúrbios psicológicos em *Alma em delírio*, de Canto e Mello

São José do Rio Preto
2021

Rodrigo Donizeti Mingotti

Heranças do romance naturalista:

alcoolismo e distúrbios psicológicos em *Alma em delírio*, de Canto e Mello

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES.

Orientadora: Profª. Drª. Norma Wimmer.

São José do Rio Preto
2021

M664h

Mingotti, Rodrigo Donizeti

Heranças do romance naturalista : alcoolismo e distúrbios psicológicos em Alma em delírio, de Canto e Mello / Rodrigo Donizeti Mingotti. -- São José do Rio Preto, 2021

161 f. : il., fotos

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto

Orientadora: Norma Wimmer

1. Literatura brasileira – História e crítica. 2. Naturalismo na literatura. 3. Literatura comparada. 4. Século XIX. 5. Canto e Mello, Pedro de Castro do – Alma em delírio. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Rodrigo Donizeti Mingotti

Heranças do romance naturalista:

alcoolismo e distúrbios psicológicos em *Alma em delírio*, de Canto e Mello

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES.

Comissão Examinadora

Profª. Drª. Norma Wimmer
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto
Orientadora

Profª. Drª. Andressa Cristina de Oliveira
UNESP – Câmpus de Araraquara

Profª. Drª. Maria Cláudia Rodrigues Alves
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

São José do Rio Preto
19 de maio de 2021

Todo o esforço depositado neste trabalho dedico a Deus; aos meus pais; à minha avó Maria (*in memorian*); e a todos aqueles que estiveram comigo e me apoiaram nesta jornada.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à minha orientadora, Profª. Drª. Norma Wimmer, pelos anos de envolvimento e orientação, não somente nesta pesquisa, mas em trabalhos anteriores, cujas contribuições nortearam minha vida acadêmica e profissional. Obrigado por acreditar neste projeto, por me acolher tão bem e me encorajar nesta investigação. De todo o meu coração, meus sinceros agradecimentos!

Agradeço às professoras que compuseram as bancas de qualificação e defesa, Profª. Drª. Maria Cláudia Rodrigues Alves e Profª. Drª. Andressa Cristina de Oliveira, por realizarem uma leitura atenta e contribuírem com críticas e sugestões pertinentes, as quais aprimoraram de forma enriquecedora este trabalho.

Agradeço, também, a todos os funcionários do IBILCE/UNESP, em especial, aos da Seção Técnica de Pós-Graduação e da Biblioteca, auxiliadores na experiência acadêmica e científica, os quais colaboraram para a materialização desta pesquisa. Conjuntamente, não posso deixar de mencionar o Prof. Dr. Pablo Simpson Kilzer Amorim que muito contribuiu com informações referentes à área de pesquisa e à parte burocrática que envolve o sistema acadêmico; por isso, sou muito grato a este professor e amigo.

Aos professores do curso de Licenciatura em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras, do mesmo Instituto, também deixo meus sinceros agradecimentos, pelas aulas, explanações e contribuições teóricas que fizeram parte da minha formação científica.

Não menos importante, agradeço aos meus pais pelo incentivo constante de busca e de crescimento educacional. Obrigado por me educarem para ser quem sou hoje – e quem serei amanhã!

Aproveito, ainda, para agradecer àqueles que aqui não foram citados, mas que, de alguma forma, estiveram presentes nesta minha trajetória e nela cooperaram.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, à qual agradeço, pois foi fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa.

Boa parte desta pesquisa foi desenvolvida e redigida durante a pandemia COVID-19 que afetou o mundo todo e, no Brasil, dizimou grande parte da população por falta de políticas públicas de contingenciamento. Portanto, todo e qualquer fruto da área acadêmica – atualmente afetada não só pela pandemia, mas também por falta de incentivo e investimentos deste governo – merece ser estimado e prestigiado. No fim, sou grato à UNESP, grato à universidade pública de qualidade!

“Todo artista é, a seu modo, um místico. Uma fé permanente sustenta e consolida o arcabouço geral da grande obra arquitetada ao longo de toda uma vida. Qual Prometeu, ele rouba o fogo sagrado, luz criadora de mundos, chama que anima sua criação e suas criaturas.”

Italo Caroni (1995, p. 9).

RESUMO

O presente estudo coloca sob análise a vertente literária do Naturalismo brasileiro, despontada ao final do século XIX, mas ainda relevante no início do século XX, com textos e escritores adeptos ao movimento, como é o caso do romance *Alma em delírio*, publicado em 1909, de autoria de Pedro de Castro do Canto e Mello, obra que este trabalho pretendeu investigar. *Alma em delírio* aproxima-se de um dos romances de tese de Émile Zola, *L'Assommoir* (1877), considerando que o escritor francês muito inspirou as produções literárias naturalistas brasileiras. A partir de leituras analítico-interpretativas, e com base nas concepções da estética naturalista propagada por Zola e ramificada no Brasil, foi possível notar, de forma consistente, marcas naturalistas em *Alma em delírio*, de modo a possibilitar uma abordagem comparativa entre o romance brasileiro e *L'Assommoir*. Foram observadas, portanto, semelhanças e diferenças entre os romances, considerando o viés naturalista que os marca, levando em conta, também, os temas alcoolismo e loucura, focalizados em ambos. Para uma melhor contextualização – ponderando tratar-se de textos de cunho cientificista, propriedade naturalista – foi realizado um estudo sobre as teorias científicas, inerentes às temáticas, evidenciadas na segunda metade do século XIX, na França e no Brasil, espaço-tempo dos romances. Em conclusão, a narrativa de Canto e Mello configura um romance particular do Naturalismo brasileiro que, embora tardio e silenciado pela crítica e historiografia literárias, merece ser revisto.

Palavras–chave: Naturalismo. Alcoolismo. Loucura. *Alma em delírio*. Canto e Mello.

ABSTRACT

The present study puts under analysis the literary movement of Brazilian Naturalism, which emerged at the end of the 19th century, but still relevant in the early 20th century, with texts and writers adept at the movement, as is the case of the novel *Alma em delírio*, published in 1909, by Pedro de Castro do Canto e Mello, which this research intended to investigate. *Alma em delírio* is similar to one of Émile Zola's thesis novels, *L'Assommoir* (1877), considering that the French writer greatly inspired Brazilian naturalistic literary productions. Based on analytical-interpretative readings, and based on the conceptions of naturalist aesthetics propagated by Zola and disseminated in Brazil, it was possible to consistently identify naturalist marks in *Alma em delírio*, in order to carry out a comparative approach between the Brazilian novel and *L'Assommoir*. Therefore, similarities and differences were observed between the novels, considering the naturalistic bias that marks them, also taking into account the themes of alcoholism and madness, focused on both. For better contextualization – considering that they are texts of a scientific nature, naturalism property – a study was carried out on the scientific theories, inherent to the themes, evidenced in the second half of the 19th century, in France and Brazil, space-time of the novels. In conclusion, the Canto e Mello narrative sets up a particular novel of Brazilian Naturalism that, although late and silenced by literary criticism and literary historiography, deserves to be reviewed.

Keywords: Naturalism. Alcoholism. Madness. *Alma em delírio*. Canto e Mello.

RÉSUMÉ

La présente étude met en analyse l'aspect littéraire du Naturalisme brésilien, qui a émergé à la fin du XIXe siècle, mais qui était encore pertinet au début du XXe siècle, avec des textes et des écrivains adeptes du mouvement, comme c'est le cas du roman *Alma em delírio*, publié en 1909, par Pedro de Castro do Canto e Mello, que ce travail de maîtrise visaient d'étudier. *Alma em delírio* s'approche d'un des romans de thèse d'Émile Zola, *L'Assommoir* (1877), considérant que l'auteur français a grandement inspiré les productions littéraires naturalistes brésiliennes. À partir de lectures analytiques-interprétatives, et sur la base des conceptions de l'esthétique naturaliste propagées par Zola et ramifiées au Brésil, il a été possible d'identifier, de manière cohérente, des marques naturalistes dans le *Alma em delírio*, afin de mener une recherche comparative entre l'œuvre brésilienne et *L'Assommoir*. Des similitudes et des différences ont été observés, donc, entre les romans, compte tenu du parti pris naturaliste qui les marque, en tenant également compte des thèmes de l'alcoolisme et de la folie qui en découle, axés sur les deux. Pour une meilleure contextualisation – considérant qu'il s'agit de textes à caractère scientifique, propriété naturaliste – une étude a été menée sur les théories scientifiques, inhérentes aux thèmes, mis en évidence dans la seconde moitié du XIXe siècle, en France et au Brésil, espace-temps des romans. En conclusion, le récit de Canto e Mello configure un roman particulier du Naturalisme brésilien qui, bien que tardif et réduit au silence par la critique et l'historiographie littéraires, mérite d'être revu.

Mots-clés: Naturalisme. Alcoolisme. Folie. *Alma em delírio*. Canto e Mello.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Hereditariedade de Gervaise Macquart 39

Figura 2 – "*Alma em delírio* por Canto e Mello", *Correio Paulistano*, 06/04/1914, p. 2 47

Figura 3 – *Correio Paulistano*, 15/12/1887. Nota comprova que Pedro de Castro Canto e Mello (n. 27) era aluno regularmente matriculado na Instituição 49

Figura 4 – *Correio Paulistano*, 06/08/1910. Canto e Mello, auxiliar de redação do Diário Oficial do Estado 50

Figura 5 – *A Vida Moderna*, 03/12/1912. Canto e Mello, sentado, ao lado de Vicente de Carvalho 50

Figura 6 – *Correio Paulistano*, 02/11/1934, p. 9. Nota de falecimento de Canto e Mello (1) 51

Figura 7 – *Correio Paulistano*, 02/11/1934, p. 9. Nota de falecimento de Canto e Mello (2) 52

Figura 8 – *Correio Paulistano*, 19/01/1914, p. 1. Crítica sobre *Bucólica*, na seção "Letras e Letras" do jornal 53

Figura 9 – *Correio Paulistano*, 19/01/1914, p. 2. Conclusão da crítica sobre *Bucólica*, na seção "Letras e Letras" do jornal 53

Figura 10 – *Correio Paulistano*, 26/06/1913, p. 2. Na coluna "A Literatura Paulista", julgado por Vicente de Carvalho, *Alma em delírio* é citado como o único conhecido 54

Figura 11 – *Correio Paulistano*, 16/01/1916, p. 2. O romance *Alma em delírio* é citado como o melhor dos livros, por ocasião de uma crítica de Aristêo Seixas sobre Bucólica 54

Figura 12 – Revista *Careta*, 30/10/1914. Crítica desfavorável a *Alma em delírio* 54

Figura 13 – *Illustração Paulista*, 06/06/1912, n. 71, p. [32]. *Alma em delírio* julgado como um excelente romance 55

Figura 14 – *Gazeta Artistica*, 1912, n. 21, p. 8. *Alma em delírio* como maior recente acontecimento literário de São Paulo 55

Figura 15 – *Revista Careta*, 15/03/1913. Crítica à publicação de *Mana Silvéria* 56

Figura 16 – Sem título. Fotografia (1867) do Hospício de Pedro II (pavimento ao centro, visto de perfil), na Praia da Saudade. Ao fundo, a Escola Militar, entre o Morro da Urca e da Babilônia 80

Figura 17 – *Escola Militar*, 1893. Fotografia da Escola Militar, descrita por Rogério, próxima ao Hospício de Pedro II 80

Figura 18 – *Hospício de Pedro Segundo: Praia Vermelha*, [1856]. Gravura que apresenta o início do hospício 81

Figura 19 – *Correio Paulistano*, 1930. Canto e Mello na Bibliotheca Publica do Estado 113

Figura 20 – *Illustração Paulista*, 1912, p. [12]. Crítica e possível justificativa para apagamento de Canto e Mello 115

Figura 21 – *O Pirralho*, 08/03/1913. Crítica contrária a *Mana Silvéria* e a Canto e Mello, fim de sua reputação 116

Figura 22 - *O Pirralho*, 22/03/1913. Crítica defensora a *Mana Silvéria* e a *Canto e Mello* 117

Gráfico 1 – Estatísticas por diagnóstico do Hospício de Pedro II (1883-1900) 84

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS 14

2 NATURALISMOS 20

2.1 O Naturalismo no Brasil 21

2.2 O legado de Émile Zola 27

2.2.1 *L'Assommoir*, romance de Zola 37

3 VIDA E OBRA DE CANTO E MELLO 46

3.1 O romancista Canto e Mello 48

3.2 O romance *Alma em delírio* 62

3.2.1 O Naturalismo em *Alma em delírio* 68

3.2.2 Contexto histórico-social: higienização social e o Hospício de Pedro II 79

4 TEMAS ALCOOLISMO E LOUCURA 88

4.1 Manifestações da loucura: o viés científico do século XIX 89

4.1.1 A categorização do alcoolismo como propiciador da loucura 97

4.2 *Alma em delírio* e *L'Assommoir*: uma aproximação temática 101

4.2.1 Estudo e repetição de um mesmo tema por Canto e Mello 103

5 CANTO E MELLO ÀS MARGENS DO NATURALISMO BRASILEIRO 109

5.1 O apagamento de Canto e Mello 111

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 120

REFERÊNCIAS 125

ANEXO A – *Arbre Généalogique des Rougon-Macquart annoté*. Fac-símile da árvore genealógica da família Rougon-Macquart, com anotações de Zola, 1892. Acervo da Biblioteca Nacional da França. Fonte: BNF, Manuscrits, Naf 10290, f. 172 134

ANEXO B – Jornal *Correio Paulistano*, 6 de abril de 1914, p. 2. Anúncio da segunda edição de *Alma em delírio* 135

ANEXO C – *Correio Paulistano*, 15 de dezembro de 1887, p. [35]. Canto e Mello estudante da Faculdade de Direito de São Paulo 136

ANEXO D – *Correio Paulistano*, 1891, p. 2. Casamento civil de Canto e Mello e Anézia Giraudon 137

ANEXO E – *Correio Paulistano*, 06 de agosto de 1910, p. 3. Nomeação de Canto e Mello como auxiliar de redação do *Diário Oficial* de São Paulo 138

ANEXO F – *A Vida Moderna*, 03 de outubro de 1912. Fotografia de Canto e Mello 139

ANEXO G – *Correio Paulistano*, 02 de novembro de 1934, p. 9. Nota de falecimento de Canto e Mello 140

ANEXO H – *Correio Paulistano*, 19 de janeiro de 1914, p. 1. Crítica sobre *Bucólica*, na seção "Letras e Letras" do jornal 141

ANEXO I – *Correio Paulistano*, 19 de janeiro de 1914, p. 2. Crítica sobre B*ucólica*, na seção "Letras e Letras" do jornal (continuação) 142

ANEXO J – *Correio Paulistano*, 26 de junho de 1913, p. 2. Na coluna "A Literatura Paulista", julgado por Vicente de Carvalho, *Alma em delírio* é citado como o único romance conhecido 143

ANEXO K – *Correio Paulistano*, 16 de janeiro de 1916, p. 2. Crítica sobre *Bucólica* e referência a *Alma em delírio* como o melhor dos livros de Canto e Mello 144

ANEXO L – *Careta*, 30 de maio de 1914. Crítica a *Alma em delírio* 145

ANEXO M – *Illustração Paulista*, 06/06/1912, n. 71, p. [32]. *Alma em delírio* na seção "Letras e Artes" do peródico 146

ANEXO N – *Gazeta Artistica*, 1912, n. 21, p. 8. *Alma em delírio* na seção "Boletim Literário" do peródico como um grande acontecimento literário de SP 147

ANEXO O – Prefácio da 2ª edição de *Alma em delírio* (1914), p. 7-29, seguido da página final do romance, p. 311, em que a voz narrativa retorna à Pedro 148

ANEXO P – Decreto (manuscrito) n. 82, de 18 de julho de 1841, da criação do Hospício de Pedro II. Acervo do Instituto Municipal Nise da Silveira (IMNS), consultado no site do Centro Cultural do Ministério da Saúde 155

ANEXO Q – Decreto (transcrito) n. 82, de 18 de julho de 1841, da criação do Hospício de Pedro II, disponível no Portal de Legislação 156

ANEXO R – *Correio Paulistano*, 1930. Aquisições da Bibliotheca Publica do Estado, fevereiro de 1930. Canto e Mello compõe o acervo 157

ANEXO S – *Illustração Paulista*, 1912, p. [12]. Coluna em que se comenta sobre Canto e Mello, por Maria da Luz 158

ANEXO T – *O Pirralho*, 08/03/1913, p. [14]. Categorização de *Mana Silvéria* como o "romance que demoliu o romancista". (1) 159

ANEXO U – *O Pirralho*, 08/03/1913, p. [15]. Categorização de *Mana Silvéria* como o "romance que demoliu o romancista". (2) 160

ANEXO V – *O Pirralho*, 22/03/1913, p. [12]. Na mesma coluna, posição positiva da crítica a *Mana Silvéria* 161

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No percurso das épocas, a literatura ocupou diferentes manifestações na sociedade, com movimentos ou escolas (como classificam certos críticos), que tiveram maior ou menor destaque, ocuparam um período longo ou curto de tempo, ou ainda sofreram acentuadas ou efêmeras críticas em torno de suas particularidades. Para José Veríssimo (1977), a literatura, assim como as outras artes, representa os pensamentos e sentimentos de uma determinada sociedade e época – logo "[...] as literaturas hão de variar, conforme o povo e a época a que pertencem" (VERÍSSIMO, 1977, p. 203). Dentre essa variedade de movimentos, abordamos aqui o Naturalismo, cuja repercussão, principalmente no Brasil, não foi tão eloquente, tendo em vista as contundentes críticas disparadas aos textos e escritores a ele filiados.

A vertente que surgiu por volta de meados do século XIX, na França, era atrelada, especialmente, ao cientificismo, com o propósito principal de desvincular-se dos ideais e exageros do Romantismo. O objetivo era de representar a realidade com digna fidelidade, mostrar o homem e a sociedade em sua essência, diante das transformações que ocorriam, da modernização e das descobertas científicas. Determinismo, evolucionismo e darwinismo são as palavras-chave das teorias que emergiram nessa época e que marcaram consistentemente o movimento naturalista.

Com as publicações de Charles Darwin, *Origem das Espécies*[1], em 1859, de Claude Bernard, *Introdução ao Estudo da Medicina Experimental*[2], 1865, e do Dr. Prosper Lucas, *Tratado filosófico e fisiológico da hereditariedade natural nos estados de saúde e de doença do sistema nervoso, com a aplicação metódica das leis da procriação ao tratamento geral das afecções em que é a causa*[3], publicado entre 1847 e 1850, a sociedade tomava conhecimento das investigações e de alguns dos estudos científicos e sociais do século. Aliado ao cientificismo, a época vive o embate entre classes sociais, entre burguesia e proletariado, além da denúncia à organização social que se estabelecia. A segunda metade do século XIX é marcada por profundas transformações na condição operária, observando-se o abandono do campo pela população, a migração para os grandes centros urbanos e, com isso, o crescimento do proletariado na França. Neste momento, surge também um importante marco na história

[1] Título original: *On the Origin of Species by Means of Natural Selection, or the Preservation of Favoured Races in the Struggle for Life.*
[2] Título original: *Introduction à l'étude de la médecine expérimentale*.
[3] Título original: *Traité philosophique et physiologique de l'hérédité naturelle dans les états de santé et de maladie du système nerveux: avec l'application méthodique des lois de la procréation au traitement général des affections dont elle est le príncipe. Ouvrage où la question est considérée dans ses rapports avec les lois primordiales, les théories de la génération, les causes déterminantes de la sexualité, les modifications acquises de la nature originelle des êtres, et les diverses formes de névropathie et d'aliénation mentale.*

política europeia, o *Manifesto do Partido Comunista*[4] (1848), de Karl Marx e Friedrich Engels. E, "nesse quadro de declínio da burguesia, lançada na etapa imperialista, é que o naturalismo faz a sua tempestuosa irrupção" (SODRÉ, 1965, p. 17).

Diante dessa ebulição no século XIX, não mais satisfaziam os textos do Romantismo, nem mesmo aqueles do Romantismo combativo, que tiveram seu auge com Victor Hugo. Era necessária uma literatura mais comprometida com a realidade, que acompanhasse os desenvolvimentos em ocorrência e, dessa maneira, que correspondesse ao real. No campo literário, desperta-se, então, o interesse pelos preceitos científicos calcados na ordem do real, em contraposição às normas românticas, as quais eram consideradas por essa nova leva de escritores – os chamados realistas – como falsidades, pois não retratavam totalmente a sociedade. Era preciso, portanto, mostrar também os aspectos sujos e imorais da existência, esquecidos ou, por vezes, mascarados pelos românticos. Seguindo essa nova estética, destacaram-se Gustave Flaubert e Hippolyte Taine, escritores, e o último crítico e positivista, franceses.

Nesse cenário, o Naturalismo mostrou-se como aprofundamento e sistematização do que se entenderia como Realismo, como afirma Sodré (1965). Criou-se a ideia de uma fórmula naturalista de transformar a literatura em ciência através do método experimental, por meio da demonstração, implícita ou explícita, de teses científicas. Da relação existente entre Realismo e Naturalismo, Nelson Sodré realiza uma comparação metafórica que assimila as particularidades exclusivas desses movimentos:

> O romance realista encara a podridão social usando luvas de pelica, numa atitude fidalga de quem deseja sanar os males sociais, mas sente perante eles profunda náusea, própria dos sensíveis e estetas. O naturalista, controlando a sua sensibilidade, ou acomodando-a à ciência, põe luvas de borracha e não hesita em chafurdar as mãos nas pústulas sociais e analisá-las com rigorismo técnico, mais de quem faz ciência do que literatura. (SODRÉ, 1965, p. 30).

O Realismo, então, em conformidade com a comparação proposta pelo autor, seria uma espécie de representação estática, como uma fotografia, sem qualquer nível de análise. Por sua vez, o Naturalismo configura-se como um método analítico dessa representação do real, dos problemas e denúncias sociais com os quais trabalha em suas temáticas. O próprio expoente do Naturalismo francês sustenta, por vezes, a diferença entre a nova escola e os românticos, avigorando o caráter científico e o senso do real nos romances naturalista-experimentais: "O romancista parte da realidade do meio e da verdade do documento humano; se em seguida ele

[4] Título original: *Manifest der Kommunistischen Partei.*

a desenvolve num certo sentido, já não é imaginação, a exemplo dos contistas [românticos], é dedução como entre os cientistas" (ZOLA, 1995, p. 39). Logo, ao contrário do Romantismo, o Naturalismo lidava com temas como o vício, a violência, o incesto, o adultério, a histeria, a loucura, a pobreza, o sexo, entre muitos outros polemicamente renegados, sob o olhar científico e investigativo da experimentação.

Diante dessa ideia de representação do real, a crítica maior que se concretizou em torno do movimento foi justamente o caráter julgado falso à frente dessa tentativa de transpor o real para o texto literário. Contudo, há uma incoerência nesta afirmação, tendo em vista o verdadeiro objetivo da escola: não se desejava fielmente descrever a realidade, mas sim expor traços sociais até então renegados ou esquecidos pelos escritores, principalmente os românticos. Émile Zola explanou essa questão, afirmando que não era mais objetivo da nova estética idear ou apenas descrever, mas sim completar e determinar a descrição; esta, por sua vez, estava sob o domínio da análise, daí a necessidade científica (ZOLA, 1995, p. 43): "[...] num romance, num estudo humano, censuro absolutamente toda descrição que não é [...] um estado do meio que determina e completa o homem" (ZOLA, 1995, p. 48).

Era preciso, portanto, trazer os aspectos sociais repugnantes para o meio literário, constituindo-os, assim, um entendimento da realidade (ZOLA, 1995). Os naturalistas postulavam, na verdade, uma interpretação dessa realidade e da sociedade em questão, de modo a extrapolar os limites até então impostos pelo meio literário e analisar, objetivamente, o homem e a sociedade. Vale lembrar que essa análise impõe, num primeiro momento, imparcialidade; o romancista naturalista é neutro, não condena nem sentencia, mas apresenta os meios e resultados obtidos através de sua experimentação.

O fato de alguns julgarem o Naturalismo falho ou incompleto não o faz menos importante no contexto literário, por ter constituído um movimento que acompanhou os avanços à sua época. O próprio Zola lembra dessa concepção em seu texto *O Senso do real* (1995) – originalmente *Le sens du réel*, de 1878 – alegando que a literatura estava apenas acompanhando o movimento da sociedade e, desse modo, o método científico não foi nela introduzido à força, mas de forma espontânea, pois representava a sociedade moderna: "Apenas constatamos o que acontece em nossas letras modernas" (ZOLA, 1995, p. 44). Nelson Sodré reitera essa defesa:

> O naturalismo não foi desimportante, não foi inútil, não resultou de caprichos pessoais e de deformações sem causa. Pelo contrário, esteve vinculado ao seu tempo, foi uma das formas como a época se revelou, denunciando as suas características. Pode ser julgado de uma maneira ou de outra, mas precisa, antes, ser compreendido. (SODRÉ, 1965, p. 36).

Ainda segundo o historiador, o Naturalismo foi um produto específico do século XIX e, talvez, o maior erro esteve no pensamento de que, diante dos avanços científicos e tecnológicos, esgotara-se tudo o que o mundo teria a que descobrir. Essa ingenuidade geral, por parte da sociedade e também dos escritores, tornou a passagem do movimento ligeira, especialmente no Brasil; logo muitas outras transformações aconteceram no mundo, levando a pensamentos diferentes, novos ideais que, sem dúvida, tiveram reflexos na literatura. Contudo, o Naturalismo deixou exemplares e figuras relevantes para o meio literário, não só na Europa – com os romances de Émile Zola e de Eça de Queirós – como também no Brasil onde chegou tempos depois – com Aluísio Azevedo, Júlio Ribeiro e Inglês de Souza.

A chegada tardia dos ideais do movimento em território brasileiro trouxe alguns problemas em termos de recepção e repercussão de textos e autores, como pretendemos demonstrar neste trabalho. Poucos são os exemplares do Naturalismo brasileiro que se destacaram e ainda são estudados ou então reeditados, principalmente em decorrência da má recepção do movimento, sobretudo pelos seus críticos. No meio desse emaranhado de críticas e numa posição periférica (em relação às demais escolas), ocorreu o Naturalismo no Brasil. Em decorrência da crítica, em geral desfavorável ao movimento, existem textos e escritores negligenciados ou mesmo relegados ao passado, como é o caso de Pedro de Castro do Canto e Mello (1866-1934), o qual procuramos resgatar. Seu romance *Alma em delírio*, de 1909, momento final do movimento, representa uma dessas produções que pouco foram lembradas ou exploradas pela crítica literária.

Este trabalho constitui-se, portanto, de uma abordagem da vertente naturalista, especialmente no Brasil, visando explorar e analisar o romance de Canto de Mello por apresentar características representativas do movimento ao qual o romancista se filia. A pesquisa, além da função de resgate de texto e autor, tem o propósito de discutir determinados princípios preestabelecidos da estética do Naturalismo, com base em *Alma em delírio* (1909), obra que já se apresenta ao final do movimento. Esta compõe-se, também, de uma investigação de literatura comparada focalizada no tema, confrontando textos e contextos franceses e brasileiros, compreendendo, assim, uma crítica temática.

O trabalho organiza-se em seis capítulos subdivididos. Estes abordam questões primordiais em torno de *Alma em delírio*. Para além de algumas considerações iniciais, o segundo capítulo rememora, em linhas gerais, a vertente naturalista e a maneira como se apresentou o Naturalismo no Brasil, bem como sua recepção, de certa forma controversa, em decorrência da chegada tardia do movimento, ainda atrelado aos influxos franceses. Contudo,

apresentamos discursos de críticos e escritores defensores do movimento e estes comprovam a relevância da vertente em terras brasileiras.

Neste capítulo secundário, propomos discutir, ainda, a presença dos ideais do precursor da estética naturalista, o escritor francês Émile Zola, o qual muito contribuiu para as produções literárias, não só de origem francesa e portuguesa, como também brasileiras. Por isto, elencamos suas principais teorias e teses, principalmente em torno do romance experimental (*Le Roman Expérimental*, 1880) e do que se propunha como um romance naturalista. Também, tendo em vista o enredo e as temáticas abordadas em *Alma em delírio*, brevemente refletimos sobre o romance *L'Assommoir* (1877), de Zola, incluído na saga *Les Rougon-Macquart: Histoire naturelle et sociale d'une famille sous le Second Empire* (1870-1893). Neste texto naturalista, Zola explorou questões deterministas e de hereditariedade genética sobre as ações, condutas e personalidades dos personagens, trazendo à tona dois temas predominantes: o alcoolismo e a loucura.

O terceiro capítulo, por sua vez, é dedicado ao escritor gaúcho Pedro de Castro do Canto e Mello, desconhecido por muitos e esquecido pela história e crítica literárias. Por esse motivo procuramos resgatar parte de sua biografia e sua atuação enquanto escritor, apresentando suas publicações e as escassas críticas referentes a elas. Focalizamos *Alma em delírio* e sua fortuna crítica, fruto desta pesquisa, a partir de um resumo e de referenciações à obra. Julgamos importante também situar momento histórico e espaços determinantes inerentes ao enredo, para sua melhor compreensão.

Levando em conta a relevância dos temas e do caráter científico, pelo qual se legitimou o Naturalismo e, por conseguinte, os romances de Zola e de Canto e Mello, apresentamos, no quarto capítulo, algumas das ideias científicas, médicas, psiquiátricas e sociais que estavam em evidência à época dos escritos, em torno, essencialmente, das questões referentes ao alcoolismo e à loucura, nossos pontos de interesse. Buscamos em documentos e estudos, de meados do século XIX e dos anos iniciais do século XX, correlacionar as deduções de caráter científico representadas em *Alma em delírio* e em *L'Assommoir* – romances datados desses períodos – nos quais o álcool foi estigmatizado como um determinante propulsor de moléstias mentais, levando à loucura, por consequência.

Considerando termos realizado um estudo comparativo, sob a ótica da Literatura Comparada tecemos considerações sobre os romances e as respectivas temáticas. Assim como no texto de Émile Zola, a abordagem do alcoolismo e da loucura dele decorrente é salientada em *Alma em delírio*, publicado anos mais tarde, em contextos histórico, político e social distintos. Entretanto, as diferenças e a aproximação temática podem revelar novos olhares e

esclarecer outras perspectivas, não só em relação aos romances contrapostos entre si, mas também em relação à estética naturalista propagada no Brasil e na França, em sistemas singulares e com intuitos específicos.

Por fim, no quinto capítulo, refletimos a respeito do esquecimento e da negligência a que foi relegado o escritor Canto e Mello, rastreando e averiguando as possíveis hipóteses para sua omissão – em textos, nas palavras da crítica e da história da literatura brasileira –, bem como para seu esquecimento.

À luz de todas essas premissas, foi-nos possível investigar e compreender o romance *Alma em delírio*, resgatando-o, assim como a seu autor, Pedro de Castro do Canto e Mello. Além de retomar obra e autor, este trabalho nos permitiu – conforme refletiu Carvalhal (2006, p. 86) sobre estudos comparativos – verificar novas perspectivas e rever elucidações para a literatura, buscando ampliar os horizontes do conhecimento estético do Naturalismo brasileiro.

2 NATURALISMOS

O título deste capítulo já aponta para o que se propõe tratar aqui: princípios da estética naturalista em mais de um contexto, portanto, em nacionalidades distintas. O Naturalismo originário da França, na segunda metade do século XIX, em meio a descobertas científicas e revolucionismos, consolidou-se como uma forte corrente literária que satisfazia a aspiração de artistas perante uma sociedade em sucessivas transformações, no progresso científico, técnico e político. Engendrado por um senso democrático, discursos modernos e temas progressistas e audaciosos, não tardou para que o Naturalismo encontrasse discípulos pelo mundo (BECKER; DUFIEF, 2018). A estética naturalista disseminou-se rapidamente pela Europa, principalmente por Portugal, e chegou à América, ao Brasil, instalando-se aqui de maneira (ou maneiras) multiforme(s), como comprovam seus exemplares.

Os professores franceses Colette Becker e Pierre-Jean Dufief, em sua obra organizada *Dictionnaire des naturalismes* (2017), apontam para essa perspectiva plural do Naturalismo, propagado pelo mundo, destacando que cada escritor filiado à estética reuniu seus respectivos princípios e os moldou à sua maneira, constituindo dessa forma – e permitindo, assim, pensar em – naturalismos, cuja desinência de número expressa essa pluralidade, multiplicidade convergente e divergente, dos ideais e métodos do movimento.

No Brasil, esta pluralidade denota maior rigor, mostrando que diversos autores naturalistas diferenciavam seus estilos uns dos outros, logo "não seria exagero dizer, com relação a este grupo, que os naturalismos no Brasil corresponderiam a uma noção vaga ou a tantas quantas fossem as somas de tais livros" (FARIA, 1989, p. 140); e entre si próprios, como declara Neide Faria:

> [...] se na própria obra naturalista de Aluisio Azevedo, o corifeu desse movimento no Brasil, já encontramos, de alguma forma, um leque de "naturalismos", qualquer outro esforço de classificação deste 'movimento', entre nós, só poderia conduzir a resultados díspares, confirmando o valor relativo dos "jactos" para se falar de literatura". (FARIA, 1989, p. 140-141).

A vistas destas colocações, apresentam-se aqui as manifestações do Naturalismo no Brasil, resultado de uma incorreção qualitativa (ARARIPE JÚNIOR, 1978, p. 124), em comparação ao propagado na França, teorizado por Émile Zola, romancista e teórico por quem muitos escritores foram entusiasmados.

2.1 O Naturalismo no Brasil

A vertente que já não estava em efervescência na Europa, majoritariamente na França e em Portugal, alcançou o continente sul-americano com certa demora, chegando ao Brasil nas décadas finais do século XIX, como lembra Lúcia Miguel-Pereira:

> O darwinismo, o evolucionismo, o positivismo, o socialismo que formavam a estrutura do pensamento contemporâneo, modificando os conceitos filosóficos, literários e sociais, levaram mais de vinte anos a atravessar o Atlântico. (MIGUEL-PEREIRA, 1957, p. 121).

Esse atraso fez com que o Naturalismo sofresse uma repercussão retraída no país, enfrentando aqui um "romantismo que teimava em viver" (MIGUEL-PEREIRA, 1957, p. 121). Atrelado a isto, há a pouca produção crítica em torno desse movimento, quando em comparação a outros movimentos próximos, como Romantismo e Modernismo, por exemplo. Temos, por vezes, a impressão de que a literatura brasileira sofreu um corte temporal, passando da escola romântica diretamente para os princípios do pré-modernismo. Para Zelia Cardoso (1983), não há muito sobre o que se falar a respeito da literatura que antecede a Semana de 22, em especial da literatura paulista: "As duas primeiras décadas do século XX são uma época particularmente obscura para a própria literatura brasileira" (CARDOSO, 1983, p. 19). Entretanto, há importantes considerações a respeito do Naturalismo brasileiro e propostas de discussão acerca da estética que, de certa forma, podem ser contestadas ou até mesmo expandidas e reformuladas, pensando-se no percurso da literatura e no avanço social que a acompanha.

Um dos críticos estudiosos do Naturalismo brasileiro foi Nelson Werneck Sodré, com sua obra *O Naturalismo no Brasil* (1965), cujo conteúdo explora a repercussão do novo movimento que surgira no século XIX na Europa, essencialmente na França e em Portugal, e que repercutiu no Brasil, com tímido influxo; mas, como veremos mais à frente ao discutirmos o movimento e o romance aqui analisado, com relevância ímpar para o contexto literário local. Também, José Veríssimo (1977), Araripe Júnior (1978), Sílvio Romero (1882; 1978), Flora Süssekind (1984) e a já referenciada Lúcia Miguel-Pereira (1957) compõem o rol da crítica literária e traçam suas considerações a respeito da estética naturalista brasileira.

Por questões sintéticas e de direcionamento apenas ao que nos propomos a analisar – um texto singular já caído no esquecimento – abordaremos aqui as características gerais do Naturalismo, bem como o contexto histórico-social do país durante o período que corresponde às décadas finais do século XIX e ao primeiro decênio do século XX, espaço temporal em que se situa o enredo de *Alma em delírio* (1909), de Canto e Mello.

Tratar do Naturalismo implica desvendar e desmembrar questões intricadas relativas a ele, que estiveram durante muito tempo sob suspeição para muitos críticos, leitores e até mesmo para os próprios autores filiados ao movimento. O problema principal encontra-se na mescla e confusão existente entre Naturalismo e Realismo: são os mesmos movimentos, mas com nomenclaturas diferentes? Seria um a raiz ou a evolução do outro? Há uma superioridade do primeiro em relação ao segundo, ou vice-versa? Essas demandas colocaram em questão os dois movimentos na literatura brasileira do século XIX.

Para Afrânio Coutinho (1997), o Naturalismo configura-se, essencialmente, por superar as características descritivas do Realismo, partindo para a análise e aplicação de teses científicas, aproximando a arte literária das ciências. O termo *naturalismo* entrou para a literatura por volta de 1830, na França, mas somente se consolidou na década de 1880, nas mãos de Émile Zola. Segundo Coutinho:

> A palavra Naturalismo é formada de natural+ismo, e significa, em filosofia, a doutrina para qual na realidade nada tem um significado supernatural, e, portanto, as leis científicas, e não as concepções teológicas da natureza, é que possuem explicações válidas; em literatura, é a teoria de que a arte deve conformar-se com a natureza, utilizando-se dos métodos científicos de observação e experimentação no tratamento dos fatos e das personagens. (COUTINHO, 1997, p. 11).

Já Nelson Sodré (1965) põe em discussão o impasse entre as duas vertentes, evidenciando a momentaneidade e a fragilidade do Naturalismo em decorrência da confusão de ideias que ocorreram entre esse movimento e o Realismo, pois julgaram, de início, que um seria o sucessor do outro, assim como já havia sucedido em relação ao Romantismo. Ainda segundo o autor, com o qual concordamos, esse parecer de sucessão ascensional de escolas põe em risco toda a ideologia de cada vertente despontada em prol de comparações qualitativas que,

> empobrece e falseia totalmente o sentido histórico, não só porque coloca a ideia de superioridade de uma escola sobre outra, e não de sua adequação histórica, cada uma sendo a melhor ou a expressão própria de cada época, mas, e ainda com erro mais grave, a superioridade do naturalismo sobre o realismo, isto é, a admissão do realismo como escola e, consequentemente, a do naturalismo como forma superior do realismo, integral despautério literário. (SODRÉ, 1965, p. 27-28).

O problema dessa imprecisão recaiu sobre os textos e autores adeptos à recente estética naturalista, ocasionando uma recepção inicialmente nebulosa e tardia por parte do público e da crítica do período. O erro maior, no parecer de Nelson Sodré (1965), também se encontra nessa concepção de sucessão de escolas ou movimentos exprimindo números e rótulos qualitativos a eles, julgando um superior ao que o sucede, ou de maneira oposta, ao que o antecede. Essas

discussões voltam à tona constantemente, com as reavaliações apresentadas pelos estudos literários, o que indica a recepção antipática e o período conturbado e efêmero do Naturalismo aqui no Brasil, comprovando que "é fácil verificar os termos em que tal discussão é colocada nos trabalhos de crítica e de história literária", conforme defende Sodré (1965, p. 28).

Convém destacar a forma como o Naturalismo chegou ao Brasil, o que justifica, também, sua recepção no país. O movimento aqui se popularizou por intermédio de Portugal e de Eça de Queirós, autor que caiu no gosto popular e é estudado até hoje no meio escolar e acadêmico. De acordo com João Roberto Gomes de Faria (1998, p. 2), em *A recepção de Zola e do Naturalismo nos palcos brasileiros*, a população brasileira entrou em contato com o Naturalismo primeiramente por meio de Eça de Queirós e sua obra *O primo Basílio* (1878), a qual despontou repercussão na imprensa nacional; não por meio de Émile Zola, apesar de o escritor já ser conhecido por um seleto grupo de intelectuais.

Ainda que o Naturalismo tenha sido mediado por Portugal, os influxos franceses mantiveram-se marcantes e presentes no contexto literário brasileiro. Diante disso, propõe-se aqui abordar o Naturalismo que se propagou pelo Brasil à maneira de Émile Zola, figura máxima representativa dessa vertente. Nessa perspectiva, o Naturalismo ainda sofreu, no Brasil, críticas controversas em relação a essa presença estrangeira, não somente a francesa, mas também a portuguesa, com Eça de Queirós e seus romances naturalistas, aqui muito lidos e utilizados como modelo e inspiração por nossos escritores, como acusaram os críticos.

Essa concepção de uma estética mal assimilada ou de cópia desmedida foi excepcionalmente difundida no Brasil por críticos da História Literária que, como lembra Alan Flor (2015), não pouparam esforços, muito menos utilizaram-se de eufemismos para acusar o Naturalismo que se evidenciava no país, o que acabou por colocá-lo num lugar periférico da literatura brasileira, em relação aos outros movimentos estéticos-literários. Se hoje o Naturalismo se encontra sob suspeição e à deriva, essa "[...] posição marginal deveu-se, sobretudo, à instância da crítica literária" (FLOR, 2015, p. 2).

Entretanto, nem todos os textos com cunho naturalista produzidos no país podem ser avaliados como simples "cópias", com certa falsidade. Muitas das obras foram relevantes para a literatura nacional, abordando e discutindo temas locais – indispensáveis pôr em discussão, considerando a ebulição de tudo que ocorria no Brasil, um país à beira de grandes mudanças – com a fórmula naturalista e experimental. Considerando o espaço temporal, os anos subsequentes a 1870 marcaram profundamente as transições pelas quais o Brasil passou ao final do século XIX, foram tanto palco quanto fonte de inspiração para o Naturalismo se manifestar:

> Realmente, a partir daquele ano [1870], ocorrem acontecimentos que assinalam mudanças significativas em nossa existência de povo. Começam com o encerramento da guerra com o Paraguai, a fundação do Clube Republicano e do jornal A República, e o lançamento do Manifesto Republicano, fatos do ano citado. Seguem, na seriação cronológica, com a Lei do Ventre Livre, de 1871; a Questão Religiosa, em 1874; a libertação dos sexagenários, em 1885; a Abolição e a Questão Militar, em 1888; a República, em 1889; a primeira Constituição republicana, em 1891; o governo de Floriano e a rebelião federalista, em 1892; a campanha de Canudos, em 1897; o primeiro junding-loan, em 1898. São acontecimentos marcantes, de grande repercussão, afetando a quase todos os brasileiros, alterando a vida nacional. (SODRÉ, 1965, p. 158).

Tais acontecimentos mudaram significativamente a sociedade brasileira, assim como seu comportamento e modo de vida, corroborando para a estética naturalista na época de seu surgimento: "Assim, o naturalismo começa no penúltimo decênio do século, o da Abolição e da República, quando a maior parte dos acontecimentos citados havia já ocorrido, e os outros se enfileiravam numa sequência natural daqueles" (SODRÉ, 1965, p. 160).

Segundo Afrânio Coutinho, em *Introdução à literatura no Brasil* (1968, p. 229), os romancistas brasileiros filiados à estética naturalista concentraram-se apenas nas teorias biológicas para a composição de seus romances, justificando que no Brasil não havia transformações ou condições sociais e/ou econômicas que pudessem melhor materializar o Naturalismo no país. Este posicionamento se revela superficial, visto que a partir de 1870, como já verificado, o Brasil passou por profundas transformações políticas, econômicas, militares e sociais.

De fato, o campo de atuação dos naturalistas europeus, em especial os franceses e portugueses, era muito mais rico e propício para a performance desse novo movimento, o que garantiu textos excelentes representantes do Naturalismo, em consonância com o progresso e a ciência, propulsores para tal estética. Contudo, as transformações ocorridas no Brasil, mesmo em menor escala e tardias, se comparadas àquelas irrompidas na Europa, foram em parte suficientes para manifestar os sentimentos e desejos experimentais dos escritores, que se adequavam à atual vertente naturalista, em retratar de maneira mais próxima da realidade, os acontecimentos e mudanças no âmago dessa nova sociedade brasileira, em processo de alterações e de modernização. Desse modo, como lembra Flora Süssekind em *Tal Brasil, qual romance?* (1984, p. 59), o Naturalismo serviu aos brasileiros como um campo de atuação, através da linguagem literária, para assegurar uma busca de maior representatividade política e social, visando o cenário de transformações sociais profundas às quais o país assistia.

Com este ensejo, surgiram textos como *O cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo, *A Normalista* (1892) e *Bom Crioulo* (1895), de Adolfo Caminha, *O Missionário* (1891), de Inglês de Sousa, *A carne* (1888), de Júlio Ribeiro, entre outros, sendo os quatro primeiros, segundo

Sodré, os melhores representantes do Naturalismo, aqueles com os quais "a nova escola oferecia o melhor de si" (SODRÉ, 1965, p. 188). O leitor, por sua vez, também se sentiu suficientemente representado, em meio às mudanças, mediante as obras naturalistas que estreavam, o que garantiu, relativamente, o sucesso de certas publicações: "O sucesso de público das obras naturalistas demonstrava que atendiam a condições internas, que estavam organicamente ligadas à sociedade brasileira de fins do século passado [XIX]" (SÜSSEKIND, 1984, p. 59). As condições internas, situadas pela autora em seu ensaio, referiam-se às novas transformações sociais ocorridas nas últimas décadas do século XIX, posterior ao fim do Segundo Reinado e início da Primeira República, quando a sociedade experienciava acontecimentos marcantes já elencados.

A respeito da crítica, configurou-se um discurso mais ou menos consolidado com relação ao Naturalismo. O que mais foi pontuado como caracterizador do movimento naturalista com certa falsidade era o apego ao modelo experimental francês. A acusação aos naturalistas de que suas obras seriam imitações dos modelos estrangeiros foi o que perpassou pelo país, tornando controversa sua recepção. Lúcia Miguel-Pereira (1957) e José Veríssimo (1977) foram defensores da ideia de ter havido influência absoluta do modelo europeu sobre nossos escritores. Ambos apontam em seus textos que o Naturalismo por aqui estava atrasado em relação à manifestação da estética em solo europeu e foi mal assimilado[5], resumindo-se, assim, a cópias fiéis dos exemplares estrangeiros[6]. Na mesma linha, Sílvio Romero (1978) aponta para um enlanguescimento da vertente naturalista no Brasil, em comparação à estrangeira, considerando os exemplares naturalistas brasileiros imitações dos modelos estrangeiros, principalmente dos romances zolistas, modelo ao qual Romero acusa os romancistas brasileiros de estarem presos. O crítico, ainda, em *O Naturalismo em Literatura*, de 1882, aponta para uma decadência da literatura brasileira perante o Naturalismo, ainda justificando sua crítica pela imitação praticada por escritores brasileiros, a quem ele chama "paspalhões":

> [...] o naturalismo, especialmente na ramificação empírica, só tem contado até aqui, na poesia, no romance e no drama, uns paspalhões mínimos de fazer dó. A gloria da invenção da doutrina não lhes pertence; é do estrangeiro; cabe-lhes apenas a gloriola da imitação e esta mesma tão desgeitosa, tão inhabil, tão mesquinha, que compunge. (ROMERO, 1882, p. 34).

[5] "E a melhor prova de que o naturalismo nos foi imposto pela moda está em ter sido tão mal assimilado" (MIGUEL-PEREIRA, 1957, p. 124).

[6] Para Veríssimo, os romancistas brasileiros abdicaram "a sua originalidade nas mãos de Zola" (1977, p. 202) e, os romances, por sua vez, seriam exemplos de uma "fatal imitação" (1977, p. 202) a que a literatura brasileira se resumia.

Por outro lado, o crítico Araripe Júnior, contrapõe-se à concepção de que os romances naturalistas brasileiros sejam reproduções dos exemplares europeus: “Emigrado para o Brasil, o naturalismo não podia deixar de passar por uma modificação profunda” (1978, p. 126). Para ele, a passagem transatlântica da estética literária do continente europeu para o país dos trópicos implica, necessariamente, uma mudança e adaptação para o local de chegada, constituindo-se o *estilo tropical*, a fórmula do Naturalismo brasileiro. No seu parecer, essa transformação, resultado de uma incorreção[7] no estilo estético do movimento de origem europeia, convertia-se em qualidade: “[...] eu penso que o fato é perfeitamente verdadeiro, e que a incorreção, nestas condições, converte-se numa eminente qualidade” (ARARIPE JÚNIOR, 1978, p. 124). Essa incorreção é carregada de um valor qualitativo, significando que obras naturalistas produzidas aqui no estilo tropical têm valor e qualidade próprias e exclusivas. Em conformidade com esse pensamento, os romancistas brasileiros, inspirados na estética naturalista europeia, adaptaram suas principais características para a fórmula brasileira de maneira sábia e convincente.

Flora Süssekind também trata das transformações do Naturalismo ocorridas no Brasil correlacionando a origem do movimento com os conceitos de importação, apropriação e tradução. Segundo ela, a circulação de ideias não pode ser independente e muito menos submetida à avaliação, sem que se leve em consideração não somente suas origens – a sociedade que as originou – mas também a sociedade que a acolhe, “[...] e nessa acolhida opera necessariamente uma transformação” (SÜSSEKIND, 1984, p. 57). Além disso, as “[...] ideias estrangeiras adquirem significação própria e diferente no novo ambiente cultural” (SÜSSEKIND, 1984, p. 56-57), o que faz pensar que o Naturalismo, importado da Europa, ao passar pelo Trópico de Capricórnio, sofreu uma transformação e ressignificação de ideias, propósitos e definições, resultando, dessa maneira, num Naturalismo ímpar, brasileiro, mesmo com ascendência estrangeira.

Portanto, é preciso entender que parte dos romancistas naturalistas brasileiros utilizou o método naturalista-experimental – definido, essencialmente por Émile Zola, como será verificado neste capítulo – como fonte primária para suas produções, mas em contexto sócio-histórico nacional. Aluísio Azevedo, por exemplo, em *O cortiço*, explorou temas e, consequentemente, problemas sociais que repercutiam no Brasil, como mostram estudos críticos popularizados sobre a obra[8]. Mesmo sendo um movimento efêmero e suprimido na

[7] Araripe Júnior em *Estilo tropical. A fórmula do naturalismo brasileiro* trata a respeito dessa transposição do Naturalismo europeu para o brasileiro, metaforicamente, como do original/correto para o incorreto.

[8] Estudos como os de Antonio Candido, “De cortiço a cortiço” (1993), e dos demais críticos citados aqui: Flora Süssekind, Nelson Sodré (1965), Lúcia Miguel-Pereira (1957), Brito Broca (1991), etc., além dos estudos acadêmicos constantes a respeito do escritor e obra.

História da Literatura Brasileira, o Naturalismo e seus representantes comprovam que se tratou de um período produtivo no país, tendo em vista os exemplares que foram (e alguns continuam sendo) lidos e reeditados. Também, o papel do leitor foi fundamental para a manifestação e permanência do Naturalismo, em específico, fazendo parte, indiretamente, dos defensores do movimento estético-literário, juntamente dos próprios escritores-romancistas e dos escassos críticos favoráveis. Para Roberto Ventura, "o Naturalismo, predominante na crítica literária brasileira no último terço do século XIX, foi responsável por sua abertura à sociedade e à história" (VENTURA, 1991, p. 87). Estes dados concernentes à recepção crítica e à recepção do leitor reforçam mais uma vez o papel e a importância do Naturalismo brasileiro, um produto singular, fruto de um período específico no Brasil (SODRÉ, 1965, p. 36).

Ainda que os romancistas possam ter retomado temas já trabalhados por Eça ou Zola e *à maneira de*, o contexto local e as diferentes abordagens comprovam a maestria dos escritores em compor romances naturalistas brasileiros. Nesse sentido, nos interessa o que José Veríssimo também afirma em relação ao valor da obra literária, que este depende quase exclusivamente da própria obra – do texto literário em si – e não somente de sua filiação estética:

> O que se me afigura afirmável, e não hesito em afirmar, é que, de fora parte o valor histórico que a classificação por escolas pode oferecer, a valia, a estimação, o mérito da obra literária, são independentes da escola a que, ciente ou inscientemente, se filie. (VERÍSSIMO, 1977, p. 203).

Essa mesma constatação pode ser exemplificada, além dos textos de Aluísio Azevedo e outros do Naturalismo, em *Alma em delírio*, no qual Canto e Mello explora o problema do alcoolismo e da loucura consequente, temas já trabalhados por Zola, mas considerando assuntos e acontecimentos sociais do fim do século XIX no Brasil, como pretendemos demonstrar por meio deste trabalho.

2.2 O legado de Émile Zola

Não é novidade que o escritor Émile Zola muito contribuiu para o movimento naturalista e sem dúvidas deixou marcas em textos de outros escritores de seu tempo. Críticos como José Veríssimo consentem essa afirmação: "No Brasil, como disse, a influência de Zola foi excessiva, dominadora e exclusiva. Do naturalismo, em que havia não há dúvida, muita coisa fecunda e sã, não vimos senão a técnica, e principalmente a técnica zolista" (1977, p. 208)[9]. O

[9] Porém, indo contra parte dessa declaração de Veríssimo, como já aludido, a influência naturalista deveu-se também ao português Eça de Queirós, não sendo exclusiva a Émile Zola.

escritor Júlio Ribeiro, autor de *A carne* (1888), denota essa admiração por Émile Zola em seu romance, dedicando-o "Ao príncipe do Naturalismo, Emílio Zola" (RIBEIRO, 1888, n.p.) e a ele direcionando sua obra, inclusive em língua francesa:

> A. Mr. Emile Zola
> Je ne suis pas téméraire, je n'ai pas la prétention de suivre vos traces: ce n'est pas prétendre suivre vos traces que d'écrire une pauvre étude tant soit peu natulaliste. On ne vous imite pas, on vous admire.
> Nous nous échauffons, dit Ovide, quand le dieu que vit en nous s'agite: eh bien! Le tout petit dieu qui vit en moi s'est agité, et j'ai écrit LA CHAIR.
> Ce n'est pas L'ASSOMMOIR, ce n'est pas LA CURÉE, ce n'est pas LA TERRE, mais, diantre! Une chandelle n'est pas le soleil, et pourtant une chandelle éclaire.
> Quoiqu'il en soit, voici mon labeur.
> Agréerez-vous la dédicace que je vous en fais? Pourquoi pas? Les rois, quoique gorgés de richesses, ne dédaignent pas toujours les chétifs cadeaux des pauvres paysans.
> Permettez que je vous fasse mon hommage complet, lige, de serviteur féal en empruntant les paroles du poète florentin:
> *Tu duca, tu signore, tu maestro.*
> St. Paul, le 25 janvier 1888
> JULES RIBÉIRO.
> (RIBEIRO, 1888, n.p.).

> Ao sr. Émile Zola:
> Não sou temerário, não tenho a pretensão de seguir suas pegadas: não é fingir seguir seus passos escrever um pobre estudo, mesmo ligeiramente naturalista. Ninguém o imita, todos o admiram.
> "Nós nos inflamamos, diz Ovídio, quando se agita o deus que vive em nós": pois bem o pequenino deus que vive em mim, agitou-se e eu escrevi *A carne*.
> Não é *L'Assommoir*, não é *La curée*, não é *La terre*; mas, ora! Uma vela não é o sol e, no entanto, uma vela ilumina.
> Seja o que for, esta é a minha obra.
> O sr. aceitará a dedicatória que lhe faço? Por que não? Os reis, embora cheios de riquezas, nem sempre desdenham os presentes dos pobres camponeses.
> Permita-me prestar-lhe toda a minha homenagem, suserano, de servo fiel, tomando de empréstimo as palavras do poeta florentino:
> *Tu duca, tu signore, tu maestro.*
> São Paulo, 25 de janeiro de 1888
> JÚLIO RIBEIRO.
> (RIBEIRO, 1888, n.p., tradução nossa).

Nesse mesmo sentido, Brito Broca (2005) também lembra da ida de Bilac pela primeira vez a Paris, em 1891, momento em que o naturalismo estava em auge no Brasil, quando Zola já "era considerado uma divindade para muita gente" (BROCA, 2005, p. 321) por aqui. De Émile Zola, suas contribuições, não somente literárias, mas também de cunho teórico, foram resgatadas para a composição de muitos dos exemplares do Naturalismo que conhecemos hoje, assim como de *Alma em delírio*.

De suas produções teóricas, artigos ou manifestos, como ele próprio definiu[10], entre *Lettre à la Jeunesse, Le Naturalisme au théatre, L'Argent dans la littérature, Du Roman, De la Critique, La République et la Littérature,* aquela que mais se revela inspiradora e molde[11] para os simpatizantes do movimento foi *Le Roman Expérimental*, de 1880, cujo conteúdo aborda o que e como deveria proceder o romance atrelado à ciência: o romance experimental, naturalista. Trata-se, portanto, de um texto que causou polêmica, consideradas as definições e preocupações de Zola em romper com os modelos estéticos já existentes, de forma a implantar e tornar o Naturalismo válido.

Tendo como inspiração e estímulo os avanços da modernidade em ebulição, principalmente os das chamadas Ciências Naturais, da fisiologia, da medicina e da sociologia, Zola concebeu o que se entenderia por romance experimental: um texto fundamentado essencialmente nessas áreas científicas, produzido por um escritor que se interessaria por todos esses conhecimentos, juntamente da ordem social. Nesse sentido, o escritor francês propunha uma experimentação, assim como fazia a ciência, para a composição da obra, exemplificando, analisando e confirmando ou negando teses e hipóteses – harmonizando, dessa forma, teoria e prática:

> Além do que, como um espírito autêntico de seu tempo, Emile Zola vai introduzir, nessa visão naturalista, a esperança moderna por excelência do milagre científico. Pois na verdade a ciência torna-se, para ele como para sua época, um álibi espiritual. (CARONI, 1995, p. 10).

Entusiasmado majoritariamente pelos trabalhos de Claude Bernard, de Charles Darwin e do Dr. Prosper Lucas, o autor francês passa a compor o perfil do que deveria constituir o romance experimental. Assim como Bernard trata da observação e da experiência para a ciência, Zola o faz em relação ao método naturalista, colocando em foco essas duas práticas que serão base e fundamento do romancista experimental, logo, observador. Zola define:

> Vemos também que o romancista é feito de um observador e de um experimentador. Nele, o observador apresenta os fatos tal qual os observou, define o ponto de partida, estabelece o terreno sólido no qual as personagens vão andar e os fenômenos se desenvolver. Depois, o experimentador surge e institui a experiência, quer dizer, faz as personagens evoluírem numa história particular, para mostrar que a sucessão dos fatos será tal qual exige o determinismo dos fenômenos estudados. (ZOLA, 1979, p. 31).

[10] "Estes são, pois, artigos de combate, ou mesmo manifestos, escritos ao ímpeto da ideia, sem nenhum requinte de retórica" (ZOLA, 1979, p. 24).

[11] Resgatamos aqui a noção de "modelo" como classificou Nelson Sodré (1965) a respeito das produções naturalistas que se sucederam no Brasil, inspiradas e seguindo os preceitos estrangeiros, como de Eça de Queirós e, com relevância, de Émile Zola.

Esse procedimento tem o objetivo de levar o escritor a uma comprovação, a uma verdade, por intermédio dos mecanismos que regem os personagens. Resumidamente, aos olhos de Zola (1979, p. 31), "pode-se dizer que a observação 'mostra' e que a experiência 'instrui'". Por essa lógica, o romancista deve dispor das leis da natureza e de seus fenômenos de modo a estudá-los consistentemente, seus mecanismos e implicações, com as circunstâncias dos meios, analisando o homem e a sociedade. O romancista é, portanto, o juiz de instrumentação do homem e de suas paixões (ZOLA, 1979, p. 32).

Além de juiz da instrumentação, do estudo natural e social do homem e de sua natureza, o romancista naturalista apresenta-se ainda, sob a concepção de Zola, como um moralista experimentador, responsável por averiguar a moral julgada socialmente, a qual é corrompida pelo homem na maior parte das produções naturalistas, por motivos diversos (alcoolismo, loucura, excessos de paixão, histeria, avareza, luxúria, etc., em geral temas de interesse dos romancistas naturalistas), os quais demonstram as teorias e condutas da sociedade em que vive. Zola reitera:

> [...] queremos, nós também, ser mestres dos fenômenos dos elementos intelectuais e pessoais, para poder dirigi-los. Somos, em uma palavra, moralistas experimentadores, mostrando, pela experiência, de que modo uma paixão se comporta num meio social. No dia em que detivermos o mecanismo desta paixão, poderemos trata-la e reduzi-la, ou pelo menos torna-la a mais inofensiva possível. Eis onde se encontram a utilidade prática e a elevada moral de nossas obras naturalistas, que fazem experiências com o homem, que desmontam e tornam a montar peça por peça a máquina humana, para fazê-la funcionar sob influências dos meios. [...] É assim que fazemos sociologia prática e que nosso trabalho auxilia as ciências políticas e econômicas. [...] Ser mestre do bem e do mal, regular a vida, regular a sociedade, resolver com o tempo todos os problemas do socialismo [...] não é ser os operários mais úteis e mais morais do trabalho humano? (ZOLA, 1979, p. 48-49, grifos nossos).

Para Émile Zola, o romancista naturalista é sobretudo um moralista sociólogo que auxilia na ordem pública, demonstrando, comprovando ou refutando teses científicas inerentes ao indivíduo e ao corpo social, levando em consideração, invariavelmente, as ciências, a moral pública, a sociedade e o meio, por assim dizer.

O meio é uma das premissas primordiais do romance naturalista, para o qual esse componente é o mediador responsável das condutas e personalidades dos personagens. Para o escritor francês, assim como para Darwin e Claude Bernard, o meio é fundamental para o entendimento do homem, assunto da literatura. Zola lembra que interagir com o meio social possibilita analisar e distinguir mais genuinamente o homem, seguindo assim a busca pela verdade à qual o romancista deve sempre almejar. Em suas palavras:

> [...] creio que o meio social tem igualmente uma importância capital. Um dia, a Fisiologia nos explicará possivelmente o mecanismo do pensamento e das paixões; saberemos como funciona a máquina individual do homem, como ele pensa, como ele ama, como ele vai da razão à paixão e à loucura. Mas estes fenômenos, estes fatos do mecanismo dos órgãos que agem sob a influência do meio interior, não se produzem, externamente, de modo isolado e no vazio. O homem não está só, ele vive numa sociedade, num meio social; assim, para nós romancistas, este meio social modifica constantemente os fenômenos. Aliás, nosso grande estudo reside nisso, no trabalho recíproco da sociedade sobre o indivíduo e do indivíduo sobre a sociedade. (ZOLA, 1979, p. 43, grifo nosso).

Não somente, a questão genética, a hereditariedade, entendida como o meio interior, também se institui um fator importante na constituição dos personagens naturalistas. Iniciado com o Dr. Prosper Lucas na psiquiatria e continuado por Zola nos romances experimentais, o determinismo genético foi a característica mais marcante explorada não só por Zola, mas também por outros escritores seguidores do Naturalismo, o que configura, também, o viés realista desta nova literatura do século XIX: "A menção de uma hereditariedade [...] de um saber genético [...] é sem dúvida uma figura importante, sob uma forma ou outra, e não se limitando a Zola, do discurso realista"[12] (HAMON, 1982, p. 135, tradução nossa). Assim, o meio interior, as manifestações psicológicas, as condutas dos personagens, da mesma forma que o meio exterior, interessam ao romancista naturalista. O homem a ser representado constitui um ser sob efeito de influências internas e externas, inserido num ambiente em constante mutação, cujas mudanças são provocadas, muitas vezes, por ele mesmo.

As inovações sugeridas por Zola não foram simpáticas: a sua recepção pelos comentaristas e críticos – assim como ocorreu com o Naturalismo e suas novidades, de uma forma geral – causaram controvérsias. O movimento naturalista e, indissociavelmente, o romance experimental, ocuparam por muito tempo (e talvez ainda ocupem) um campo nem sempre apreciado no meio literário, levando em consideração as críticas revistas a seu propósito.

O professor e tradutor Italo Caroni recupera, em sua tradução de *O Romance Experimental*[13], publicada em 1979, a acolhida fria, no Brasil, reservada ao Naturalismo e ao seu maior representante francês, lembrando que "embora o tom tenha mudado e, apesar de uma crescente simpatia por Zola, o julgamento sobre a teoria do *romance experimental* permanece desfavorável" (1979, p. 18-19). Por certo, à época das proposições de Zola, o julgamento em

---

[12] "La mention d'une hérédité [...] d'un certain *savoir génétique* [...] est sans doute une figure importante, sous une forme ou une auttre, et non limitée à Zola, du discours réaliste".

[13] ZOLA, E. **O Romance Experimental e o Naturalismo no teatro**. Tradução de Italo Caroni e Célia Berrettini. São Paulo: Perspectiva, 1979.

torno da teoria e dos romances produzidos *à maneira de* permaneciam inconvincentes para a crítica brasileira. Apesar desse parecer, a nosso ver, em conformidade com Caroni (1979), esse juízo ingênuo e simplista sobre Zola escapa ao devido cuidado na leitura de *O Romance Experimental* e na compreensão de sua inerente teoria. À primeira vista, a polêmica em torno do novo causa estranheza e aversão, mas mesmo Zola admite que esse não é o impacto com o qual o leitor, crítico e romancista devem se deixar levar; conforme Italo Caroni, "há que se ler este texto pacientemente, seguindo o vaivém de seu desenrolar, atento às restrições, reticências e contra-argumentos levantados pelo escritor" (CARONI, 1979, p. 19).

O talento e a perspicácia de Émile Zola devem ser levados em conta, principalmente se comparados à época em que suas ideias surgiram, bem como aos períodos que sucedem e antecedem o manifesto do escritor francês. Émile Zola foi responsável por constatar e provocar profundas mudanças no meio literário – "Atacando as massas e trazendo-as para o quadro do romance, Zola afastou-se tanto daquele método [do Romantismo] como um evolucionista pode afastar-se de um teólogo" (ARARIPE JÚNIOR, 1978, p. 408) – buscando acompanhar as descobertas e renovações pelas quais a sociedade passava, a evolução científica e social. Entretanto, ao contrário do que diz majoritariamente a crítica, mesmo acompanhando as transformações e almejando contemplá-las na literatura, Zola tinha consciência plena dos limites impostos, reconhecia seu lugar não de fisiologista ou químico, mas sim de romancista apoiado nessas ciências, visando um único objetivo: tornar o escritor não mais um fantasista, como eram os românticos, mas sim alguém que "volte seu olhar para o mundo que o cerca; que ele descreva o real com a objetividade do cientista e levando em conta as conquistas das ciências modernas", como aponta Caroni (1979, p. 20).

Retomando a teoria do romance experimental definida por Zola, o papel do romancista enquanto experimentador e observador coloca o homem e, indissociavelmente, a sociedade, como instrumentos do romance, logo, da experimentação. Faz-se necessário, conforme Zola (1979, p. 41), "trabalhar com os caracteres, as paixões, os fatos humanos e sociais, como o químico e o físico trabalham com os corpos brutos". A temática dos textos naturalistas deveria, portanto, abarcar o homem enquanto ser socialmente envolvido, submisso e predisposto a fatores externos e internos, cujas manifestações poderiam facilmente corrompê-lo. O homem é o objeto central do mecanismo do romance experimental, sob influências hereditárias e do meio social, ambiente este construído e modificado constantemente por ele próprio (ZOLA, 1979, p. 41). Logo, os naturalistas interessaram-se por assuntos inerentes ao homem como a paixão, a cólera, a avareza, a pobreza, a degradação moral, bem como aos fenômenos sociais. Em conformidade com Zola,

> O romancista experimentador é, portanto, aquele que aceita os fatos provados, que mostra, no homem e na sociedade, o mecanismo dos fenômenos que a ciência domina, e que faz seu sentimento pessoal intervir apenas nos fenômenos cujo determinismo ainda não está de forma alguma fixado, procurando controlar o mais que puder este sentimento pessoal, esta ideia *a priori*, pela observação e pela experiência. (ZOLA, 1979, p. 75).

O romance naturalista, e experimental por excelência, constitui-se de um estudo dos fenômenos sociais, elencando o senso do real, movendo personagens por um meio factual (e não mais imaginário), oferecendo ao leitor um fragmento da realidade humana, dos dissabores e da estranheza, como ocorre no meio verdadeiramente existente (ZOLA, 1995), o que renegavam os românticos, segundo o escritor francês. Émile Zola, inclusive, em seu texto teórico *Le sens du réel* (1878), acusa e condena os "contistas imaginativos", os românticos, os quais, segundo ele, ignoravam a realidade em predileção à imaginação.

Para Émile Zola teórico, o senso do real é construído a partir do momento em que o romancista sente a natureza e a representa como ela é: "a qualidade maestra do romancista é o senso do real" (ZOLA, 1995, p. 26). O romancista naturalista reúne, assim, documentações, teorias e teses e, nas páginas de seu romance, realiza sua experimentação, confirmando ou negando hipóteses, através dos movimentos dos personagens no enredo, conduzidos pela fisiologia, pelos temperamentos e pelo determinismo orgânico; personagens estes também impulsionados pelo meio social. O ponto de partida do romancista é, portanto, para a composição do romance naturalista e experimental, a observação da realidade e as concepções inerentes a ela que motivarão os personagens:

> A ideia de experiência traz em si a ideia de modificação. Partimos realmente dos fatos verdadeiros, que constituem nossa base indestrutível; mas, para mostrar o mecanismo dos fatos, temos que produzir e dirigir os fenômenos. Esta é nossa parte de invenção e de gênio da obra. [...] quando empregamos o método experimental em nossos romances, devemos modificar a natureza, sem sair da natureza. (ZOLA, 1979, p. 34).

> Nós, os escritores naturalistas, submetemos cada fato à observação e à experiência; enquanto que os escritores idealistas admitem influências misteriosas que escapam à análise, e permanecem por isso no desconhecido, fora das leis da natureza. (ZOLA, 1979, p. 59).

O posicionamento de Zola, de um escritor que deve partir verdadeiramente dos fatos inerentes ao real, se associa também ao caráter sociológico com o qual o romancista trabalha, estudando e expondo as mazelas do homem, seus erros comportamentais, morais e sociais. Enquanto o meio – para Zola, Darwin, Bernard, Lucas e outros teóricos das áreas diversas – possuía intrínseca relação recíproca entre o homem e a sociedade, o romancista naturalista se

legitimará ao estudar os componentes dessa relação, o estudo dos determinismos. Para esta concepção, Zola se fundamentou na corrente filosófica do Positivismo, sobretudo no filósofo positivista francês Auguste Comte, o qual destaca, na iminência dos desenvolvimentos do século XIX, que a razão humana se encontra suficientemente madura para as investigações científicas do século, descobrindo, confirmando ou ainda revogando teorias e hipóteses (COMTE, 1978, p. 5).

Comte ainda sublinha a necessidade de abordar os fenômenos inerentes ao homem e à natureza: "[...] para passar da filosofia provisória para a filosofia definitiva, o espírito humano necessita naturalmente adotar, como filosofia transitória, os métodos e as doutrinas metafísicos" (1978, p. 5). Desse modo, o filósofo apontava para uma observação e uma análise dos fenômenos da natureza e da natureza do homem, para ser possível entender de que maneira as leis naturais agiam, no âmbito social. Nessa mesma perspectiva, Zola aponta para o estudo e hipóteses dos determinismos no romance, conferido por meio dos personagens, sob a ótica naturalista-experimental: "[...] o mecanismo do útil e do nocivo, [...] o determinismo dos fenômenos humanos e sociais" (ZOLA, 1979, p. 53).

Em relação ao senso de real, sobre o qual Zola se dispõe a tratar e ao qual o escritor naturalista deveria se submeter para suas produções, convém tecer algumas considerações imprescindíveis, a fim de compreender e destacar as particularidades dessa relação existente entre literatura e realidade. A ela aplicam-se algumas concepções e fatores ora convergentes, ora divergentes. Philippe Hamon, em seu artigo *Un discours contraint* (1982), destaca essas concepções, reavivando os pareceres de Aristóteles, para o qual toda literatura é uma imitação; de Lessing, segundo o qual a língua não poderia copiar o real, e de outros que irão conceber que a literatura deve copiar o real (prescrição) ou que a literatura não deve copiar o real (interdição) (HAMON, 1982, p. 120).

Os conceitos discrepantes comprovam, de imediato, a aversão da crítica ao projeto de Zola, de uma literatura fortemente realista, distanciada da imitação. Assim, entende-se, da mesma maneira conceituada por Jakobson, que a ideia de realismo é exclusivamente uma convenção estética, caracterizada por critérios formais (JAKOBSON, 1966, apud HAMON, 1982, p. 121). O movimento naturalista (realista-naturalista) é fruto de uma dessas convenções, demarcado por um projeto que fugia à imitação e se sustentava no cientificismo em ebulição do século XIX.

Para Philippe Hamon (1982, p. 129), o real na literatura é mais do que um efeito produzido apenas; é, antes de tudo, uma racionalização, uma textualização do real codificado e reconstruído no texto. Ainda segundo o autor, para falar de um texto realista convém discorrer

a respeito de sua construção, cujos modos de realização se fundamentam nos *níveis de descrição* (HAMON, 1982, p. 130), mais ou menos próximos do real. Neste entendimento, Émile Zola, enquanto teórico do romance naturalista e experimental, condena a descrição simples, apenas estática representação da realidade, e preza pela análise desta realidade; e em conformidade com Philippe Hamon, o senso do real definido por Zola se insere na literatura a partir de construções pragmáticas, linguísticas e de "léxicos monossêmicos", sem qualquer nível de ambiguidade (HAMON, 1982, p. 155), com os quais o romancista trabalha para constituir esse real na narrativa. De acordo com Hamon, ainda, o *projeto realista* se implementa a partir de alguns fatores:

> 1. O mundo é *rico*, diversificado, abundante, descontínuo, etc.;
> 2. Eu posso *transmitir uma informação* (legível, coerente) a respeito desse mundo;
> 3. A língua pode *copiar* o real;
> 4. A língua é *comparada* ao real (ela o exprime, ela não o cria), ela é "externa" a ele;
> 5. O *suporte* (a mensagem) deve ser apagado ao máximo [...];
> 6. O *gesto* produtor da mensagem (estilo, enunciação, modalização) deve se apagar ao máximo;
> 7. Meu leitor deve crer na *veracidade* de minha informação sobre o mundo.[14] (HAMON, 1982, p. 133, tradução nossa).

Ao considerar esses fatores, o texto naturalista e experimental se constitui elencando discursos oriundos da ordem do real (das ciências, da História e da sociedade), com o propósito de transmitir informações (confirmar ou refutar teses, expor fenômenos políticos e/ou sociais etc.), de modo a afirmar uma verdade utilizando como suporte o romance, a linguagem da narrativa. Desse modo, o projeto realista definido por Hamon se traduz nas considerações de Zola sobre o romance experimental:

> Temos que aceitar estritamente os fatos determinados, não aventurar sobre estes fatos sentimentos pessoais que seriam ridículos, apoiar-nos no terreno conquistado pela ciência, até o fim; depois, e somente então, diante do desconhecido, exercer nossa intuição e preceder a ciência [...]. Assim, em nosso romance experimental, poderemos muito bem arriscar hipóteses sobre as questões de hereditariedade e sobre a influência dos meios, após termos respeitado tudo o que a ciência sabe hoje sobre a matéria. (ZOLA, 1979, p. 74).

---

[14] "1. le monde est *riche*, divers, foisonnant, discontinu, etc.;
2. je peux *trasmettre une information* (lisible, cohérante) au sujet de ce monde;
3. la langue peut *copier* le réel;
4. la langue est *seconde* par rapport au réel (elle l'exprime, elle ne le crée pas), elle lui est "extérieure";
5. le *support* (le message) doit s'effacer au maximum [...];
6. le *geste* producteur du message (style, énonciation, modalisation) doit s'effacer au maximum;
7. mon lecteur doit croire à la *vérité* de mon information sur le monde."

O romance naturalista e experimental intentado por Zola se legitima a partir de todos esses fatores que convergem na demonstração, na análise, e não mais na descrição apenas.

Para o melhor entendimento dessa diferenciação, buscamos a definição destes dois termos no dicionário: enquanto descrição se refere apenas ao "ato ou efeito de descrever" ou a uma "relação, enumeração" (DESCRIÇÃO, 2020), a demonstração assume o papel de uma "explicação que estabelece prova evidente e convincente", de "indício, mostra, manifestação dos próprios sentimentos ou intenções" (DEMONSTRAÇÃO, 2020), uma prova ou averiguação. Podemos dizer, portanto, como nas palavras de Philippe Hamon, que no texto realista, naturalista e experimental, a demonstração – provas das teses – acontece diretamente no desenrolar do enredo e na vivência dos personagens:

> Contrariamente do discurso do cientista que costuma colocar em notas de rodapé, na bibliografia de fim de volume, em citações explícitas, referências destinadas a autenticar seu dizer, o texto realista as integra em seu corpo mesmo na forma de cenários e personagens tipos.[15] (HAMON, 1982, p. 141, tradução nossa)

Estes personagens, instrumentos da experimentação e das teses, por sua vez, se caracterizarão por suas esferas sociais, suas atividades locais e profissionais (HAMON, 1982, p. 146), concomitantemente às ideologias da ordem do real, fazendo com que se denote um romance naturalista. Considerando as definições de Zola, o desejo pelo senso do real, pela verdade, no romance naturalista e experimental,

> Não se trata, – repetindo mais uma vez – de forjar em bloco a ciência do homem, como indivíduo e como membro social; trata-se de sair pouco a pouco, e com todas as tentativas necessárias da obscuridade em que nos encontramos a nosso respeito, felizes quando, em meio a tantos erros, podemos fixar uma verdade. Nós experimentamos; isso quer dizer que devemos durante muito tempo ainda empregar o falso para chegar ao verdadeiro. (ZOLA, 1979, p. 63).

Assim se constituiu o romance experimental, por sua parte naturalista, definido por Émile Zola, precursor do Naturalismo, embora ele próprio negasse tal título. Em síntese, o romance naturalista foi a literatura da "idade científica", um novo ponto de vista literário a partir da inauguração das descobertas de meados do século XIX na Europa, assim como "a literatura clássica e romântica correspondeu a uma idade de escolástica e de teologia" (ZOLA,

[15] "Contrairement au discours du scientifique qui met souvent en notes en bas de page, en bibliographie de fin de volume, en citations explicites, des références destinées à authentifier son dire, le texte réaliste les intègre dans son corps même sous forme de scénarios et de personnages types."

1979, p. 46). À vista disso, o romance experimental, apesar de a crítica classificá-lo como falho, teve seu efeito e sentido em sua época.

2.2.1 *L'Assommoir*, romance de Zola

Mencionando Émile Zola e suas contribuições para os escritores naturalistas brasileiros, parece importante refletir – no âmbito desta investigação, cujo objetivo é um estudo comparatista de cunho temático – acerca do romance naturalista e experimental *L'Assommoir*, do escritor francês. Esse texto, que data de 1876 em folhetim e 1877 em volume, corresponde ao sétimo dos vinte volumes que constituem a série *Les Rougon-Macquart: Histoire naturelle et sociale d'une famille sous le Second Empire*, publicados entre 1871 e 1893. Nesta série, o objetivo de Zola era mostrar como uma família, inserida em determinado meio social, agia de acordo com seus temperamentos e hereditariedades, bem como sob a influência do meio histórico-político. A intenção, também, era de constituir suas próximas obras, posteriores à *Thérèse Raquin* (1867), a partir de uma história político-social demarcada, recente e atual (MITTERAND, 1999, p. 25). Assim, ele combinou a história de uma família com um modelo histórico-político vigente à época – a sociedade francesa do Segundo Império de Napoleão III:

> Os Rougon Macquart, o grupo, a família que me proponho a estudar, tem como característica o excesso de apetite, a grande revolta de nossa era, que se apressa em desfrutar. Fisiologicamente, eles são a lenta sucessão de acidentes nervosos e sanguíneos que se manifestam em uma raça, em consequência de uma primeira lesão orgânica, e que determinou, de acordo com o meio, em cada um dos indivíduos dessa raça, os sentimentos, os desejos, os ardores, todas as manifestações humanas, naturais e instintivas, cujos produtos assumem os nomes carregados de virtudes e vícios. Historicamente, eles partem do povo [...] por essa impulsão essencialmente moderna que recebem as classes baixas movimentando-se pelo corpo social, e eles descrevem também o Segundo Império, usando seus dramas individuais.[16] (ZOLA, 1871, apud MITTERAND, 1999, p. 26-27, tradução nossa).

No prefácio do primeiro romance de *Les Rougon-Macquart*, *La fortune des Rougon*, Zola orienta o público sobre suas intenções e o seu direcionamento para a constituição de todas as obras da série. O autor frisa questões como a história social, "de uma estranha época de

[16] "Les Rougon-Macquart, le groupe, la famille que je me propose d'étudier, a pour caractéristique le débordement des appétits, le large soulèvement de notre âge, qui se rue aux jouissances. Physiologiquement, ils sont la lente succession des accidents nerveux et sanguins qui se déclarent dans une race, à la suite d'une première lésion organique, et qui déterminent, selon les milieux, chez chacun des individus de cette race, les sentiments, les désirs, les passions, toutes les manifestations humaines, naturelles et instinctives, dont les produits prennent les noms convenus de vertus et de vices. Historiquement, ils partent du peuple [...] par cette impulsion essentiellement moderne que reçoivent les basses classes en marche à travers le corps social, et ils racontent ainsi le Second Empire, à l'aide de leurs drames individuels".

loucura e vergonha"[17] (ZOLA, 1871, apud MITTERAND, 1999, p. 27, tradução nossa), e a hereditariedade[18], predominantes para as ações de todos os personagens da família Rougon-Macquart:

> Quero explicar como uma família, um pequeno grupo de seres, se comporta em uma sociedade, florescendo para dar a luz a dez, a vinte indivíduos, que se parecem, à primeira vista, profundamente diferentes, mas que a análise mostra serem intimamente ligados uns aos outros. A hereditariedade tem suas leis, como o peso.[19] (ZOLA, 1871, apud MITTERAND, 1999, p. 26, tradução nossa).

Com *L'Assommoir*, especificamente, o objetivo central era mostrar a influência do álcool sobre os indivíduos dele dependentes e demonstrar como essa tara os levaria à decadência. O alcoolismo seria responsável por destruir a humanidade do ser humano, como previamente anunciou o escritor em seu prefácio:

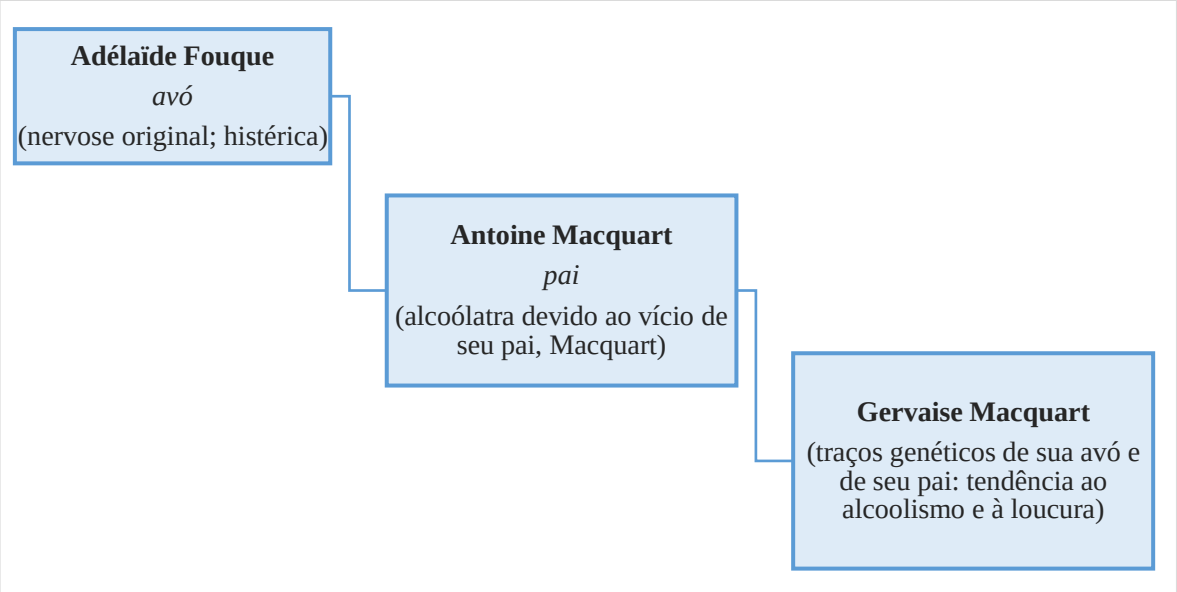
> Quiz pintar a fatal decadência de uma família de operários no dissolvente meio de nossos arrabaldes. Quis mostrar como da bebedeira e da mandriice resultam o afrouxamento de todas as ligações na família, as abjecções da promiscuidade, o progressivo esquecimento de todos os sentimentos honestos e, como final descalabro, a vergonha e a morte. Isto é simplesmente a moral em acção. (ZOLA, 1933, p. 5).

No romance, a protagonista é Gervaise, uma lavadeira, filha de Antoine Macquart e de Joséphine Gavaudan, que integram a família Rougon-Macquart; esses personagens são abordados também em outros romances da série. Convém salientar aqui o núcleo fundamental da família Rougon-Macquart para melhor entendimento da personagem Gervaise. Em sua árvore genealógica, a lavadeira possui ascendências genéticas que marcam profundamente seu caráter hereditário. O próprio Zola construiu uma árvore genealógica a qual conduz todos os personagens e enredos da saga, interligados. O primeiro esboço dessa árvore data de 1878 em reação aos críticos que julgaram desfavoravelmente seu plano da série *Les Rougon-Macquart*, enquanto o último[20] data de 1892, sendo parte da composição do romance que encerra a saga, *Le Docteur Pascal* (1893). Em sua ascendência, os traços genéticos que marcam Gervaise são advindos, essencialmente de sua avó, Adélaïde, e de seu pai, Antoine:

---

[17] "[...] d'une étrange époque de folie et de honte."
[18] Fundamentado, principalmente, nas teorias do Dr. Prosper Lucas.
[19] "Je veux expliquer comment une famille, un petit groupe d'êtres, se comporte dans une société, en s'épanouissant pour donner naissance à dix, à vingt individus, qui paraissent, au premier coup d'oeil, profondément dissemblabes, mais que l'analyse montre intimement liés les uns aux autres. L'hérédité a ses lois, comme la pensateur."
[20] O esboço completo da árvore genealógica construída por Émile Zola pode ser consultado no anexo A desta.

Figura 1 – Hereditariedade de Gervaise Macquart.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Na trama, Gervaise casa-se com Auguste Lantier, com quem teve três filhos: Claude Lantier, Jacques Lantier e Étienne Lantier. Passados os anos, seu marido a abandona, fugindo com uma das mulheres da vila, deixando-a desamparada com seus filhos. Nesse período, Gervaise conhece Coupeau, um soldador, e os dois acabam se envolvendo, tendo como fruto da relação a jovem Nana. Assim, a vivência da lavadeira juntamente de seu marido e filhos, em um bairro de operários na grande Paris – Goutte D'Or – formado por cortiços, bares e estabelecimentos paupérrimos, demarcados pela insalubridade e pela pobreza, fundamenta o eixo central do romance.

De início, o título já alude a algumas palavras-chave que marcam os acontecimentos e o fim trágico para os personagens. Traduzido para o português "a taberna", associa-se a este título ideias como o álcool, o vício, o ócio, a bebedeira descontrolada, a violência, a decadência e um mal-estar coletivo. Os personagens do romance são vítimas de uma degradação moral e social devido ao alcoolismo, como indicou Zola:

> O romance é a decadência de Gervaise e Coupeau, este arrastando aquela, no meio operário. Explicar os costumes do povo, os vícios, as quedas, a feiura física e moral, através desse ambiente, da condição imposta ao trabalhador em nossa sociedade.[21] (ZOLA, apud BECKER, 1972, p. 27, tradução nossa).

[21] "Le roman est la déchéance de Gervaise et de Coupeau, celui-ci entraînant celle-là, dans le milleu ouvrier. Expliquer les moeurs du peuple, les vices, les chutes, la laideur physique et morale, par ce milieu, par la condition faite à l'ouvrier dans notre societé."

Os problemas se iniciam quando Coupeau, após um acidente de trabalho, torna-se impossibilitado de exercer o ofício por um certo tempo, enquanto Gervaise sustenta a família toda com os proventos de sua lavanderia. Logo, o marido toma gosto pelo ócio e aproveita de sua situação para suprir sua mandria, passando a consumir bebidas alcoólicas, especialmente aguardente e licor barato, nas tabernas próximas (destaca-se a taberna do Père Colombe). Ele acaba alcoólatra e em pouco tempo desenvolve acessos de raiva e surtos, tornando-se violento e com impulsos de loucura. As descrições destes costumes constituem o ápice do romance, em que o alcoolismo e a loucura consequente são os princípios dos problemas e da degradação que enfrentam todos os personagens envolvidos, de forma direta ou não, com a bebedeira e os distúrbios dela decorrentes.

Concomitantemente à bebedeira de Coupeau, Gervaise esbanja os poucos lucros obtidos em seu negócio, em banquetes fartos para a família, amigos e vizinhos operários, regados também a álcool. Nesse tempo, Lantier, retorna para o bairro operário e é acolhido pelo atual companheiro da ex-esposa, que concorda em hospedá-lo na casa da família. Será mais um, portanto, a depender de Gervaise. Com Coupeau alcoólatra, afastado de seu ofício e a gula caracterizada pela família, não tardou seu regresso à miséria social. Diante de todos esses infortúnios e do negócio que já não produzia bons frutos, Gervaise, nas idas em busca de seu marido na taberna, passa a consumir bebidas alcoólicas, o que agrava ainda mais a situação da família Coupeau.

Cabe lembrar que esse vício experienciado por Gervaise e Coupeau decorre de suas heranças genéticas. Ao final do romance, são questionadas, pelo médico que o assistia, a ascendência do soldador e sua predisposição para a tara alcoólica. Tanto o pai de Coupeau quanto sua mãe e irmão eram consumidores assíduos de bebidas alcoólicas, sendo também alvos funestos da bebedeira:

> - O pae d’este homem embebedava-se?
> - Sim, sr., um boccado, como toda a gente... Morreu cahindo de um telhado abaixo, num dia que estava bebado.
> - E a mãe bebia?
> - Pois então, sr., como toda a gente; já sabe, um copo aqui, outro ali... Oh! a família era a menos má... Tinha um irmão, morreu muito novo, atacado de convulsões. (ZOLA, 1933, p. 252).

Com relação à ascendência da lavadeira, seu pai, como é descrito pela personagem, era alcoólatra e agressivo, em decorrência de seu vício. Zola, em seus estudos sobre questões em torno da hereditariedade e de suas consequências, baseados nas concepções de Claude Bernard

e do Dr. Lucas, apresenta o alcoolismo de Gervaise como uma predisposição genética, uma tendência ao vício:

> Se [Gervaise] coxeava um pouco, isso mesmo o herdára da mãe que pae Macquart moía á pancada. Centos de vezes ella contára as noites em que o pae, entrando em casa a cahir de bebedo, a vinha procurar e tão brutaes eram as suas caricias, que a deixavam num feixe: com toda a certeza ella tinha nascido duma d'essas noites com a sua perna encolhida. (ZOLA, 1933, p. 50).

Com o pai alcoólatra e violento que agredia a mãe, Gervaise não herdou boas condições genéticas; nem mesmo o meio foi favorável à sua formação, aos olhos do romancista experimental. O contato com o álcool e o gosto pela bebida era irrefutável, já determinado por influências genéticas e externas. Vale lembrar que o primeiro contato da personagem com a bebida se deu por intermédio de sua mãe, com quem bebia anis, às vezes, em Plassans[22]. Não tardou, também, para que Gervaise manifestasse acessos de loucura, assim como Coupeau e sua avó, Adélaïde (Tante Dide):

> Desde aquelle dia como Gervasia se ia transtornando da cabeça, uma das curiosidades dos visinhos era vêr como imitava Coupeau. Já não era mais necessario pedir-lhe, pois dava o espectaculo gratuitamente, tremor de pés e de mãos, soltando gritinhos involuntarios. Sem duvida tinha contraido aquelle tic em Saint-Anne, contemplando demasiado tempo seu marido.
> [...]
> Gervasia andou d'este modo por espaço de alguns mezes. [...] Logo que juntava quatro soldos corria á taberna a tomar uma bebedeira.
> (ZOLA, 1933, p. 264-265).

O marido, por sua vez, chegou a ser internado em um hospício para tratamento da loucura, decorrente, singularmente, do alcoolismo experienciado. Gervaise, mesmo apresentando os mesmos sintomas aparentes da loucura, não chega a ser internada, mas é levada à total degradação moral e social. A morte de Coupeau ocorre como consequência da doença psicológica que adquiriu e do vício.

Zola colocou em cena a sociedade industrial da segunda metade do século XIX na França, apresentando, como espaço principal e propiciador para os temperamentos e condutas dos personagens, uma cidade de operários, arquitetada com cortiços, pensões, pequenos comércios (como a lavanderia de Gervaise) e, o mais importante, o botequim, ou taberna, assim

[22] "E contou que n'outro tempo bebia um golo de aniz ás vezes, com sua mãe, em Plassans" (ZOLA, 1933, p. 52). Plassans é, na realidade, uma cidade fictícia criada por Émile Zola na constituição da saga *Les Rougon-Macquart*, sendo berço da família Rougon-Macquart que se dispersaria pela França, em cada romance da série. Para a composição da cidade, Zola teria se inspirado no local onde passou sua infância, em Aix-en-Provence, uma comuna no sudeste da França.

definida. Sobre a época em questão, essa foi marcada por profundas transformações na condição operária francesa. Com a industrialização, fábricas, usinas, minas e manufatureiras instalaram-se em todo o país, especialmente em Paris, atraindo uma desmedida população de operários, trabalhadores para o centro urbano, ainda que à época, os camponeses constituíssem a maior e mais importante parcela da população francesa. Com a vinda para os centros urbanos, os trabalhadores aglomeraram-se em torno dos locais de trabalho, formando os bairros operários demarcados pela pobreza, como o descrito em *L'Assommoir*.

O proletariado é apresentado pelo escritor por meio de exposições e até mesmo metáforas que comprovam a pobreza pela qual passavam. Ruas movimentadas, operários indo para o trabalho com suas ferramentas, lavadeiras levando trouxas de roupas para engomarem em meio à fumaça e ao vapor, um vaivém descontínuo. E, como plano de fundo, ruas e estabelecimentos paupérrimos:

> A rua, sem passeio lateral nem empedrado, era bastante inclinada. No alto, do lado da rua da Goutte-d'Or, havia lojas sombrias de vidraças sujas, sapateiros, tanoeiros, uma mercearia infecta, uma taberna fallida, cujas portas, fechadas desde algumas semanas, estavam cobertas de cartazes. (ZOLA, 1933, p. 125).

O ambiente, então, faz parte do conjunto de propulsores do determinismo que se aplica aos indivíduos do romance. Como define Antonio Candido, o ambiente experimentado pela família protagonista de *L'Assommoir* representa o "espaço de um mundo que lhe nega as condições para se humanizar" (2006, p. 60). O bairro descrito, marcado pela pobreza, pelos ardores sociais, pelo calor das máquinas, das chaminés, das minas, do vapor quente das lavanderias, foi determinante para as ações dos personagens. A personagem Gervaise experiencia uma situação que retrata esse ardor social, que corrompe o ser e o leva à violência, à degradação. No início do romance, a lavadeira, em meio ao vapor ardente, entra em discussão com Virginie, irmã daquela que fugira com seu ex-marido, Lantier. No meio da agressiva discussão, ambas vão ao chão, a pancadas e insultos:

> Virginia tinha-se atirado ao pescoço de Gervasia e apertava-o querendo estrangulal-a. Esta, com uma sacudidela soltára-se-lhe das mãos, e agarrando-lhe os cabelos parecia querer arrancar-lhe a cabeça. [...] o ataque visava os rostos; as mãos abertas e recurvas, belliscavam, prendiam, arranhavam tudo o que lhes cahia ao alcance. A fita encarnada e o laço azul da morena desappareceram num ápice. O corpete arrebentado no pescoço, deixára a descoberto a pelle, todo um hombro, emquanto que a loira, semi-núa, com uma manga completamente arrancada sem saber como, apresentava na camisa um grande rasgão, por onde se viam os vincos da cintura. As roupas voavam-lhes pouco a pouco em pedaços. A primeira a verter sangue foi Gervasia, por três fundos arranhões que lhe desciam da boca ao queixo; e, para defender os olhos, com receio de ficar vesga, fechava-os a cada tapa. (ZOLA, 1933, p. 37).

> Em redor, as lavadeiras já não riam, e algumas tinham-se ido, dizendo que aquillo lhes dava volta ao estomago. (ZOLA, 1933, p. 39).

No ambiente sujo das roupas a serem lavadas, ambas as personagens apresentam um caráter violento, movidas por suas condições, e, por vezes, assemelham-se a animais em disputa; há uma zoomorfização neste caso. O meio social teve total importância para a ocorrência das ações descritas.

O marido da lavadeira, Coupeau, também é vítima do meio histórico-social. Após seu acidente, e conduzido ao vício, ele representa grande parte dos moradores desses subúrbios operários. O álcool, entre os trabalhadores, era encarado como uma forma de alívio e de redenção para o que enfrentavam todos os dias: o cansaço e as dificuldades do ofício, sem condições dignas de trabalho. Assim, as tabernas, que também se instalavam nesses bairros, eram os locais de refúgio e de prazer momentâneo para a classe operária. Por meio desta ambientação, Zola mostrou que as classes de maior poder são responsáveis pelas dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores, os representantes das classes mais baixas. As péssimas condições de trabalho corroboravam para o alcoolismo, a promiscuidade, a proliferação de doenças (psicológicas ou não) e, finalmente para uma morte miserável.

> Porque ela [a sociedade] tolera o alcoolismo e até contribui para o seu desenvolvimento; porque força o desemprego, dá salários insuficientes, empurra para a prostituição ou para o roubo, não assegura contra acidentes, doenças, velhice; porque a promiscuidade, moradias exíguas, falta de educação, trabalho a partir dos onze ou doze anos de idade, tornam as pessoas invejosas, tolas, más, supersticiosas e desonestas. Os trabalhadores estão presos em um universo que, como vimos, é hostil e os degrada.[23] (BECKER, 1972, p. 63, tradução nossa).

O álcool, como o refúgio para todos esses problemas, era responsável por levar o homem à degeneração e à decadência, como foi demonstrado através da experimentação com Coupeau e com a protagonista Gervaise no romance de Zola. Ambos apresentaram comportamentos inapropriados, animalizados, os sintomas da loucura, por consequência do vício, sendo conduzidos, irreversivelmente, à morte:

[23] "Parce qu'elle tolère l'alcoolisme, et même contribue à le développer; parce qu'elle contraint au chômage, donne des salaires insuffisants, pousse à la prostitution ou au vol, n'assure pas contre les acidentes, les maladies, la vieillesse; parce que la promiscuité, l´étroitesse des logements, le manque d'éducation, le travail dès l'âge de onze ou douze ans, rendent les gens envieux, bêtes, méchants, superstitiuex, malhonnêtes. Les ouvriers sont englués dans un univers qui, nous l'avons vu, est hostile et les dégrade."

> A aguardente animaliza o homem: o *intestino-retorcido*[24], o *quebra-peito*[25], degradam seu corpo, fazem-no perder toda a dignidade. [...] O álcool, acima de tudo, desperta o animal que, segundo Zola, está dormindo no fundo de todo homem, o enlouquece, o leva à morte.[26] (BECKER, 1972, p. 48, tradução nossa).

Portanto, na trama de *L'Assommoir*, Émile Zola explorou grandes temas atuais à época da publicação, como pretendia, correlacionando a história política e social da França ao final do século XIX, colocando em cena problemas que constituíam as mazelas da sociedade parisiense, expondo a realidade, a feiura e os dissabores sociais, até então mascarados ou ignorados pelos românticos. Dos temas averiguados no romance, destacam-se três essencialmente relevantes para o período retratado e para as respectivas denúncias intentadas pelo escritor: *o meio operário*, explorando as condições de vida, os problemas familiares, os costumes, as condições precárias de trabalho, os baixos salários; *o alcoolismo*; e a *decadência moral e social* de Coupeau e de Gervaise (BECKER, 1972, p. 27).

Não menos importante para a compreensão do romance, o tema da loucura também é evidenciado pelo escritor francês. Émile Zola explora os temas do alcoolismo e da loucura baseando-se em teorias científicas válidas para o seu tempo. Nesse sentido, a ingenuidade de julgar o romance naturalista e experimental de Zola como falho, até certo ponto pode ser refutada, tendo em vista que o escritor colocou em prática teorias e pensamentos do que deveria constituir o romance experimental, utilizando-se de informações científicas até então verdadeiras e incontestáveis à época.

A ideia de que o alcoolismo levava as pessoas à loucura e à degradação por consequência constituía uma teoria validada pela ciência: "As degenerações, por partirem do domínio moral, vinculavam o mau comportamento dos órgãos humanos ao mau comportamento dos indivíduos" (SANTOS, 1995, p. 123). Do mesmo modo, as ações do indivíduo, analisadas a partir do meio sócio-histórico e da hereditariedade genética, estavam em evidência aos olhos da ciência moderna, que considerava tais fatores determinantes para a constituição do ser social. Se Gervaise e Coupeau tiveram sua decadência na loucura e na morte, isso ocorreu em razão de suas heranças genéticas e do meio em que viveram: na pobreza, na violência, no alcoolismo, todos intrinsecamente ligados entre si, numa cadeia de relações de causa-consequência.

---

[24] Tradução literal de *tord-boyaux*, termo popular utilizado para definir conhaque ou aguardente extremamente forte ou de péssima qualidade.

[25] Tradução literal de *casse-poitrine*, também utilizado popularmente para caracterizar o conhaque acrescido de substâncias ácidas que provocam queimação.

[26] "L'eau-de-vie animalize l'homme: le tord-boyaux, le casse-poitrine, dégradent son corps, lui font perdre toute dignité. [...] L'alcool, surtout, réveille la brute qui, pense Zola, sommeille au fond de tout homme, le rend fou, le pousse au meurtre."

No Brasil, o interesse pelos romances de Eça de Queirós ocorria sincronicamente com os de Émile Zola. Algumas obras do francês, que já eram lidas e discutidas por um certo público brasileiro, tiveram uma repercussão tão grande que foram adaptadas para o teatro e encenadas em palcos nacionais (GOMES, 2013, p. 33). *Thérèse Raquin*, *Nana* e a peça que obteve o maior número de apresentações, *L'Assommoir*, consagraram-se como sucessos de bilheteria no país, tornando Zola – que já era reputado por um seleto grupo de leitores, escritores e intelectuais – conhecido pelo público em geral. Além disso, as traduções das obras do escritor, comprovam a sua repercussão e êxito. Em sua maioria, as versões para a língua portuguesa foram feitas em Portugal: títulos como *Thérèse Raquin*, *La Fortune des Rougons*, *La Curée*, *Le Ventre de Paris*, *Nana*, *Germinal* e *L'Assommoir* tiveram seus enredos traduzidos. No Brasil, há uma tradução de *L'Assommoir* datada de 1933, publicada em dois volumes, porém sem indicação de tradutor[27].

Traduções e adaptações dessas obras mostram a tendência inspiradora de Émile Zola para os escritores brasileiros, os quais utilizaram-se das teorias do romancista para o estudo e a composição de seus romances naturalistas, explorando temas de tendência mundial – como alcoolismo e loucura – em contexto nacional, como fez Canto e Mello.

[27] ZOLA, E. **A Taberna**. Tradução anônima. São Paulo: Editorial Paulista, 1933. 2 v. Esta foi a tradução utilizada neste trabalho.

3 VIDA E OBRA DE CANTO E MELLO

Já revisitados os conceitos referentes ao Naturalismo, na França e no Brasil, retomados o romance experimental de Émile Zola e sua obra *L'Assommoir*, necessários para o entendimento e análise do estudo aqui proposto, passamos a "desbravar" o romancista Canto e Mello. Optamos por utilizar esse termo – *desbravar* – tendo em vista o pouco conhecimento por parte do público em geral e da crítica literária a respeito do escritor. Esta pesquisa tem por objetivo principal resgatar o autor e seu escrito, de forma a contribuir para a fortuna literária brasileira do início do século XX e também para o estudo do Naturalismo brasileiro, recuperando um romance esquecido e repensando ideias aqui propagadas pelo e sobre o movimento ao final do século XIX.

O termo desbravar ainda pode ser utilizado para explicar a dificuldade enfrentada para recuperar dados e informações biográficas e críticas a respeito do escritor e de suas obras, hoje raras e quase inexistentes em bibliotecas ou acervos similares. Pouco lemos a respeito de Canto e Mello nos textos da crítica ou da história da literatura brasileira. Sobre sua vida, quase nada se conhece; também são raras as menções a ele em livros de história literária, periódicos ou documentos da época. Canto e Mello foi praticamente esquecido.

Diante disso, fica o questionamento de como esse autor veio à tona e qual o interesse pelo trabalho. Em pesquisa anterior[28], nos deparamos com o título do romance *Alma em delírio* em outro que estava, então, sendo investigado: *Madame Pommery* (1920), o qual também tratava de questões referentes ao alcoolismo e suas consequências, positivas ou negativas, mas em tom paródico e satírico (MINGOTTI, 2019). O romance do escritor Hilário Tácito, faz uma alusão ao texto de Canto e Mello:

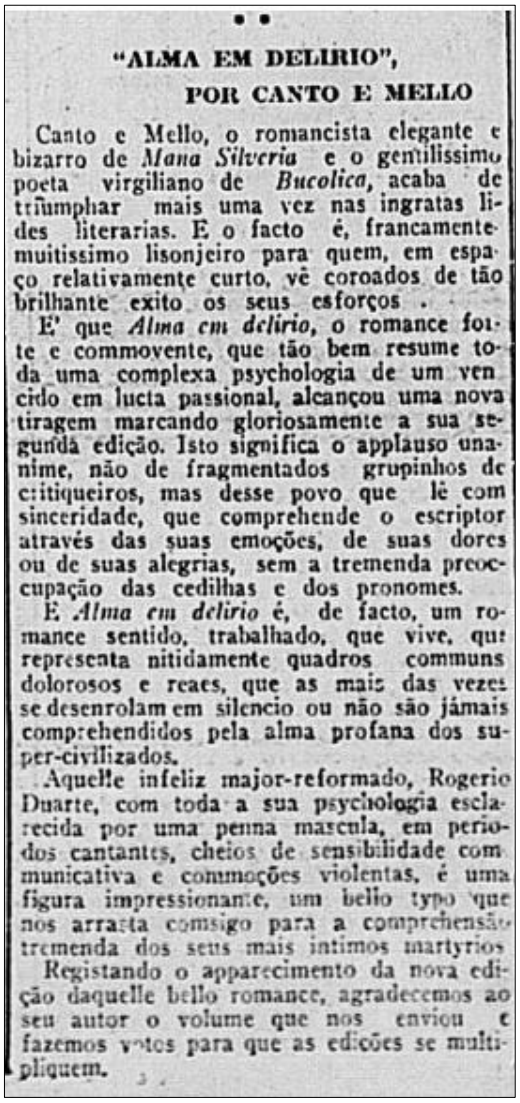
> Reúnem-se congressos, fazem-se discursos furibundos, escrevem-se memórias eruditas contra "o flagelo do alcoolismo". Na própria literatura, surgem o *Assomoir*, *Os Espectros*, a *Alma em delírio*, como exemplos terrificantes aos devotos da garrafeira. (TÁCITO, 1997, p. 103, grifo nosso).

Desde então, interessamo-nos tanto pelo romance quanto pelo escritor, e buscamos, de algum modo, resgatar a ambos. A referência feita a *Alma em delírio* parece comprovar que o romance foi conhecido e lido à sua época, não só por leitores comuns, mas também por escritores. Um outro dado relevante e que corrobora essa ideia é o fato de o romance ter sido

[28] Trata-se de uma pesquisa de Iniciação Científica II intitulada *Champagne bom e licor barato: os efeitos do álcool em Madame Pommery e L'Assommoir*, realizada durante a graduação, junto ao Departamento de Letras Modernas, no Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", câmpus de São José do Rio Preto, sob orientação da Profª. Drª. Norma Wimmer.

reeditado: a primeira edição data de 1909 e a segunda, com a qual trabalhamos, de 1914. O período relativamente curto de cinco anos, que separa as duas edições, assim como a própria reimpressão, atestam o interesse despertado na época pela obra. Em uma nota publicada pelo *Correio Paulistano*, de 1914, a respeito da segunda edição do romance, é apresentada uma crítica favorável à narrativa e ao escritor:

Figura 2 – "*Alma em delírio* por Canto e Mello", *Correio Paulistano*, 06/04/1914, p. 2.



"ALMA EM DELIRIO",
POR CANTO E MELLO

Canto e Mello, o romancista elegante e bizarro de *Mana Silveria* e o gentilissimo poeta virgiliano de *Bucolica*, acaba de triumphar mais uma vez nas ingratas lides literarias. E o facto é, francamente muitissimo lisonjeiro para quem, em espaço relativamente curto, vê coroados de tão brilhante exito os seus esforços.

E' que *Alma em delirio*, o romance forte e commovente, que tão bem resume toda uma complexa psychologia de um vencido em lucta passional, alcançou uma nova tiragem marcando gloriosamente a sua segunda edição. Isto significa o applauso unanime, não de fragmentados grupinhos de critiqueiros, mas desse povo que lê com sinceridade, que comprehende o escriptor através das suas emoções, de suas dores ou de suas alegrias, sem a tremenda preoccupação das cedilhas e dos pronomes.

E *Alma em delirio* é, de facto, um romance sentido, trabalhado, que vive, que representa nitidamente quadros communs dolorosos e reaes, que as mais das vezes se desenrolam em silencio ou não são jámais comprehendidos pela alma profana dos super-civilizados.

Aquelle infeliz major-reformado, Rogerio Duarte, com toda a sua psychologia esclarecida por uma penna masculla, em periodos cantantes, cheios de sensibilidade communicativa e commoções violentas, é uma figura impressionante, um bello typo que nos arrasta comsigo para a comprehensão tremenda dos seus mais intimos martyrios.

Registando o apparecimento da nova edição daquelle bello romance, agradecemos ao seu autor o volume que nos enviou e fazemos votos para que as edições se multipliquem.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.[29]

A crítica reforça o caráter verossímil e representativo da realidade apresentado no romance, assim como a descrição de quadros da sociedade brasileira ao final do século XIX. A aclamação dada à obra também avigora o papel do leitor enquanto propiciador de seu sucesso.

[29] Vide anexo B.

Além disso, há uma certa condenação aos "critiqueiros", uma referência possível aos detratores do Naturalismo, assim como àqueles que rejeitavam o movimento e seus seguidores[30]. Mais uma vez, encontramos uma defesa do Naturalismo e de seus autores e exemplares.

Neste capítulo, abordaremos não somente o enredo de *Alma em delírio*, mas também as possíveis causas de seu negligenciamento pela crítica literária. Por se tratar de um romance pouco conhecido, faremos um resumo mais detalhado da obra. Também apresentaremos uma breve biografia de Canto de Mello, fundamentada no diminuto conjunto de documentos encontrados a seu respeito.

3.1 O romancista Canto e Mello

Natural da cidade de Jaguarão, no Rio Grande do Sul, Pedro de Castro do Canto e Mello nasceu em 1 de janeiro de 1866. Lá, iniciou seus primeiros estudos até que foi para o Rio de Janeiro, juntamente de sua família, para onde seu pai, Coronel Canto e Mello, membro do exército, foi transferido. Nesse período, foi matriculado na Escola Militar do Rio, onde formou-se Cadete. Além de escritor, Canto e Mello foi bacharel em Direito, obteve o título em 1891 na Faculdade de Direito de São Paulo. A família havia se mudado para a cidade paulistana mais uma vez em razão da transferência de seu pai. Na área jurídica, Canto e Mello exerceu o cargo de advogado do Mosteiro de São Bento e de outras instituições de grande importância, de acordo com informações encontradas no jornal *Correio Paulistano* (1934, p. 9).

[30] Retomando a crítica desfavorável ao Naturalismo brasileiro, julgado como falho, imitativo e mal assimilado.

Figura 3 – *Correio Paulistano*, 15/12/1887. Nota comprova que Pedro de Castro Canto e Mello (n. 27) era aluno regularmente matriculado na Instituição.

Faculdade do Direito de São Paulo

De ordem do illm. sr. conselheiro director dr. André Augusto de Paula Fleury, faço publico que os exames de Rhetorica deverão começar no dia 16 do corrente, ás 8 horas da manhã, sala n. 4 e que as provas escriptas serão feitas em turmas de 30, em dias consecutivos, até terminar-se a lista dos candidatos inscriptos, depois do que terão lugar as provas oraes : que as chamadas serão feitas, observando-se a ordem da inscripção, que poderá ser alterada, no caso da falta de qualquer dos examinandos, sendo chamado para substituil-o o immediato da lista, de modo a completar-se sempre a turma, e finalmente, que os que deixarem passar sua vez, poderão, se justificarem motivo attendivel de não comparecimento, ser admittidos a exame depois de exgottada a lista dos inscriptos.

Outrosim, faço publico que os que forem chamados deverão exhibir as certidões de approvação em Portuguez, Francez, Inglez e Latim.

Secretaria da Faculdade de Direito de São Paulo, 13 de Dezembro de 1887.

O secretario
André Dias de Aguiar

RHETORICA, (ás 8 horas)

(Sala n. 4)

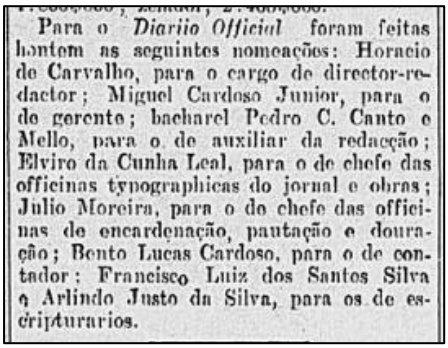
1 Benjamim Franklim Silveira da Motta.
2 Olavo Bilac.
3 José Maria Lisboa Junior.
4 Augusto Albino de Almeida.
5 João Martins de Carvalho Mourão.
6 Irineo de Mello Machado.
7 Carlos Soares da Silva.
8 José Augusto Quirino dos Santos.
9 José Gabriel de Toledo Piza.
10 Thomaz Pimentel.
11 Valentim Coelho Portas Junior.
12 Manoel Guleão Carvalhal.
13 Virgilio Veira Teixeira Pinto.
14 Octaviano d'Aguirra Camargo.
15 Jeronymo de Souza Monteiro.
16 Celestino Gomes da Cunha.
17 Carlos Augusto d'Arruda Botelho.
18 Francisco Xavier Gomes Flores.
19 Alfredo Henrique Vidigal.
20 Arthur do Amaral Góes.
21 Henrique Vaz Pinto Coelho.
22 Laurindo Dias Minhoto.
23 José Eugenio de Paiva Azevedo.
24 Affonso Manoel Pimenta Vellozo.
25 Arlovaldo Augusto do Amaral.
26 Domingos Theodoro Guimarães.
27 Pedro de Castro Canto e Mello.
28 João Baptista Pires de Castro Lopes.
29 Melciades Mario de Sá Freire.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional. [31]

Canto e Mello foi ainda jornalista, colaborador do *Diário Popular de São Paulo*, já extinto, e redator do *Diário Oficial* do Estado. Era casado com Anesia Girandon Canto e Mello[32] com quem teve uma única filha, Branca de Castro do Canto e Mello.

[31] Vide anexo C.
[32] Vide anexo D.

Figura 4 – *Correio Paulistano*, 06/08/1910. Canto e Mello, auxiliar de redação do *Diário Oficial do Estado*.



Para o *Diario Official* foram feitas hontem as seguintes nomeações: Horacio de Carvalho, para o cargo de director-redactor; Miguel Cardoso Junior, para o de gerente; bacharel Pedro C. Canto e Mello, para o de auxiliar da redacção; Elviro da Cunha Leal, para o de chefe das officinas typographicas do jornal e obras; Julio Moreira, para o do chefe das officinas de encardenação, pautação e douração; Bento Lucas Cardoso, para o de contador; Francisco Luiz dos Santos Silva e Arlindo Justo da Silva, para os de escripturarios.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.[33]

Na sequência, uma fotografia de Canto e Mello ao lado de outros nomes da literatura brasileira e de jornalistas, como Vicente de Carvalho (poeta, contista e jornalista), tomada à Revista *A Vida Moderna*.

Figura 5 – *A Vida Moderna*, 03/12/1912. Canto e Mello, sentado, ao lado de Vicente de Carvalho.

No grupo acima, tirado por occasião do almoço offerecido, em dezembro de 1911, a Vicente de Carvalho, em Santos, durante o qual se resolveu a fundação da Sociedade de Cultura Artistica, vêm-se: sentados — os srs. Silvio de Almeida, Vicente de Carvalho, Canto e Mello e Jacomino Define; em pé — Joaquim Catunda, Valdomiro Silveira, Paulo Assumpção, Simões Pinto, Antonio Piccarollo, Heitor de Moraes, Armando Prado, Plinio Barreto, Sylvio Portugal, Manoel de Azevedo e Candido de Carvalho.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.[34]

[33] Vide anexo E.
[34] Vide anexo F.

Sua morte deu-se no dia 31 de outubro de 1934, na cidade de São Paulo, onde morou e atuou por muito tempo. Com pesar, seu falecimento foi divulgado em jornal, em que resumidamente relataram fatos marcantes de sua vida.

Figura 6 – *Correio Paulistano*, 02/11/1934, p. 9. Nota de falecimento de Canto e Mello (1).

Falleceu o notavel escriptor Canto e Mello

Falleceu ante-hontem, nesta capital, o conhecido escriptor dr. Pedro de Castro Canto e Mello.

Nascido na cidade de Jaguarão, no Rio Grande do Sul, ali fez os seus primeiros estudos. Mais tarde, em companhia de seus paes, foi para o Rio de Janeiro.

Tendo as honras de Cadete, matriculou-se na Escola Militar juntamente com outros rapazes — todos de grande talento.

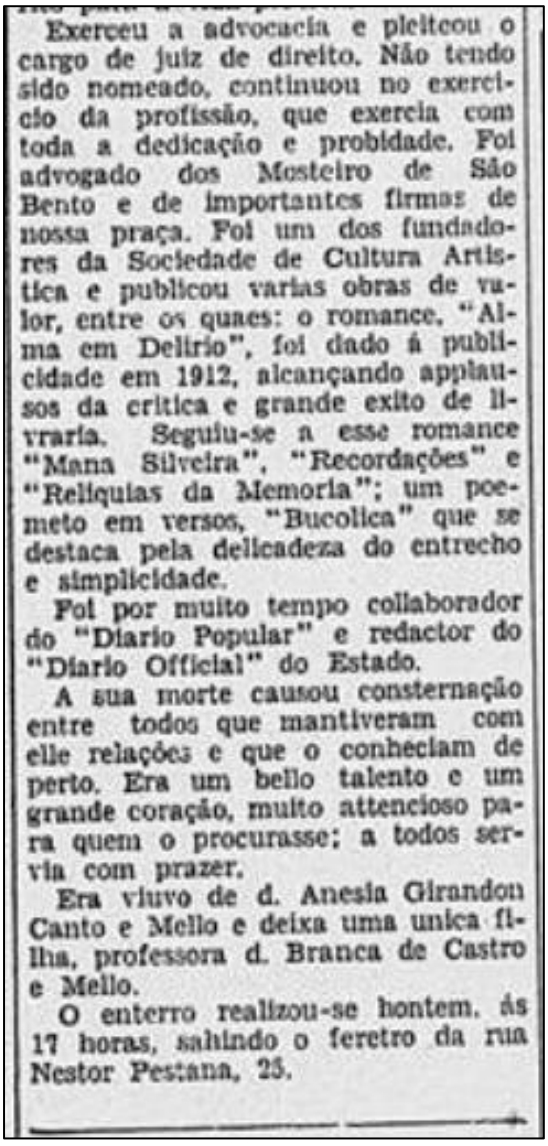
Tendo sido seu pae, o coronel Canto e Mello, transferido para a guarnição militar de S. Paulo, pediu a sua transferencia para a Companhia de Cavallaria, que aqui estacionava. Ao mesmo tempo em que prestava serviços militares completou os seus estudos de preparatorios e matriculou-se na nossa Faculdade de Direito.

Em 1891 recebeu o grau de bacharel em Direito. A sua turma foi uma das mais numerosas e que nos deu numerosos homens de real merito para a vida pratica.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.[35]

[35] Vide anexo G.

Figura 7 – *Correio Paulistano*, 02/11/1934, p. 9. Nota de falecimento de Canto e Mello (2).



Exerceu a advocacia e pleiteou o cargo de juiz de direito. Não tendo sido nomeado, continuou no exercicio da profissão, que exercia com toda a dedicação e probidade. Foi advogado dos Mosteiro de São Bento e de importantes firmas de nossa praça. Foi um dos fundadores da Sociedade de Cultura Artistica e publicou varias obras de valor, entre os quaes: o romance, "Alma em Delirio", foi dado á publicidade em 1912, alcançando applausos da critica e grande exito de livraria. Seguiu-se a esse romance "Mana Silveira", "Recordações" e "Reliquias da Memoria"; um poemeto em versos, "Bucolica" que se destaca pela delicadeza do entrecho e simplicidade.

Foi por muito tempo collaborador do "Diario Popular" e redactor do "Diario Official" do Estado.

A sua morte causou consternação entre todos que mantiveram com elle relações e que o conheciam de perto. Era um bello talento e um grande coração, muito attencioso para quem o procurasse; a todos servia com prazer.

Era viuvo de d. Anesia Girandon Canto e Mello e deixa uma unica filha, professora d. Branca de Castro e Mello.

O enterro realizou-se hontem, ás 17 horas, sahindo o feretro da rua Nestor Pestana, 25.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.[36]

Na vida literária, Canto e Mello escreveu poucos romances, sendo eles: *Alma em delírio* (1909), o primeiro, *Mana Silvéria* (1913), *Relíquias da memória* (1920) e *Recordações* (1923), todos publicados pela extinta editora O Pensamento, de São Paulo. Ainda, como escritor, Canto e Mello nos deixou um livro de poemas, intitulado *Bucólica* (1914), pela mesma editora.

[36] Na nota publicada no jornal, há duas incorreções: i) a nomeação da filha – seu sobrenome correto é Branca de Castro do Canto e Mello, assim como de seu pai. Branca fora professora e seu nome é concedido a uma escola na cidade de São Paulo; ii) o ano da primeira publicação de *Alma em delírio* –não foi em 1912, mas sim em 1909, pois é possível constatar em outros textos como de teóricos e nos exemplares existentes que constam 1909 como o ano da publicação.

Figura 8 – *Correio Paulistano*, 19/01/1914, p. 1. Crítica sobre *Bucólica*, na seção "Letras e Letras" do jornal.

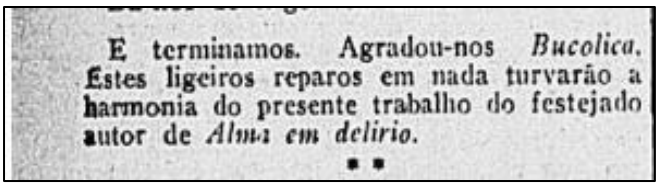
"Bucolica" por
Canto e Mello

Com aquelle titulo em relevo, recebemos uma elegante brochura, leve e de apurado gosto, que honra o adeantamento graphico paulista. São quarenta paginas de excellente papel, encerrando um poemeto em septisyllabos.

E' uma scena entre pastores. Através do motivo romantico, avultam, successivamente, imagens por vezes bellas e felizes. Ha muita alma no fundo das estrophes simples e descriptivas. A historicta começa quando um pastor, na saudade em que vive, sente que o desejo lhe retrata uma visão fugitiva dentro da alma, e suspira:

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.[37]

Figura 9 – *Correio Paulistano*, 19/01/1914, p. 2. Conclusão da crítica sobre *Bucólica*, na seção "Letras e Letras" do jornal.



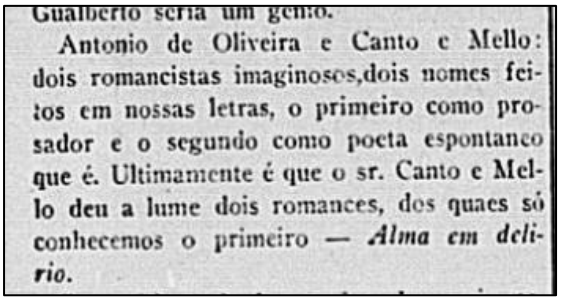
E terminamos. Agradou-nos *Bucolica*. Estes ligeiros reparos em nada turvarão a harmonia do presente trabalho do festejado autor de *Alma em delirio*.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.

Algumas de suas obras obtiveram relativo sucesso, mas foram esquecidas em nossos dias. Dentre elas, destacam-se três romances, que ocuparam um espaço, muito diminuto, nas páginas de crítica e história literária e nas colunas de jornais: *Alma em delírio*, *Mana Silvéria* e *Relíquias da memória*. *Alma em delírio* é o mais referenciado, presente em críticas de jornais e nos estudos de Lúcia Miguel-Pereira, João Pinto da Silva, Antonio Candido e Nelson Werneck Sodré. Em relação aos periódicos, nas colunas de crítica literária, Canto e Mello aparece quase sempre em destaque pela publicação de *Alma em delírio* e, por vezes, é avaliado pelo seu segundo romance, *Mana Silvéria*, como demonstram os recortes destacados:

[37] Vide anexos H e I, para crítica na íntegra.

Figura 10 – *Correio Paulistano*, 26/06/1913, p. 2. Na coluna "A Literatura Paulista", julgado por Vicente de Carvalho, *Alma em delírio* é citado como o único conhecido.

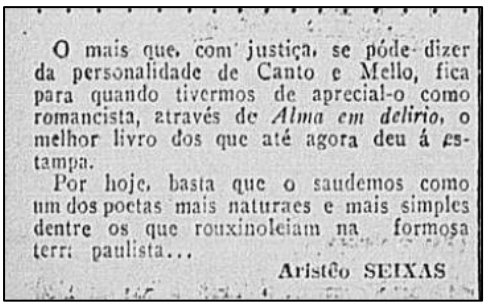


Gualberto seria um genio.

Antonio de Oliveira e Canto e Mello: dois romancistas imaginosos, dois nomes feitos em nossas letras, o primeiro como prosador e o segundo como poeta espontaneo que é. Ultimamente é que o sr. Canto e Mello deu a lume dois romances, dos quaes só conhecemos o primeiro — *Alma em delirio*.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.[38]

Figura 11 – *Correio Paulistano*, 16/01/1916, p. 2. O romance *Alma em delírio* é citado como o melhor dos livros, por ocasião de uma crítica de Aristêo Seixas[39] sobre *Bucólica*.



O mais que, com justiça, se póde dizer da personalidade de Canto e Mello, fica para quando tivermos de aprecial-o como romancista, através de *Alma em delirio*, o melhor livro dos que até agora deu á estampa.

Por hoje, basta que o saudemos como um dos poetas mais naturaes e mais simples dentre os que rouxinoleiam na formosa terra paulista...

Aristêo SEIXAS

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.[40]

Figura 12 – Revista *Careta*, 30/10/1914. Crítica desfavorável a *Alma em delírio*.

Alma em delirio, romance de CANTO E MELLO.

Na sua irregularidade e com os seus defeitos, o romance de CANTO E MELLO é um bom livro. Attrahido pela seducção do assumpto que desenvolve na segunda parte da obra, o auctor, ancioso de tratal-o, precipitou a primeira. Por isso, ás vezes, alguns dos seus capitulos rolam com a pressa desataviada dos relatorios militares. Epysodios como os da campanha contra os *mucker*, que se prestariam a bellos effeitos de arte, foram sacrificados ao desejo de chegar ao estudo dos delirios e allucinações do alcool. Antes de attingil-os, por mais que o procure, o romancista não consegue dar a certeza impressionante das discordias do casal Duarte, não raro busca em causas externas explicações que só poderiam residir no estado morbido do seu heroe; alonga-se em detalhes sem importancia e passa com rapidez excessiva sobre cousas que a tem. O estylo é arrastado. Do meio para o fim do volume, o escriptor movimenta os seus periodos, tornando-os graciosos, apezar de apressados. Mostra a plena incompatibilidade do casal. Produz paginas emocionantes de uma originalidade bizarra. Se CANTO E MELLO quizer retocar o seu romance, poderá tranformal-o numa grande obra.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.[41]

[38] Vide anexo J.
[39] Poeta lírico, crítico e colaborador de periódicos como *Correio Paulistano* e *A Cigarra*.
[40] Vide anexo K.
[41] Vide anexo L.

Figura 13- *Illustração Paulista*, 06/06/1912, n. 71, p. [32]. *Alma em delírio* julgado como um excelente romance.

Letras e artes

"Alma em delirio,,

A VIDA literaria de S. Paulo, que tão raramente se revela, teve esta semana uma bella manifestação de que a sua existencia embora precaria, é uma realidade.

Canto e Mello, esse fino espirito que se estiola na semsaboria infinita do *Diario Official*, lançou no mercado o seu romance — *Alma em delirio*.

E' um excellente romance, em que Canto e Mello, com estylo polido e seguro, descreve um caso de loucura delirante com a proficiencia de um medico que fôsse um bom escriptor.

Não cabem nestas linhas um estudo critico. Isto é apenas uma noticia. Mas uma noticia sincera, em que não ha elogios ditados pela amizade, nem louvores devidos á benevolencia.

Alma em delirio tem um logar de destaque entre os livros ultimamente apparecidos e deu aos que o leram a confirmação do juizo lisonjeiro em que era tido o seu autor.

O trabalho typographico, bem feito, é da empreza d'*O Pensamento*.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.[42]

Figura 14 - *Gazeta Artistica*, 1912, n. 21, p. 8. *Alma em delírio* como maior recente acontecimento literário de São Paulo.

BOLETIM LITERARIO

O maior acontecimento literário (maior ou unico?) de S. Paulo, nestes quinze dias mais chegados, é o romance do sr. Canto e Mello — «Alma em delirio».

A critica já se manifestou, por alguns jornaes daqui e do Rio, acêrca desse livro, e os elogios feitos nada tem de exagerados. A nosso vêr, o snr. Canto e Mello revelou-se escritor de pulso, capaz de nos dar ainda muita coisa excelente no género romance, tão inexplicavelmente abandonado pelos nosos escritores de hoje.

«Alma em delirio» é uma narrativa, autobiografica, «escrita» por um antigo oficial do exercito que sofre de dipsomania. Toda a intensidade emotiva do trabalho está na descrição pormenorizada, viva e implacavel das torturas fisicas e morais por que passa o desgraçado, preso de allucinações de toda a sorte, até cair na loucura e, depois, na tuberculose.

O livro tem páginas bellissimas, que aqui e ali se destacam pela poesia que as estréla ou pela felicidade das observações que élas resumem e alteiam em vigorosos relevos de estilo.

Escrevendo a palavra estilo, ocorre-nos notar que ahi está a força e tambem a fraqueza do autor. Simples, incisivo, despido de adornos e distensões inuteis, esse estilo, em suas linhas gerais é muito bom; entretanto, sem prejudicar-lhe a sobriedade, antes dando mais energia a esta, o autor podia ter-lhe aplicado com mais paciencia uma diligente lima, que lhe suprimisse uma ou outra excrecenciazinha — aqui uma palavra demais, ali uma dissonancia, acolá uma frase banal, etc.

Isso tudo, porêm, não tira — é bem de ver — coisa alguma ao merito do livro, que é um livro forte.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.[43]

[42] Vide anexo M.
[43] Vide anexo N.

Figura 15- *Revista Careta*, 15/03/1913. Crítica à publicação de *Mana Silvéria*.

Careta em S. Paulo

SUCCURSAL: RUA DA BOA VISTA N. 6

OS LIVROS

Maria Silvéria – Romance de Canto e Mello.

O acontecimento literario destes ultimos tempos, no nosso minguado meio artistico, foi o apparecimento de *Maria Silvéria*, romance naturalista de Canto e Mello, auctor já consagrado da *Alma em delirio*.

Com este segundo livro, o distincto escriptor patricio justificou perante o publico ledor as encomiasticas referencias com que fôra recebido o seu anterior trabalho, e respondeu brilhantemente aos leves reparos provocados pela despreoccupação, aliás voluntaria e intencional com que vestira de modestas roupagens a interessante narrativa. E' que, se a fórma de *manuscripto* dada ao seu primeiro romance auctorisava, e até certo ponto exigia, um estylo correntio e despretencioso, um desartificio pensado e proposital, o mesmo se não dava com *Maria Silvéria*, um romance em toda a extensão da palavra, e ao qual não falta sequer o fundo, por assim dizer, scientifico, a these sobre que gyra toda a sua fabulação, e que vem a ser o atavismo, a transmittir aos descendentes do padre Valongo todas as suas qualidades e todas as suas taras.

Canto e Mello, assim pensando, dedicou redobrados carinhos á factura do seu novo romance, vencendo quasi sempre as mil difficuldades e os tropeços com que têm de luctar todos os escriptores probidosos e que não desamam a doce lingua portugueza.

Além dessa qualidade, que não é das menores num escriptor que começa, póde-se accrescentar que em Canto e Mello concorrem predicados taes que lhe asseguram um logar de preponderante destaque entre os nossos mais meritosos romancistas.

De facto, á parte a estructura do romance, em que são dispostos os episodios com a habilidade de quem conhece os segredos mais reconditos da arte de contar, tornando por isso cada vez mais attrahente e empolgante a narrativa, Canto e Mello nos dá a nota exacta e inconfundivel da psycologia de cada personagem, movimenta-as, dá-lhes vida e acção proprias, e fal-as viver num ambiente que elle reproduz com um raro poder descriptivo.

Está bem de ver, portanto, que com essas qualidades de romancista, cimentadas por um vigoroso talento, não será demais prever a Canto e Mello uma brilhante e rapida carreira.

FREI JOÃO

Está funccionando já, desde sabbado passado, em todas as escolas, a instituição da «sopa escolar.»

A pequenada patricia dos heróes de Tripoli está indignada; sua reclamação para a creação do «*tagliarini* escolar» não foi attendida pelo Sr. secretario do Interior.

O Sr. Raul Silva, o bojudo grão-secretario do Grande Oriente Paulista, está trenando para competir com o Sr. Oliveira Lima... em circumferencia.

Na Rua Quinze

INSTANTANEO

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.

No que diz respeito aos outros dois romances, posteriores a *Alma em delírio*, há divergências da crítica a seu respeito, especialmente com relação a *Relíquias da memória*. Enquanto Lúcia Miguel-Pereira (1957) o considera palavroso e falso, causa, talvez, para o possível esquecimento do autor[44], João Pinto da Silva (2013) o reputa como um bom exemplo das tradições e ocorrências históricas gaúchas. *Relíquias da memória* descreve acontecimentos trágicos ocorridos na cidade de Jaguarão, fronteira com o Uruguai, devastada pelo cólera (*cholera/morbus*) que assolou grande parte da população e quase dizimou o estado do Rio Grande do Sul na segunda metade do século XIX (SILVA, 2013, p. 174).

A crítica em torno de Canto e Mello insiste em considerá-lo um romancista naturalista atrasado, tendo em vista suas publicações tardias no momento em que a vertente do Naturalismo já não estava mais em foco no país. Esse atraso deve ser atribuído ao próprio escritor, uma vez que seus romances não foram sucesso de público como os de Aluísio Azevedo, por exemplo, que os publicou ainda no século XIX. O atraso ocasionou o que conhecemos hoje: um esquecimento do escritor e de suas obras, que são relevantes para a literatura brasileira, essencialmente para o Naturalismo.

Lúcia Miguel-Pereira, em *Prosa de Ficção*, também ressalta a tentativa infeliz do escritor em publicar boas obras de cunho naturalista, mas com certa delonga:

> É todavia com Canto e Melo que mais patente se torna a infelicidade dos romancistas que tentaram seguir a corrente naturalista quando já se esgotara a sedução da novidade. Em *Alma em delírio*, estudo do alcoolismo, e sobretudo em *Mana Silvéria*, não faltam as melhores características de Zola. (MIGUEL-PEREIRA, 1957, p. 139-140).

Para a autora, se escritores como Canto e Mello e Faria Neves Sobrinho, com *Morbus* (1898), tivessem publicado seus romances à época da ebulição da corrente naturalista, o sucesso teria se concretizado e esses títulos estariam nas páginas de crítica e de história literária com notoriedade. O valor de *Alma em delírio*, segundo ela, é equiparável ao de *O Cortiço*, obra de maior destaque do movimento até hoje. Lúcia completa:

> Últimos ecos de uma moda caduca, estes escritores se prejudicaram pela falta de oportunidade. Vinte anos antes, várias de suas obras teriam se instalado em melhores lugares na literatura; feitas com maior liberdade, sem preconceitos de escola, algumas seriam importantes no momento em que surgiram. (MIGUEL-PEREIRA, 1957, p 140-141).

[44] Em nota de rodapé, afirma: "Talvez haja concorrido para o esquecimento de Canto e Melo a fraqueza de seus livros posteriores, *Relíquias da Memória* e *Recordações*, palavrosos e falsos" (1957, p. 140).

O valor e a importância dessas obras citadas pela crítica e ensaísta, as quais seriam relevantes no momento de sua publicação, em especial *Alma em delírio*, remeteria à riqueza de assuntos e detalhes referentes à sociedade brasileira ao final do século XIX, retratada no romance. As transformações constantes e vertiginosas pelas quais o Brasil passava constituíam os espaços e planos de fundo para a concepção do texto de Canto e Mello. Quanto aos romances que fecham o movimento Naturalista, Lúcia Miguel-Pereira declara, repetindo as afirmações de José Veríssimo: "proclamar-se naturalista já constituía um anacronismo em 1898. A pequena repercussão desses últimos[45] dá razão a Veríssimo" (MIGUEL-PEREIRA, 1957, p. 138).

Antes de dar continuidade, parece necessário resgatar aqui a noção de valor[46] a ser atribuída à prosa do escritor gaúcho. É preciso lembrar que há uma relativização em torno da questão valorativa que, por vezes, é mutável e historicamente transitória. Atribuir valoração a um texto e não a outro, também sustenta outras implicações, por desconsiderar um e não atribuir a ele valor literário, por exemplo. A questão da exclusão que ocorreu, e ainda ocorre, na formação do cânone literário, quando são deixados de lado bons escritores e textos eficientes, é um problema discutido já há certo tempo na crítica literária. Para atribuir valor a um texto *x*, são necessárias múltiplas concepções que, normalmente, decorrem da comparação com o texto *y*. Entende-se mais uma vez a ideia de modelo, mas agora em relação aos cânones[47], em que um romance como *O Cortiço*, por exemplo, é tomado como modelo exemplar do Naturalismo brasileiro, enquanto outros são negligenciados pela crítica e história literárias, que desconsideram, em algum grau, sua relevância, seu valor enquanto um *monumento literário*[48]. Finalizando, por hora, essa questão de valor, nos servimos dos esclarecimentos de Compagnon:

> Evidentemente, identificar a literatura com o valor literário (os grandes escritores) é, ao mesmo tempo, negar (de fato e de direito) o valor do resto dos romances, dramas e poemas, e, de modo mais geral, de outros gêneros de verso e de prosa. Todo julgamento de valor repousa num atestado de exclusão. Dizer que um texto é literário subentende sempre que um outro não é. O estreitamento institucional da literatura no século XIX ignora que, para aquele que lê, o que ele lê é sempre literatura, seja Proust ou uma fotonovela, e negligencia a complexidade dos níveis de literatura (como há níveis de língua) numa sociedade. A literatura, no sentido restrito, seria somente a literatura culta, não a popular. (COMPAGNON, 2010, p. 33).

[45] Referindo-se aos livros *O Urso* (1901), de Antônio de Oliveira, *Morbus* (1898), de Faria Neves Sobrinho, *A Luta* (1911), de Cármen Dolores e *Aves de Arribação* (1913), de Antônio Sales.
[46] Tratamos aqui do valor em relação aos títulos que hoje conhecemos como exemplares do Naturalismo brasileiro, resgatando, indissociavelmente, a ideia de formação de um cânone literário.
[47] O julgamento que se faz a partir da concepção de cânone literário é melhor averiguado no quinto capítulo deste trabalho.
[48] Conceito que Roland Barthes atribui à literatura, como um monumento de importante valor e pertinência no âmbito social (BARTHES, 2013).

Nesse mesmo sentido, ainda nos interessa o que diz Compagnon (2009) a respeito da literatura: um instrumento capaz de nos ensinar alguma coisa de verdadeiro. *Alma em delírio*, a exemplo, cumpre esse papel, por representar alguns aspectos pertinentes da sociedade brasileira na virada do século XIX para o século XX. Há, no romance, um aspecto estético a ser investigado levando em conta as manifestações políticas, históricas e sociais no espaço-tempo retratado; logo, uma representação do real, como definiu Compagnon. Se *Alma em delírio* constitui um texto marcado por abordagens significativas – principalmente em torno do alcoolismo, da loucura como era compreendida no século XIX, da implantação de sanatórios e do método de higienienização social – seu valor literário se estabelece, considerando o teor de verdade.

No rol de referenciações a Canto e Mello, o historiador Nelson Werneck Sodré rememora o escritor como integrante do grupo de retardatários que encerram o Naturalismo:

> Canto e Melo fecha, praticamente a seriação esporádica desses retardatários naturalistas, ou falsos naturalistas, e fecha com a observância, como em Faria Neves Sobrinho, dos rigores da escola. Se, em *Morbus*, surgia a velha história de uma tara que segue ao longo de gerações, por fatalidade inexorável, *Alma em delírio* e *Mana Silvéria*, os romances de Canto e Melo, repetem essa mesma destinação. São, entretanto, como o livro de Faria Neves Sobrinho, merecedores de reimpressão, porque não guardam apenas defeitos e esquemas. (SODRÉ, 1965, p. 197).

Mais uma vez são reforçados o valor e a importância atribuídos aos escritos do romancista, merecedores de reimpressão, por carregarem descrições e temáticas relevantes para o caráter literário e estético do movimento. Como Nelson Sodré ainda afirma, são livros injustiçados pelo tempo, pela negligência dos críticos que julgam *Alma em delírio* inferior e desvigoroso. Este critério, no entanto, não deveria ser levado em conta se comparado a outros títulos que alcançaram sucesso, mas que não apresentaram expressivos temas ou abordagens sociais, como fez Canto e Mello.

A nosso ver, *Alma em delírio* possui um traço único e exclusivo, principalmente em relação às temáticas exploradas, constituindo um texto relevante. Completamos essa ideia com as palavras de Sodré: "Se considerarmos que os piores livros de Aluísio Azevedo ultrapassaram já dez edições, e *A Carne*, de Júlio Ribeiro ultrapassou vinte edições, verificaremos a injustiça cometida com alguns desses autores e desses livros" (SODRÉ, 1965, p. 197). Assim, a produção do escritor gaúcho, mesmo que tardia, acabou sendo injustiçada pela crítica. Não menos importante, é preciso ressaltar que apesar de Canto e Mello ter se manifestado tardiamente como escritor naturalista, seu contato com a estética naturalista foi concomitantemente ao de outros autores seguidores do movimento.

Antonio Candido também menciona Canto e Mello em sua obra *Literatura e sociedade* (2006). O crítico, porém, o aponta como um exemplo de um Naturalismo decadente. Segundo ele, "No romance, o Naturalismo, desprovido da forte convicção determinista que animou um Aluísio Azevedo e um Adolfo Caminha, enlanguesce nas mãos de Emanuel Guimarães, Xavier Marques, Canto e Mello" (CANDIDO, 2006, p. 119). Contudo, mesmo com o atraso na publicação, o que provocou esse definhamento do romance de Canto e Mello, *Alma em delírio* ainda se apresenta como um exemplo de texto naturalista com um incisivo e categórico determinismo: o do meio histórico-social.

A menção mais favorável ao escritor dá-se por João Pinto da Silva, através de sua *História Literária do Rio Grande do Sul* (2013). Em pouco menos de duas páginas, o crítico tece considerações relevantes a respeito de Canto e Mello e de suas obras, em especial *Alma em delírio*. Segundo ele, as produções do romancista possuem um método único que se distancia da monotonia conhecida, por meio de personagens que encarnam temperamentos bizarros e dramáticos: "[...] as personagens, em geral, criaturas dolorosas, verdadeiras teses[49] ambulantes de psicologia mórbida, comunicam-se diretamente com o leitor, sob a forma de confissões, diálogos e ementários" (SILVA, 2013, p. 174).

Canto e Mello também foi referenciado por Claudio Bertolli Filho em *História social da tuberculose e do tuberculoso: 1900-1950* (2001), na qual elenca a presença da doença em textos literários. Afirmando que o escritor foi muito conhecido e lido, alcançando sucesso com seus textos moralistas, principalmente entre alunos adolescentes dos internatos religiosos, Bertolli Filho (2001, p. 107) destaca a composição do escritor, que sustenta em seu romance, assim como fez Émile Zola em suas obras, teorias da medicina da época, de modo a aproximar, mais uma vez, o texto do caráter experimental e verossímil:

> Canto e Mello incorporou a teoria médica segundo a qual a doença de Koch e a loucura eram patologias associadas, compondo o que ele próprio classificou como sendo um 'estudo psicológico'. Advogado de profissão, o escritor justificou o embasamento clínico de sua obra pelo fato de ter encontrado incentivo e orientação junto ao Dr. Franco da Rocha, diretor do então denominado Hospício dos Alienados do Juqueri, a quem o autor dedicou o livro.
> *Almas*[50] *em Delírio* foi anunciada como uma 'história verdadeira', tendo como personagem central um major do Exército, acobertado pelo pseudônimo de Rogério Duarte. (BERTOLLI FILHO, 2001, p. 107).

[49] Há uma conotação expressiva aqui ao se adotar a palavra *tese*. Atentando tratar-se de um romance experimental por natureza, considerando os conceitos de Émile Zola sobre o romance naturalista e os seus chamados e conhecidos "romances de tese", a produção de Canto e Mello aproxima-se ainda mais do método experimental zolista. Portanto, podemos afirmar que *Alma em delírio*, em específico, apresenta-se sob a forma de uma proposição (tese) a ser defendida, mediante circunstâncias da experimentação com relação ao alcoolismo e à loucura, assim como se processa a ciência.

[50] Incorreção feita pelo autor, o título original não é flexionado no plural.

O anúncio do romance como uma história verdadeira reforça mais uma vez os traços de realidade nele contidos, aproximando-o ainda mais do Naturalismo. O historiador arrola, ainda que nas entrelinhas, a questão da influência do meio social sobre o personagem Rogério Duarte, sendo ele mesmo, diante das situações adversas às quais foi submetido, responsável por suas atitudes social e moralmente errôneas, desencadeadas pelo alcoolismo e pela loucura consequente, tornando-o um infeliz, um decadente:

> Nessa trajetória, o major Rogério Duarte não foi apresentado como vítima de um casamento infeliz. [...] o personagem criado por Canto e Mello (1912:15) foi responsabilizado pelo 'inferno' em que se transformou sua vida, mensagem que desponta na introdução do 'depoimento' do frustrado herói militar: "Quando não tenha outro merecimento, servirá [o texto] ao menos de lição e de exemplo àqueles que sendo, como eu, talhados para o bem, se tornam, por sua culpa, enormemente desgraçados". (BERTOLLI FILHO, 2011, p. 108).

Por outro lado, convém destacar que, ao contrário da informação de Bertolli Filho a respeito da divulgação de Canto e Mello em internatos religiosos, na obra *Através dos romances: guia para as consciências* (1923), de frei Pedro Sinzig, o escritor e seus dois primeiros romances publicados encontram-se censurados pelo *guia*. Nesta obra, cuja função era indicar autores, títulos e leituras adequadas ou não ao público brasileiro (predominantemente católico), Canto e Mello aparece como um autor desconsolador e infame:

> CANTO E MELLO. – 3.634 – *Alma em delírio*. "Cui prodest?" perguntará o leitor sensato. Livro desconsolador. Algumas evocações da phantasia são inconvenientes.
> 3.635 – *Mana Silvéria*. É incrível que se encontre quem escreva e quem imprima semelhantes infamias. (SINZIG, 1923, p. 165).

Wilson Martins, em *História da Inteligência Brasileira* (1921), também retoma Canto e Mello em um de seus volumes, considerando-o, como outros estudiosos, um escritor atrasado. A crítica feita a ele, por outro lado, pode indicar certa ambiguidade por meio do termo utilizado para designar a atraso. Ao considerá-lo um escritor *retardado*, Wilson Martins, hipoteticamente, não só ressalva a ideia de anacronia, o fato de estar fora de seu tempo, mas também alude a uma característica pejorativa, dado ao fato de o autor estar preso às ideias naturalistas já nas primeira e segunda décadas do século XX, quase às vésperas do Modernismo que eclodiria. O feito contribuiu para seu esquecimento, suas narrativas foram apagadas pelo aparecimento de novos ideais, novas estéticas e manifestações que surgiram pouco tempo depois e foram abarcadas por novos escritos que alcançaram o público-leitor.

3.2 O romance *Alma em delírio*

O romance mais conferido de Canto e Mello foi *Alma em delírio*, cuja primeira publicação ocorreu no ano de 1909. A obra é narrada em primeira pessoa, sob a forma de confissões, notas de vida, as quais o protagonista Rogério Duarte – um tipo de narrador autodiegético que conta a história – entrega a um amigo, sob a condição de ele ficar responsável pela publicação das anotações, com a liberdade de reconfigurá-las conforme a necessidade. Essa informação é dada logo no prefácio do romance: Pedro, esse soldado conhecido de Rogério, é quem o escreve, contando a história de como conheceu Duarte e do pedido feito a ele para a publicação dessas notas[51]. O personagem Rogério assim diz, entregando os papeis:

> - "Agora... vou jogar a ultima cartada. Eu te conheço desde menino e, por isso, estou cérto de que farás o que te vou pedir:
> - "Escrevi, ha tempos, estas notas da minha vida. Vim concluil-as aqui, em tua casa..." E apresentou-me o rôlo de papéis.
> - "Posso morrer... Não tenho quem cuide de mim e, em taes condições, irão estas notas cair nas mãos de qualquer desconhecido, que nem sequer saberá compreender quanto de arrependimento, de vergonha, de remorso e de tristeza me inspiraram as linhas que aí deixei.
> - "Guarda isto. Si eu morrer, quando vires que mais ninguem se lembra do meu nome, quando vires que ninguém mais poderá, coordenando os factos, recordar-se de que possa ser eu o autor disso -- arranja tudo, dá-lhe a feição que quizeres e publica.
> - "Quando não tenha outro merecimento, servirá ao menos de lição e de exemplo àquelles que sendo, como eu, talhados para o bem, se tornam, por sua culpa, enormemente desgraçados".
> Aceitei o rolo de papeis e guardei-o.
> (MELLO, 1914, p. 18-19, grifos nossos).

Tempos depois, Pedro soube da morte de Rogério, no Rio de Janeiro, onde vivia:

> Alguns dias depois, de me haverem chegado estas informações, li n'*O Paiz* a seguinte notícia:
> "Victima de antigos padecimentos, faleceu na madrugada de hontem, no Hospital Militar do Castelo, onde se achava em tratamento, o major-reformado do Exercito, Rogério Duarte.
> [...]
> O enterro effectuou-se hontem mesmo, seguindo o côrpo para o cemitério do Cajú [Rio de Janeiro]". (MELLO, 1914, p. 27-28).

Cumprindo a incumbência recebida, recorreu, anos mais tarde, aos manuscritos para poder publicá-los:

[51] Portanto, toda referência e citação feita aqui em terceira pessoa, essencialmente em relação à vida de Rogério, diz respeito à fala de Pedro em seu prefácio, no intervalo de páginas 7-29, na segunda edição, com a qual trabalhamos nesta pesquisa. Para melhor ilustração e entendimento, o prefácio de *Alma em delírio* e a página final que encerra o romance, a qual retoma a voz narrativa de Pedro, podem ser encontrados no anexo O desta dissertação.

> E agora, que são decorridos cerca de onze annos, achei que devia desempenhar-me do compromisso tomado.
> Li e reli os manuscriptos. Passei-os a limpo, expurgando-os das emendas e borrões que continham.
> Completei vários trechos, onde encontrei períodos sem conclusão.
> Organizado tudo, remetti os originais para a typographia.
> Vieram as primeiras provas do que adiante se segue.
> E, para explicar a razão de ser em volume, é que escrevo estas linhas, á guiza de prefacio. (MELLO, 1914, p. 29).

Ainda no prefácio, há um dado interessante a respeito do enredo: Rogério Duarte é, na verdade, um pseudônimo atribuído por Pedro ao autor dos manuscritos, pois seu verdadeiro nome não poderia ser revelado[52]. Essa construção remete à ideia de que se trata de uma história verídica e que os fatos narrados constituem relatos transcritos da realidade, reforçando o caráter verossímil do romance. Esse efeito utilizado por Canto e Mello sustenta seu romance de cunho naturalista e experimental, aproximando o enredo à realidade situada num determinado período histórico-social, como será abordado ainda neste capítulo.

Esse efeito de real também é outorgado na designação do nome do próprio personagem Pedro, responsável pela publicação das notas de vida, logo, do romance: quando o autor atribui seu mesmo prenome ao personagem Pedro, também narrador e parcialmente escritor do romance, ocorre uma quebra entre os limites da ficção e da realidade, verificando-se, dessa forma, um recurso ao plano extratextual da verossimilhança. O leitor de *Alma em delírio* assimila a correspondência entre o imaginário e o senso do real, aceitando o tom verídico do romance, o que confirma, mais uma vez, o recurso realista projetado por Canto e Mello.

Retornando à narrativa, nas primeiras partes do romance, somos apresentados às primeiras anotações de Rogério Duarte, iniciadas por sua vivência por volta dos anos de 1874, momento histórico em que se deu a Revolta dos Muckers[53], rememorada por ele. Suas descrições são feitas a partir do tempo presente da escrita e de *flashbacks* aos quais ele recorre, principalmente, nos capítulos iniciais. A respeito do protagonista, era major a serviço do Exército Brasileiro e participou de algumas batalhas e conflitos, como indicado em sua nota de falecimento, lembrada por Pedro, no início:

---

[52] "O capitão, a que dou o nome de Rogério Duarte, mas cujo verdadeiro nome não devo declinar" (MELLO, 1914, p. 12-13).

[53] Também conhecida como Insubmissão dos Muckers ou Campanha do Morro dos Ferrabás, foi um conflito armado ocorrido entre 1872-1874, na colônia alemã de São Leopoldo (atual município de Sapiranga), no Rio Grande do Sul. Uma pequena comunidade religiosa de colonos imigrantes, sofria com a pobreza, o descaso e o abandono por parte do Estado. Neste cenário, movidos pelo casal João Jorge e Jacobina Maurer, de confissão anabatista, os conhecidos *muckers* tomaram força, não sendo as autoridades locais capazes de contê-los. Assim tropas militares foram enviadas ao local com o propósito de encerrar a revolta (DONATO, 1987, p. 156), o que provocou uma carnificina até hoje rememorada nos livros de História e na Literatura.

> "O finado, que pertencêra á arma de atilheria, era bacharel em mathematicas e fizera parte da Campanha do Paraguay. Era cavalleiro da Ordem de Christo, condecorado com medalha de mérito e bravura militar [...]. Desempenhou várias comissões importantes e, em todas elas, soube distinguir-se pelo seu alto preparo scientifico". (MELLO, 1914, p. 27-28).

Por ter servido ao exército e participado de batalhas, o soldado passou a desenvolver certa contemplação melancólica sobre a vida, como ele mesmo relata. Não o satisfazia sua ocupação, desejava encontrar a felicidade de alguma forma. No ímpeto dessa busca, Rogério conheceu Carolina, a que mais tarde seria sua "desventurada mulher" (MELLO, 1914, p. 73). A beleza da moça o atraiu a ponto de pedi-la em casamento, consumando a união dois meses depois. Nesse período, o soldado ainda habitava no Rio Grande do Sul, mais precisamente na cidade de Jaguarão, mas após o casamento mudaram-se para o Rio de Janeiro. Rogério era movido pela felicidade que tanto buscava e acreditava ter a encontrado em Carolina e no casamento:

> E, embriagado pela claridade feliz desse deslumbramento em que mergulhava minh'alma, cuidei que aquella mulher suspensa ao meu braço, tremula e commovida, era uma divindade mysteriosa que vinha, como prêmio do céu, encher de alegria e de paz a solidão da minha existencia, até então desconfortada e estéril. (MELLO, 1914, p. 78).

Entretanto, não tardou para que começasse a perceber que o casamento não traria o que tanto almejava, que seria uma "visão enganadora de um sonho" (MELLO, 1914, p. 82). Sua convivência matrimonial não era como a esperada por ele, tendo em vista as diferenças de interesses entre Rogério e Carolina. Enquanto a mulher, deslumbrante e vívida, desejava frequentar bailes e festejos sociais, maravilhada pela cidade do Rio de Janeiro, sede de eventos, concertos e teatros, ele, ao contrário, não se sentia bem no convívio social, desejava isolamento apenas na companhia de Carolina e da criada:

> Si havia qualquer festa ou uma simples diversão em casa de família das nossas relações, eu procurava pretextos para não ir, mas a minha mulher instava e íamos.
> Si não havia festa, ella queria sempre ir ao teatro ou aos concertos do Passeio Publico. Contrariado, eu ia acompanhá-la, para lhe fazer a vontade, mas <u>enjoado daquella existência de exhibição e de aparato, que me fatigava o corpo e me adoecia a alma</u>.
> [...]
> E eu que, pela minha índole, pelos meus hábitos e até pela minha edade, não podia adaptar-me áquelle genero de vida, <u>sentia no coração uma especie de agonia, de sobressalto e de medo</u> e ia, resignadamente, cedendo àqueles caprichos, reconhecendo assombrado que, sobre eles, já havia decorrido cerca de um anno.
> (MELLO, 1914, p. 86-87, grifos nossos).

Com isso, Rogério retorna à sua vida de melancolia e dá indícios de que a infelicidade o perseguirá constantemente: “Essa não era a companheira que eu sonhára para suavizar a minha existência e para encher o vazio que eu tinha trazendo dentro de mim” (MELLO, 1914, p. 87). Nota-se que ele mesmo tem conhecimento do vazio existencial que o persegue; posteriormente, ligará esse vazio à pregressa vida de soldado. Crescia gradualmente consigo a “sensação de vazio” (MELLO, 1914, p. 92) que teimava em existir, de forma desanimadora. Para ele, o casamento havia se tornado uma tortura. Nesse cotidiano depressivo e na tentativa de fugir de suas perturbações, Rogério passa a consumir bebida alcoólica; o primeiro contato com o álcool ocorreu de forma desenfreada: “Assentei-me a uma mesa, pedi conhaque e bebi, bebi, bebi...nem sei quanto” (MELLO, 1914, p. 116). A partir dessa experiência, a bebedeira de Rogério passa a ser constante e, inevitavelmente, torna-se um alcoólatra e doente, devido aos excessos.

Não tardou para que começasse a demonstrar surtos psicóticos e a vivenciar delírios de sua mente. Num primeiro momento, os delírios eram reconfortantes, cenas com sua esposa que provocavam um bem-estar momentâneo, seguidos, porém, de um mal-estar, prontamente passados os devaneios. Devido à doença, Rogério solicitou licença da corporação, para tratamento de seus problemas. Pensou em se mudar do Rio, pois acreditava que o local contribuía para suas enfermidades, mas foi contrariado por sua mulher, que se negava a deixar a cidade. A partir desse acontecimento, o soldado passa a desconfiar de Carolina, supondo que ela o traia e possivelmente não quisesse deixar o Rio para poder manter seus amantes.

As alucinações tornaram-se mais frequentes e intensas, deixando-o cada vez mais insone, perturbado, confuso e boêmio. Rogério passou a frequentar bares, botequins e outros locais onde a sujeira e a promiscuidade imperavam, pois, sua residência, agora, tinha se tornado um local intolerável:

> Entrava nos botequins frequentados por indivíduos de baixa condição: talvez ladrões, talvez assassinos.
> Havia também meretrizes, de caras patibulares, porejando syphilis e alcool.
> [...]
> Ellas, chegavam-se a mim, adulavam-me, para pedir que lhes pagasse mais isto ou aquilo.
> [...]
> Pedi conháque e bebi, dizendo comigo mesmo:
> - [...] pouco me importava que furtassem o dinheiro, as joias... Daria tudo por um pouco de somno!
> (MELLO, 1914, p. 142-144).

O soldado passa a ter uma vida desregrada, marcada pelo alcoolismo que produzia todos os efeitos negativos em sua vida, levando-o à degradação moral e social: de major respeitado a

frequentador de botequins paupérrimos, infames e sórdidos. A bebedeira e o vício continuavam em concomitância com noites de vigília. Para ele, para combatê-la era necessário o conhaque. O alcoolismo experienciado levou-o a ter uma vida cada vez mais doentia, o mal-estar e a insônia se agravavam:

> No desespero daquella afflicção, os olhos se me injectavam de sangue e via uma infinidade de sulcos luminosos percorrendo o espaço, formando círculos concêntricos. Outras vezes eram pontos negros que gyravam aos milhares, agrupando-se em fórmas estranhas.
> [...]
> E vinham ancias de vomito, desesperadoras e frequentes. Vinha a bílis, ascorosa e amarga, e alli, aos arrancos, aos urros, ficava eu sósinho, forcejando para expellir o que não existia. (MELLO, 1914, p. 151-152).

E os delírios se acentuavam ainda mais, deixando sua mente em desordem e fazendo-o lembrar dos tempos de guerra, de passagens de horror, dos tremores e ruídos das batalhas, que o frustraram no passado e retornavam com o alcoolismo, com os goles de conhaque e as noites de insônia. A presença figurativa do som é o que mais demonstra sua perturbação, deixando-o cada vez mais louco. Por vezes, atribuía esses delírios aos remédios que tomava, receitados pelo seu médico, o "Dr. F..."[54], acreditando que este prescrevia em coautoria de Carolina, com o intento de o assassinarem e ficarem juntos. Essa passagem representa mais um de seus delírios que culminava no ciúme excessivo.

As lembranças involuntárias dos campos de batalhas são descritas em múltiplos pontos do romance, mas destacamos aqui a mais notória, justamente uma batalha importante da Guerra do Paraguai[55], na qual Rogério tinha participado:

> Depois, <u>comecei a ouvir outras cornetas e outros clarins, cujos sons pareciam vir de mais longe e acompanhados pelo rufar de tambores, numa cadencia precipitada, como na hora de um grande, de um extraordinario perigo</u>.
> Fiquei a escutal-os e a lembrar onde e quando os tinha ouvido.
> Todos tocavam a rebate e os sons chegavam amortecidos mas nítidos.
> Debalde me esforçava para reconhecer aquelles sons...
> Depois de grande esforço, clareou-se-me a memoria. Reconheci os sons das cornetas e dos clarins e dos tambores... <u>Era na guerra contra o Paraguay</u>. O acampamento estava em silencio. Por alta noite as sentinellas deram alarma. O inimigo procurava entrar no nosso acampamento, violando as leis da guerra [...].
> O grito de alarma vôou das sentinellas perdidas aos postos avançados. Dahi extendeu-se pelo acampamento, onde, por todos os lados, as cornetas e clarins e tambores atiraram pelos ares o toque de rebate.

[54] Nota-se mais uma vez a omissão de nome na tentativa de tornar o enredo verídico.
[55] Conflito militar travado entre o Paraguai e a Tríplice Aliança, constituída pelo Uruguai, Argentina e Brasil, ocorrido entre 1864 e 1870, irrompido, entre outros interesses, em razão da navegação pela bacia do Prata. A força militar da Aliança fez com que o exército paraguaio recuasse, porém, a guerra só teve fim após a captura e morte do ditador paraguaio Francisco Solano Lopez (DONATO, 1987, p. 150-151), feito almejado por D. Pedro II.

> Os sons daquelle toque sinistro, despertando a soldadesca para a carnificina, para a luta corpo a corpo, no silêncio e no escuro da noite sem estrellas, chegavam de novo aos meus ouvidos, nítidos e claros!...
> Como pôde tomar vulto dentro do meu cérebro essa lembrança do passado que eu não evoquei?
> Seria possivel que eu fosse ficando louco?!
> (MELLO, 1914, p. 179-181, grifos nossos).

Os sons e as alucinações continuavam a persegui-lo; Rogério acabou sendo reformado logo em seguida. A sensação de vazio já vivenciada por ele se intensifica após o comunicado da reforma, deixando-o perdido, sem amparo ou vontades, contribuindo também para o agravamento de seu vício. Nesse momento, o ex-soldado reconhece que o alcoolismo está intimamente ligado às suas alucinações: "Compreendia nitidamente que estava cavando minha desgraça. Via com toda a clareza que, a cada dia de excessos, deveria corresponder, infalivelmente, uma noite de alucinações e de insônia" (MELLO, 1914, p. 210), mas insiste no vício como forma de suportar seus sofrimentos.

O nível dos delírios aumentava. Acreditando cada dia mais na possível relação entre a mulher e o médico, planeja matá-los e, para isto, toma posse de suas garruchas do tempo de guerra. Calculista, planeja, além da morte dos dois, a sua também: "Primeiro elle... depois ella... depois eu!..." (MELLO, 1914, p. 263). Essa ideia persiste em cenas seguintes, até transformar-se em ação. Contudo, na tentativa de assassinato do médico, Rogério, confuso, atormentado pelas alucinações, atira contra um espelho que refletia o doutor, não o atingindo. Em decorrência deste ato alucinado, Rogério é tomado por um surto violento, caindo desfalecido, acordando pouco depois, já aprisionado em um carro.

Nesta cena, é possível notar a agressividade apresentada por ele, quando aprisionado. O sujeito calmo, sereno e melancólico já não mais existia, dando lugar a um ser animalizado, que se defendia por dentadas. Rogério estava sendo levado ao hospício, como mostra a passagem seguinte:

> Desci. Ao saltar na rua, os dois homens que tinham descido primeiro, colocaram-se aos meus lados, tomando-me os braços. Olhei em torno. Ia escurecendo.
> [...]
> Conheci o lugar... Era o Hospicio!... Eu ia para o Hospicio!
> Quiz resistir. Quiz utilizar-me dos pés e das pernas para affastar aquella gente. Mas as minhas pernas estavam trôpegas e edemaciadas...
> [...]
> Acudiram empregados do Hospicio e lá segui eu, carregado em braços, como um paralytico.
> (MELLO, 1914, p. 283-284).

Foi internado devido aos excessos decorrentes das crises. Na casa de alienados esteve, segundo ele, por cerca de dois meses. Não houve testemunho e descrições a respeito de sua vivência, o personagem apenas menciona que, enquanto paciente, esteve sob um tratamento rigoroso, mas eficaz, pois saiu em seguida, aparentemente curado de sua loucura, do vício e da hemoptise[56], também adquirida em decorrência do alcoolismo e do cigarro que passou a fumar no ímpeto de seus surtos. Quando teve alta, soube que Carolina havia morrido de pneumonia. Desolado e receoso, voltou para sua casa, carregando em si remorsos e vergonha de tudo o que acontecera. A criada, Júlia, o esperava e lhe contou das enfermidades da esposa até a sua morte. Rogério decidiu mudar-se para Campos do Jordão, no estado de São Paulo, devido à sua doença e por indicação de um médico, pois sua hemoptise havia regredido. Seguindo o conselho, logo se transferiu para a nova cidade, mas ainda triste, refletindo sobre a vida que tinha levado:

> A minha missão no mundo estava cumprida.
> [...]
> Chegava ao fim da vida levando apenas em minh'alma -- ruinas de esperanças.
> A mim, não era dado nem o triste consolo de viver de recordações...
> - Que existencia inutil, a minha!
> Rogério Duarte, como tu foste infeliz!...
> (MELLO, 1914, p. 310-311).

Tomado por suas lembranças, Rogério, cheio de remorso, se despede de onde viveu por tempos, infeliz e melancólico. Na cidade para onde se refugiou, segundo seu amigo Pedro, teve outra crise, mas foi tratado. Pouco tempo depois, voltou ao Rio de Janeiro, com o intento de buscar o restante de seus pertences, entretanto "o enfermo tivéra uma recahida violentissima" (MELLO, 1914, p. 26-27) que o levou à morte, devido à doença; já estava tuberculoso. E este foi o fim de Rogério Duarte. Ao final do romance, Pedro, o suposto editor das notas pessoais de Rogério, retoma a palavra, concluindo-o: "O manuscripto terminava ahi. Está cumprida a minha missão" (MELLO, 1914, p. 311). E assim se encerra o romance.

3.2.1 O Naturalismo em *Alma em delírio*

As marcas naturalistas no romance de Canto e Mello estão presentes de forma explícita e implícita. O processo de experimentação construído pelo romancista assemelha-se ao de *L'Assommoir*, em que temos um sujeito tomado pela loucura e levado à degradação moral e

[56] Doença caracterizada pela tosse juntamente da expectoração de sangue, com escarro ou não, proveniente dos pulmões, brônquios ou traqueia. No início do século XX, a hemoptise era um sintoma da tuberculose pulmonar avançada.

social devido ao alcoolismo experienciado; um vício, num primeiro momento, entendido como uma forma de redenção, mas que em pouco tempo é responsável por sua decadência e, inevitavelmente, sua morte.

O ponto-chave, principal, que leva Rogério Duarte ao alcoolismo é o determinismo do meio, histórico e social, no qual o soldado estava inserido. É importante resgatar aqui a ideia de Zola referente ao papel do meio sobre o indivíduo – personagem – como um fator preponderante da experimentação: "A personagem se tornou um produto do ar e do solo [...]; é a concepção científica. [...] estamos no estudo exato do meio, na constatação dos estudos do mundo exterior que correspondem aos estudos interiores dos personagens" (ZOLA, 1995, p. 44). A mesma linha de pensamento é encontrada nas obras de Canto e Mello, como assegura João Pinto da Silva, cujos personagens, de maneira geral, lembram "escorchados morais, de hiperaguda sensibilidade; sobre a carne deles, o simples contato com o ar e com o sol parece gerar indizível sofrimento, como ocorre a certos heróis fantásticos de Poe[57]" (SILVA, 2013, p. 175). Por esse ângulo, como ocorre no romance analisado, o protagonista – produto do ar, do solo, do sol – sofre a íntegra influência do meio sobre seu comportamento e atuações, cujas consequências são o sofrimento, a dor moral e as desgraças, resultantes de sua performance nesse meio adverso.

Alma em delírio retoma um período de tempo que transcorre entre as ocasiões de guerra e o cenário político e social do pós-guerra, durante o qual o personagem sofre com as lembranças e sequelas psicológicas deixadas após o serviço no Exército. Se Rogério entregou-se ao álcool como uma forma de tolerar seus sofrimentos e angústias, foi em razão das consequências dos tempos de guerra e do sentimento de solidão e vazio deixados após as batalhas. Ao contrário de Zola, que representa a classe operária, com tendência ao alcoolismo, Canto e Mello faz isso com a corporação militar, essa também desamparada pelo Estado. Em alguns momentos do romance, inclusive, é possível encontrar tênues críticas ao Exército, considerado o responsável por dissipar a carnificina e contribuir para o mal-estar tanto do soldado quanto da sociedade em geral. O soldado Duarte lembra o episódio do assassinato de uma inocente criança pelo batalhão, durante uma investida, e revela a tragédia das batalhas:

> Depois, [o pai da criança] olhando para mim, que alli estava fardado, disse, num tom de ódio, de censura e carregando muito ódio nos *rr*:

[57] Essa afinidade com os heróis fantásticos de Edgar Allan Poe, alulida por João Pinto da Silva, pode ser entendida à medida das alucinações do personagem Rogério Duarte. Em determinadas passagens específicas, em seus delírios Rogério vê-se diante de espectros, vultos e sombras indistinguíveis a ele, provocando pânico e amedrontamento, resultados de sua loucura sob o olhar científico do Naturalismo (razão natural), porém, sob o olhar do fantástico, aproxima-se do sobrenatural.

> - Veja, senhor, o que fizeram!... Mataram minha filha, que não tinha culpa de nada!... Assassinos! Ladrões!
> E começou a soluçar, debruçado sobre o caixão.
> Aquella queixa era contra o Exército inteiro, representado alli pela minha farda...
> Aquella queixa ia direita ao meu coração, porque essa criança fôra victima do estrago causado por uma bala de canhão e o artilheiro tinha sido eu.
> Era minha victima.
> O assassino era eu e aquele pai tinha razão...
> Retirei-me dalli, cabisbaixo e humilhado.
> Aquellas palavras me fustigavam, como si fossem vergastadas no rosto
> (MELLO, 1914, p. 61).

O sentimento de Rogério após o acontecido confirma sua melancolia e seu vazio, que mais tarde o levariam ao vício. O meio militar ao qual pertencia corroborou para sua decadência; o mesmo ocorreu com seus colegas de farda, os quais ele rememora ao fim da vida:

> Da gente do meu tempo, poucos deveriam restar. Os homens válidos, tinham seguido commigo para a guerra. Muitos tinham morrido em combates ou dizimados pelas febres e os que voltaram, esses andavam espalhados, quem sabe por onde? (MELLO, 1914, p. 304).

É importante situar também o período histórico durante o qual o protagonista encontrava-se casado e habitando na cidade do Rio de Janeiro, época da Corte brasileira sob o reinado de Pedro II. Não há uma data precisa mencionada no romance, mas compreende-se que os fatos narrados ocorreram poucos anos depois da Guerra do Paraguai, findada em 1870, e da Revolta dos Muckers, 1874. Entende-se também que o fim da vida do protagonista ocorreu subsequente aos anos de 1885, quando Rogério encontra Pedro, para entregar-lhe os manuscritos. Portanto, o período de tempo que corresponde à trajetória de Rogério Duarte é assinalado por profundas mudanças no cenário social do Brasil, principalmente no âmbito político, demarcado por conflitos armados, a crise do Império e logo em seguida a sua queda, em 1889, através do golpe de estado, instituindo-se a República. No romance, é lembrada a época do Imperador nas referências aos interesses de Carolina pela cidade do Rio de Janeiro:

> [...] sahindo daquelle meio [a longínqua cidade do Rio Grande do Sul] e vindo para *a Côrte* – os seus admiradores haviam de contar-se aos milhares.
> Com certeza pensára, lá naquella cidadesinha de fronteira, que a *Corte* era um paraiso de festas e de bailes, onde as mulheres bonitas, como ella julgava ser, tinham fatalmente de se impôr e de receber homenagens como princezas.
> Naturalmente sonhára em frequentar os bailes do Cassino, onde ia o Imperador, onde iam os Ministros, onde iam os diplomatas estrangeiros [...].
> (MELLO, 1914, p. 94-95).

Assim como fez Émile Zola em *L'Assommoir,* ao situar a história de Gervaise e da família Coupeau no decurso do Segundo Império francês, em *Alma em delírio* temos a

construção de Canto e Mello situada no espaço-tempo do Segundo Império de Pedro II, durante a crise em que se encontrava a monarquia e que se refletia sobre população ao final do século XIX. O determinismo do meio, preceito naturalista e experimental, foi fundamental para as condutas e ações do protagonista do romance. Rogério Duarte é o representante de uma classe específica em foco no período abordado, da mesma maneira como foi representada a classe operária pelo romancista francês em *L'Assommoir*.

A influência do meio, da cidade do Rio de Janeiro, igualmente é notória: Rogério teria sucumbido também em razão do ambiente conturbado e dinâmico da cidade, o qual contribuiu para sua doença e decadência. No mesmo sentido, posiciona-se o conselho do médico incentivando-o a recolher-se a uma pequena cidade, salubre, ao contrário da localidade carioca: "[...] o seu estado é melindroso e precisa, quanto antes, retirar-se daqui. - Vá para os Campos do Jordão. É um logar muito salubre" (MELLO, 1914, p. 307-308). Isso se deve – demonstrando mais uma vez teses científicas com as quais Canto e Mello construiu sua experimentação – porque a partir de finais do século XIX até a primeira metade do século XX, no Brasil, discutiam-se os estudos referentes à climatoterapia, tratamento no qual o clima (com temperaturas amenas, boa qualidade do ar, correta umidade relativa do ar etc.) era considerado como principal meio de profilaxia e de cura de doenças, principalmente da tuberculose, enfermidade que também acometeu o soldado Duarte.

O médico Clemente Ferreira, em seus estudos e pesquisas, foi um dos pioneiros a apontar a cidade de Campos do Jordão como um local com clima de qualidade e propício para o tratamento das doenças pulmonares. Em 1957, no Congresso de Climatologia ocorrido em Paris, a cidade brasileira foi apresentada como a que apresentava o melhor clima do mundo, para a terapia contra a tísica (SILVA; PRINCE, 2018). Mario de Sampaio Ferraz rememora o trabalho de Clemente Ferreira, *Campos do Jordão: Breves apontamentos sobre a climatologia brasileira*, a respeito da "Suíça brasileira", como era conhecida a cidade:

> O clima de Campos do Jordão cujo poder tonico e reconstituinte, de ação enérgica e reformadora, tem sido eloquentemente attestado por differentes doentes dystrophicos e affectados de phymatose incipiente, offerece igualmente vantagens maravilhosas aos indivíduos já cavitários, em estado confirmado de escavação pulmonar. Está claro que não são os 1.500 metros de altitude que fazem de Campos do Jordão um clima ideal. É preciso cifras hygrometricas pouco elevadas, isto é, pouca humidade, porque esta provoca irritações phlegmasicas desconhecidas, segundo Heidenhain, nos climas secos. (FERREIRA, 1909, apud FERRAZ, 1940, p. 117).

O neurologista francês Henri Huchard também considerava o meio geográfico fator predominante para o sujeito e, para ele, Campos do Jordão apresentava um meio terapêutico,

devido ao clima, propício para a cura de determinadas doenças. Para Huchard, em Campos verificavam-se todas qualidades reunidas, essenciais para a cura – em especial, da tuberculose – como estabilidade térmica, barométrica e higrométrica; além de solo permeável e arborização de pinheiros. Tais características climáticas e geográficas proporcionavam a multiplicação de glóbulos vermelhos nos residentes da cidade, contribuindo, assim, para a cura de certas doenças (HUCHARD, 1910, p. 12, apud SILVA; PRINCE, 2018, p. 1).

Para a medicina do período, nacional e internacional, o ambiente provocava influência sobre o indivíduo, tanto terapêutica quanto regressiva. Em conformidade com esta teoria, da mesma forma que o exílio de Duarte na pacata e estável Campos do Jordão lhe fizera bem, o retorno ao dinamismo do Rio o fez recair mais uma vez, avançando o estágio de suas doenças. Nas palavras de Pedro:

> Previ que o enfermo, encontrando-se de novo no Rio de Janeiro, de posse das avultadas economias que forçadamente deveria ter feito, iria cahir outra vez nos desregramentos que o levaram á beira da sepultura.
> E foi o que se deu.
> Pessôas a quem escrevi, pedindo notícias, confirmaram as minhas previsões.
> O enfermo tivéra uma recaída violentissima.
> (MELLO, 1914, p. 26-27).

Em outra passagem, Rogério recorda sua terra natal, tranquila e serena, em contraste àquela em que agora habitava, a turbulenta Rio de Janeiro. Nesta construção, o autor reforça, assim, a influência do meio sobre a vida do personagem,

> O quintal da casa que occupavamos dava para terrenos do matadouro que alli havia e para onde, desde pela madrugada, vinham chegando milhares de córvos.
> [...]
> Que differença para peior!
> Noutros tempos, nas águas tranquillas do Rio Grande, via milhares de arminhos, alvos como paina. E não era feliz porque corria atraz de uma esperança e de um sonho.
> Agora tinha diante dos meus olhos a hediondez daqueles convivas negros da podridão e da morte, e tambem não era feliz, justamente porque tinha alcançado a esperança fugitiva e porque via tornado em realidade o sonho sonhado.
> Que differença para peior!...
> (MELLO, 1914, p. 100-101).

Influência essa, ainda atrelada às correntes científicas brasileiras do século XIX, ambiente temporal do romance:

> Quando o Dr. Torres Homem publicou a síntese dos cursos que havia ministrado nas duas décadas anteriores, o médico enfatizou que nunca a tuberculose havia feito tantas vítimas no território brasileiro quanto naquele período, declarando ainda que a Peste Branca se transformara no principal flagelo sanitário que ameaçava os habitantes da capital do Império [Rio de Janeiro]. (BERTOLLI FILHO, 2001, p. 59).

Com isto, ainda conforme Bertolli Filho (2001, p. 59), a comunidade de medicina buscou fundamento teórico e apoio em demais doutrinas, vigentes do período, para justificar e evidenciar que o clima quente e úmido, assim como as transformações sociais, da cidade do Rio de Janeiro, corroboravam para os efeitos de hereditariedade genética, do alcoolismo e da proliferação da tuberculose – como ocorreu com o protagonista de *Alma em delírio*.

Dando continuidade à presença naturalista no romance de Canto e Mello, figura também o discurso fisiológico e filosófico de Rogério, presente no capítulo XVII, no qual ele trata da construção moral e social do indivíduo, ora modificada por "cataclismos". Entende-se, a partir de suas colocações, que estes cataclismos seriam as influências (determinismos) internas e externas responsáveis por aflorar as condutas positivas ou negativas do homem. Seu discurso assemelha-se ao de Zola, quando da defesa do romance experimental, sustentado em teorias científicas, da sociologia e das chamadas ciências naturais:

> Muita razão tinha quem disse que a creatura humana é um microcosmo, ou um mundo em um ponto pequeno.
> Dentro do nosso ser dão-se cataclysmos que o subvertem e modificam, como os terremotos subvertem e modificam a superficie da terra.
> Ha, no intimo de cada um de nós, mysterios inexplorados e inexploraveis, que, se manifestam um dia, será para verdadeiro assombro daquele que os carrega.
> Vai passando despercebido pela vida do indivíduo. Ninguem lhe presta atenção, ninguem lhe nóta cousa alguma que não seja commum a todos os individuos.
> De súbito, chegado um cérto momento, dada uma cérta circumstancia, aquele tipo vulgar transforma-se, imprevistamente, num heróe ou num réprobo.
> Tanto se póde ser um assassino ou um ladrão, como se póde ser um martyr, depende isso, apenas, de coincidir cérto fato com a vibração de cérta fibra, que até então nunca vibrára.
> (MELLO, 1914, p. 103-104, grifos nossos).

Logo, é possível notar a presença implícita de Zola nas entrelinhas do romance de Canto e Mello. Tomando, conforme concebe o romancista francês, as contribuições teóricas associadas às características estéticas do Naturalismo, também encontramos em *Alma em delírio* passagens onde há uma zoomorfização, em que personagens são comparados a animais em decorrência de sua conduta vulgar, *animalizada*; também usou este procedimento Aluísio Azevedo n'*O Cortiço*.

> Ai! O toque de carga é o signal da carnificina... é o mensageiro do desespero e ancia, na luta braço a braço peito a peito, em que homens, dominados pelo instincto da conservação, se atacam, se devoram e se exterminam barbaramente, sem misericordia, como féras acossadas, que tem de matar ou morrer!...
> (MELLO, 1914, p. 57, grifos nossos).

> [...] segui para o Passeio Público [...] acompanhado de uma alcatéa de mulheres da vida airada, como tinha planejado.
> (MELLO, 1914, p. 163, grifo nosso).

Uma cena também evoca descrições da sujeira e da podridão tanto d'*O Cortiço* quanto da pensão onde vivia a família Coupeau, no bairro *Goutte-D'Or*, de *L'Assommoir*. Esta ocorre quando Rogério, no início de sua bebedeira, começa a se tornar um sujeito ordinário e espurco:

> Ouvi a voz de minha mulher que dizia á criada:
> - Julia, vai limpar aquillo, que aquelle porco fez lá dentro!
> Olhei, para vêr o que era.
> A escarradeira estava coberta de vômito e o chão, em torno, completamente sujo.
> Um raio de sól dava sobre aquella immundicie, onde se amontoavam moscas.
> Sentia dentro do gabinete um cheiro azêdo e o meu casaco e collete estavam sujos.
> (MELLO, 1914, p. 118).

Em outra cena vivenciada e descrita pelo protagonista do romance, é possível recuperar o episódio de rebaixamento e de violência descrito em *L'Assommoir*, notadamente na passagem em que a lavadeira Gervaise entra numa luta corporal obscena com Virginie[58]. No caso de *Alma em delírio*, trata-se de duas mulheres que desembarcavam juntamente com o restante de um batalhão que chegava ao Rio Grande do Sul, "gente escolhida, restos ainda da campanha do Paraguai" (MELLO, 1914, p. 40). Apresenta-se, também no trecho, a histeria feminina, retratada por Zola e outros escritores do Naturalismo que acreditavam neste tema, comumente expresso no século XIX[59]:

> Emquanto foram os homens que desembarcaram, tudo ocorreu em ordem e sem novidade.
> Quando chegou a vez das mulheres, foi a confusão e o motim [...].
> Duas, que desembarcaram por ultimo, vinham discutindo ácerca do desapparecimento de uns brincos azues.
> - Tu me roubaste os brincos, safada!
> - Safada és tú, ouviste?
> - Olha que te arranco essa gafurinha!
> - Arranca, lambisgoia, arranca!
> - E é já!...
> Uma atirou-se á outra, agarrando-a pelos cabellos. A aggredida metteu as mãos, de dedos crispados, pela cara da aggressora e ambas rolaram por terra, com as pernas nuas...
> Intervieram transeuntes. Esgueram'nas. Uma tinha o queixo mordido, a outra tinha nas faces duas unhadas, de onde escorria sangue...

---

[58] Como descrita no subcapítulo **2.2.1 *L'Assommoir*, romance de Zola** desta, intervalo de páginas 42-43.

[59] Michel Foucault destaca a histeria entendida no período como a natureza ardorosa feminina: "Muito frequentemente, a histeria foi entendida como o efeito de um calor interno que espalha através do corpo uma efervescência, uma ebulição ininterruptamente manifestada por convulsões e espasmos. Esse calor não será parente do ardor amoroso ao qual a histeria é tão frequentemente associada, nas moças à procura de marido e nas jovens viúvas que perderam o seu? A histeria é ardorosa por natureza; [...] as mulheres se veem mais frequentemente desvairadas pelo amor do que os homens" (FOUCAULT, 1978, p. 310).

(MELLO, 1914, p. 40-41).

Agora, com relação ao foco narrativo do romance naturalista, tendo em vista as constatações de Zola, no romance experimental o narrador cientista manifesta-se majoritariamente em terceira pessoa – heterodiegético – e relata um caso com certo distanciamento e imparcialidade. Contudo, no romance de Canto de Mello, apesar de seu foco narrativo dar-se por um narrador autodiegético[60], o texto do escritor brasileiro ainda se apresenta naturalista por lançar mão de uma forma particular da narração naturalista. Temos, em *Alma em delírio*, uma narrativa na qual encontramos apenas a voz do personagem principal, distanciado do autor, que se apaga nessa construção: "[...] é com intenso interesse que lhes escutamos a narrativa autobiográfica dos episódios e incidentes, dos dramas e tragédias em que se envolvem fazendo-nos olvidar o romancista, que habilmente se apaga por detrás delas" (SILVA, 2013, p. 174).

Para entendermos melhor essa técnica, nos sustentamos nas considerações de Arrigucci Júnior (1998), o qual reforça que a escolha da técnica de narração tem relação direta e intrínseca também à escolha do tema: o tema está articulado com a técnica do foco narrativo, a fim de fazer crer o leitor. Isso pode ser observado no romance de Canto e Mello, uma vez que, com essa estruturação, o autor torna-se distante e ideologicamente neutro e imparcial, conforme as premissas naturalistas. Assim, o gesto produtor da mensagem se apaga, substancializando o *projeto realista* esboçado por Philippe Hamon (1982, p. 133). O leitor, por sua vez, concentra-se somente nas ações e efeitos dos tipos apresentados, ou seja, apenas nos estímulos e resultados da experimentação naturalista, por assim dizer, crendo na veracidade das informações apresentadas – outra premissa realista lembrada por Hamon (1982, p. 133).

Os professores Carlos Reis e Ana Cristina Lopes (1988) enfatizam essa relação intrínseca entre a narração autodiegética e a experiência construída num enredo, tal qual de *Alma em delírio*, como um elo capaz de girar a instância do conhecimento absoluto dos assuntos expressos na narrativa:

> Privilegiando a *imagem da personagem*, o narrador reconstitui artificialmente o tempo da experiência, os ritmos em que ela decorreu e as atitudes cognitivas que a regeram, ao mesmo tempo que abdica da prematura revelação de eventos posteriores a esse tempo da experiência em decurso: "Ao iniciar a história, o narrador detém um

[60] Entende-se como um narrador autodiegético, conforme os estudos preliminares propostos por Gérard Genette (1972, apud REIS; LOPES, 1988, p. 118) sobre narratologia, uma entidade responsável por uma atitude narrativa específica, relatando suas próprias experiências como personagem central da história, protagonista. Ou seja, esse tipo narrativo é responsável por conduzir a perspectiva narrativa a partir do plano da experiência – experimental, se levarmos em conta a teoria naturalista.

> conhecimento absoluto dos assuntos, mas os revela gradualmente e não de uma vez" (Glowinski, 1977: 105). (REIS; LOPES, 1988, p. 119, grifo dos autores).

Levando em conta esse pressuposto narrativo, o narrador de *Alma em delírio* sustenta conhecimento absoluto sobre sua experiência de vida, logo, sobre os assuntos circundantes a esta experiência, como as manifestações da loucura e do alcoolismo, sendo fontes verídicas e historiográficas de sua vivência. Assegura-se, desse modo, o caráter real e experimental do romance naturalista, que preza pela demonstração verdadeira, como definiu Zola (1979). As notas de vidas – ou diário – de Rogério Duarte, tornam-se assim comprovações, provas de vida, da experiência enquanto soldado, alcoólatra e louco e, para essa afirmação podemos levar em conta também a concepção de *diário*, de Philippe Lejeune (2008, p. 260), como uma "série de vestígios", os quais retomam a instância do tangível.

De fato, essa abordagem do escritor, cujo foco narrativo é em primeira pessoa, poderia se aproximar do subjetivismo demarcado no Romantismo, em que há uma perspectiva própria dos personagens, transmitindo à narrativa impressões pessoais. Entretanto, como já apontado, a construção feita por Canto e Mello também faz girar a imparcialidade do autor, que demonstra na prática, por meio de uma história supostamente factual, de um sujeito presumivelmente real e com provas verdadeiras (notas de vida), as teorias do alcoolismo e da loucura decorrente e elementos historiográficos. Temos, então, um narrador em primeira pessoa, ou uma *tese ambulante* (SILVA, 2013, p. 174), que esconde em suas palavras o discurso de terceira, o do narrador experimentador, que se isenta nesta construção e, dessa forma, traduz ao romance uma maior objetividade naturalista. É ainda preciso levar em conta que o romance é uma confissão dos estados de alma; esta, por sua vez, só se faz possível no discurso em primeira pessoa – deslocada, neste caso.

Reforçando ainda a diferenciação entre a estética romântica e a naturalista em relação ao foco narrativo, é possível nos sustentarmos novamente nas contribuições de Carlos Reis e Ana Cristina (1988, p. 200), os quais ressaltam: enquanto no Romantismo a construção diegética ocorre em função de destinos individuais e pessoais dos personagens da narrativa, no Naturalismo a diegese se faz em atenção a uma *composição fechada* que demonstra uma tese social e uma *fatia de vida*, reivindicando, dessa maneira, a objetividade. Na composição narrativa de um romance neo-realista – mas também naturalista e experimental – "a diegese estrutura-se em função da dinâmica dialética de um tempo com fortes incidências sociais e histórico-econômicas" (REIS; LOPES, 1988, p. 200); assim, *Alma em delírio* assegura outra vez seu caráter naturalista, ainda que seja autodiegético, por apresentar incidências sociais e históricas, ou melhor dizendo, teses sociais.

Outra peça-chave da vertente do Naturalismo presente no romance, que assegura o cientificismo da obra, é a dedicatória trazida por Canto e Mello. Abordando, a princípio, as temáticas do alcoolismo e da loucura, o autor de *Alma em delírio* faz uma construção paratextual em seu romance, garantindo-lhe legitimação como texto naturalista e experimental. Dessa forma, o romancista ostenta, em sua obra, uma dedicatória conveniente a seus interesses de publicação e de influência literária.

Dos elementos que constituem as margens do texto (paratextos), a dedicatória é a mais significativa para o enredo de *Alma em delírio*. Mais do que uma inocente informação, ela se encarrega de uma função pragmática, indicando algo relevante para o contexto e para o próprio texto, embasando-o, oferecendo uma chave de leitura. Assim dito, Canto e Mello dedica seu romance ao Dr. Franco da Rocha[61], psiquiatra e também diretor do Hospital Psiquiátrico de Juqueri, à época da publicação:

> Ao illustre psychiatra brazileiro
> Dr. Franco da Rocha
> Director do Hospicio de Alienados de Juquery
> (S. Paulo – Brasil)
> O. D. e C.
> PEDRO DE CASTRO DO CANTO E MELLO
> S. Paulo – Abril – 1909.
> (MELLO, 1914, p. 5).

Considerando os estudos de Gérard Genette, em *Paratextos Editoriais* (2009), a dedicatória tem o papel principal de homenagem e também de proteção à obra, notadamente na época clássica. A esse paratexto, além de classificá-lo como uma mostra de uma relação existente entre autor e dedicatário, Genette dá a característica de ostentação:

> A dedicatória de obra sempre depende da demonstração, da ostentação, da exibição: mostra uma relação intelectual ou privada, real ou simbólica, e essa mostra está sempre a serviço da obra, como argumento de valorização ou tema de comentário (evidentemente, não indiferente, no plano temático [...]). (GENETTE, 2009, p. 123-124).

A escolha da dedicatória traz uma significação substancial ao texto, de modo que é, nesse caso, pertinente à obra: a relação estabelecida está no eixo temático em torno da loucura

[61] Francisco Franco da Rocha (1864-1933), foi fundador e idealizador do Hospital Psiquiátrico de Juqueri, fundado em 1898, o primeiro de São Paulo, para tratamento dos distúrbios psicológicos enfrentados pela população. Foi um dos pioneiros, também, na implantação da psicanálise no Brasil e defensor da eugenia, que acreditava no aperfeiçoamento da raça. O hospício dirigido por ele era organizado como uma espécie de colônia agrícola.

e, o fato do dedicatário ser um psiquiatra, com certa representatividade, constitui uma relação intrínseca de ordem pública e intelectual entre o psiquiatra, a temática abordada e o texto.

Da relação existente entre a dedicatória apresentada em *Alma em delírio* e das possíveis afinidades entre Canto e Mello e o Dr. Franco da Rocha, existem apenas hipóteses. Dentre as que se faz, infere-se que, supostamente, Canto e Mello teve contato com o Dr. Franco da Rocha, a quem dedica seu romance. Possivelmente, o escritor apresentou-lhe o texto e ambos dialogaram sobre os fatos narrados em torno das manifestações de loucura no personagem Rogério Duarte condizentes aos distúrbios que assombravam a sociedade brasileira do período retratado, de modo a tornar o enredo mais verídico e próximo à realidade. Ressalta-se, também, que *Alma em delírio* foi previamente anunciado, em seu prefácio, como uma história verdadeira e o real nome de Rogério Duarte não poderia ser revelado (MELLO, 1914, p. 13), reforçando, outra vez, essa aproximação com o real.

Relembrando que esta é uma obra realista-naturalista, de cunho experimental, trazer uma relevante dedicatória e insinuar demais colocações verossímeis, constrói expressivamente uma validação para o romance, algo que o autor tenta engendrar por todo o enredo. Em conformidade com Claudio Bertolli Filho (2001), Canto e Mello, por incluir teorias médicas em seu romance, "justificou o embasamento clínico de sua obra pelo fato de ter encontrado incentivo e orientação junto ao Dr. Franco da Rocha, diretor do então denominado Hospício dos Alienados do Juqueri, a quem o autor dedicou o livro" (BERTOLLI FILHO, 2001, p. 107).

Por outro lado, e não menos importante, a dedicatória pode constituir uma homenagem ao psiquiatra representante de um dos mais antigos hospícios de São Paulo, estado onde Canto e Mello esteve produtivo e onde foi publicado. É possível sugerir, ainda, a partir da ideia de que o "dedicatário é sempre, de alguma maneira, responsável pela obra que lhe é dedicada, e à qual ele leva [...] um pouco de seu apoio e, portanto, de sua participação" (GENETTE, 2009, p. 124), que a intenção dessa dedicatória ofereceria também uma proteção ao romance, dado o fato de destacar uma figura afamada no âmbito da medicina e da psiquiatria social. Há, portanto, nessa construção paratextual, uma validação e legitimação não só do romance, mas também do cientificismo presente – propriedade naturalista.

Diante de todas as constatações, seja nas entrelinhas ou de forma explícita, o romance *Alma em delírio* de Canto e Mello apresenta construções e marcas do Naturalismo, propagado na França e no Brasil, de maneira consistente. O título dessa pesquisa alude a essas marcas, "heranças" deixadas no texto do escritor que são passíveis de análise e de entendimento, principalmente em comparação ao romance de Émile Zola, o qual aborda temáticas convergentes. O romance de Canto e Mello hoje configura-se uma obra rara, mas apresenta

temas, assuntos e traços da sociedade brasileira ambientada pelo século XIX, situada por crises e conflitos.

3.2.2 Contexto histórico-social: higienização social e o Hospício de Pedro II

Retomamos o contexto histórico-social no qual se situa *Alma em delírio* para elencar, além dos fatores sociais já mencionados, uma questão importante do período: a instalação de sanatórios ou hospícios pelo Brasil. De volta à passagem em que Rogério Duarte é levado à força para o hospício, no instante em que ele mesmo reconhece o local, através de sua descrição é possível inferir e, assim, investigar de qual instituição se trata: o Hospício de Pedro II. A precisão dada pelo personagem nos garante a afirmação:

> Perto, estava o mar e lá, no extremo, o morro da Viuva, que eu conhecia bem.
> Olhei para o outro lado: lá estava o perfil branco da Escola Militar, destacando-se como um longo traço de giz, riscado entre a Urca e a Babylonia.
> Conheci o lugar... Era o Hospicio!... Eu ia para o Hospicio!
> (MELLO, 1914, p. 283, grifos nossos).

O edifício de meados do século XIX, situado na então Praia da Saudade, hoje denominada Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, próximo ao Morro da Viúva e da antiga Escola Militar, corresponde a este importante hospital psiquiátrico construído no país. Listamos, para melhor contextualização, fotografias do século XIX que apresentam o Hospício de Pedro II, local onde ficticiamente Duarte esteve recluso para tratamento.

Figura 16 – *Sem título.* Fotografia (1867) do Hospício de Pedro II (pavimento ao centro, visto de perfil), na Praia da Saudade. Ao fundo, a Escola Militar, entre o Morro da Urca e da Babilônia.

Fonte: LEUZINGER, 1867. Acervo Brasiliana Fotográfica.

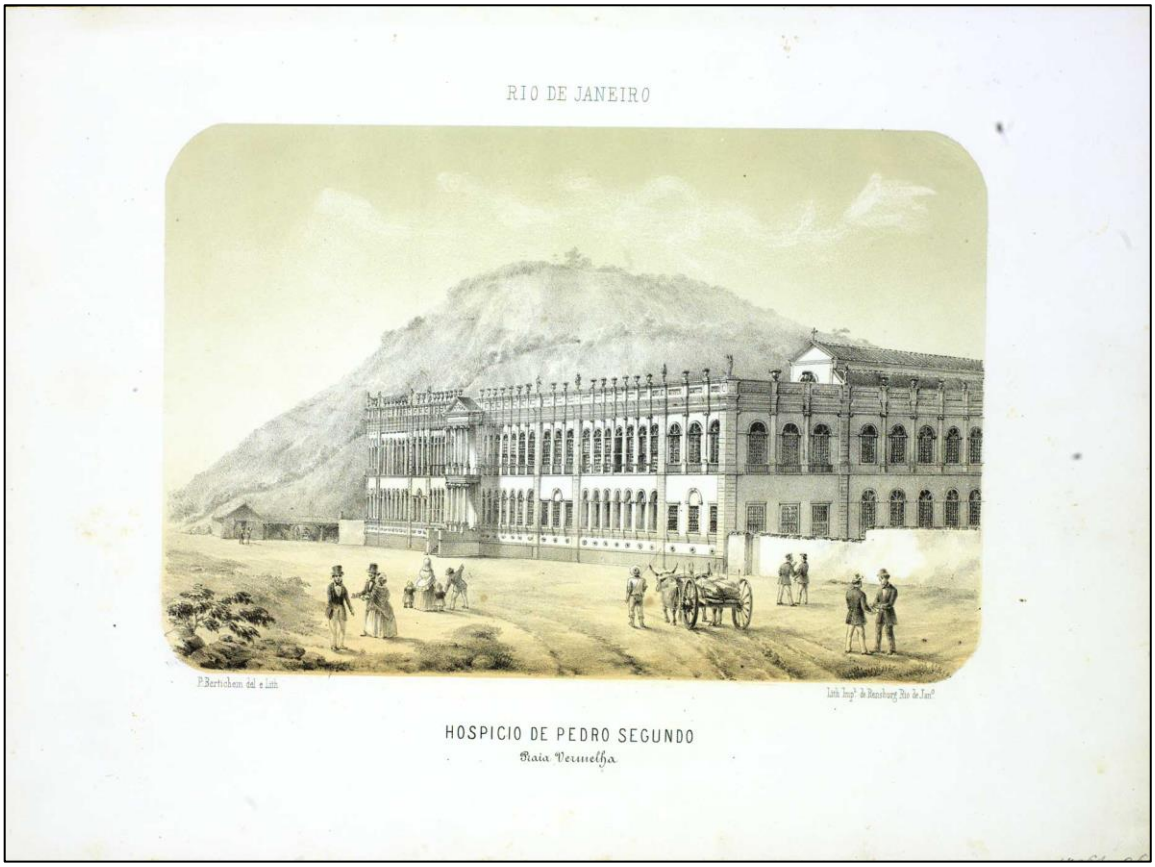
Figura 17 – *Escola Militar*, 1893. Fotografia da Escola Militar, descrita por Rogério, próxima ao Hospício de Pedro II.

Fonte: GUTIERREZ, 1893. Acervo Brasiliana Fotográfica.

Fundado em 18 de julho de 1841, sob o decreto n. 82[62], e inaugurado em 1852, o Hospício de Pedro II foi criado para reclusão e tratamento daqueles que apresentassem indícios de distúrbios psicológicos. Foi o primeiro hospício construído no Brasil, sendo ponto de referência e o mais importante por muito tempo[63]. Seu período em atividade, assim como o do recorte temporal na narrativa de Canto e Mello, caracteriza-se por profundas transformações de cunho político, histórico e científico: o Segundo Reinado (1840-1889), o fim do período monárquico, a constituição da República (1889), mudanças e descobertas tecnológicas e científicas marcaram o período em questão.

O avanço da modernidade e o desejo de progresso do país, levou à criação desse primeiro hospício do Brasil, objetivando o desenvolvimento social aos moldes europeus: "o Brasil caminhava rumo ao desejo de pertencer ao *hall* das nações civilizadas, para tanto era necessário romper alguns obstáculos, efetuando algumas transformações internas" (ALVES, 2010, p. 25). Diante desse panorama, o louco representava um obstáculo para esse avanço, pois demonstrava comportamentos não condizentes com a política de modernização.

Figura 18 – *Hospício de Pedro Segundo: Praia Vermelha*, [1856]. Gravura que apresenta o início do hospício.



Fonte: BERTICHEM, [1856]. Acervo Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.

[62] Vide anexos P e Q.
[63] Atualmente, o pavimento é sede da Universidade Federal do Rio de Janeiro, *campus* da Praia Vermelha.

Nas primeiras décadas do século XIX, já se falava da questão da loucura como um problema médico-social; reuniam-se conselhos e estudos em torno do assunto e elencavam a construção de espaços propícios para tratamento das ditas moléstias mentais. Lourence Alves (2010) lembra que neste período, por volta dos anos de 1830, estava em pauta, por meio de relatórios da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, o problema da livre circulação dos considerados loucos e a intenção de confiná-los para tratamento em locais apropriados:

> A querer-se tratar os doudos como convem que se faça, he preciso não só conserval-os em hum local apropriado, mas também que esse local seja separado, e até afastado de outros estabelecimentos, que possão ser prejudiciaes aos alienados, ou ao methodo de seu tratamento. (DE SIMONI, 1839, p. 257, apud ALVES, 2010, p. 23).

A intenção era criar um local moderno e desvinculado de outras instituições médicas, como hospitais e a Santa Casa de Misericórdia, para onde eram levados os doentes mentais até então, a fim de melhor tratá-los e de não superlotar as instituições de saúde destinadas a outras patologias. José Clemente Pereira (1787-1854), provedor da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, foi o principal responsável por iniciar uma campanha de criação de locais específicos para tratamento de alienados. Diante dessas solicitações pelo campo da medicina e da iminente maioridade de D. Pedro II, instituiu-se o hospício que recebera o seu nome, passando a ser chamado mais tarde por Hospício Nacional de Alienados[64] (1890), por ocasião da Proclamação da República e, posteriormente, Hospital Nacional de Alienados[65] (1911).

Como já era comum o recebimento dos influxos europeus, principalmente aqueles advindos da França, para o estabelecimento do hospício muito se absorveu das teorias médicas francesas. Por ocasião, a pedido, o médico Antonio José Pereira das Neves foi enviado à Europa para realizar um estudo dos tratamentos oferecidos aos alienados na França, Bélgica, Alemanha, Itália e Inglaterra (MACHADO, 1978, apud ALVES, 2010). Assim, a construção do Hospício foi inspirada no modelo francês da Maison Nationale de Charêton[66]. Destacou-se também a presença das concepções e tratamentos difundidos por Philippe Pinel[67] (1745-1826) e por Jean-

[64] Sob o decreto nº 142-A de 11 de janeiro de 1890, passando a ser controlado pelo Governo Federal, desvinculando-se da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro.
[65] De acordo com o cap. I, art. 2º, e cap. III do decreto nº 8.834, de 11 de julho de 1911.
[66] Asilo psiquiátrico localizado na comuna de Saint-Maurice, França.
[67] Importante psiquiatra francês, fundou a Escola dos Alienistas Franceses. Preconizou teorias a respeito da alienação e do que viria a se entender como Psiquiatria, através do *Traité Médico-Philosophique sur l'Aliénation Mentale ou la Manie* (Tratado médico-filosófico sobre a alienação ou a mania), de 1801. Durante a prática médica, chefiou hospitais pela França e muito influenciou na constituição do Hospício de Pedro II. (BRASIL, 2008).

Étienne Dominique Esquirol[68] (1772-1840), renomados médicos da psiquiatria na França e fundadores do alienismo moderno, em cujas teorias o corpo médico-psiquiátrico do Hospício se baseou para o tratamento dos internos.

Não menos importante, convém sublinhar que o Hospício de Pedro II muito se assemelhou aos poderes do Hospital Geral[69], da França, sendo mais que um estabelecimento médico: "uma estrutura semijurídica, uma espécie de entidade administrativa que, ao lado dos poderes já constituídos, e além dos tribunais, decide, julga e executa", como definiu Foucault (1978, p. 57) o hospital francês. Tal fato se confirma pelo Estado que concedia ao hospício brasileiro o poder de capturar, internar e tratar as escórias da sociedade, atribuindo à instituição forças políticas e sociais. Diante dessas colocações, mais uma vez notam-se as marcas francesas sobre o século XIX no Brasil, para além do campo literário, na área da medicina psiquiátrica.

Dos dados obtidos a partir das internações no Hospício, chama a atenção o alto índice de reclusões decorrentes do alcoolismo. A taxa de pacientes alcóolatras, majoritariamente homens, e que apresentavam moléstias mentais, era a maior em comparação com outras causas (ALVES, 2010). No contexto literário e histórico-social das décadas finais do século XIX e início do seguinte, no Brasil, quando a instalação de hospitais psiquiátricos, hospícios e sanatórios era tida como uma forma de ordenação e de controle da sociedade, o alcoolismo se tornou o principal motivo propiciador de internações; como mostrou Canto e Mello:

> Com a ampliação de parentescos em torno da loucura, houve crescimento vertiginoso das internações nos hospícios, principalmente depois da Proclamação da República e da promulgação do Decreto de n. 206 A, de 15/2/1890, que determinava que todo cidadão que perturbasse a ordem pública, a moral e os costumes seria internado em asilos públicos. [...] Com a Proclamação da República, e com o início da construção do Hospício Pedro II, todos esses indivíduos foram recolhidos para o novo hospício. Por essa época, o alcoolismo aparecia como uma das causas mais comuns de internamento em hospícios. A internação de alcoólatras em hospício colocava o álcool não apenas no círculo das drogas legais, mas também no círculo dos "venenos sociais". (ARANTES, 2008, p. 03).

O alcoólatra e sentenciado louco era levado para esses locais de reclusão não só para tratamento, mas também como uma forma de higienização social, intermediada pela psiquiatria brasileira que "tentou seguir os preceitos sanitaristas de profilaxia e de intervenção no social, corroborando dessa forma com um projeto de modernização e higienização da sociedade

[68] Precursor da psiquiatra, deu continuidade aos estudos da escola de Pinel e fundou o primeiro curso para tratamento das enfermidades mentais na França. Também influenciou, por meio de suas teorias, a criação do Hospício de Pedro II. (BRASIL, 2008).

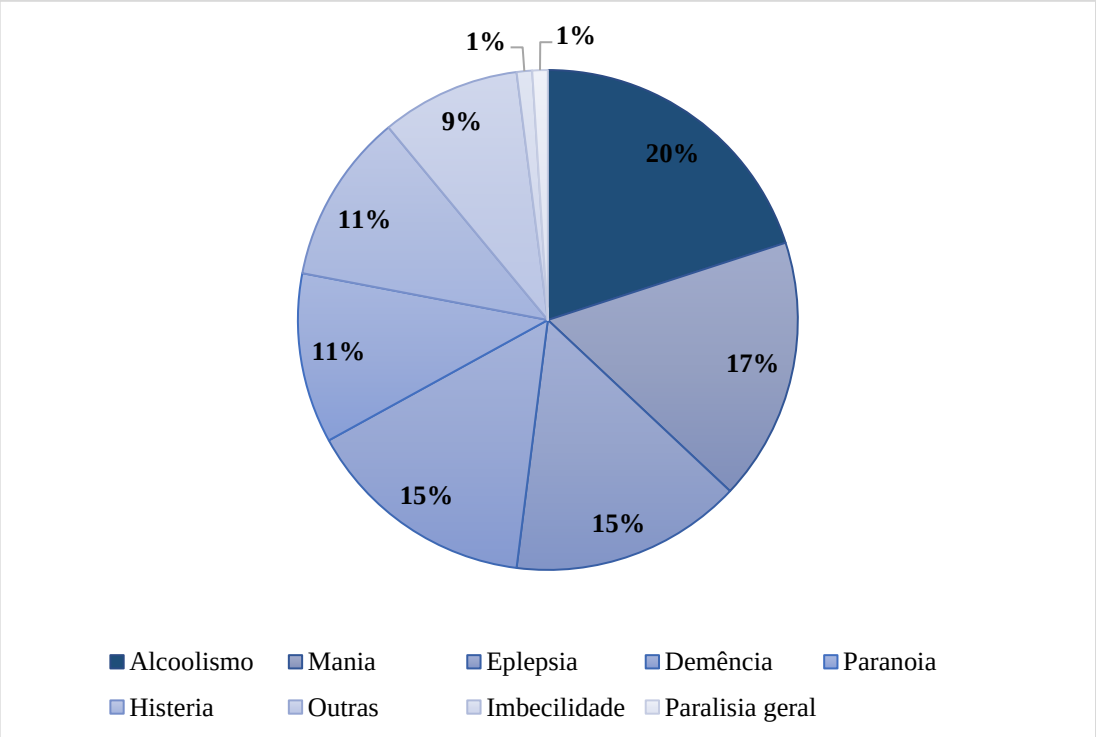
[69] O Hospital Geral foi um local de tratamento fundado em 1656, na França, onde eram internados pobres, inválidos e doentes mentais, mantendo-os afastados da sociedade.

brasileira" (COSTA, 2008, p. 205), à qual o autor filia sua obra. Nesse período, no Brasil, além do louco e do alcoólatra, o hospício abrigava também a outros doentes que sofriam com outras mazelas, em conformidade com os julgamentos da sociedade e do Estado:

> Com Juliano Moreira, ocorre um deslocamento do campo de ação da psiquiatria de uma única modalidade asilar - o hospício -, ponto fundamental da prática psiquiátrica do século XIX, para diversas formas asilares, como a colônia agrícola e o manicômio judiciário, e mesmo não asilares, como a assistência heterofamiliar. São unidades criadas para assistir a um novo tipo de população que agora aparece também como objeto da medicina mental: a população dos desviantes, alcoólatras, sifilíticos, epiléticos, delinquentes. Trata-se de estabelecer para esses grupos instituições especiais, adaptadas às suas necessidades. (PORTOCARRERO, 2002, p. 108)

Juntamente dos casos de alcoolismo, sífilis, demência e paranoia, há os casos conhecidos como histeria – sobre a qual também se debruçou o Naturalismo literário – cujos portadores, em sua maioria, eram mulheres. O gráfico, elaborado a partir das constatações de Lourence Alves (2010), demonstra a incidência do alcoolismo como caso/fator de maior ocorrência das internações no Hospício de Pedro II, somando 20% de todos os casos diagnosticados em prontuários entre 1883 a 1900:

Gráfico 1 – Estatísticas por diagnóstico do Hospício de Pedro II (1883-1900).



Fonte: Lourence Alves (2010, p. 121).

Como será melhor avaliado no próximo capítulo, o álcool era estigmatizado como uma a principal causa da loucura, fazendo as pessoas apresentarem comportamentos inapropriados para o convívio em sociedade; daí o alto número de pacientes alcoólatras confinados no Hospício:

> O problema em questão não se tratava do consumo do álcool, mas da incapacidade do controle deste consumo refletido por meio de alterações comportamentais características, destoantes de condutas estabelecidas como padrões. (ALVES, 2010, p. 106).

Por curiosidade, dentre os abrigados famosos do Hospício de Pedro II, destaca-se o escritor Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922), que foi internado entre dezembro de 1919 e fevereiro de 1920, também em razão do alcoolismo. O escritor relatou parte da vivência no local em sua obra postumamente publicada *Diário do Hospício; O cemitério dos vivos* (1953), composta por um testemunho documental e um romance inacabado. No *Diário*, Lima Barreto descreve seu cotidiano e, por vezes, as instalações do local:

> O Hospício é bem construído e, pelo tempo em que o edificaram, com bem acentuados cuidados higiênicos. As salas são claras, os quartos amplos, de acordo com a sua capacidade e destino, tudo bem arejado, com o ar azul dessa linda enseada de Botafogo que nos consola na sua imarcescível <beleza>, quando a olhamos levemente enrugada pelo terral, através das grades do manicômio [...]. (BARRETO, 1993, p. 27).

Retomando o romance de Canto e Mello, as referências feitas por Rogério Duarte a respeito do local, durante seu internamento e tratamento, são breves. Apenas é citada sua doença, cura e sua saída do sanatório, bem como os conselhos e cuidados prescritos pelo diretor do Hospício. O trecho destacado mostra a única menção do interno ao local para alienados:

> Passaram-se quase dois meses.
> O tratamento rigoroso a que fui submetido durante esse tempo, ajudado pelo repouso e pela dieta, deu o resultado que se esperava.
> Mas, se de um lado apresentava melhoras sensíveis, por outro lado foram-se manifestando os sintomas de outra enfermidade: - tive mais uma hemoptise violenta, que me deixou às portas da morte.
> Estava eu de cama, com febre alta, quando vieram comunicar que minha mulher estava muito mal.
> A chuva que apanhara, produzira-lhe uma recaída e, disse o informante, ela não viveria mais que alguns dias.
> Pedi que me dessem alta, para ir vê-la. O médico disse que seria isso uma loucura, pois que eu poderia morrer no caminho.
> Demais, eu nem tinha forças para erguer-me. Resignei-me e esperei.
> Todos os dias vinham notícias e notícias más. Por fim, passaram-se muitos dias sem que o mensageiro chegasse.
> Naturalmente, as notícias vieram, como sempre, mas o médico julgou prudente conservar-me na ignorância de tudo.

> Enfim, tive alta.
> O Dr. Souza Lima, diretor do Hospício, deu-me muitos conselhos, disse que o processo instaurado contra mim, por tentativa de homicídio, tinha sido abafado, a pedido do próprio médico agredido, e chegou, por longos rodeios, a contar que minha mulher havia falecido.
> [...]
> Despedi-me do médico e saí.
> (MELLO, 1914, p. 289-291, grifos nossos).

Ainda que poucas, as descrições e as informações atribuídas ao personagem, construídas por Canto e Mello, remetem a dados significantes para o entendimento e valoração do romance. O primeiro ponto a ser avaliado é a menção ao então diretor do hospício: uma personalidade verídica aproxima o relato da realidade, configurando-o ainda mais como um romance naturalista e experimental. O médico psiquiatra Agostinho José de Souza Lima (1842-1921) foi diretor do Hospício de Pedro II entre os anos de 1883 e 1887[70], ocasião na qual, ficticiamente, Rogério Duarte teria sido internado no local, integrando a parcela de alcoólatras diagnosticados como loucos.

Na continuidade do romance, após a alta do soldado reformado, nota-se uma rápida mudança do clima vivido por Rogério até o momento de sua internação: a tristeza aparente, a depressão, a melancolia, o alcoolismo e os surtos, momentaneamente, são substituídos pela calmaria e serenidade. Ele, que antes enxergava o mundo ao seu redor como enfadonho, o vê com outros olhos, quando de sua saída:

> Fora, estava um dia lindíssimo. Era pouco mais de meio-dia.
> Custou-me descer a escada. Minhas pernas ainda não estavam de todo desembaraçadas.
> Cheguei à rua e parei. A claridade do dia me deslumbra.
> Lá estava a Escola Militar, como um traço de giz, ligando a Urca à Babilônia...
> Olhei a bahia de Botafogo. O mar estava tranquilo e sol batia cheio sobre as águas.
> Quis tomar um grande trago daquele ar puro e veiu-me um forte acesso de tosse.
> (MELLO, 1914, p. 291, grifos nossos).

Essa mudança apresentada por Canto e Mello faz pensar no hospício como um local de cura, pois, à primeira vista, é apresentado de forma positiva, um lugar de reabilitação e de aconselhamento. O personagem também é surpreendido pela honestidade e dedicação da instituição[71], garantindo, mais uma vez, uma avaliação favorável ao local. Por outro lado, a

[70] Conforme presente no verbete *Hospício de Pedro II*, do *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*.

[71] "Apalpei os bolsos. Alli estava todo o dinheiro que eu tinha no dia nefasto. Lembrei-me de que a roupa deveria estar suja de sangue. Olhei. A roupa tinha sido cuidada e estava limpa. Passou-me pelo espirito esta exclamação: -- Que gente honesta!" (MELLO, 1914, p. 293).

recaída do personagem, tempos depois, comprova o processo de influência e de determinismo do meio sobre o sujeito, inserido novamente no meio social do Rio de Janeiro.

A abordagem dos temas alcoolismo e loucura em *Alma em delírio*, sobretudo acerca da medicina social, da época das internações, da captura e reclusão forçada dos indivíduos julgados loucos, vai ao encontro do que postulavam as figuras representativas da sociedade (Estado, eugenistas e higienistas), do método de tratamento da medicina psiquiátrica do período abordado. Canto e Mello apresenta um texto, de certa forma, concordante com posicionamentos médicos e políticos que visavam a modernização do país, pois em momento algum ocorre uma avaliação contrária a estes posicionamentos. Ainda, a dedicatória a um médico psiquiatra e a descrição satisfatória do personagem Rogério Duarte sobre sua internação no Hospício de Pedro II também contribuem para essa afirmação de que o autor realizou uma escrita moralista em seu romance.

Esse estilo e construção de Canto e Mello legitima seu romance naturalista e experimental, visto que o romancista naturalista é, além de um experimentador de teses científicas, um "moralista experimentador". Através do método da experiência, ele expõe os problemas sociais – alcoolismo, loucura, delírio – demonstrando-os como impróprios moral e socialmente. A forma particular de Canto e Mello se destaca mais uma vez por utilizar-se da narrativa autobiográfica em seu romance, tentando demonstrar uma moral, com base numa história de vida supostamente factual experienciada por um possível sujeito real. O foco narrativo dado a um narrador autodiegético reforça essa veracidade a exemplo de um padrão de conduta – *lição*[72] – baseada em experiências verdadeiras e fundamentadas.

Assim como a maior parte das produções naturalistas, *Alma em delírio* representa padrões de conduta condenáveis socialmente, pela ordem e a moral pública, movidos pela doença alcoólica, mas estes, em seu clímax, são repreendidos pelo Estado e pela medicina social do século XIX, visando, exclusivamente, a modernização, a ordem e o progresso – lema positivista de Auguste Comte que muito inspirou os decênios finais do Brasil oitocentista.

[72] Retoma-se aqui a ideia defendida, no prefácio do romance, de tratar-se de uma obra cujo teor assinala um ensinamento, uma lição de experiência: "[...] servirá ao menos de lição e de exemplo àqueles que sendo, como eu, talhados para o bem, se tornam, por sua culpa, enormemente desgraçados" (MELLO, 1914, p. 19, grifo nosso).

4 TEMAS ALCOOLISMO E LOUCURA

Para dar continuidade à análise do nosso *corpus*, parece importante rever algumas das teorias científicas que nortearam os temas de *Alma em delírio* e de *L'Assommoir*. Cabe destacar que essa revisão pressupõe um recorte específico ao que nos interessa para a análise temática dos romances investigados. Portanto, para este fim, abordaremos questões teóricas em torno da loucura e do alcoolismo, estigmatizados em um determinado momento histórico. Tendo em vista que as narrativas correspondem ao século XIX, na França e no Brasil, nossas pesquisas se voltam a este período, de modo a procurar entender a relação entre os temas, de ambos os romances, socialmente construídos. Justificamos a tese de que os dois autores constroem romances naturalistas-experimentais devido ao reconhecimento do movimento de influências do meio sobre os sujeitos do enredo, assim como pela presença notável, demonstrada, de conhecimentos e conceitos científicos nos quais os autores se fundamentaram para a escrita de seus enredos, comprovando as experimentações com a ciência do período.

No que diz respeito ao tema da loucura, especialmente, foi necessário verificar os conceitos referentes a esta moléstia mental no decorrer do tempo. Para tanto, nos baseamos principalmente nos conceitos de Foucault, em *História da loucura na Idade Clássica*, obra através da qual pudemos constatar o papel do louco e de sua imagem perante a sociedade, modificados a cada tempo, até chegarmos à concepção previamente definida nos últimos decênios do século XIX e nos anos iniciais do século XX.

Associado à loucura, encontramos também o alcoolismo como propiciador das condutas julgadas impróprias, moral e socialmente, e entendido como causador de grande parte das moléstias mentais que acometiam a população a partir da segunda metade do século XIX. A substância etílica fazia parte de uma prática costumeira e de expiação para determinadas classes sociais – como a de operários franceses, visto que a sociedade da época tolerava o alcoolismo e contribuía para o seu desenvolvimento (BECKER, 1972, p. 63). O vício, posteriormente, foi considerado a principal causa para a decadência e a degradação dos indivíduos. A instituição hospício também teve papel fundamental em nossas análises e para o entendimento da relação *alcoolismo – loucura*. Aos hospícios, eram levados os loucos que poderiam sugerir qualquer tipo de ameaça ao convívio social e, nesta classificação, se inseriam, em grande número, os alcoólatras. Para esta compreensão, consultamos estudos da medicina social, da ciência psiquiátrica e das outras áreas médicas e biológicas referentes ao século XIX, assegurando o método experimental e o caráter científico do Naturalismo, ressaltados nos romances de Canto e Mello e de Émile Zola.

4.1 Manifestações da loucura: o viés científico do século XIX

A loucura não possui uma definição concreta, mas apresenta caráter atemporal, sendo conceituada – de diferentes formas e por divergentes meios – a cada período histórico-científico e sociedade correspondentes. Para tanto, *História da loucura na Idade Clássica*, de Michel Foucault, constitui a obra fundamental para o entendimento desse pensamento em torno da loucura, que tem se modificado durante o decorrer das épocas e do desenvolvimento da ciência, visto que

> foi no espaço dessa oposição axial, isto é, no campo imantado entre razão e desrazão, que Foucault inscreveu a sua leitura arqueológica sobre a loucura, segundo a qual a transformação recente desta enfermidade mental seria, na modernidade, o apogeu desse longo percurso na cultura ocidental. (BIRMAN, 2000, p. 36).

Assim, o filósofo francês, no texto em questão, trata da loucura como um conceito acrônico, dependente de cada contexto social sob o qual se configura. Portanto, falar de loucura implica, quase que exclusivamente, discorrer sobre o contexto social no qual ela está inserida, uma vez que os critérios que a determinam são forjados pela sociedade. À vista disso, trata-se de um tema que não se esgota, presente nas mais diversas áreas, principalmente na literatura, pois a loucura representa, segundo Foucault (1978, p. 50), um contorno figurativo da paisagem social, elencando fatores sociais e flutuando entre a ilusão e o real:

> Ela representa, superfície das coisas e à luz do dia, todos os jogos da aparência, o equívoco do real e da ilusão, toda essa trama indefinida, sempre retomada, sempre rompida, que une e separa ao mesmo tempo a verdade e o parecer. Ela oculta e manifesta, diz a verdade e a mentira, é luz e sombra. (FOUCAULT, 1978, p. 49).

Nesse sentido, considerando a loucura uma experiência social, dependente da época, convém destacar seu percurso social até o momento em que se encontram os romances *L'Assommoir* e *Alma em delírio*.

Na Antiguidade, de origem divina, a loucura era conhecida como uma espécie de profecia; os sujeitos afetados por ela eram considerados profetas, elos entre o homem e as divindades. Já no espaço temporal compreendido pelos séculos XV, XVI, XVII e XVIII, ainda sob influência do sagrado, sua definição partiu das doutrinas demonistas, as quais atrelavam os distúrbios – e os sujeitos que sofriam com estas perturbações – a ações de demônios e de outras entidades diabólicas, desconhecidas pela lei natural. A partir de então, em meados do século XVIII, o conceito de loucura passou a receber profundas transformações e, progressivamente, foi tomando espaços e classificações variadas, mas, agora, ligadas essencialmente às ciências

psiquiátricas em ebulição. Nesse contexto, Michel Foucault traz uma possível definição geral do conceito de loucura encarado a partir das ciências médicas, sob o verbete "Loucura" da *Encyclopédie*: "são loucuras todos os defeitos de nosso espírito, todas as ilusões do amor-próprio e todas nossas paixões quando levadas até a cegueira" (FOUCAULT, 1978, p. 268). Segundo ele, era considerado louco todo indivíduo que exacerbasse as paixões e manifestasse desvios de comportamento e da organização psíquica. Nessa perspectiva, há uma atribuição da loucura com a ideia de erro ou desvio: "Antes do século XVIII, a loucura não era sistematicamente internada, e era essencialmente considerada como uma forma de erro ou de ilusão" (FOUCAULT, 1984, p. 120).

O louco, neste período, ocupou o lugar dos anteriores leprosos, tendo em vista que a lepra havia quase que se extinguido ao final da Idade Média. E, entre os séculos XVII e XVIII, o alienado, ao lado das classes mais baixas, passa a tomar o papel de encarnação do mal na sociedade, da incorreção, ficando à margem social assim como ficavam reclusos os leprosos:

> Frequentemente nos mesmos locais, os jogos da exclusão serão retomados, estranhamente semelhantes aos primeiros, dois ou três séculos mais tarde. Pobres, vagabundos, presidiários e "cabeças alienadas" assumirão o papel abandonado pelo lazarento, e veremos que salvação se espera dessa exclusão, para eles e para aqueles que os excluem. (FOUCAULT, 1978, p. 10, grifos nossos).

Logo, essa nova classe de marginalizados que afetava a moral pública tornava-se numerosa, necessitando, assim, de tratamento em locais apropriados e afastados da sociedade. Neste mesmo período, no ímpeto da necessidade de solução para esses degenerados sociais, surgem teorias, teses e campanhas, a respeito da loucura e das casas de internação ou correção[73], locais onde os alienados eram postos sob regime de reclusão: "A partir da metade do século XVII, a loucura esteve ligada a essa terra de internamentos" (FOUCAULT, 1978, p. 55), perdurando por cerca de dois séculos, nessa qualidade de segregação.

Com os avanços no século XIX e o irrompimento das teorias em torno da anatomopatologia, da bacteriologia e da neurologia de base biológica, surge a necessidade funcional do hospício e da internação. O hospital onde eram reclusos os perturbados pela loucura, cujo modelo foi estabelecido pelo psiquiatra Esquirol, era responsável, segundo Foucault (1997, p. 48-49), por produzir dois efeitos essenciais: de um lado a resistência e, de

[73] Época em que foi fundado o Hospital Geral, em 1656, na França, principal instituição de internamento. Também, neste rol, estão presentes as casas de correção da Alemanha, Inglaterra, Holanda, Itália e Espanha, conhecidas como hospitais, prisões ou casas de detenção (FOUCAULT, 1978, p. 63).

outro, a vitória e a submissão sob as quais o indivíduo renuncia à sua perturbação, sua loucura, inserindo-se nos padrões impostos pela sociedade.

A esse local de cura, entende-se a ideia de grande "estufa" à qual correspondia o hospício ou hospital psiquiátrico, local de estudo e classificação, veiculado pelo isolamento terapêutico e pela terapia da moralidade:

> Assim se estabelece a função muito curiosa do hospital psiquiátrico do século XIX: lugar de diagnóstico e de classificação, retângulo botânico onde as espécies de doenças são divididas em compartimentos cuja disposição lembra uma vasta horta. (FOUCAULT, 1984, p. 120).

Ao hospício também se associa a imagem de modernização e progresso das sociedades (no contexto europeu exposto por Foucault), a busca de limpeza e distanciamento da classe marginalizada de vagabundos, pobres e, claro, dos chamados loucos. As casas de internamento e correção correspondiam às novas formas de reação aos problemas econômicos e sociais atreladas às leis morais e civis; portanto, todo interno (pobres, doentes, inválidos e loucos) era concebido como um sujeito (i)moral.

O louco, antes encarado como sujeito maligno no âmbito da demonologia, agora passa a ser julgado como um problema no horizonte da moral, um caso de polícia, referente à organização social, pois "perturba a ordem do espaço social" (FOUCAULT, 1978, p. 72). Nesse sentido, importa aqui percorrer, essencialmente, as causas, circunstâncias, crenças científicas e fatores sociais desse período – século XIX ao início do século XX – no qual se localizam os romances *L'Assommoir* e *Alma em delírio*, uma vez que os enredos expõem as teorias cientificistas vigentes nesse recorte temporal em torno da loucura.

Rememorando que ambas as narrativas analisadas retomam a vertente naturalista que, por sua vez, explorou temas inerentes ao homem, à sociedade e ao momento histórico, e a definição de loucura é forjada socialmente, convém destacar como o conceito desses distúrbios mentais foi estigmatizado no mundo oitocentista, diante dos avanços científicos. Assim, retornando às observações de Foucault sobre o século XIX, é possível conceber que havia uma heterogeneidade na gênese da loucura, não havendo ao certo, única e exclusivamente, uma causalidade, mas sim uma polivalência de agentes propiciadores (incluindo o alcoolismo):

> disposição hereditária, bebedeira, excesso de estudo, febres, sequelas do parto, obstrução das vísceras, contusões e fraturas, doenças venéreas, varíola, úlceras demasiado rapidamente dessecadas; reveses, inquietação, pesar; amor, ciúme; excesso de devoção e apego à seita dos metodistas; orgulho. (BLACK, apud FOUCAULT, 1978, p. 247).

Todas essas possíveis causas comprovam a proliferação dos chamados hospícios, onde eram internados indivíduos com as mais variadas características cuja presença incomodava a ordem social e moral. Mais uma vez, nota-se a presença do sanatório como um local de limpeza social e de correção.

Por outro lado, essa pluralidade de agentes propiciadores da loucura é enfatizada pelo romance naturalista que os explora, a fim de confirmar teses, conforme propõe Zola, perseguindo seu objetivo de fazer *roman expérimental*. No mesmo sentido, as causas da loucura eram entendidas também por fatores genéticos, de hereditariedade, pelo excesso alcoólico e por moléstias da alma (como os ciúmes, a paixão, o temor etc.), assim como foram trabalhadas pelos exemplares naturalistas – em destaque os aqui analisados. Convém ainda sublinhar, a partir da heterogeneidade das motivações da loucura, suas diferentes manifestações e formas, assim como a maneira de serem entendidas, mediante as condutas e temperamentos dos considerados loucos: a demência, a mania, a melancolia, a histeria, a hipocondria e as doenças nervosas, sendo as três últimas majoritariamente ligadas à questão moral.

Insere-se neste panorama a palavra *delírio*, a qual, em alguns casos, possui sentido semelhante à palavra *loucura*, sendo, por vezes, empregada como sinônimo. As alterações da ordem psíquica e seu estranhamento relativamente ao mundo designa-se pela definição de delírio, uma concepção mais simples e geral da loucura clássica (FOUCAULT, 1978, p. 262). Assim, conforme o verbete "Delirium" (Delírio), do *Dictionnaire universel de médecine*, de Robert James de 1747, em que Foucault (1978) fundamentou-se, entende-se que essa palavra deriva de *Deliro*, sonho extravagante, e esse *deliro* significa, propriamente, desviar-se do caminho correto da razão (JAMES, 1747, p. 976). Portanto, o indivíduo considerado louco, com sintomas de delírios, é tido como aquele que se desvia da razão forjada socialmente. Ainda de acordo com o *Dictionnaire*, são considerados indivíduos em estado de delírio, aqueles abatidos por alguma perturbação nos órgãos dos sentidos e, dessa forma, incapazes de receber ou preservar as ideias corretamente (JAMES, 1747, p. 977). Ou seja, a desorganização dos sentidos – fora do caminho da razão – configura-se um estado de delírio, logo, sugere a loucura.

Agora, no âmbito dos romances, as manifestações da loucura podem ser bem definidas e avaliadas conforme os preceitos aqui explanados e com base, ainda, nas contribuições de Foucault. A partir das manifestações da medicina social[74] e do surgimento das internações ocorridas no século XIX, a loucura passou a ser fixada como um desordenamento do indivíduo,

[74] Concebe-se como medicina social, conforme Foucault (1984), o ramo que buscava compreender as relações entre as condições sociais/econômicas e as manifestações de doenças que afetavam a saúde pública, e, então, intervir para uma sociedade mais saudável.

decorrente de causas plurais: “desordem na maneira de agir, de querer, de sentir paixões, de tomar decisões e de ser livre” (FOUCAULT, 1984, p. 121). À vista dessas constatações, as expressões da loucura e a figura do louco, entendidos como desajustes violentos e nocivos à comunidade, deram reconhecimento à psiquiatria como ciência no século XIX; ciência essa e seus respectivos métodos abordados nos romances *Alma em delírio* e *L’Assommoir*.

Segundo Foucault, em seu ensaio *O nascimento da medicina social* (1984), o primeiro alvo desta nova medicina foi o Estado que se desenvolveu a partir do século XVIII, sobretudo na Alemanha. Posteriormente, a medicina social direcionou-se à urbanização, principalmente na França, quando do desenvolvimento das estruturas urbanas. Por fim, os últimos alvos foram os operários, a classe dos pobres, a força de trabalho, no século XIX, maiormente na França e na Inglaterra. A plebe urbana apresentava um perigo sanitário para a sociedade, proliferando doenças e epidemias. Diante disso, a medicina social agia como um controle do corpo e da saúde das classes mais baixas a fim de torná-las menos prejudiciais às demais (classes mais altas) e aptas para realizarem seus trabalhos. Em *L’Assommoir*, observamos esse último alvo da medicina social na família de operários protagonista do romance; já em *Alma em delírio*, notam-se efeitos da medicina social brasileira do século XIX, em vias de modernização: esta agia não só nas classes mais baixas, mas também entre qualquer cidadão que perturbasse a ordem e a moral pública.

Com relação ao romance de Zola, a loucura que acometia os personagens Gervaise e Coupeau resultava, especificamente, de dois fatores: o fator genético hereditário e o fator alcoólico. A lavadeira Gervaise apresentava morbidades genéticas de sua avó paterna, Adélaïde Fouque, a primeira lesão orgânica da família Rougon-Macquart. Tante Dide é retratada no primeiro romance da saga, *La Fortune des Rougon* (1871), como louca e histérica. Essas patologias asseguraram a predisposição de Gervaise às moléstias mentais; trata-se da loucura aflorada a partir de fatores genéticos hereditários; como recorda Michel Foucault quando afirma:

> após Pinel e Tuke, a psiquiatria vai tornar-se uma medicina de um estilo particular: os mais obstinados em descobrir a origem da loucura nas causas orgânicas ou nas disposições hereditárias não escaparão a esse estilo. (FOUCAULT, 1978, p. 552).

Como também, ao levantar as causas da doença diagnosticadas no então hospício de Charenton, em 1804:

> 151 ficaram doentes em conseqüência de afecções acentuadas da. alma, tais como o ciúme, o amor contrariado, alegria excessiva, ambição, temor, terror, pesares

> violentos; 52 por disposição hereditária; [...] 31 por abuso das bebidas alcoólicas. (FOUCAULT, 1978, p. 247, grifos nossos).

Considerando o fator alcoólico, Gervaise e Coupeau são levados à loucura – ou ao agravamento desta – devido aos excessos alcoólicos. Ambos frequentavam a taberna do Père Colombe, local onde se encontravam o casal e os demais habitantes do bairro operário. O soldador Coupeau, em decorrência de seus acessos de loucura, é internado no Sainte-Anne, à época hospital/hospício em Paris, onde continua tendo alucinações, distúrbios e ansiedades. Em uma das visitas ao marido, Gervaise assiste a um ataque de alucinação de Coupeau, este, acreditando ser atacado por ratos, deixa-a horrorizada:

> [...] Por duas vezes se levantou na cama, olhou para o chão, rebuscou os cantos escuros da cella. De repente alargou os braços e começou com gestos como de quem esborrachasse algum animal contra a parede.
> - Que é isso? Perguntou Gervasia, cheia de medo.
> - Os ratos, os ratos, murmurou elle.
> Depois de um curto silencio, meio a descambar para o somno, barafustou um momento, soltando phrases entrecortadas.
> - Jesus! Picou-me a pelle!... Que animaes tão sujos!... Toma cuidado!
> [...]
> E dava punhadas no ar, tirava a manta, enrolando-a ao peito como para proteger contra as violências dos homens barbudos que agora julgava ver. Accudiu então o enfermeiro e Gervasia foi-se embora completamente gelada por esta scena.
> (ZOLA, 1933, p. 140).

Mesmo internado, os delírios e a doença pulmonar de Coupeau se agravaram, levando-o à morte rapidamente. Gervaise, por outro lado, não demorou a apresentar delírios, semelhantes aos de seu falecido marido, sendo alvo também da loucura decorrente de questões genéticas, do meio e do alcoolismo, demonstrando, portanto, as teorias médicas do século XIX.

No que concerne ao romance de Canto e Mello, *Alma em delírio*, ainda sob os fundamentos do Naturalismo, o conceito da loucura enfrentada pelo anti-herói Rogério Duarte se liga, além da questão de influência do meio histórico-político-social, à resistência da memória e dos traumas da vida do soldado. Nas palavras de Charles-Gabriel Porée, Foucault cita esta extensão da loucura na qual lembranças levam à decomposição do pensamento:

> A loucura tem sintomas variados ao infinito. Em sua composição entra tudo o que foi visto e ouvido, tudo o que foi pensado e meditado. Ela aproxima aquilo que parece mais afastado. Lembra aquilo que parece ter sido completamente esquecido. As antigas imagens revivem; as aversões que se acreditavam extintas renascem; as inclinações tornam-se mais acentuadas; mas tudo, então, fica desorganizado. As idéias, em sua confusão, parecem-se com os caracteres de uma tipografia reunidos sem propósito estabelecido e sem inteligência. O que resultaria daí não teria um sentido coerentes. (PORÉE, [1735], apud FOUCAULT, 1978, p. 279, grifos nossos).

No enredo explorado, Rogério Duarte manifesta exacerbações da mente, quando se vê diante de vultos,

> Ao entrar, porêm, na cozinha, dou de frente com um homem alto e robusto que, em mangas de camisa, estava encostado à parede, olhando para mim.
> Atirei-me a elle, num ímpeto desesperado.
> [...]
> Por fim appareceu Julia trazendo numa das mãos uma véla e na outra a espada que eu deixára sobre a mesa:
> - Está aqui a espada. Para que é?
> - Para matar este desgraçado!
> - Que desgraçado, *seu* capitão? Aqui não há ninguém...
> (MELLO, 1914, p. 139).

Quando ouve vozes,

> Nesse momento, um velho, com o corpo escondido por detraz de uma porta, pôz a cabeça para meu lado e gritou, com vóz rouca e soturna:
> - "Rogério Duarte! Tu precisas matar esse homem!..."
> (MELLO, 1914, p. 257).

Ou quando se recorda dos sons dos campos de batalha

> - Esta é a corneta do 10.º; esta é a corneta do Batalhão de Engenheiros; este é clarim do 1.º; esta é a corneta do 7.º; este é o clarim do meu regimento...
> (MELLO, 1914, p. 179).

> Os sinos e as cornetas ainda me ressoavam nos ouvidos, mas, agora, os sons pareciam chegar de muito longe e vinham mais brandos, como attenuados pela distancia.
> (MELLO, 1914, p. 199).

Todos os delírios decorrem em razão de sua experiência enquanto soldado do Exército Brasileiro e de sua participação em conflitos, agravados pelo consumo de álcool: experimentação com a qual Canto e Mello trabalhou em seu romance, de teor naturalista, lançando mão das teorias científicas, atuais à sua escrita, em torno da loucura, refletida a partir da memória expressiva.

O título do romance também se relaciona à ideia corrente no período, da alma perturbada, em estado de delírio, que atrelava as moléstias mentais ao princípio da alma. As perturbações da mente eram consideradas como reverberações consistentes do cognitivo humano e, por extensão, da alma afetada. Michel Foucault, considerando o delírio proveniente de lapsos de memória em sincronia com a alma confrangida, o diz:

> Da alma racional para o corpo desenvolve-se, num espaço misto, ao mesmo tempo contínuo e interrompido, corpóreo e já pensante, esta *anima sensitiva sive corporea* que veicula os poderes intermediários e mediadores da imaginação e da memória. São eles que fornecem ao espírito as idéias ou pelo menos os elementos que permitem formá-las, e quando estas são perturbadas em seu funcionamento – em seu funcionamento corporal – o *intellectus acies*, "como se seus olhos estivessem vendados, se torna frequentemente embrutecido ou pelo menos obscurecido". (FOUCAULT, 1978, p. 280, grifos nossos).

A alma, nas considerações da medicina psiquiátrica do século XIX, segundo Foucault (1978), em sua relação com a memória e as ideias do indivíduo, no irrompimento de acontecimentos traumáticos ou degeneradores, se torna atormentada, necessitando de tratamento. O recurso terapêutico era o internamento (reclusão) dos indivíduos, operacionalizado pela medicina social. Cabe salientar ainda que no Brasil oitocentista – enredo de *Alma em delírio* – o tratamento atribuído pela psiquiatria fundamentou-se essencialmente na função de normalização da sociedade e no combate a doenças, aos improdutivos e à criminalidade, atendendo às exigências da modernização e do poder disciplinar da sociedade republicana (PORTOCARRERO, 2002, p. 101).

Finalmente, os romances aqui postos sob investigação, concatenam a estética naturalista e experimental, apresentando e confirmando teses científicas atuais ao período, essencialmente em torno da loucura e do alcoolismo, abordando questões hereditárias, de influência do meio e decorrentes de distúrbios alimentares (abusos alcoólicos), como bem consideravam as ciências – "primeiro o mundo exterior, a seguir a hereditariedade e o nascimento, os defeitos da alimentação e finalmente as perturbações internas" (FOUCAULT, 1978, p. 213). Os romances também convergem para a concepção de romance experimental definida por Zola, ao tratarem do alcoolismo e da consequente loucura como doenças sociais, que agravam e destroem o homem e sua humanidade:

> Aqui também basta trocar as palavras "médico experimentador" por "romancista experimentador", e todo o trecho se aplica exatamente a nossa literatura naturalista. [...] Assim sendo, quando em nossos romances fazemos experiência sobre uma ferida grave que envenena a sociedade, procedemos como o médico experimentador: tentamos encontrar o determinismo simples inicial, para chegar depois ao determinismo complexo cuja ação ocorreu em seguida. (ZOLA, 1979, p. 51).

Fundamentando-nos nas palavras de Zola, Canto e Mello e o próprio Zola tornam-se romancistas experimentadores em seus respectivos romances, fazendo experiências com a grave ferida do alcoolismo na sociedade, motivada pelo determinismo inicial da tara genética em *L'Assommoir* e do meio em *Alma em delírio*, para então chegarem ao determinismo complexo da loucura gerada, outra ferida das sociedades francesa e brasileira em vias de

modernização do século XIX. Os temas alcoolismo e loucura constituem os objetos principais da experimentação destes romancistas naturalistas.

4.1.1 A categorização do alcoolismo como propiciador da loucura

Sendo uma prática considerada muito antiga na história da humanidade, assim como a manifestação da loucura, o consumo de álcool esteve atrelado a variados momentos e a diferentes significados no decorrer do tempo. Desde a descoberta das substâncias etílicas consumíveis, a começar pelas pequenas produções de vinhos, cervejas, aguardentes e licores, a bebida alcoólica era entendida como um meio terapêutico, além de ser consumida durante festejos sociais, pela classe aristocrata ou pela burguesia. Até por volta da década de 1840, o álcool foi classificado, pelo químico Justus von Liebig, defensor da terapêutica alcoólica, como um alimento termogênico, capaz de produzir calorias e estimular as secreções benignas do organismo (SANTOS, 1995). O consumo de álcool também era uma construção social, principalmente no Ocidente, onde se apresentavam variados costumes em torno do uso da bebida alcoólica.

Já se tratava a respeito do uso do álcool ao final do século XVIII, porém, o problema em torno do alcoolismo[75] ficou estabelecido, de fato, somente em meados do século XIX, quando se discutiam a questão dos excessos como prática devastadora para o homem e a bebedeira antiga passou a ser encarada como o alcoolismo moderno[76]. O sujeito alcoólatra era taxado como um baderneiro da ordem social e da moral; seu comportamento ocorria devido às interações nervosas entre a substância e o organismo, dando origem a desordens nas atitudes e no caráter do homem, tornando-o propenso às mais variadas patologias: loucura, neuroses, sociopatia, predisposição a crimes, entre outras que a medicina julgava decorrentes dos excessos alcoólicos. A vadiagem e a libertinagem também entravam para o rol das consequências negativas para os alcoólatras, pois se acreditava que a bebida alcoólica em excesso acentuava as paixões e conduzia para a diluição da moral. O controle dessa moral e dos temperamentos, por sua vez, era de responsabilidade da medicina em coautoria com as regras de comportamento estipuladas socialmente (SANTOS, 1995, p. 54).

Em contexto geral, no século XIX, o alcoolismo era um problema preocupante na França, especialmente entre as classes mais baixas – na classe operária com a qual Zola realizou

[75] O termo alcoolismo surgiu em 1849, na tese do médico sueco Magnus Huss.
[76] Na Grécia Antiga já se discutia a questão dos excessos aos prazeres do homem, mas o problema em torno do excesso alcoólico como uma patologia só foi estabelecido no século XIX, através de discussões da medicina que se avançava.

sua experimentação. Já no Brasil, a doença também foi entendida como uma gravíssima disfunção social, assoladora das classes mais pobres, recebeu ainda caráter pejorativo quando relacionada às demais ordens sociais e motivos aparentes, como retratou Canto e Mello ao pôr em observação um soldado afetado pelas suas experiências.

A medicina, em relação ao alcoolismo, tinha como principal preocupação o controle das intempéries dos comportamentos sociais naqueles afetados pelo álcool, que degenerava não só o sistema nervoso, mas também o caráter moral: "[...] todas as qualidades morais desaparecem, sucessivamente nos alcoólicos; eles perdem, pouco a pouco, todo o sentimento de honra, do dever, de bons costumes e a noção do direito e da lei" (OLIVEIRA, 1902, p. 25 apud SANTOS, 1995, p. 56).

Essa teoria de degeneração do homem – "Degenerar significava estragar, corromper, depravar; significava, ainda, morbidez" (SANTOS, 1995, p. 123) – a partir do uso excessivo de bebidas alcoólicas desencadeou muitos discursos e teses em torno do assunto. As mais relevantes para nosso contexto de análise são aquelas que apontam o alcoolismo como fator hereditário e como influência do meio, então abordadas pelo Naturalismo e pelas narrativas de Zola e de Canto e Mello.

A degenerescência como fator de herança genética, também formulada por Augustin Morel[77], foi considerada um dos agentes responsáveis pela tara alcoólica do homem. Acreditava-se que esse desvio era manifestado de geração em geração na linhagem familiar até a sua extinção – também em conformidade com a teoria de seleção natural de Darwin. Para Morel, assim como para outros cientistas e médicos de seu tempo, como o Dr. Prosper Lucas, as teorias de hereditariedade e de degenerescência constituíam em uma predisposição orgânica para o surgimento de moléstias de ordem mental e de taras nocivas (SANTOS; VERANI, 2010, p. 403).

Nessa perspectiva, os descendentes dos alcoólatras poderiam herdar não somente o vício, e a constituição orgânica, como também as moléstias mentais atribuídas ao alcoolismo ou então agravadas por ele (SANTOS; VERANI, 2010). Para Foucault (2001), a hereditariedade era fator predominante para as doenças mentais que, quando manifestadas, tornavam o homem "anormal". E, assim como a tuberculose[78], os comportamentos

[77] Benedict Augustin Morel, médico-psiquiatra franco-austríaco que em seu *Traité des Dégénérescences Physiques, Intellectuelles et Morales de l'espèce humaine et des causes qui produisent ces variétés maladives* (Tratado das degenerescências físicas, intelectuais e morais da espécie humana e das causas que produzem estas variedades doentias; 1857) discute a respeito da degeneração e da loucura, através da hereditariedade.

[78] Confirmando o pensamento de que no século XIX, na Europa, "a maior parte do continente acomodava-se na ideia segundo a qual a tísica [tuberculose] era uma patologia hereditária ou decorrente da inflamação dos tecidos pulmonares" (BERTOLLI FILHO, 2001, p. 44).

delinquentes, a loucura e outros distúrbios psicológicos, a embriaguez também poderia ser hereditária. Em conformidade com essa teoria, é possível notar a predisposição genética de Gervaise, descendente de um alcoólatra e de uma neurótica, e de Coupeau, natural de uma família de alcoólatras; ambas as condições genéticas levaram os personagens ao consumo de álcool e à loucura. Gervaise, no que lhe diz respeito, representa o alcoolismo feminino, considerado pouco comum no período, mas um fator agravante:

> O alcoolismo feminino despontou, neste contexto, como um episódio gravíssimo. Sob este prisma, as mulheres vinham descumprindo seu papel de ponto do equilíbrio moral e emocional da família, e, portanto, pilares da sociedade burguesa, sucumbindo ante os prazeres do álcool e faltando com seus deveres de mães. (SANTOS; VERANI, 2010, p. 405).

Da mesma maneira, Gervaise fica desmoralizada enquanto mãe e enquanto sujeito moral, devido ao consumo imoderado de álcool. O cientificismo em evidência à época considerava o vício alcoólico como um propulsor orgânico que se manifestava no indivíduo e o corrompia, afetando-o no social e nas funções pré-estabelecidas. Assim ocorriam as moléstias mentais e, consequentemente, as disfunções perante a sociedade.

Surge, diante desse prisma, a categorização do alcoolismo como uma doença social, que afeta não só o indivíduo, de forma orgânica, mas também o convívio social como um todo; uma vez que os comportamentos manifestados a partir dos efeitos nocivos do álcool no organismo repercutiam na sociedade (industrial, operária e em modernização à época) de maneira desregulada, expandindo o problema para questões de ordem social e moral. Assim, a tara alcoólica era concebida não apenas por agravar e degenerar os sentidos psíquicos do indivíduo, mas também por perturbar e destruir o convívio social, afetando inclusive as suas ordens de trabalho, tornando o sujeito improdutivo e irresponsável (SANTOS; VERANI, 2010, p. 408).

O vício alcoólico era taxado pelas ciências médicas como impulsor dos delírios e como desencadeador de outras debilidades. Não somente a loucura estava associada ao consumo excessivo de álcool, mas a ela também estavam relacionadas outras moléstias que acometiam grande parte da população de meados do século XIX e início do século XX. De acordo com a ciência médica, a sífilis, a propensão à criminalidade e a tuberculose eram provocadas também em razão da interação da substância etílica com o organismo. Se a loucura era proveniente do alcoolismo, da mesma forma o álcool levava à prática de delitos ou à manifestação de doenças infecciosas (COSTA, 2008). Vale lembrar que o protagonista de *Alma em delírio* também foi diagnosticado como tuberculoso e com hemoptise, males correlacionados ao seu alcoolismo, assim como o personagem Coupeau de *L'Assommoir*, acometido pela doença pulmonar.

Ainda em relação aos enredos, notamos a importância do determinismo do meio, igualmente agente do alcoolismo. O soldado Duarte, de *Alma em delírio*, assim como o casal Gervaise e Coupeau, de *L'Assommoir*, revelam que o meio social teve total influência para despertar o vício alcoólico. O cientificismo de ambos os romances estava em conformidade com resultados dos estudos médicos do século XIX, que do mesmo modo acreditavam ser o meio um dos fatores do alcoolismo. Diversos estudos e abordagens indicavam fatores sociais como propiciadores influentes no vício alcoólico e nas moléstias mentais. Costumes, hábitos corriqueiros, classes sociais e condições de vida eram, então, vistos como fatores determinantes para tais problemas e práticas inadequadas (SANTOS; VERANI, 2010, p. 410), além das condições genéticas e hereditárias.

Nesse caso, Rogério, devido às experiências dos tempos de guerra, do convívio infeliz do casamento e das transformações político-sociais pelas quais passara; e o casal Coupeau, em razão do meio operário, da pobreza e dos infortúnios da classe, foram induzidos e destinados ao consumo de álcool como uma forma de alívio dos sofrimentos e de escape da realidade corriqueira. Todos acabaram tendo uma vida doentia desencadeada pelos efeitos tóxicos do álcool que consumiam, tornando-os corrompidos pela bebida.

Dessa forma, a substância era estigmatizada como a principal causa da loucura. Julgava-se que o álcool afetava o sistema nervoso do indivíduo, sendo capaz de produzir manifestações perturbadoras e morbidades consequentes. O médico psiquiatra Miguel Couto, junto a demais psiquiatras de renome no Brasil, em seus trabalhos antialcoolismo, defendia o álcool como o grande degenerador da raça e do indivíduo, ligando-o estritamente à loucura (ARCHIVOS BRASILEIROS DE HYGIENE MENTAL, 1929, p. 78). Como indicam documentos da época, a maioria dos diagnósticos das moléstias mentais do século XIX era de alcoólatras: a ciência observava que a bebida produzia efeitos físicos e mentais no indivíduo, "a alcoolização era, assim, aproximada a loucura, na medida em que ambas se distinguiam pela ausência de consciência nos atos praticados" (SALES, 2010, p. 182). Por fim, nota-se que, mesmo com características distintas e motivações diferentes para o alcoolismo[79], os romances *L'Assommoir* e *Alma em delírio* convergem para um mesmo eixo temático: a loucura.

[79] Os romances de Zola e Canto e Mello se diferenciam na medida de suas respectivas intenções de escrita e contextos. Enquanto no enquadramento francês de *L'Assommoir*, o romance faz parte de um grande projeto de Zola em construir uma série de romances interligados entre si pelo elo familiar e hereditário dos Rougon-Macquart; o texto de Canto e Mello, já em conjuntura brasileira, não possui tamanho alcance, nem faz parte de um grande projeto como a *Les Rougon-Macquart*, sendo a primeira publicação do escritor.

4.2 *Alma em delírio* e *L'Assommoir*: uma aproximação temática

Partindo dos pressupostos do campo de estudos em literatura comparada, é possível realizar uma investigação sobre o romance *Alma em delírio* em paridade com *L'Assommoir*. O principal objeto a ser examinado é a questão de os temas do alcoolismo e da loucura decorrente serem resgatados por Canto e Mello em seu romance. Esses temas foram bastantes explorados na produção literária do final do século XIX, na França, sobretudo por Émile Zola. Baseamo-nos, essencialmente, nas concepções de Tânia Franco Carvalhal (2006) para o trabalho comparativo entre o romance brasileiro e *L'Assommoir*, e partimos do princípio de que ambos apresentam a mesma temática: alcoolismo, loucura e a presença marcante de hospícios onde eram internados aqueles julgados loucos.

Inicialmente, aborda-se aqui a retomada de um mesmo tema com propósitos específicos a que Canto e Mello supostamente visava com a publicação de seu romance, de marcas naturalistas, nos anos iniciais do século XX. Trataremos, portanto, das possíveis contribuições de Émile Zola para a composição do texto do romancista brasileiro, tendo em vista os pressupostos teóricos publicados por Zola em vida, a respeito do movimento naturalista, em *Le Roman Expérimental* e *Le Roman Naturaliste*, além dos ideais desenvolvidos no próprio romance *L'Assommoir*.

Como visto nos capítulos anteriores referentes a *L'Assommoir* e *Alma em delírio*, ambas as narrativas convergem em relação aos temas explorados e aos desfechos análogos, porém, com particularidades estritamente específicas e importantes para a compreensão de cada uma das obras. Para tal análise, será preciso retomar dois pontos relevantes para a compreensão do estudo de um mesmo tema nessas duas obras distintas: o primeiro é a relação que se estabeleceu durante muito tempo entre Brasil e França, principalmente no campo literário, e, o segundo, a maneira como o Naturalismo se manifestou em solo brasileiro. Essa constatação não é nenhuma novidade, tendo em vista os vários estudos realizados até o momento e que confrontam a presença dos pressupostos estéticos franceses no território literário brasileiro, notadamente no século XIX e início no século XX.

Com relação ao Naturalismo e à obra de Zola, o escritor francês foi responsável por difundir suas ideias e concepções a respeito do que viria a ser o romance naturalista do século XIX na França e que chegou reconfigurado ao Brasil. Em termos históricos, o Naturalismo alcançou o país em um momento de grandes transformações, sobretudo, no cenário político, a partir de 1870 (SODRÉ, 1965, p. 158). Esses acontecimentos mudaram o modo de vida do brasileiro da época, fazendo novos problemas sociais surgirem e, por conseguinte, serem

representados e colocados em foco pelos escritores do período, alguns dos quais haviam acabado de entrar em contato com as teorias naturalistas.

Por aqui, a ideia principal, além da social, explorada pelos escritores naturalistas brasileiros, foi a teoria biológica, segundo a qual as condutas do homem eram motivadas por sua construção biológica e esta afetava diretamente o seu temperamento. Assim, o *ser brasileiro* foi o elemento essencial que propiciou o desenvolvimento de tramas em que os personagens da terra dos trópicos são corrompidos – ora preguiçosos, ora de sexualidade aflorada, ora trapaceiros – como muito bem apresentado por nosso mais conhecido romance naturalista, *O cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo. Isso comprova, conforme Neide de Faria (1989, p. 138), "a existência, em nosso país, de um ramo do naturalismo que interpretou, a seu modo, e de maneira bem deformada e peculiar, as teorias [em especial as de cunho genético] de Zola". Se no Naturalismo francês foi explorada a questão genética da descendência, no brasileiro explorou-se a questão da raça.

Levando em conta as teorias de Zola, a prosa naturalista, para o romancista, deveria representar o homem como um ser social, imerso em uma comunidade, cujas características, condutas e atitudes poderiam ser exploradas com base em experimentações. Falamos então, além do determinismo genético (resultado de heranças genéticas dos personagens), do determinismo social, em que o meio é responsável por manifestar nos indivíduos-personagens as suas personalidades e comportamentos.

A esse pensamento Canto e Mello filiou sua escrita quando desenvolveu o enredo de *Alma em delírio* no qual analisa o comportamento e atitudes de um veterano de guerra, utilizando, como principal instrumento para sua experimentação, o álcool. Partindo dessas concepções, na obra de Canto e Mello observamos a retomada do tema do alcoolismo reconfigurado com fatores socioculturais brasileiros, mas estruturado da maneira como o fez Zola em *L'Assommoir*, norteado pelo viés naturalista propagado pelo escritor francês. A respeito das relações entre literatura e momento histórico-social, Antonio Candido também contempla a ideia de que manifestações sociais são amparadas pela arte, em especial, pela literatura:

> A arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. Isto decorre da própria natureza da obra e independe do grau de consciência que possam ter a respeito os artistas e os receptores de arte. (CANDIDO, 2006, p. 30).

Canto e Mello traz em seu romance, desconhecido por muitos e apagado pela crítica literária brasileira, uma reflexão social a respeito de questões intrincadas pelas quais o país passou após o fim do Império e início da República. Considerando, ainda, as contribuições de Candido, parece possível apontar a filiação literária e histórica do romance de Canto e Mello. Segundo o crítico brasileiro, a produção literária nacional do século XX pode ser dividida em três partes: "a primeira vai de 1900 a 1922, a segunda de 1922 a 1945 e a terceira começa em 1945. A primeira etapa pertence organicamente ao período que se poderia chamar pós-romântico e vai, grosso modo, de 1880 a 1922" (CANDIDO, 2006, p. 120). É nessa primeira fase que se situa *Alma em delírio* por apresentar uma proposta tardia de um romance naturalista, mas que ainda se mantinha atual devido aos temas nele abordados.

O romance de Canto e Mello toma uma forma mais parecida com o romance naturalista francês por destacar proeminentemente a questão dos determinismos (do meio e do momento histórico) como propulsores das condutas de um sujeito inserido em uma sociedade ambientada pelo sentimento do pós-guerra, de crise política do fim do período monárquico e início do republicano – da mesma maneira como havia feito Zola ao retratar, na saga *Les Rougon Macquart*, características de seus personagens marcadas pela história social e por um momento histórico específico.

4.2.1 Estudo e repetição de um mesmo tema por Canto e Mello

O tema, na literatura comparada, é objeto de estudo nos trabalhos comparatistas contemporâneos; segundo uma orientação alemã, essa prática recebe o nome de *Stoffgeschichte*: "estudo de temas literários em sua circulação por diferentes literaturas" (CARVALHAL, 2006, p. 88). Nesse sentido, o tema passa a ser visto como um estruturador essencial para a composição do texto, sendo ele novidade ou não.

Ao analisarmos *Alma em delírio*, percebemos a retomada do tema do alcoolismo e das consequentes perturbações psicológicas sofridas pelo protagonista do romance, Rogério Duarte. Tal construção já tinha sido feita anteriormente por Zola em *L'Assommoir*, cujos personagens Gervaise e Coupeau também são associados ao alcoolismo e à loucura. Mas o interessante aqui é entender a relevância, sob a perspectiva da literatura, do resgate temático por Canto e Mello em um outro contexto intra e extraliterário, no Brasil. Segundo o formalista Iuri Tynianov (1971, apud CARVALHAL, 2006), um mesmo elemento, nesse caso o alcoolismo e suas decorrentes perturbações, pode apontar para funções diferentes a depender do contexto e do sistema em que está inserido. Desse modo, como contempla Carvalhal, isso

> [...] nos leva a pensar que um elemento, retirado de seu contexto original para integrar outro contexto, já não pode ser considerado idêntico. A sua inserção em novo sistema altera sua própria natureza, pois aí exerce outra função. (CARVALHAL, 2006, p. 47).

Observando os dois romances, verificamos a exploração do mesmo tema investigado em sistemas distintos para remeter a outro contexto extraliterário e o propriamente literário: enquanto em *L'Assommoir* o álcool é visto como um degenerador da raça operária francesa das últimas décadas do século XIX, sob o regime do Segundo Império francês, e foi publicado no auge do movimento naturalista, com a intenção de mostrar como, através da embriaguez e da preguiça, há o afrouxamento dos laços familiares, o lixo da promiscuidade e, depois, como resultado, a vergonha e a morte (ZOLA, 1933, p. 5); em *Alma em delírio*, esse mesmo problema, o do alcoolismo, é tomado como uma solução recorrente para um ex-combatente, sendo o romance publicado no momento literário em que a questão naturalista, no Brasil, estava alcançando sua decadência.

Assim, ao direcionar o olhar para a mudança de natureza e função que um mesmo tema exerce em sistemas literários diferenciados, como aponta Tania Carvalhal,

> [...] muda a compreensão do comparativista que persegue um tema, uma imagem ou mesmo um simples verso ao longo de diferentes textos. Ela o faz considerar não mais apenas o elemento em si, mas a função que ele exerce em cada contexto. Enfim, graças a isso, o elemento rastreado é o mesmo, sendo já outro por força da nova função que lhe é atribuída. (CARVALHAL, 2006, p. 47, grifo nosso).

Ainda podemos nos firmar nas concepções de Tynianov (1971), evidenciadas por Carvalhal, a respeito do tema que aqui abordamos, que se manteve ativo e recorrente em contexto díspar, e destacado de maneiras diferenciadas, comprovando que toda obra literária

> [...] se constrói como uma rede de "relações diferenciais" firmadas com os textos literários que a antecedem, ou são simultâneos, e mesmo com sistemas não-literários. Nessa linha de reflexão, Tynianov irá contestar o uso do termo "epígono" como um valor constituído e arguir a ideia de "tradição" tal como era concebida na historiografia tradicional. Para ele, a tradição não se desenha como uma linha reta, numa evolução linear e contínua, mas se constitui um processo bastante conflituado, de idas e voltas. (CARVALHAL, 2006, p. 47).

Portanto, os temas alcoolismo e loucura que foram abordados no contexto do Naturalismo francês, se mantiveram recorrentes no texto de Canto e Mello, demonstrando serem ainda temas presentes, principalmente no sistema extraliterário, ou seja, na sociedade brasileira da época.

Como outro exemplo complementar, podemos citar o escritor Lima Barreto. Este, no mesmo período, também explorou a questão do alcoolismo e dos sanatórios para doentes mentais, em sua maioria superlotados de alcoólatras. Do mesmo modo que Zola, Canto e Mello e Lima Barreto aproveitaram-se da questão do alcoolismo para a composição de suas obras, quando ainda estava em voga a denúncia de degeneração moral e social que o alcoolismo trazia para os indivíduos e que contribuía para uma conduta inapropriada diante da sociedade da qual falavam. No contexto literário e histórico-social (extraliterário) das décadas finais do século XIX e início do século XX, no Brasil, quando a presença de hospícios era muito significante e tida como uma forma de ordenação e controle da sociedade, o alcoolismo se tornou o principal motivo propiciador de internações, como apontaram as estatísticas e os dois escritores em seus textos.

Por esse ângulo, a repetição dos mesmos temas, em contextos distintos, representa uma transformação e ressignificação dessas temáticas. Flora Süssekind, baseando-se nos ideais de Nietzsche e de Deleuze, resgata essa concepção mostrando que uma retomada temática adquire uma nova significação: "repetição não exclui transformação" (SÜSSEKIND, 1984, p. 64), indicando uma nova perspectiva e um valor ímpar. Nesse sentido, Canto e Mello, ao resgatar o tema do alcoolismo trazendo-o para o sistema histórico-cultural brasileiro da época, transforma-o e explora um novo significado, de modo a examinar outras questões que estavam em exaltação. Assim, utilizar o mesmo tema desenvolvido por Zola, mas em contexto distinto, faz com que esse tema e, consequentemente, o texto relativo a ele seja ressignificado, mas ainda mantendo uma relação com os escritos de Zola. Como exemplifica Carvalhal,

> O comparativista não se ocuparia a constatar que um texto resgata outro texto anterior, apropriando-se dele de alguma forma (passiva ou corrosivamente, prolongando-o ou destruindo-o), mas examinaria essas formas, caracterizando os procedimentos efetuados. Vai ainda mais além, ao perguntar por que determinado texto (ou vários) são resgatados em dado momento por outra obra. Quais as razões que levaram o autor do texto mais recente a reler textos anteriores? Se o autor decidiu reescrevê-los, copiá-los, enfim, relançá-los no seu tempo, que novo sentido lhes atribui com esse deslocamento? (CARVALHAL, 2006, p. 51-52, grifo nosso).

Possivelmente, em sua época, Canto e Mello teve contato com os textos de Émile Zola nos quais encontrou um tema-problema que também poderia ser explorado em seu território, buscando relançá-lo com um novo propósito e significado:

> Sabemos que a repetição (de um texto por outro, de um fragmento em um texto, etc.) nunca é inocente [...]. Toda repetição está carregada de uma intencionalidade certa: quer dar continuidade ou quer modificar, quer subverter, enfim, quer atuar com relação ao texto antecessor. A verdade é que a repetição, quando acontece, sacode a

> poeira do texto anterior, atualiza-o, renova-o e (por que não dizê-lo?) o reinventa. (CARVALHAL, 2006, p. 53-54).

Quando Canto e Mello resgata a temática do alcoolismo num enredo cujo protagonista e principal sujeito portador desse vício é um soldado ex-combatente de guerra, ele realiza, também, uma espécie de denúncia social e experimentação sobre o destino daqueles que serviram a pátria durante os conflitos; mas que, finda a guerra, ficaram desamparados, buscando no álcool uma possível solução para suas angústias e sentimentos depressivos. Esse soldado do qual falamos "sentia no coração uma espécie de agonia, de sobressalto e de medo" (MELLO, 1914, p. 87). No romance, Rogério Duarte vai gradativamente se afundando no seu "vazio" existencial; o descontentamento com sua vida já era persistente e "as lágrimas foram-se repetindo com uma frequência desanimadora" (MELLO, 1914, p. 93), o que culminou no consumo do álcool como uma forma de escapar de suas inquietações.

Da mesma maneira, Gervaise, protagonista de *L'Assommoir*, se rende ao álcool para se distanciar dos problemas que a circundavam: o marido Coupeau, ocioso e destinado ao álcool e o ex-marido, Lantier, que abusava de sua hospedagem, além de sua condição social. Entretanto, além desses problemas decorrentes do meio, temos em Gervaise a tara pelo alcoolismo decorrente do determinismo genético que Zola explorou em seus romances de tese.

Apesar das semelhanças entre os enredos, a diferença se dá pelo fato de investigarem um mesmo tema em contextos e com intuitos distintos. Temos em *L'Assommoir* a representação de um grupo social francês do fim do Segundo Império, o mundo da pobreza e do trabalho operário. Nesse romance, Zola tenta definir que o álcool é a substância propulsora para a degradação dessa raça operária que ele representa, que leva à degeneração moral e social, em conformidade com os estudos científicos do período, os chamados *annales médico-psycologiques*, em que renomados psiquiatras caracterizavam os operários parisienses, a classe mais problemática do período, como bêbados, violentos e maníacos (HARRIS, 1993, p. 267, apud SANTOS, 1995, p. 88-89).

Por outro lado, em *Alma em delírio*, o álcool assume o papel de fuga dos problemas sociais, principalmente para aqueles que sofreram nas batalhas brasileiras deste período, os soldados, classe desamparada pelo Estado no Brasil oitocentista. Entretanto, o consumo da bebida culmina para um mesmo fim, assim como no romance de Zola: temos um personagem que se torna dependente e sofre, consequentemente, um "extraordinário assomo de loucura, devida a excessivos alcoólicos" (MELLO, 1914, p. 15) e acaba internado num manicômio.

Explorando episódios referentes à relação álcool, loucura e hospício, no romance de Canto e Mello, aqueles que representam a loucura do personagem Rogério Duarte são os que

mais se destacam e nos interessam nesta investigação, sobretudo aqueles em que ele se recorda e/ou se vê em meio às batalhas nas quais lutou, na guerra contra o Paraguai. São essas lembranças involuntárias que o protagonista sofre por muito tempo, junto e consequentemente da ingestão de conhaque, a bebida mais consumida por ele. Neste caso, temos em Canto e Mello a tentativa bem-sucedida de resgatar um tema já utilizado por Zola, em *L'Assommoir*, para a composição de *Alma em delírio*. Assim,

> [...] a investigação das hipóteses intertextuais, o exame dos modos de absorção ou transformação (como um texto ou um sistema incorpora elementos alheios ou os rejeita), permite que se observem os processos de assimilação criativa dos elementos, favorecendo não só o conhecimento da peculiaridade de cada texto, mas também o entendimento dos processos de produção literária. (CARVALHAL, 2006, p. 85-86).

O resgate operado pelo romancista brasileiro tem o objetivo de retratar, além do problema do alcoolismo, outras adversidades sociais, como os reflexos do pós-guerra para os combatentes, o desamparo por eles enfrentado e, também, o método de controle para aqueles tomados como loucos. Todos esses problemas giram em torno do alcoolismo, que seria propulsor para essa degeneração social.

Nos anos finais oitocentistas, concomitantemente à repercussão da estética naturalista, as construções em prosa tomavam uma maior apreciação e difusão pelo Brasil como uma forma de atender melhor do que a poesia às transformações políticas, econômicas e sociais pelas quais o país passava. Como lembra Nelson Sodré (1965, p. 161), o romance tornou-se o gênero privilegiado – tanto pelos autores quanto pelo público – sendo a unidade capaz de interpretar e traduzir as mudanças complexas da sociedade.

Essa complexidade da organização social, referida por Nelson Sodré, foi refletida nas produções literárias naturalistas, quando os romancistas retomaram estes assuntos, aliados às ideias do movimento e/ou às teorias do romance experimental, representando em seus textos a sociedade dos últimos decênios do século XIX. Logo, temos uma relação entre Literatura e História, como define Carvalhal:

> O estudo comparado de literatura deixa de resumir-se em paralelismos binários movidos somente por "um ar de parecença" entre os elementos, mas compara com a finalidade de interpretar questões mais gerais das quais as obras ou procedimentos literários são manifestações concretas. Daí a necessidade de articular a investigação comparativista com o social, o político, o cultural, em suma, com a História num sentido abrangente. (CARVALHAL, 2006, p. 86).

Procuramos, neste trabalho comparativo, não apenas destacar uma relação entre as obras aqui analisadas e seus respectivos autores, mas esclarecer novas perspectivas, visando o que

busca a vertente da literatura comparada, conforme Tânia Carvalhal (2006, p. 86), que é investigar um mesmo tema (ou problema) em conjunturas desiguais, com o objetivo de analisar e elucidar críticas e concepções da literatura nacional de forma mais ampla.

Dessa forma, a abordagem procura mostrar a importância de confrontar textos de contextos distintos, separados também por um espaço temporal, norteados por uma mesma temática, para entender suas relações representativas em seus sistemas literários específicos. De fato, o influxo vindo da França foi essencial para a composição dos movimentos literários que aqui chegaram, em especial do Naturalismo, do qual tratamos. Mas é importante frisar que não somente dessas intervenções estrangeiras depende ou constitui-se nossa literatura. Os modelos estrangeiros se manifestaram, por vezes, no ponto de vista formal das narrativas naturalistas brasileiras; no entanto, o contexto histórico nacional próprio e os problemas na organização social dos quais os autores se apropriaram, constituíram e deram a forma primordial dos romances naturalistas brasileiros (SODRÉ, 1965, p. 169). Essa constatação comprova que a literatura brasileira não depende apenas de modelos estrangeiros, sejam franceses ou portugueses, mas, predominantemente, da própria conjuntura local.

Nosso contexto histórico-político-social foi o principal propiciador dos enredos explorados pelos escritores naturalistas brasileiros os quais demonstraram problemas que assolavam a sociedade da época retratada; no caso de Canto e Mello, o foco foi direcionado ao determinismo social e ao tema do alcoolismo como uma forma de explorar essas adversidades sociais nacionais e suas consequências.

5 CANTO E MELLO ÀS MARGENS DO NATURALISMO BRASILEIRO

Já que tratamos de um escritor esquecido e até mesmo apagado pela crítica e história literária, convém levar em conta a formação do rol de escritores e textos mais ou menos conhecidos, as chamadas listas canônicas da literatura brasileira. Discorrer sobre o cânone na era pós-moderna é uma prática recorrente e, ao mesmo tempo, conflituosa, tendo em vista os díspares estudos que se concentram sobre o assunto. Essa problemática se dá, principalmente, pela tradição da formação do cânone literário, ainda atrelado, por alguns críticos, a questões políticas e sociais dominantes que acabam determinando "obras clássicas" de acordo com esses critérios, associados, também, ao arquétipo do gosto definido por Kant, como lembra Leyla Perrone-Moisés:

> Chegamos ao século XX, deparamos com o fenômeno dos escritores-críticos. Suas escolhas não são ditadas por nenhuma autoridade institucional, mas pelo gosto pessoal justificado por argumentos estéticos e pela própria prática. (PERRONE-MOISÉS, 1998, p. 63).

Para entendermos esse conflito em torno do cânone seria preciso investigar o seu surgimento e as maneiras pelas quais se constitui uma lista de escritores ou obras canônicas. Do grego *kanón* e através do latim *canon*, a esse termo atribuiu-se o significado de regra que, com o passar do tempo, foi utilizado pela Igreja como um conjunto de textos modelares a serem seguidos. Também aproveitando-se do termo, o catolicismo deu o nome de cânone para a lista de santos reconhecidos pela autoridade máxima da religião.

No âmbito literário, esse mesmo sentido foi atribuído à lista de escritores e obras considerados canônicos: modelos exemplares e consagrados, com valor literário universal. E é nesse sentido que a discussão referente ao cânone tem se tornado tão examinada recentemente, como composição de uma lista que, por muito tempo, negligenciou alguns nomes em decorrência de juízos estéticos e sociais imperantes, como foi o caso das literaturas de autorias negra e feminina, excluídas das listas canônicas.

A questão a ser tratada aqui é justamente a da exclusão que se envolveu e, por vezes, ainda se envolve em torno da formação do cânone literário, quando são silenciados determinados escritores e seus textos relevantes. Antoine Compagnon lembra da instabilidade desses conjuntos de textos canônicos e dos processos de exclusão: "por outro lado, o próprio cânone dos grandes escritores não é estável, mas conhece entradas (e saídas)" (2010, p. 33). Porém, mesmo que as listas do cânone não sejam permanentes e sim mutáveis ao longo do tempo e a partir dos frequentes estudos da literatura, o processo de mudança ainda é lento e as

alterações são mínimas, quando comparadas à vasta gama de produções e de novos autores que surgem dentro desse mesmo período de alterações, como assegura Bonnici:

> Embora o cânone de nenhuma literatura moderna ou contemporânea tenha sido formalizado, raro não é que vários autores específicos sejam, vez ou outra, incluídos ou excluídos da lista. Por outro lado, Shakespeare, Cervantes, Flaubert, Manzoni e Machado de Assis, por exemplo, são os mais sólidos nomes do cânone inglês, espanhol, francês, italiano e brasileiro, respectivamente. (BONNICI, 2011, p. 105).

Ainda, sobre essas mudanças, Leyla Perrone-Moisés, no capítulo *O cânone dos escritores-críticos* inserido no livro *Altas literaturas* (1998), realizou um estudo comparativo entre as listas de autores considerados exemplares por escritores-críticos como Pound, Borges, Calvino e Haroldo de Campos, através do qual constatou que ora alguns escritores eram inseridos na lista, ora apagados e ora resgatados. Entretanto, as mudanças eram poucas e, em grande parte, alguns nomes se repetiam sempre e eram constantes, como é o caso de Shakespeare, por exemplo. Sobre o assunto, Leyla reitera:

> A maior atenção a determinados autores significa sempre que estes são reconhecidos como ainda ativos, inspiradores de escrita na modernidade. Alguns nomes entram na lista por terem sido explicitamente citados pelos escritores-críticos como indispensáveis; mas eles não dedicaram ensaios a eles, por considerá-los suficientemente conhecidos e reconhecidos. É o caso de Homero e de Virgílio e, em certa medida, de Shakespeare. (PERRONE-MOISÉS, 1998, p. 76).

Por outro lado, a mínima alteração feita nas listas dos "clássicos" pelos escritores-críticos modernos já inicia um processo de inserção de novos nomes e títulos, mesmo que a passos lentos, o que amplia o horizonte de leitura do público, principalmente no espaço escolar e acadêmico. Leyla Perrone-Moisés, ao percorrer as listas canônicas de escritores críticos, nota que alguns nomes consagrados permanecem estanques em justaposição de outros que ora estão apagados pelos manuais de literatura. Para ela, "essas coincidências parecem indicar certo consenso, um conjunto de valores que ultrapassa a esfera do gosto pessoal e da mera recepção, e que afetaria a própria produção da literatura moderna" (PERRONE-MOISÉS, 1998, p. 13).

Nesse sentido, importa aqui discursar sobre autores que poderiam pertencer, não necessariamente ao grupo de escritores canônicos, mas sim, a uma lista que possua um valor relevante não só para a literatura em si, mas também para o contexto social. Como o próprio Pound afirma, sua lista de escritores não é definitiva e única, apenas norteadora, pois existem outras personalidades e textos de valor literário a serem explorados:

> Pound faz questão de explicar o porquê dessas listas e admitir que elas têm omissões: "Os autores e livros que eu recomendo nesta introdução ao estudo das letras devem ser considerados COMO medidas e voltâmetros. Os livros relacionados são livros para se ter em mente ANTES de tentar medir ou avaliar outros livros. Eles NÃO são – sublinhe-se – os únicos livros dignos de leitura". (PERRONE-MOISÉS, 1998, p. 65).

Assim, retomamos o escritor Pedro de Castro do Canto e Mello, de quem hoje pouco se fala e raras são as manifestações a respeito de suas produções na crítica literária brasileira. Em seu romance, *Alma em delírio*, encontramos um texto repleto de constatações sociais, políticas e históricas da época correspondente ao fim do Império e pós-Guerra do Paraguai. A qualidade se dá, também, pelo trabalho feito pelo autor em explorar a questão naturalista e o determinismo do meio através de seu protagonista. O que mais se destaca no enredo é a presença da bebida alcoólica como um fator de corrupção social e degradação humana em conformidade com as manifestações sociais e teorias médico-científicas do Brasil oitocentista. Por esse lado, *Alma em delírio* tem muito a contribuir para a literatura brasileira da virada do século, considerando a riqueza de detalhes, temas e problemas que ele apresenta. Sobre o papel desse romance para a literatura, é possível retomar as palavras de Pound que defende, em suas listas,

> [...] não apenas os grandes "mestres" e "inventores", mas também aqueles que, segundo ele, têm algo a ensinar num aspecto particular da criação poética, ou que têm algumas páginas notáveis, ou um papel intermediador dentro de uma literatura nacional. (PERRONE-MOISÉS, 1998, p. 71).

Filiado a esse pensamento realizamos este trabalho sobre Canto e Mello, de modo a mostrar sua importância para a literatura nacional e sua contribuição para o enriquecimento dela. De fato, no que concerne ao romance naturalista, temos excelentes exemplares, entretanto, tomando como fundamento a ideia de Pound de que é preciso também destacar outros autores que possuem algumas páginas notáveis, e pensando no que diz respeito ao Naturalismo – além de Aluísio Azevedo, Inglês de Sousa, Júlio Ribeiro e Adolfo Caminha que já possuem espaço na crítica e história literária brasileira – resgatamos Canto e Mello por também ser merecedor desse espaço se levarmos em conta suas publicações, em especial, *Alma em delírio*.

5.1 O apagamento de Canto e Mello

Em meio a esta discussão, surge o principal questionamento: por que Canto e Mello foi esquecido ou negligenciado? Para responder a essa pergunta, algumas hipóteses podem ser pautadas. A primeira e mais importante justificativa parece ser a publicação tardia de seu

romance naturalista, já na primeira década do século XX, época em que essa vertente não mais ocupava local de destaque.

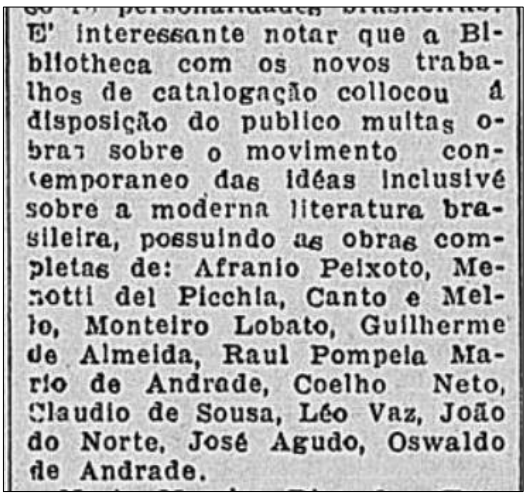
Posteriormente às décadas de 1880 e 1890, o Naturalismo teve seu enfraquecimento e foi aos poucos caindo em decadência, levando alguns escritores a se tornarem *démodés*, termo que Brito Broca, em *Naturalistas, parnasianos e decadistas: vida literária do realismo ao pré-modernismo* (1991), atribui aos romancistas que, aos poucos, foram caindo no esquecimento do público. Segundo o crítico, o motivo de alguns escritores caírem no esquecimento e no desuso do público tem relação com a celeridade nas mudanças da organização social e política do Brasil, no fim do século XIX.

Brito Broca ainda justifica que um escritor incapaz de se readaptar, em meio a estas mudanças, perde o que ele classifica como "seu instrumento de comunicação com o meio" (BROCA, 1991, p. 342), ou seja, não consegue dialogar com seu leitor. As constantes transformações no contexto histórico, político e social do Brasil foram marcantes para a literatura, contribuindo, de certa forma, para o sucesso ou não de textos publicados na época. Nesse mesmo pensamento, Zelia Cardoso aponta para uma atenuação nos quadros políticos e sociais nas primeiras décadas do século XX:

> Faltava motivação suficiente para incentivar o escritor. Os objetivos políticos que, no fim do século XIX haviam agitado a opinião pública e despertado a crítica dos intelectuais, haviam sido alcançados. Grandes nomes da literatura do passado haviam desaparecido. (CARDOSO, 1983, p. 19).

Em contrapartida a estes posicionamentos, mesmo tendo publicado um romance em que a vertente naturalista e questões de determinismo do meio ainda se manifestassem de maneira acentuada, Canto e Mello aborda em sua narrativa outros problemas sociais da época próxima à publicação. Ainda com um certo distanciamento temporal do fim do Império e do término da Guerra do Paraguai (1864-1870), alguns problemas que continuaram assolando a sociedade brasileira da época foram retratados em seu texto. Nos sustentamos, para essa colocação, não somente pelo inventário feito sobre as ideias correntes no período de publicação de Canto e Mello, constatando as temáticas modernas do período retratadas pelo escritor em sua obra; também, encontramos uma nota publicada no jornal *Correio Paulistano*, de 1930, em que se descreve a complementação do catálogo da Bibliotheca Publica do Estado com novos exemplares, incluindo a obra completa de Canto e Mello, classificada como a "moderna literatura brasileira" – ao lado de nomes como Monteiro Lobato, Raul Pompeia, Afrânio Peixoto, Coelho Neto, e outros:

Figura 19 - Correio Paulistano, 1930. Canto e Mello na Bibliotheca Publica do Estado.


E' interessante notar que a Bibliotheca com os novos trabalhos de catalogação collocou á disposição do publico muitas obras sobre o movimento contemporaneo das idéas inclusivé sobre a moderna literatura brasileira, possuindo as obras completas de: Afranio Peixoto, Menotti del Picchia, Canto e Mello, Monteiro Lobato, Guilherme de Almeida, Raul Pompeia Mario de Andrade, Coelho Neto, Claudio de Sousa, Léo Vaz, João do Norte, José Agudo, Oswaldo de Andrade.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.[80]

Juntamente aos aspectos socioculturais e políticos dos temas alcoolismo e loucura, destacados em *Alma em delírio*, Canto e Mello apresenta um breve panorama da medicina social da época, anos finais do século XIX e nascentes do século XX. Nesse período, a instalação de hospícios para doentes mentais no país se multiplicou assustadoramente. Desse modo, o escritor utilizou sua narrativa para descrever como a medicina social agia, mediada pelo Estado, com objetivos de uma higienização social ocorrida, principalmente, no início do século XX[81], quando eram seguidos os princípios sanitaristas de precaução, higienização e salubridade, em conformidade com o desejo de modernização (COSTA, 2008).

A segunda hipótese possível para a negligência da crítica em relação a Canto e Mello foi a publicação de seus romances às vésperas da Semana de Arte Moderna, de 1922. Nesse momento, tinha-se a ideia de que a literatura brasileira deveria sofrer uma quebra com relação aos modelos estrangeiros, mais precisamente o europeu. Almejava-se construir uma literatura puramente nacional – o mesmo objetivo já intentado em movimento anterior, no Romantismo. Para além disso, o desejo principal da nova estética moderna que se refletia era de ruptura, principalmente com o passado. À vista disso, muitas foram as críticas e rejeição àqueles que se mostravam atrelados aos modelos europeus. A esse respeito, Nelson Werneck Sodré (1965, p.

[80] Vide anexo R.

[81] Ressalta-se mais uma vez que a (re)apresentação feita por Canto e Mello, especialmente sobre a medicina social, a época das internações, a captura e reclusão forçada dos indivíduos julgados como loucos, não configura, ao certo, uma crítica ou denúncia ultrajante ao método de tratamento da medicina psiquiátrica do período abordado. Ao contrário de Lima Barreto, em *Cemitério dos vivos*, Canto e Mello apresenta um texto, de certa forma, concordante com posicionamentos médicos e políticos que visavam a modernização do país, não discorrendo qualquer avaliação contrária ou condenatória, mas sim moralista, aos moldes das produções naturalistas.

198) afirma que, com o declínio do movimento naturalista, irrompido nos anos finais do Segundo Império e nos anos iniciais do regime republicano, a literatura brasileira sofreu um profundo recorte temporal demorando a fixar-se novamente, até o Modernismo, custando a se estabelecer na ficção.

Assim, Canto e Mello, por lançar no século XX, uma obra em que ainda estavam presentes as marcas do Naturalismo precedido por Zola, a exploração do determinismo e o vínculo com o século passado, acabou sendo ignorado por boa parte dos escritores e críticos; e consequentemente esquecido.

Podemos ainda nos pautar numa terceira hipótese, a qual tem uma relação direta com as apresentações e abordagens no tocante ao exército brasileiro. Em determinadas passagens, tanto o narrador protagonista, Rogério Duarte, quanto o confidente das notas de vida, Pedro, expressam certas críticas implícitas e explícitas às forças militares, as quais integraram. Nas palavras de Pedro constatamos:

> Dizer o que foi a minha vida durante o tempo em que servi naquelle Regimento, seria o mesmo que reabrir feridas ha muito cicatrizadas. (MELLO, 1914, p. 7).
>
> Alli, todos me eram adversos. Desde o sargento, quase analphabeto, envelhecido nas trincas de quartel, até o ultimo soldado da 1.ª companhia, a que pertencia – todos me olhavam com um ar de profundo desprêso e de acintosa provocação.
> Como era atrazado o Exercito naquelle tempo! (MELLO, 1914, p. 8, grifos nossos).
>
> Vivia isolado [...] e muitas vezes no desconforto daquella situação, tive ímpetos de me atirar ao mar, aborrecido de mim e dos outros.
> Enjoava-me aquella vida e aquelle meio [...]. (MELLO, 1914, p. 9).

Já o protagonista Rogério, em suas notas íntimas, também não deixa de transparecer uma posição desconforme ao Exército:

> [...] porque essa criança fora victima do estrago causado por uma bala de canhão e o artilheiro tinha sido eu... (MELLO, 1914, p. 61).
>
> Os homens válidos, tinham seguido commigo para a guerra. Muitos tinham morrido em combates ou dizimados pelas febres [...]. (MELLO, 1914, p. 304).

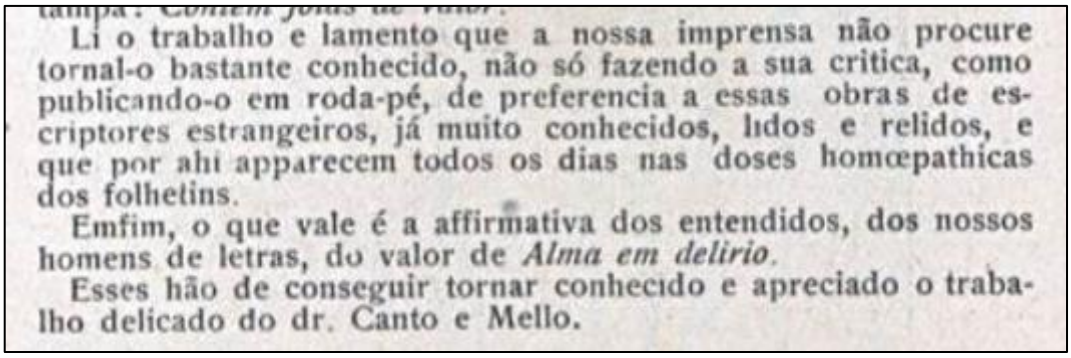
Com tal efeito, Canto e Mello pode ter sido negligenciado por realizar essa espécie de juízo desfavorável à corporação, pois, por esse lado, não correspondia aos interesses do Estado enquanto nação íntegra, ordeira e consolidada.

Contudo, *Alma em delírio* foi um romance lido por críticos e escritores que dedicaram poucas palavras a respeito da produção. O nome de Canto e Mello esteve presente em textos

teórico-críticos publicados por Antonio Candido[82], João Pinto da Silva[83], Nelson Werneck Sodré[84], Wilson Martins[85] e Lúcia Miguel Pereira[86], como também pelo autor de *Madame Pommery* (1920), Hilário Tácito. Logo, o escritor gaúcho foi lido e avaliado por outros escritores-críticos, mesmo que em moderadas linhas, e citado como uma figura que deixou sua marca, pelo menos à época, na literatura brasileira.

Desse modo, chegamos à quarta hipótese de apagamento: a posição da crítica. Como já avaliado, a crítica ao movimento naturalista foi responsável por colocá-lo sob suspeição na história literária, assim como boa parte dos escritores seguidores da estética. Não somente, há de se considerar a crítica a Canto e Mello, ora desfavorável, que delegou uma posição limítrofe e secundária ao escritor e à sua inerente obra. No periódico *Illustração Paulista*, de 1912, ressaltou-se a renúncia ao escritor por parte da crítica, causa possível para seu pouco conhecimento:

Figura 20- Illustração Paulista, 1912, p. [12]. Crítica e possível justificativa para apagamento de Canto e Mello.



Li o trabalho e lamento que a nossa imprensa não procure tornal-o bastante conhecido, não só fazendo a sua critica, como publicando-o em roda-pé, de preferencia a essas obras de escriptores estrangeiros, já muito conhecidos, lidos e relidos, e que por ahi apparecem todos os dias nas doses homœpathicas dos folhetins.

Emfim, o que vale é a affirmativa dos entendidos, dos nossos homens de letras, do valor de *Alma em delirio*.

Esses hão de conseguir tornar conhecido e apreciado o trabalho delicado do dr. Canto e Mello.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.[87]

Em outros dois recortes encontrados, agora de *O Pirralho* (1913), por ocasião da publicação de *Mana Silvéria*, primeiro nota-se um parecer consistentemente hostil ao romance de Canto e Mello, avaliado como o marco do fim da reputação do escritor, o "romance que demoliu o romancista". O julgamento prevalece sobre a construção de uma narrativa mal feita, absurda, que abre mão de um Naturalismo:

[82] CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
[83] SILVA, J. P. da. **História literária do Rio Grande do Sul**. 3. ed. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; CORAG, 2013.
[84] SODRÉ, N. W. **O naturalismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.
[85] MARTINS, W. **História da inteligência brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1921, v. 5.
[86] MIGUEL-PEREIRA, L. **Prosa de ficção (de 1870 a 1920)**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.
[87] Vide anexo S.

Figura 21 - O Pirralho, 08/03/1913. Crítica contrária a *Mana Silvéria* e a Canto e Mello, fim de sua reputação.

OS RATOS

Publicação d'inquerito á vida brasileira

(Em seguimento a "Os Gatos" de Fialho d'Almeida)

Mana Silvéria

OU

Um romance que demoliu o romancista

Affirmar que *Mana Silvéria* estragou a reputação de romancista do sr. Canto e Mello, é dar voz a uma opinião já muito generalizada para que precisemos de lhe demonstrar o acerto.

O livro foi escripto atabalhoadamente, de 20 de agosto a 17 de novembro do anno passado, segundo se vê na pagina 362, antes da palavra *Fim*; e o autor não teve tempo de encaixar na sua prosa, para fazer naturalismo, alem da narrativa de

umas «nupcias sacrilegas», senão umas palavras pesadas e outras de limitado uso. Entre estas, o verbo parir, que hoje só é usado pelo dr. Amancio de Carvalho nas suas preleções de Medicina Legal. Manda a lealdade accrescentar que o sr. Canto e Mello põe essa palavra na bocca de uma mulher exasperada e de educação duvidosa. Mas, francamente, não se póde compreender como é que uma dama dessa qualidade sabe tão bem grammatica, e tão bem maneja a lingua, para perguntar ao marido, referindo-se ao filho:

— Pois tu não lhe és o pae?

Como se vê, a fórma dessa interrogação é de um sabor classico, delicioso, egual ao das phrases de uma anthologia de quinhentos.

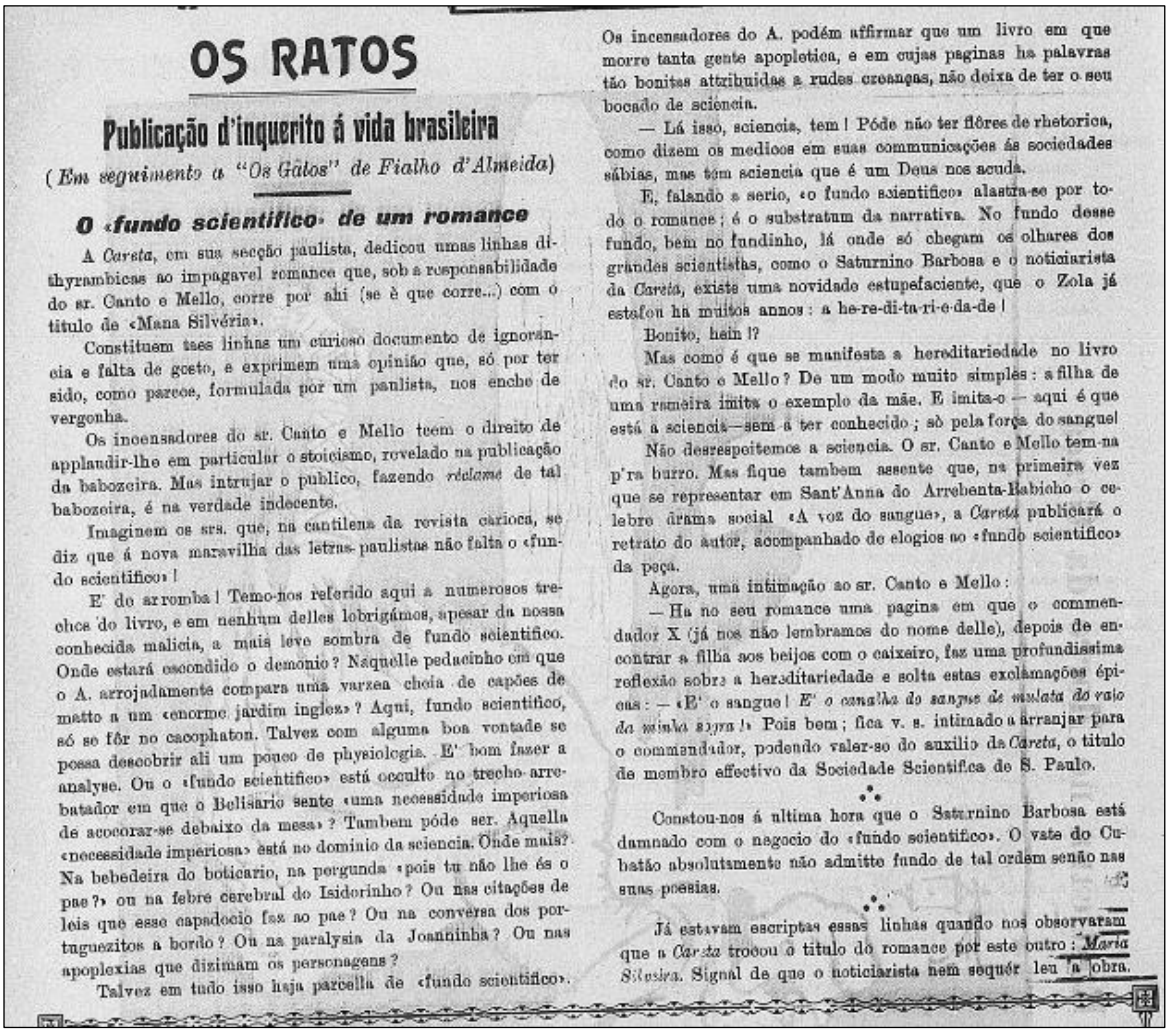
Mas quem é que não percebe logo que as palavras são do sr. Canto e Mello? De facto, a mulher não podia ter tido a idéa de transformar o possessivo em «lhe», pois, se a tivesse, havia de ser uma *bas bleu*, e não a consorte do commendador Belisario Fernandes, tio da mana Silvéria e dono de uma casa de ferragens. Não lhes parece?

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.[88]

Por outro lado, números depois, no mesmo ano e mês, no periódico prevalece uma posição favorável ao escritor e ao romance *Mana Silvéria*, reforçando que há um Naturalismo, marcado essencialmente pela hereditariedade, assim como aos modos de Zola:

[88] Vide anexos T e U.

Figura 22 - O Pirralho, 22/03/1913. Crítica defensora a *Mana Silvéria* e a Canto e Mello.



OS RATOS

Publicação d'inquerito á vida brasileira

(Em seguimento a "Os Gâlos" de Fialho d'Almeida)

O «fundo scientifico» de um romance

A *Careta*, em sua secção paulista, dedicou umas linhas dithyrambicas ao impagavel romance que, sob a responsabilidade do sr. Canto e Mello, corre por ahi (se è que corre...) com o titulo de «Mana Silvéria».

Constituem taes linhas um curioso documento de ignorancia e falta de gosto, e exprimem uma opinião que, só por ter sido, como parece, formulada por um paulista, nos enche de vergonha.

Os incensadores do sr. Canto e Mello teem o direito de applaudir-lhe em particular o stoicismo, revelado na publicação da babozeira. Mas intrujar o publico, fazendo *réclame* de tal babozeira, é na verdade indecente.

Imaginem os srs. que, na cantilena da revista carioca, se diz que á nova maravilha das letras paulistas não falta o «fundo scientifico»!

E' de arromba! Temo-nos referido aqui a numerosos trechos do livro, e em nenhum delles lobrigámos, apesar da nossa conhecida malicia, a mais leve sombra de fundo scientifico. Onde estará escondido o demonio? Naquelle pedacinho em que o A. arrojadamente compara uma varzea cheia de capões de matto a um «enorme jardim inglez»? Aqui, fundo scientifico, só se fôr no cacophaton. Talvez com alguma boa vontade se possa descobrir ali um pouco de physiologia. E' bom fazer a analyse. Ou o «fundo scientifico» está occulto no trecho arrebatador em que o Belisario sente «uma necessidade imperiosa de accocorar-se debaixo da mesa»? Tambem póde ser. Aquella «necessidade imperiosa» está no dominio da sciencia. Onde mais? Na bebedeira do boticario, na pergunda «pois tu não lhe és o pae?» ou na febre cerebral do Isidorinho? Ou nas citações de leis que esse capadocio faz ao pae? Ou na conversa dos portuguezitos a bordo? Ou na paralysia da Joanninha? Ou nas apoplexias que diziam os personagens?

Talvez em tudo isso haja parcella de «fundo scientifico».

Os incensadores do A. podém affirmar que um livro em que morre tanta gente apopletica, e em cujas paginas ha palavras tão bonitas attribuidas a rudes creanças, não deixa de ter o seu bocado de sciencia.

— Lá isso, sciencia, tem! Póde não ter flôres de rhetorica, como dizem os medicos em suas communicações ás sociedades sábias, mas tem sciencia que é um Deus nos acuda.

E, falando a serio, «o fundo scientifico» alastra-se por todo o romance; é o substratum da narrativa. No fundo desse fundo, bem no fundinho, lá onde só chegam os olhares dos grandes scientistas, como o Saturnino Barbosa e o noticiarista da *Careta*, existe uma novidade estupefaciente, que o Zola já estafou ha muitos annos: a he-re-di-ta-ri-e-da-de!

Bonito, hein!?

Mas como é que se manifesta a hereditariedade no livro do sr. Canto e Mello? De um modo muito simples: a filha de uma rameira imita o exemplo da mãe. E imita-o — aqui é que está a sciencia — sem a ter conhecido; só pela força do sangue!

Não desrespeitemos a sciencia. O sr. Canto e Mello tem-na p'ra burro. Mas fique tambem assente que, na primeira vez que se representar em Sant'Anna do Arrebenta-Rabicho o celebre drama social «A voz do sangue», a *Careta* publicará o retrato do autor, acompanhado de elogios ao «fundo scientifico» da peça.

Agora, uma intimação ao sr. Canto e Mello:

— Ha no seu romance uma pagina em que o commendador X (já nos não lembramos do nome delle), depois de encontrar a filha aos beijos com o caixeiro, faz uma profundissima reflexão sobre a hereditariedade e solta estas exclamações épicas: — «E' o sangue! *E' o canalha do sangue de mulata do vaio da minha saya!*» Pois bem; fica v. s. intimado a arranjar para o commendador, podendo valer-se do auxilio da *Careta*, o titulo de membro effectivo da Sociedade Scientifica de S. Paulo.

∴

Constou-nos á ultima hora que o Saturnino Barbosa está damnado com o negocio do «fundo scientifico». O vate do Cubatão absolutamente não admitte fundo de tal ordem senão nas suas poesias.

∴

Já estavam escriptas essas linhas quando nos observaram que a *Careta* trocou o titulo do romance por este outro: *Maria Silveira*. Signal de que o noticiarista nem sequér leu a obra.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.[89]

Como bem avaliado, neste e em capítulos anteriores, a apreciação ao autor e aos seus romances não é consolidada, demonstrando uma crítica flutuante, o que pode justificar também o apagamento de Canto e Mello e de seus escritos.

Por fim, associada à anterior, nossa última hipótese se sustenta a partir da formação do cânone literário, o qual silenciou também outros nomes da literatura. A ideia de listar escritores que deveriam ou não integrar o cânone é uma prática que acaba por excluir nomes, num primeiro momento, apenas pela questão da preferência e do prazer de leitura, evidenciando que não há um consenso ou uma espécie de norma-padrão para a composição de uma lista. Cada escritor e/ou crítico define suas listas a partir de impressões de leitura pessoais, julgadas importantes para outros leitores.

[89] Vide anexo V.

Ultimamente, no meio acadêmico, apoiada pelos estudos culturais, tem-se realizado a exploração de outras literaturas que não aquelas aclamadas pela crítica, justamente pelo fato de já serem de conhecimento do público e notadamente óbvias, assim como sugeriu Borges:

> O editor nos informa que "Borges se dedicou a fazer e refazer inúmeras listas de títulos e autores, omitindo da seleção determinados escritores – entre eles Dante e Shakespeare – por considerar que sua inclusão seria demasiadamente óbvia". (PERRONE-MOISÉS, 1998, p. 72).

Ainda nesse impasse, temos o papel do tempo como também responsável pela permanência ou não de escritores e textos, como o caso de Canto e Mello. Da mesma forma, Borges (apud PERRONE-MOISÉS, 1998, p. 83) destaca a ação do tempo na recepção e perpetuação dos textos literários, que se enlanguescem ou se destacam na formação do cânone literário. O passar das gerações, o surgimento de novos escritores e escolas literárias, além das mudanças ocorridas no meio histórico-social, fazem com que nomes e títulos sejam ora apagados, ora resgatados, a depender do momento e dos aspectos que se estão em voga. Essa fruição do tempo para a literatura, e para as estéticas que a acompanham, também foi salientada por Antoine Compagnon, o qual destaca o rearranjo da literatura como um todo, e de seus textos em específico, sujeitos à simultaneidade do tempo:

> A tradição literária é o sistema sincrônico dos textos literários, sistema sempre em movimento, recompondo-se à medida que surgem novas obras. Cada obra nova provoca um rearranjo da tradição como totalidade (e modifica, ao mesmo tempo, o sentido e o valor de cada obra pertencente à tradição). (COMPAGNON, 2010, p. 34).

Entra em cena, da mesma forma, a questão cronológica com a qual se alinham e definem, na história literária, as listas de escritores organizadas de acordo com os movimentos literários. Com isso, ignora-se a presença de textos e autores anteriores ou posteriores aos movimentos:

> Pouco importa que as datas de tantas obras contradigam os períodos de vigência oficial dos movimentos; sempre haverá as categorias dos "retardados" e dos "apressados", a que se chamará, mais dignamente, "remanescentes" ou "anunciadores". (PERRONE-MOISÉS, 1998, p. 28).

Em conformidade com esse preceito, Canto e Mello integra a categoria de "retardado"[90] ou remanescente ao publicar *Alma em delírio* ao final da primeira década do século XX. Mesmo alocado nesta categoria, o escritor apresenta um texto notável para a literatura brasileira,

[90] Retomando Wilson Martins (1921).

mostrando que foi possível adaptar o tema do alcoolismo e das condições do determinismo para arrolar outras questões mais pontuais e atuais à época, como a instalação de sanatórios pelo país. Isso se confirma, além de seu alcance de público no período, pela crítica por vezes favorável ao escritor e obra.

É importante sublinhar que Canto e Mello não faz parte dos escritores negligenciados por questões de gênero e raça como muitos foram na composição do cânone. Seu negligenciamento parece ter ocorrido porque suas publicações foram tardias e aconteceram em um período singular. Além disso, é indispensável lembrar que a lista de obras e autores consagrados representa uma pequena parte de toda a literatura produzida. Lembremo-nos da declaração de Compagnon de que "literatura é tudo o que os escritores escrevem" (2010, p. 33).

Não podemos ignorar, também, a importância do cânone, mesmo com particularidades de exclusão e omissão em torno da prática de listagem. Provavelmente, sempre leremos Émile Zola, Machado de Assis ou Aluísio Azevedo, mas é preciso salientar que há outros textos literários disponíveis. As listas canonizadas de escritores servem como norteamento de leitura e abertura para questionamentos e horizontes. Segundo Juliana Sachinski,

> O cânone é necessário para que haja um padrão. A existência dele dá aos leitores uma espécie de plano de leitura, que pode ou não ser seguida, e caso seja seguida pode e deve ser questionada. Há uma importância de valores muito relevante no questionamento. (SACHINSKI, 2012, p. 28).

Em relação a Canto e Mello, o escritor deixou páginas relevantes que puderam contribuir para a literatura brasileira, especificamente, para o movimento naturalista aqui popularizado, de tal forma que é possível explorar outros horizontes desse período e da própria estética manifestada no país. Configurando uma época em que a vertente literária já estava "submergida no silêncio ou dominada por manifestações ligadas a outras escolas" (SODRÉ, 1965, p. 200), *Alma em delírio* pode marcar, assim, com suas particularidades e impressões, o fim do Naturalismo no Brasil.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho comparativo realizado pretendeu evidenciar a necessidade de abordar obras de duas nacionalidades e culturas para entender não só a própria literatura brasileira, mas também questões no âmbito literário como um todo e situá-las num recorte histórico-social: "[...] o comparativismo deve colaborar decisivamente para uma história das formas literárias, para o traçado de sua evolução, situando crítica e historicamente os fenômenos literários" (CARVALHAL, 2006, p. 85).

A partir do estudo comparado, foi possível notar as marcas (ou heranças, como sugere o título desta pesquisa) inerentes ao romance naturalista e experimental em *Alma em delírio*, de Canto e Mello. Levando em consideração que, para a filósofa e crítica literária Julia Kristeva, "todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade instala-se a de intertextualidade, e a linguagem poética lê-se pelo menos como dupla" (KRISTEVA, 2005, p. 68), foi permitido comprovar que os fundamentos, princípios estéticos e estilos do Naturalismo, delineados pelo escritor francês Émile Zola, serviram de modelo inicial para a construção do romance de Canto e Mello.

Com relação a *Alma em delírio*, a construção em diário íntimo, as referenciações ao real e à sociedade brasileira do século XIX, as considerações a respeito do alcoolismo, da loucura decorrente, dos determinismos do meio, das cidades de Campos do Jordão e do Rio de Janeiro (respectivamente como locais de cura e de agravamento doentio), a presença do hospício mediado pela medicina social, e outras referências mais demonstradas aqui, apontam para a constituição de um romance naturalista e experimental, aos moldes de Zola.

Do mesmo modo que Émile Zola situa seu romance *L'Assommoir* (e os demais da saga *Les Rougon Macquart: Histoire naturelle et sociale d'une famille sous le Second Empire*) num tempo-espaço do século XIX, demarcado pela história, pelo regime político e, principalmente, pelas teorias científicas do período, Canto e Mello também o faz em *Alma em delírio*, situando seu enredo no contexto brasileiro da segunda metade do século XIX, posterior aos grandes confrontos militares do país, fim do regime monárquico e início da Primeira República, cujos preceitos visavam a modernização e, por consequência, a higienização social. Neste cenário, tratava-se no Brasil sobre as teorias eugenistas, as doenças que acometiam a população, os degenerados, os alcoólatras, os tuberculosos e, seguramente, sobre o tratamento em hospícios ou casas de correção de alienados.

Não obstante, os temas alcoolismo e loucura, já trabalhados por Zola cerca de trinta anos antes de Canto e Mello, também estiveram presentes na narrativa do romancista brasileiro, não só demonstrando a destreza do escritor em resgatá-los e reconfigurá-los no contexto nacional, mas também corroborando com a ideia de que o vício alcoólico e a loucura degenerativa eram assuntos relevantes e expressivamente inerentes à sociedade brasileira de finais de mil e oitocentos. Tais asserções posicionam o romance de Canto e Mello em um estado de *legibilidade* (HAMON, 1982) – ou em melhor tradução para o português, de legitimação – por elencar o real na narrativa de modo convincente. Reafirmando nas considerações de Philippe Hamon,

> a legibilidade de um texto depende da interação de vários fatores tanto de ordem interna (ligados à materialidade tipográfica e gramaticalidade da mensagem) quanto de ordem externa [...] e do respeito a certos subcódigos culturais que definem aceitabilidade"[91]. (HAMON, 1982, p. 133, tradução nossa).

A narrativa *Alma em delírio* cumpre esse papel, ao dispor fatores coerentes com a lógica interna do próprio texto e, sem dúvidas, condizentes com a lógica externa, o contexto histórico e científico referente ao espaço-tempo do romance. Cumpre-se, então, o projeto realista de transmitir uma informação pedagógica (HAMON, 1982, p. 134).

Também, convém lembrar que a legitimação de *Alma em delírio* se inicia antes mesmo da narrativa em si, haja vista que a dedicatória trazida por Canto e Mello detém uma importante significação para o texto. Os temas alcoolismo e loucura ocuparam espaço no romance como uma forma de representação da prática comum desse período, em que a loucura era tida como consequência do alcoolismo que, por sua vez, era resultado dos problemas sociais que predominavam na população. A chave de leitura propiciada pela dedicatória ao Dr. Franco da Rocha possibilita compreender o romance de Canto e Mello como moralista em torno do tema do alcoolismo e da loucura, visto que o autor exterioriza os distúrbios sofridos por um sujeito do século XIX diante do vício no álcool, sustentado em teorias médicas e, ainda, apresenta o hospício como um local positivo de cura para esses distúrbios e transtornos. A ênfase crédula e otimista paira também sobre a figura da psiquiatria e o papel do psiquiatra diante desses traumas sociais.

Há, portanto, nessa construção, uma validação por meio da dedicatória. Por consequência, o teor moral atribuído pelo paratexto e pelo enredo narrativo contribuem,

---

[91] "La lisibilité d'un texte est fonction de l'interaction de plusieurs facteurs à la fois d'ordre interne (liés à la matérialité typographique et à la grammaticalité du message) et d'ordre externe [...] et du respect de certains sous-codes culturels qui définissent une acceptabilité."

sobretudo, para o entendimento de que o autor compactua com essa ideia de modernização e higienização social. O romance encarrega-se de princípios morais e inspira ideias de condutas exemplares para seu público-leitor. Esse pensamento pode ainda ser ultimado a partir do prefácio do romance, em que o personagem Rogério Duarte deseja que sua vida infeliz e desgraçada sirva como aprendizagem: "Quando não tenha outro merecimento, servirá ao menos de lição e de exemplo àqueles que sendo, como eu, talhados para o bem, se tornam, por sua culpa, enormemente desgraçados" (MELLO, 1914, p. 19). Essa passagem implica uma moralidade em torno do vício no álcool e da loucura por consequência, como corruptores morais e sociais. Moralidade essa também individualidade peculiar do romance naturalista e experimental, como bem traçou Émile Zola em *Le Roman Expérimental*: "Volto a insistir sobre a expressão 'moralistas experimentadores', que empreguei para designar os romancistas naturalistas" (ZOLA, 1979, p. 50).

De Émile Zola, também, muito se constatou nos romances naturalistas brasileiros, em especial em *Alma em delírio*, cujo enredo se configura um romance experimental, no qual demonstram-se teses científicas, história social e realismo, fundamentadas por meio do personagem Rogério Duarte. E, ao contrário do que muitos críticos, detratores do Naturalismo, postularam, isso não torna os romances naturalistas brasileiros inferiores ou cópias grosseiras das literaturas estrangeiras, pelo contrário: demonstra qualidade, visto que a transposição da vertente para o país implicou, necessariamente, transformação – incorreção qualitativa aos olhos de Araripe Júnior (1978, p. 124).

Desse modo, assim como na concepção de Antonio Candido, o trabalho comparativo ou as marcas francesas zolistas em *Alma em delírio*, e em outros exemplares naturalistas, não configuram uma inferioridade a estas produções brasileiras, mas sim o resultado de um "cruzamento intenso de culturas" (CANDIDO, 2001, p. 234) sob o qual se esculpe o Brasil, sendo necessário o trabalho comparativo para a concepção de nossa literatura:

> Há mais de quarenta anos eu disse que "estudar literatura brasileira é estudar literatura comparada", porque a nossa produção foi sempre tão vinculada aos exemplos externos, que insensivelmente os estudiosos efetuavam as suas análises ou elaboravam os seus juízos tomando-os como critérios de validade. Daí ter havido uma espécie de comparatismo difuso e espontâneo na filigrana do trabalho crítico desde o tempo do Romantismo[92], quando os brasileiros afirmaram que a sua literatura era diferente de Portugal. (CANDIDO, 2001, p. 229).

[92] Lembrando que, a partir do Romantismo e Indianismo, a crítica literária prezava por uma literatura estritamente nacional, distante da europeia, o que justifica a recepção adversa do Naturalismo. Tal primazia, a nosso ver, é ingênua, tendo em vista que muito se observava em alusões e construções semelhantes às da literatura estrangeira.

Podemos verificar, ao longo deste estudo, que a produção realizada por Canto e Mello, já relegado ao passado, tem a contribuir para a literatura nacional, para o entendimento e ciência de quesitos que se manifestavam na sociedade brasileira durante o fim do Segundo Reinado e meados da Primeira República. Em conformidade com Antonio Candido, sobre a relação literatura e a ordem social,

> Do ponto de vista metodológico, podemos concluir que o estudo da função histórico-literária de uma obra só adquire pleno significado quando referido intimamente à sua estrutura, superando-se deste modo o hiato frequentemente aberto entre a investigação histórica e as orientações estéticas. (CANDIDO, 2006, p. 199).

Sem dúvidas, o naturalismo brasileiro e o romance de Canto e Mello têm algo a dizer sobre estes assuntos. Logo, a obra do escritor brasileiro possui um teor de relevância para a literatura brasileira da primeira fase do século XX, apontando temas expressivos e construções de relevância nacional – reafirmando a ideia de que a literatura se manifesta de acordo com suas relações com a nação e com a história (COMPAGNON, 2010, p. 32).

Para mais, esta pesquisa aponta para uma nova visão sobre o conhecimento estético da vertente naturalista, através do trabalho comparativo de diferentes obras, autores e contextos, como afirma Tânia Carvalhal quando diz que "a investigação de um mesmo problema em diferentes contextos literários permite que se ampliem os horizontes do conhecimento estético ao mesmo tempo que, pela análise contrastiva, favorece a visão crítica das literaturas nacionais" (CARVALHAL, 2006, p. 86); demonstrando também que o Naturalismo se manifestou de maneiras plurais, em contextos diversos, nas mãos de escritores que utilizaram-se desses princípios estéticos reconfigurando-os à sua maneira, nos permitindo falar, dessa forma, de *naturalismos* (BECKER; DUFIEF, 2017).

A revisão crítica da estética naturalista aqui avaliada traduz-se nas palavras de Antoine Compagon, em que "criticar a crítica, julgar a pesquisa literária, é avaliar sua adequação, sua coerência, sua riqueza, sua complexidade" (2010, p. 256), de modo que este trabalho buscou evidenciar novos posicionamentos quanto à estética naturalista, apontando para novos caminhos e teorias – teorias essas pertencentes a uma escola de relativismos (COMPAGNON, 2010, p. 256).

Finalmente, não esperamos que, a partir deste trabalho, Canto e Mello esteja no inventário do cânone literário brasileiro, mas que tanto o escritor quanto suas obras – *Alma em delírio* (1909), em destaque, *Mana Silvéria* (1913), *Bucólica* (1914), *Relíquias da memória* (1920) e *Recordações* (1923) – sejam resgatadas, ocupando novas páginas nos trabalhos de

História, Cultura e Literatura e nas publicações da crítica e história literárias, enriquecendo o campo teórico e a fortuna crítica da literatura brasileira, em especial do Naturalismo.

REFERÊNCIAS

ALVES, L. C. **O Hospício Nacional de Alienados**: Terapêutica ou higiene social?. 2010. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/6089/2/24.pdf. Acesso em: 5 mai. 2019.

ARANTES, M. A. Para mim, Paraty – alcoolismo e loucura em Lima Barreto. **SMAD Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas**, Ribeirão Preto, v. 4, n.1, p. 1-17, 2008.

ARARIPE JÚNIOR, T. A. Estilo tropical. A fórmula do naturalismo brasileiro. *In*: BOSI, A. (org.). **Araripe Júnior**: teoria, crítica e história literária. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Edusp, 1978, p. 124-128.

ARARIPE JÚNIOR, T. A. O romance experimental. Aquisições de formas. Do *Assommoir* à *Terra*. Evolução transversal do caráter de Zola. A sátira. *In*: BOSI, A. (org.). **Araripe Júnior**: teoria, crítica e história literária. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Edusp, 1978, p. 405-419.

ARCHIVOS BRASILEIROS DE HYGIENE MENTAL. Rio de Janeiro: Liga Brasileira de Hygiene Mental, n. 2, ano IL, nov. 1929. Disponível em: http://www.gema.uem.br/grupos-de-pesquisas/gephe/documentos/arquivos-brasileiros-de-higiene-mental-abhm/ano-2-numero-2-novembro-1929.pdf. Acesso em: 24 set. 2020.

ARRIGUCCI JR., D. Teoria da narrativa: posições do narrador. **Jornal de Psicanálise do Instituto de Psicanálise - SBPSP**, São Paulo, vol. 31, n. 57, p. 9-43, 1998.

BARRETO, A. H. L. **Diário do hospício; O cemitério dos vivos**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1993. Disponível em: http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204210/4101373/diario_hospicio_cemiterio_vivos.pdf. Acesso em: 31 mar. 2020.

BARTHES, R. **Aula**: Aula inaugural da Cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. 14. ed. Tradução de Leyla Perrone-Moysés. São Paulo: Cultrix, 2013.

BECKER, C. **L'Assommoir – Zola**. Paris: Hatier, 1972.

BECKER, C.; DUFIEF, P-J. (org.). **Dictionnaire des naturalismes**. Paris: Honoré Champion, 2017. 2 v.

BECKER, C.; DUFIEF, P-J. Présentation du *Dictionnaire des naturalismes*. **Excavatio, International Review for Multidisciplinary Approaches and Comparative Studies Related to Emile Zola and Naturalism Around the World**, vol. XXX, 1-10, 2018. Disponível em: http://aizen.zolanaturalismassoc.org/excavatio/articles/v30/Becker-Dufief.pdf. Acesso em: 4 mai. 2020.

BERNARD, C. **Introduction à l'étude de la médecine expérimentale**. Paris: J. B. Baillière et Fils; Libraire de l'Académie Royale de Médecine, 1865. Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b86120273/. Acesso em: 9 out. 2020.

BERTOLLI FILHO, C. **História social da tuberculose e do tuberculoso**: 1900-1950 [on-line]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001. Disponível em: http://books.scielo.org/id/4/pdf/bertolli-9788575412886.pdf. Acesso em: 02 abr. 2020.

BIRMAN, J. **Entre cuidado e saber de si**: sobre Foucault e a psicanálise. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

BONNICI, T.; FLORY, A. V.; PRADO, M. R. (org.). **Margens instáveis**: Tensões Entre Teoria, Crítica e História da Literatura. Maringá, PR: Editora da UEM, 2011.

BRASIL. Decreto n. 82, de 18 de julho de 1841. Fundando um Hospital destinado privativamente para tratamento de alienados, com a denominação de Hospício de Pedro II. **Coleção das leis do Império do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 49, 1841. Disponível em: http://legis.senado.leg.br/norma/385725/publicacao/15742236. Acesso em: 14 out. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Subsecretaria de Assuntos Administrativos. **Memória da loucura**: apostila de monitoria. Brasília: Ministério da Saúde, 2008. 88 p.

BROCA, B. **A vida literária no Brasil – 1900**. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Academia Brasileira de Letras, 2005.

BROCA, B. **Naturalistas, parnasianos e decadistas**: vida literária do realismo ao pré-modernismo. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1991.

CANDIDO, A. De cortiço a cortiço. *In*: CANDIDO, A. **O discurso e a cidade**. São Paulo: Duas Cidades, 1993. p. 123-152.

CANDIDO, A. Degradação do espaço: (Estudo sôbre a correlação funcional dos ambientes, das coisas e do comportamento em *L'Assommoir*). **Revista de Letras**, São Paulo, v. 46, n. 1, p. 29-61, jan./jun. 2006. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/letras/article/view/41/35. Acesso em: 14 jan. 2021.

CANDIDO, A. Literatura Comparada. *In*: CANDIDO, A. **Recortes**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004. p. 229-234.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CARDOSO, Z. L. V. A. **O romance paulista no século XX**. São Paulo: Biblioteca Academia Paulista de Letras, 1983. v. 12.

CARONI, I. A utopia naturalista. *In*: ZOLA, E. **Do romance**: Stendhal, Flaubert e os Goncourt. Tradução de Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Imaginário; Edusp, 1995, p. 9-21.

CARONI, I. Introdução. *In*: ZOLA, E. **O Romance Experimental e o Naturalismo no Teatro**. Tradução de Italo Caroni e Célia Berrettini. São Paulo: Perspectiva, 1979. p. 11-21.

CARVALHAL, T. F. **Literatura comparada**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

COMPAGNON, A. **Literatura para quê?**. Tradução de Laura Taddei Bradini. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.

COMPAGNON, A. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum. 2. ed. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

COMTE, A. Curso de filosofia positiva. Tradução de José Arthur Giannotti. *In*: COMTE, A. **Curso de filosofia positiva; Discurso sobre o espírito positivo; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo; Catecismo positivista**. Seleção de José Arthur Giannotti e traduções de José Arthur Giannotti e Miguel Lemos. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores).

COSTA, R. M. L. da. Alcoolismo, discurso científico e escrita de si no Diário do Hospício de Lima Barreto. **Antíteses**, Londrina, v. 1, n. 1, jan.- jun., p. 188-208, 2008.

COUTINHO, A. **Introdução à literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: São José, 1968.

COUTINHO, A. Realismo, Naturalismo, Parnasianismo. *In*: COUTINHO, A.; COUTINHO, E. F. (dir.). **A literatura no Brasil**: Era realista/Era de transição. São Paulo: Global, 1997. v. 4. p. 4-20.

DARWIN, C. **On the Origin of Species**: by Means of Natural Selection, or the Preservation of Favoured Races in the Struggle for Life. Londres: Joohn Murray, 1859.

DE SIMONI, L. V. Importância e necessidade da criação de hum manicômio ou estabelecimento especial para o tratamento dos alienados. **Revista Médica Fluminense**, n. 05, 1839.

DEMONSTRAÇÃO. *In:* DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa. Lisboa: Priberam Informática, 2020. Disponível em: https://dicionario.priberam.org/demonstra%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 10 out. 2020.

DESCRIÇÃO. *In:* DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa. Lisboa: Priberam Informática, 2020. Disponível em: https://dicionario.priberam.org/descri%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 10 out. 2020.

DONATO, H. **Dicionário das Batalhas Brasileiras:** dos conflitos com indígenas às guerrilhas políticas urbanas e rurais. São Paulo: IBRASA, 1987.

FARIA, J. R. G. A recepção de Zola e do naturalismo nos palcos brasileiros. **Estudos Avançados: Coleção Documentos. Série Estudos Brasil-França**, São Paulo, n. 4, p. 29-41, 1998. Disponível em: http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/fariazola.pdf. Acesso em: 05 mai. 2020.

FARIA, N. O naturalismo e o(s) naturalismo(s) no Brasil. **Travessia**, Florianópolis, n. 16-18, p. 124-147, 1989. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/17460/16031. Acesso em: 15 jul. 2020.

FERRAZ, M. S. **Campos do Jordão**. São Paulo: Diretoria de Publicidade Agrícola da Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, 1940.

FERREIRA, C. M. C. Campos do Jordão: breves apontamentos sobre climatologia brasileira. **Revista Médica de São Paulo: jornal prático de medicina, cirurgia e hygiene**, ano 12, n. 16, ago. 1909, p. 320-334.

FLOR, A. O Naturalismo no Brasil sob suspeição. *In*: XIV CONGRESSO INTERNACIONAL ABRALIC: FLUXOS E CORRENTES: TRÂNSITOS E TRADUÇÕES LITERÁRIAS, 14., 2015, Belém. **Anais eletrônicos** [...]. Belém: Universidade Federal do Pará, 2015. p. 1-12. Disponível em: http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2015_1455907177.pdf. Acesso em: 06 mai. 2020.

FOUCAULT, M. A casa dos loucos. *In*: FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984. p. 113-128.

FOUCAULT, M. **História da Loucura na Idade Clássica**. Tradução de José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FOUCAULT, M. O nascimento da medicina social. *In*: FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984. p. 79-98.

FOUCAULT, M. O poder psiquiátrico. *In*: FOUCAULT, M. **Resumo dos cursos do Collège de France**: 1970-1982. Tradução de Andrea Daher. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997. p. 45-58.

FOUCAULT, M. **Os Anormais:** curso no Collège de France (1974-1975). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GENETTE, G. **Figures III**. Paris: Editions du Seuil, 1972.

GENETTE, G. **Paratextos editoriais**. Tradução de Álvaro Faleiros. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

GOMES, M. S. **As traduções e recepção de Germinal, de Émile Zola, no Brasil**. 2013. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literaturas) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13516/1/2013_MonicaSantosGomes.pdf. Acesso em: 24 out. 2020.

HAMON, P. Um discours contraint. *In*: BARTHES, R.; BERSANI, L.; HAMON, P.; RIFFATERRE, M. **Littérature et réalité**. Paris: Seuil, 1982. p. 119-181.

HARRIS, R. **Assassinato e loucura**: medicina, leis e sociedade no fin-de-siècle. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

HOSPÍCIO DE PEDRO SEGUNDO. *In:* DICIONÁRIO Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. Disponível em: http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/hospedro.htm. Acesso em: 25 mar. 2020.

HUCHARD, H.; Fiessinger, C. **La thérapeutique em vingt médicaments**. Paris: Maloine, 1910.

JAKOBSON, R.; TODOROV, T. (org.). **Théorie de la littérature**: textes des formalistes russes. Paris: Éditions du Seuil, 1966.

JAMES, R. **Dictionnaire universel de médecine**: de chirurgie, de chymie, de botanique, d'anatomie, de pharmacie et d'histoire naturelle, etc. Tradução de Diderot, Eidous & Toussaint. Paris: [*s. n.*], [1747]. t. 3. Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k10568858?rk=85837;2. Acesso em: 22 de set. 2020.

KRISTEVA, J. **Introdução à semanálise**. Tradução de Lúcia Helena França Ferraz. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

LUCAS, P. **Traité philosophique et physiologique de l'hérédité naturelle dans les états de santé et de maladie du système nerveux**: avec l'application méthodique des lois de la procréation au traitement général des affections dont elle est le príncipe. Ouvrage où la question est considérée dans ses rapports avec les lois primordiales, les théories de la génération, les causes déterminantes de la sexualité, les modifications acquises de la nature originelle des êtres, et les diverses formes de névropathie et d'aliénation mentale. Paris: J. B. Baillière; Libraire de l'Académie Royale de Médecine, 1847-1850. 2 t. Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k86272g/. Acesso em: 9 out. 2020.

MACHADO, R. et al. **Danação da Norma**: a Medicina Social e constituição da psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro: Graal. 1978.

MARTINS, W. **História da inteligência brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1921, v. 5.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista** [Manifest der Kommunistischen Parte]. Tradução de Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MELLO, C. ***Alma em delírio***. 2. ed. São Paulo: O Pensamento, 1914.

MIGUEL-PEREIRA, L. **Prosa de ficção (De 1870 a 1920)**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio: 1957.

MINGOTTI, R. D. **Champagne bom e licor barato**: os efeitos do álcool em *Madame Pommery* e *L'Assommoir*. Orientadora: Norma Wimmer. 2019. 23 f. 23 p. Relatório de Pesquisa (Iniciação Científica II) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São José do Rio Preto, 2019.

MINGOTTI, R. D. Paródia, sátira e a presença do álcool em *Madame Pommery*. **Mosaico**, São José do Rio Preto, v. 18, n. 1, p. 315-334, 2019. Disponível em: http://200.145.201.15/index.php/revistamosaico/article/viewFile/623/577. Acesso em: 14 jan. 2021.

MITTERAND, H. **Le roman naturaliste**: Anthologie. Paris: Librairie Génereale Française, 1999.

OLIVEIRA, P. B. **O flagelo alcoólico e a sociedade**. 1902. Tese – Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1902. *apud* SANTOS, F. S. D dos. **Alcoolismo**: a invenção de

uma doença. 1995. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

PERRONE-MOISÉS, L. **Altas literaturas**: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PORTOCARRERO, V. **Arquivos da loucura**: Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da psiquiatria. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.

REIS, C.; LOPES, A. C. M. **Dicionário de Teoria da Narrativa**. São Paulo: Ática, 1988.

RIBEIRO, J. **A carne**. São Paulo: Teixeira e Irmão – Editores, 1888.

ROMERO, S. A literatura em perspectiva. *In*: CANDIDO, A. (org.). **Sílvio Romero**: teoria, crítica e história literária. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: EDUSP, 1978.

ROMERO, S. **O Naturalismo em literatura**. São Paulo: Typographia da Província de São Paulo, 1882.

SACHINSKI, J. B. O. A composição do cânone literário e as margens inconstantes da literatura ocidental. **REVELL - Revista de Estudos Literários da UEMS**, Campo Grande, v. 2, n. 5, dezembro, p. 20-28, 2012. Disponível em: https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/353/323. Acesso em: 18 mar. 2020.

SALES, E. Aspectos da história do álcool e do alcoolismo no século XIX. **Cadernos de História UFPE**, Recife, v. 7, n. 7, p. 167-203, 2010. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/cadernosdehistoriaufpe/article/view/110065/21988. Acesso em: 15 abr. 2020.

SANTOS, F. S. D dos. **Alcoolismo**: a invenção de uma doença. 1995. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/280669/1/Santos_FernandoSergioDumasdos_M.pdf. Acesso em: 5 mai. 2019.

SANTOS, F. S. D. dos; VERANI, A. C. Alcoolismo e medicina psiquiátrica no Brasil no início do século XX. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 17, supl. 2, dez. 2010, p. 401-420. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/hcsm/v17s2/08.pdf. Acesso em: 08 mai. 2020.

SILVA, J. P. da. **História literária do Rio Grande do Sul**. 3. ed. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; CORAG, 2013.

SILVA, N. F.; PRINCE, A. E. Análise das fases sanatoriais: Campos do Jordão e São José dos Campos. *In:* ENCONTRO LATINO AMERICANO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 22.; ENCONTRO LATINO AMERICANO DE PÓS-GRADUAÇÃO, 18.; ENCONTRO DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA, 8., 2018, São José dos Campos. **Anais** [...]. São José dos Campos: Universidade do Vale do Paraíba, 2018, p. 1-6. Disponível em: http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2018/anais/arquivos/RE_0381_0683_01.pdf. Acesso em: 8 out. 2020.

SINZIG, P. **Através dos romances**: guia para as consciências. 2. ed. Petrópolis: Vozes de Petrópolis, 1923.

SODRÉ, N. W. **O Naturalismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

SÜSSEKIND, F. **Tal Brasil, qual romance?** Uma ideologia estética e sua história: o naturalismo. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

TÁCITO, H. **Madame Pommery**. 5. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1997.

TYNIANOV, I. Da evolução literária. *In*: TYNIANOV, I. et al. **Teoria da literatura**: (Formalistas russos). Porto Alegre, Globo, 1971.

VENTURA, R. **Estilo Tropical**: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VERÍSSIMO, J. Estilo tropical. O romance naturalista no Brasil. *In*: BARBOSA, J. A. (org.). **José Veríssimo**: teoria, crítica e história literária. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Edusp, 1977, p. 179-202.

VERÍSSIMO, J. O Naturalismo na literatura brasileira. *In*: BARBOSA, J. A. (org.). **José Veríssimo**: teoria, crítica e história literária. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Edusp, 1977, p. 203-209.

ZOLA, E. **A Taberna**. Tradução anônima. São Paulo: Editorial Paulista, 1933. 2 v.

ZOLA, E. **L'Assommoir**. Paris: G. Charpentier, 1877. Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k10750546/. Acesso em: 24 ago. de 2019.

ZOLA, E. **La Fortune des Rougon**. Paris: Lacroix, 1871.

ZOLA, E. **Le Docteur Pascal**. Paris: G. Charpentier, 1893. Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k64693n/f2.item.r=Le%20Docteur%20Pascal. Acesso em: 24 set. 2020.

ZOLA, E. **O Romance Experimental e o Naturalismo no teatro**. Tradução de Italo Caroni e Célia Berrettini. São Paulo: Perspectiva, 1979.

ZOLA, E. O senso do real. *In*: ZOLA, E. **Do romance**: Stendhal, Flaubert e os Goncourt. Tradução de Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Imaginário; Edusp, 1995, p. 23-48.

Ilustrações

BERTICHEM, P. G. **Hospício de Pedro Segundo**: Praia Vermelha. Rio de Janeiro, RJ: Lith. Imp. de Rensburg, [1856]. 1 gravura. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon393044/icon393044_27.jpg. Acesso em: 24 mar. 2020.

GUTIERREZ, J. **Escola Militar**. 1893. 1 fotografia. Disponível em: http://brasilianafotografica.bn.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/3059. Acesso em: 24 mar. 2020.

LEUZINGER, G. **Sem título**. 1867. 1 fotografia. Disponível em: http://brasilianafotografica.bn.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/4465. Acesso em: 24 mar. 2020.

Periódicos consultados[93]

A VIDA MODERNA. São Paulo, 1912.

CARETA. Rio de Janeiro, 1913 – 1914.

CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 1888 – 1934.

GAZETA ARTÍSTICA. São Paulo, 1912.

ILLUSTRAÇÃO PAULISTA. São Paulo, 1912.

O PIRRALHO. São Paulo, 1913.

Acervos e sites

BIBLIOTHÈQUE NATIONALE DE FRANCE. **Expositions**: Les Galeries Virtuelles de La Bibliothèque Nationale de France, c2020. Apresenta exposições virtuais francesas. Disponível em: http://expositions.bnf.fr/.

CASA DE OSWALDO CRUZ. **Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil** (1832-1930), c2019. Apresenta história das ciências biomédicas e da saúde pública no Brasil. Disponível em: http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/index.php.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional**, c2019. Apresenta periódicos nacionais digitalizados. Disponível em: http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL; INSTITUTO MOREIRA SALLES. **Portal Brasiliana Fotográfica**, c2020. Apresenta acervo documental. Disponível em: http://brasilianafotografica.bn.br/.

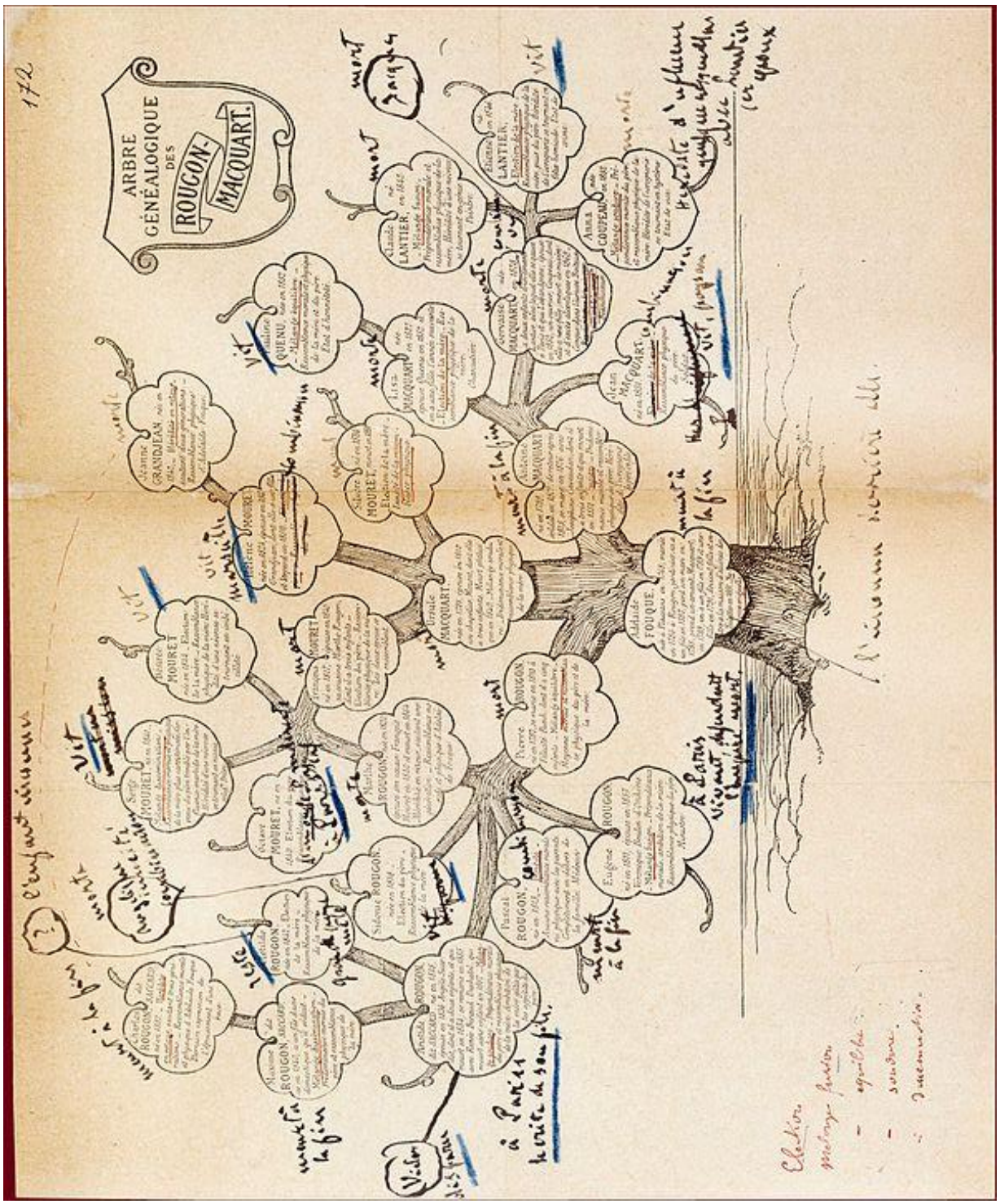
INSTITUTO MOREIRA SALLES. **Instituto Moreira Salles**, c2019. Apresenta acervos e desenvolvimento de programas culturais nas áreas de fotografia, literatura, iconografia, artes plásticas e música. Disponível em: https://ims.com.br/.

[93] Todos consultados e disponíveis no site da Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Centro Cultural do Ministério da Saúde**, c2019. Apresenta informações sobre a evolução da saúde pública. Disponível em: http://www.ccms.saude.gov.br/.

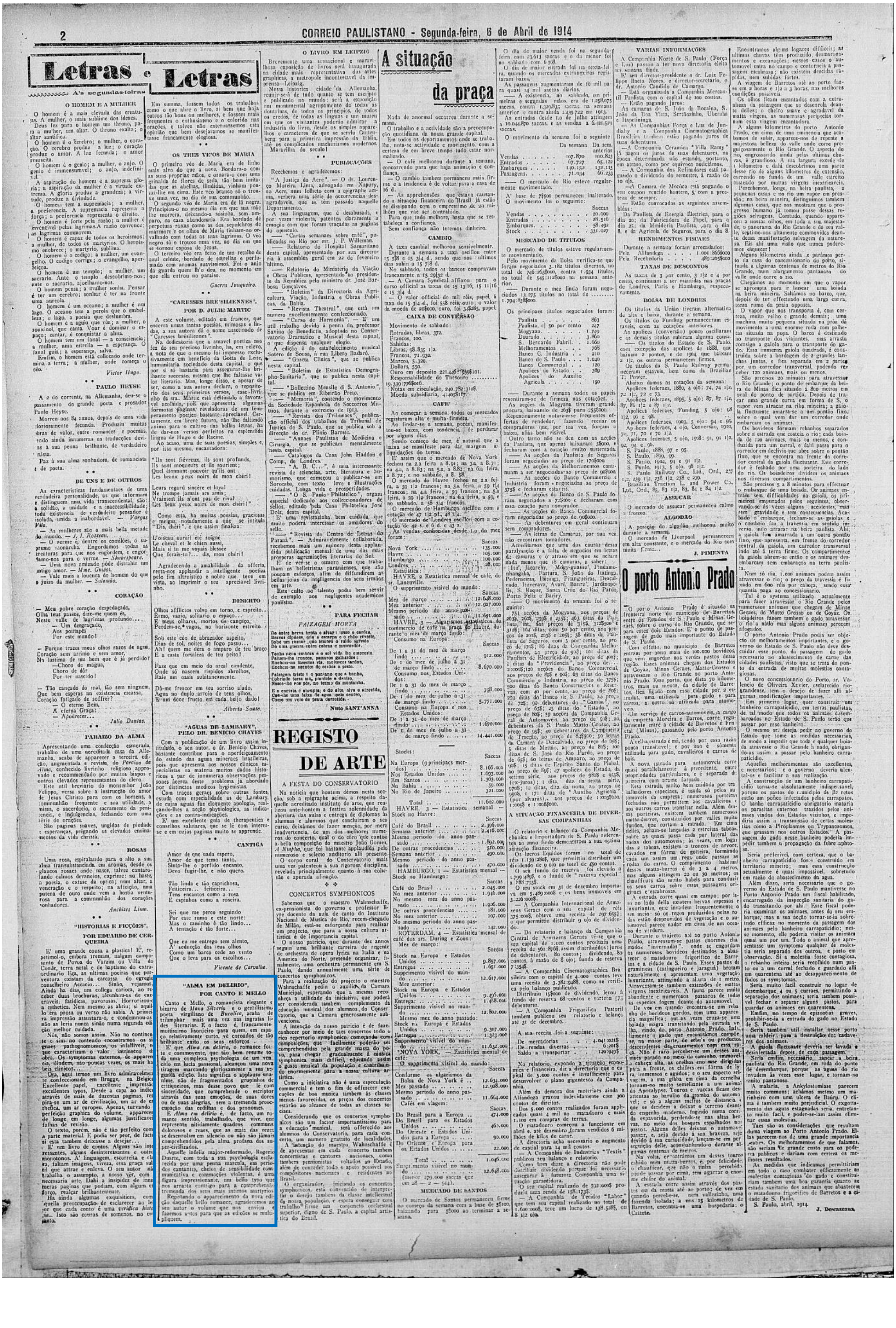
MINISTÉRIO DA SAÚDE; CENTRO CULTURAL DO MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Instituto Municipal Nise da Silveira**, c2019. Apresenta memória da saúde psiquiátrica no Brasil. Disponível em: http://www.ccms.saude.gov.br/nisedasilveira/index.php.

ANEXO A – ***Arbre généalogique des Rougon-Macquart annoté*****. Fac-símile da árvore genealógica da família Rougon-Macquart, com anotações de Zola, 1892. Acervo da Biblioteca Nacional da França. Fonte: BnF, Manuscrits, NAF 10290, f. 172[94].**



[94] Disponível em: http://expositions.bnf.fr/zola/grand/z075.htm. Acesso em: 5 out. 2020.

ANEXO B – Jornal *Correio Paulistano*, 6 de abril de 1914, p. 2. Anúncio da segunda edição de *Alma em delírio*.



2 CORREIO PAULISTANO - Segunda-feira, 6 de Abril de 1914

"ALMA EM DELIRIO",

POR CANTO E MELLO

Canto e Mello, o romancista elegante e bizarro de *Mana Silveria* e o gentilissimo poeta virgiliano de *Bucolica*, acaba de triumphar mais uma vez nas ingratas lides literarias. E o facto é, francamente muitissimo lisonjeiro para quem, em espaço relativamente curto, vê coroados de tão brilhante exito os seus esforços.

E' que *Alma em delirio*, o romance forte e commovente, que tão bem resume toda uma complexa psychologia de um vencido em lucta passional, alcançou uma nova tiragem marcando gloriosamente a sua segunda edição. Isto significa o applauso unanime, não de fragmentados grupinhos de critiqueiros, mas desse povo que lê com sinceridade, que comprehende o escriptor através das suas emoções, de suas dores ou de suas alegrias, sem a tremenda preoccupação das cedilhas e dos pronomes.

E *Alma em delirio* é, de facto, um romance sentido, trabalhado, que vive, que representa nitidamente quadros communs dolorosos e reaes, que as mais das vezes se desenrolam em silencio ou não são jámais comprehendidos pela alma profana dos super-civilizados.

Aquelle infeliz major-reformado, Rogerio Duarte, com toda a sua psychologia esclarecida por uma penna mascula, em periodos cantantes, cheios de sensibilidade communicativa e commoções violentas, é uma figura impressionante, um bello typo que nos arrasta comsigo para a comprehensão tremenda dos seus mais intimos martyrios.

Registando o apparecimento da nova edição daquelle bello romance, agradecemos ao seu autor o volume que nos enviou e fazemos votos para que as edições se multipliquem.

ANEXO C – *Correio Paulistano*, 15 de dezembro de 1887, p. [35]. Canto e Mello estudante da Faculdade de Direito de São Paulo.

CORREIO PAULISTANO—15 de Dezembro de 1887

Associação Libertadora e Organisadora do trabalho

A commissão abaixo assignada pede as pessoas interessadas, que desejarem assistir a reunião do dia 15 do corrente, no salão do theatro S. José, ao meio-dia, o favor de procurarem os cartões de ingresso com os membros da commissão, redação do *Correio Paulistano* e no salão do theatro, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde.

S. Paulo, 13 de Dezembro de 1887.

Marquez de Tres Rios
Antonio da Silva Prado.
Rafael Paes de Barros.
Leoncio de Carvalho.
M. J. de Albuquerque Lins.

Sociedade Libertadora da Provincia

A commissão abaixo assignada convida a todos os interessados a comparecerem á reunião que deve effectuar-se nesta capital, no dia 15 do corrente, afim de constituir-se definitivamente a sociedade que, sem desorganisar o trabalho agricola, promova a libertação total dos escravos existentes na provincia, no praso maximo de 3 annos.

S. Paulo, 7 de Dezembro de 1887.

Marquez de Tres Rios.
Antonio da Silva Prado.
Rafael Paes de Barros.
Leoncio de Carvalho.
M. J. Albuquerque Lins.

Não é fantasia

O grande consumo, a procura de todas as partes e os centenares de attestados publicados justificam a certeza do effeito curativo dos pós anti-hemorrhoidarios contra as hemorrhoidas e os encommodos proveniente dellas, assim como o curativo com as pilulas sudorificas de Mendes contra odefluxo, constipações e bronchites em 3 ou 4 dias.

O licor antipsorico com os pós ou pilulas depurativas é certeiro remedio contra a syphilis de toda a qualidade empigens a grande procura é aprovada ; sua efficacia.

O anti-rheumatico paulistano continúa fazendo curas admiraveis.

O vinho de jurubeba paulista está provado ser o especifico contra as molestias do figado e das más digestões.

Depositarios

Lebre, Irmão & Mello, em Taubaté Carlos Adolpho, em Tatuhy ; Setubal & Amaral e nos Dous Corregos Diogo Mendes. 4—3

EDITAES

O dr. Ignacio José de Oliveira Arruda juiz de direito do segundo districto criminal da comarca da capital de S. Paulo, etc.

Pelo presente faz publico que, tendo designado o dia 26 de Dezembro futuro para a abertura da sexta sessão ordinaria do jury deste anno que trabalhará em dias successivos, a excepção dos domingos, em o paço da camara municipal, e que tendo-se procedido ao sorteio dos 48 jurados que devem servir na mesma sessão de conformidade com os artigos 326, 327 e 328 do regulamento n. 120 de 31 de Janeiro de 1842, foram sorteados e designados os cidadãos seguintes :

FREGUEZIA DA SE'

1 Alexandre Glass.
2 Dr. Americo Rodrigues dos Santos.
3 Anastacio Pereira de Souza.
4 Antonio Elias da Silva.
5 Antonio Candido da Costa Aguiar.
6 Dr. Francisco Pennaforte Mendes de Almeida.
7 Francisco Antonio Pedroso.
8 Joaquim Dias de Oliveira.
9 João José dos Santos.
10 José Eduardo de Macedo Soares.
11 José Felisberto de Azevedo Fagundes.
12 José de Alencar Toscano Barreto.
13 José Felizardo Junior.
14 José Antonio de Oliveira Mendes.
15 José Francisco de Camargo Alvarenga.
16 José Augusto da Silva Sobral.
17 José Raymundo de Azevedo Marques.
18 Lourenço Domingues Martins.
19 Dr. Luiz Pereira Dias.
20 Manoel Bernardo da Rocha Junior.
21 Pedro Alves Corrêa do Amaral.
22 Dr. Theophilo Dias de Mesquita.

FREGUEZIA DE SANTA EPHIGENIA

23 Dr. Antonio de Campos Toledo.
24 Antonio Joaquim de Sant'Anna.
25 Tenente Francisco Augusto de Azevedo.
26 Dr. João Pinto Gonçalves.
27 João Evangelista de Toledo Barbosa.
28 Dr. José Nabor Pacheco Jordão.
29 Dr. José Rubino de Oliveira.
30 Julio Alexandrino Esteves.
31 Luiz Alves de Almeida.

FERGUEZIA DA CONSOLAÇÃO

32 Antonio de Almeida Braga.
33 Bento Joaquim Monteiro.
34 Custodio da Costa Nascimento.
35 Dr. Eulalio da Costa Carvalho.
36 Capitão Francisco de Paula Xavier de Toledo.
37 João Maxwel Rudge.
38 Dr. João Antonio de Oliveira Campos.
39 José Antonio de Borba Cujo.
40 Philadelpho de Moraes Lima.

FREGUEZIA DO BRAZ

41 Capitão José Maximino de Sampaio.
42 Olavo de Castro Pompéa.
43 Capitão Paulino José Soares de Souza.
44 Capitão Ricardo de Moura Telles.

FREGUEZIA DE S. BERNARDO

45 João Antonio de Oliveira Lima.

VILLA DE ITAPECERICA

46 Antonio José Mathias.
47 Antonio Martins de Oliveira.
48 Miguel Domingues de Andrade.

Todos os quaes bem como todos os interessados são convidados para comparecerem no mencionado paço da camara municipal do referido dia 26 de Dezembro futuro em diante, pelas 11 horas da manhã e até que seja a sessão encerrada ; sob as penas da lei se faltarem.

E para que chegue á noticia de todos se passa o presente que é affixado no logar do costume e publicado pela imprensa.

S. Paulo, 28 de Novembro de 1887. Eu, Firmino Moreira Lyrio escrivão e escrevi.—*Ignacio José de Oliveira Arruda*. Está conforme o escrivão *Firmino Moreira Lyrio*.

Para cumprimento do art. 79 §§ 1º e 2º do titulo VI do codigo de posturas de 31 de Maio de 1875, faço publico que foram aprehendidos e recolhidos á deposito os seguintes animaes, na freguezia da Consolação em terreno particular :

Um cavallo, libuno cego do lado de montar.

Um burro, preto, marca C. P. do lado direito.

Chamo, pois, quem com direito sobre os mesmos se julgar de vir em deposito, retiral-os, pagando multas e despezas e justificando-se dono, pois, findo o praso de lei os mandarei em hasta publica, sabbado, 17 do mez andante, ás portas do paço municipal, ás 11 horas do dia.

S. Paulo, 13 de Dezembro de 1887.

O fiscal da Consolação,
3—1 *Alfredo Augusto de Azevedo*

Faculdade de Direito de São Paulo

De ordem do illm. sr. conselheiro director dr. André Augusto de Paula Fleury, faço publico que os exames de Rhetorica deverão começar no dia 16 do corrente, ás 8 horas da manhã, sala n. 4 e que as provas escriptas serão feitas em turmas de 30, em dias consecutivos, até terminar-se a lista dos candidatos inscriptos, depois do que terão lugar as provas oraes : que as chamadas serão feitas, observando-se a ordem da inscripção, que poderá ser alterada, no caso da falta de qualquer dos examinandos, sendo chamado para substituil-o o immediato da lista, de modo a completar-se sempre a turma, e finalmente, que os que deixarem passar sua vez, poderão, se justificarem motivo attendivel de não comparecimento, ser admittidos a exame depois de exgottada a lista dos inscriptos.

Outrosim, faço publico que os que forem chamados deverão exhibir as certidões de approvação em Portuguez, Francez, Inglez e Latim.

Secretaria da Faculdade de Direito de São Paulo, 13 de Dezembro de 1887.

O secretario
André Dias de Aguiar

RHETORICA, (ás 8 horas)

(Sala n. 4)

1 Benjamim Franklim Silveira da Motta.
2 Olavo Bilac.
3 José Maria Lisboa Junior.
4 Augusto Albino de Almeida.
5 João Martins de Carvalho Mourão.
6 Irinêo de Mello Machado.
7 Carlos Soares da Silva.
8 José Augusto Quirino dos Santos.
9 José Gabriel de Toledo Piza.
10 Thomaz Pimentel.
11 Valentim Coelho Portas Junior.
12 Manoel Gileão Carvalhal.
13 Virgilio Vieira Teixeira Pinto.
14 Octaviano d'Aguirra Camargo.
15 Jeronymo de Souza Monteiro.
16 Celestino Gomes da Cunha.
17 Carlos Augusto d'Arruda Botelho.
18 Francisco Xavier Gomes Flores.
19 Alfredo Henrique Vidigal.
20 Arthur do Amaral Góes.
21 Henrique Vaz Pinto Coelho.
22 Laurindo Dias Minhoto.
23 José Eugenio de Paiva Azevedo.
24 Affonso Manoel Pimenta Velloso.
25 Ariovaldo Augusto do Amaral.
26 Domingos Theodoro Guimarães.
27 Pedro de Castro Canto e Mello.
28 João Baptista Pires de Castro Lopes.
29 Melciades Mario de Sá Freire.
30 José Adelino Teixeira.
31 Joaquim Martins Villela de Andrade.
32 André Martins de Andrade Junior.
33 Luiz de Lima e Silva.
34 Antonio Felisberto de Oliveira.
35 Wladimiro Augusto do Amaral.
36 Alceu Guimarães de Azevedo.
37 Adolpho Guimarães de Azevedo.
38 Arthur Soares.
39 José Vicente da Silva Paranhos.
40 Luiz Fortunato de Souza Carvalho.
41 Cassio Marcondes Monteiro.
42 Antonio Carlos Nogueira.
43 José Julião Corneiro da Silva.
44 Octavio Antonio da Costa.
45 Americo de Campos Sobrinho.
46 Felinto Elysio de Araujo Lopes.
47 Bento Paes de Barros Junior.
48 Eduardo Galvão de Souza Mello.
49 José Mendes de Almeida.
50 Luiz Anselmo Rennó.
51 Antonio Braz de Moraes Barbosa.
52 Joaquim Nogueira d'Almeida Pedroso.
53 Joaquim Candido Nogueira de Sá.
54 Ororio Goulart Santiago Brum.
55 Manoel Francisco de Silva Guerra.
56 Luiz dos Santos Dumont.
57 Florindo Lourciro Sampaio.
58 José Ribeiro de Miranda Junior.
59 Manoel Vidal Leite Ribeiro.
60 Arthur de Oliveira Paiva.
61 Joaquim Sebastião de Macedo.
62 Antonio Cerqueira Goulart.
63 Manoel Claudiano de Madureira.
64 Paulino da Fonseca.
65 Jayme G. de Argollo Ferrão.
66 Carlos Augusto Ferreira Brandão.

O secretario
Dias de Aguiar

Inspectoria geral de hygiene

Em virtude do que dispõe o art. 66 do regulamento que baixou com o decreto n. 9554 de 3 de Fevereiro do anno passado, a inspectoria geral de hygiene faz publico, pelo prazo de oito dias, que o cidadão José Antonio da Conceição, por seus procuradores, Carvalho Filho & Adolpho, lhe dirigiu a seguinte petição com documentos que satisfazem as exigencias do art. 65 do citado regulamento.

«José Antonio da Conceição por seus procuradores abaixo assignados, desejando abrir uma pharmacia na freguezia de Nossa Senhora dos Remedios de Campos Novos, termo de Cunha, provincia de S. Paulo, vem requerer a v. exc. a necessaria licença, offerecendo os inclusos documentos pelos quaes prova as habilitações do supplicante e a necessidade da pharmacia naquelle logar onde nenhuma existe, sendo a mais proxima distante do referido logar cinco leguas.

Nestes termos e sendo de justiça P. a v. exc. deferimento.—E. R. M.—Rio de Janeiro, 14 de Novembro de 1887.—*Carvalho Filho & Adolpho.*» Sobre uma estampilha de 200 réis.

E declara que, si nesse prazo nenhum pharmaceutico formado lhe communicar ou á inspectoria de hygiene da provincia de S. Paulo, a resolução de estabelecer pharmacia na citada localidade, concederá ao pratico a licença requerida.

Inspectoria geral de hygiene, 15 de Novembro de 1887.—Dr. *Pedro Affonso de Carvalho*, secretario. 8—3

AVISOS

Medico e parteiro—Dr. Mello Oliveira, residencia rua Barão de Itapetininga 55. Consultorio—Rua da Imperatriz 53, de 1 as 3 horas.

Attende a chamados para o interior.

MEDICO, dr. Eulalio.—Residencia largo do Arouche n. 50. Consultorio de 1 ás 3 horas á rua da Quitanda n. 1 obrado.

Pode ser chamado pelo telephone n. 155 para aquella, ou pelo de n. para este.

Molestias do peito e do coração—MEDICO.— O dr. Marcos Arruda mudou seu consultorio e residencia para o largo da Sé n. 13, onde attende a chamados a qualquer hora e dá consultas das 7 ás 9 da manhã e de 1 ás 3 da tarde.

Chamados pelo telehone n. 42.

O advogado dr. Bento Galvão da Costa e Silva, póde ser procurado no escriptorio dos srs. conselheiro Duarte de Azevedo e dr. João Pereira Monteiro, á rua de S. Bento n. 34, das 10 ás 4 horas.

ADVOGADO

O dr. Ernesto M. Pedroso trabalha no escriptorio do Conselheiro Barão de Ramalho, á Travessa da Sé n. 4, onde será encontrado das 10 as 3 horas da tarde. Residencia, rua de S. João n. 55

ADVOGADO

O bacharel Afrodisio Vidigal póde ser procurado das 10 horas ao meio dia em seu escriptorio, á rua da Quitanda, n. 1, 1º andar, e de manhã e na casa de sua residencia, á rua de D. Maria Thereza n. 18.

Advocacia.—O advogado Porfirio A. Figueira d'Aguiar, tem seu escriptorio á travessa da Sé n. 3. Residencia rua Episcopal, 10.

Medico homœopatha.—Dr. Leopoldo Ramos, consultas das 10 ás 12 horas da manhã, chamados a qualquer hora, na Drogaria Central Homœopathica, largo de S. Bento n. 86.

Advogado.— O dr. Pamphilo Manoel Freire de Carvalho, advogado com os srs. conselheiro Duarte de Azevedo e dr. João Monteiro, na 1ª e 2ª instancia, á rua de S. Bento n. 34.

Attende a chamados para qualquer ponto da provincia.

O advogado Rodrigo Lobato tem o seo escriptorio á rua da Imperatriz n. 19.

ANNUNCIOS

Professor

A. M. Sage, bacharel em lettras e bacharel em sciencias, munido de seus diplomas muito ao corrente do ensino e, ensinando pelos melhores systemas, dá, em collegios ou casas particulares, lições de Latim, Portuguez, Francez, Inglez, Italiano, Allemão, Arithmetica, Geometria, Algebra, sciencias physicas e naturaes, Geographia e todos os preparatorios.

Dirigir-se por referencias e informações em casa dos irmãos Araujo, rua da Imperatriz 45, á Mascotte. 5—1

Freguezia de Nossa Senhora do O'

No dia 19 do corrente celebrar-se-ha com toda a pompa a festa de Nossa Senhora do O', nesta freguezia, com assistencia do exmo. e rvdm. sr. Bispo Diocesano, que por essa occasião ministrará o Sacramento do Chrisma.

A 18 queimar-se-ha um lindo fogo de artificio.

A 19, apoz a solemme missa cantanda sahirá a procissão, tudo será feito com brilhantismo, para o que os festeiros não poupam esforços nem despezas. 3—1

La Veloce

NAVIGAZIONE ITALIANA

O novo e grandioso vapor

Duca de Galliera

Sahirá directamente para

Genova e Napoles

no dia 1º de Janeiro de 1888.

Para passagens e informações com o agente:

Angelo Fiorita

EM

SÃO PAULO

RUA DE S. BENTO N. 48

RIO DE JANEIRO

RUA DA ALFANDEGA N. 11 E 13

N. B.—Os bilhetes de passagem que não forem destacados pelo agente não tem valor.

Escola Allemã

O exame neste estabelecimento terá logar quinta feira, 22 de Dezembro, das 10 horas em diante, para cujo acto são convidados os paes dos alumnos e todos aquelles, que se interessam por ver o adiantamento dos alumnos. No mesmo dia findar-se hão as aulas do corrente anno que ficarão fechadas até o dia 9 de Fevereiro de 1888, em que se reabrirão.

A matricula para admissão de alumnos novos, no proximo semestre, acha-se aberta desde já, na escola allemã, rua Florencio de Abreu n. 19, todos os dias das 10 ás 12 horas.

Paulo Isberner, Director.
3—1 d. 15 17 21

Tinta Sardinha

Acha-se em todas as repartições publicas da corte, e diversas provincias.

Esta tinta é tão bella e seu traço tão uniforme, que convida o escriptor.

DR. GABRIEL HORACIO

operador e parteiro, com longa pratica ; especialista de **molestias das creanças**, consultorio, rua de S. Bento 26 A, das 12 ás 3. Telephone 275. Residencia, rua de Santa Ephigenia 67. Telephone 66. 40—4

3$400 FARELLO 3$400
O SACCO O SACCO

Vende-se de superior qualidade a 3$400 réis o sacco, e de 10 saccos para cima com grande abatimento. 10—4

45—RUA DE S. BENTO—45

Monte de soccorro

Estando em liquidação o *Monte de Soccorro* desta provincia, em cumprimento do decreto n. 9738, de 2 de Abril do corrente anno, conforme o annuncio já publicado, convido de novo os mutuarios de cautellas cujos prazos do contracto estão vencidos, a virem resgatar os respectivos penhores, afim de evitar que os mesmos sejam vendidos no leilão que proximamente será annunciado.

S. Paulo, 1 de Dezembro de 1887.—O gerente, *Domingos de Mello Rodrigues Loureiro.* 5—4

Companhia Paulista

DE

Vias ferreas e fluviaes

De ordem da directoria, previno aos srs. accionistas, que do dia 5 do corrente em deante, pagam-se neste escriptorio os juros vencidos, á razão de 7 % sobre o capital entrado das acções do Mogy guassú, relativos ao semestre de Janeiro a Junho do corrente anno.

Scriptorio Central, S. Paulo, 1º de Dezembro de 1887.

Alonso G. da Fonseca.
10—8 Secretario.

Companhia Paulista

DE

Vias ferreas e fluviaes

De ordem da directoria faço publico que tendo o sr. tenente Francisco Ignacio Quartim, perdido o titulo de sua acção desta companhia, de n. 16.138, vae ser expedido ao mesmo accionista novo titulo em segunda via, depois de corrido este annuncio por espaço de 60 dias, e fica sendo inutilisado o titulo perdido, tudo na forma do art. 78 dos estatutos.

Escriptorio Central, S. Paulo, 12 de Novembro de 1887.

Alonso G. da Fonseca,
15—8 Secretario.

Companhia Ytuana

Assembléa geral extraordinaria

De ordem da directoria convido os srs. accionistas desta companhia a se reunirem em assembléa geral, neste escriptorio, no dia 8 de Janeiro de 1888, ao meio-dia, afim de tratarem dos seguintes assumptos :

1º—Eleição da directoria e de seu presidente para o triennio seguinte.

2º—Resolver sobre a construcção da linhas ferreas da Xarqueada á villa de S. Pedro, de Capivary a Ribeirão Fundo e sobre os meios de levantar-se o capital para essas construcções.

De conformidade com o art. 36 dos estatutos só podem tomar parte na eleição os srs. accionistas que tenham suas acções depositadas, 60 dias antes da reunião.

Ficam suspensas as transferencias de acções até o dia da reunião.

S. Paulo, Escriptorio Central da Companhia Ytuana, 8 de Novembro de 1887.

O secretario da companhia,
15—12 *Pedro Aranha.*

Consultorio medico

DR. FERNANDO DE BARROS

Tem seu consultorio medico a rua Direita (quatro quantos) n. 55 onde é encontrado do meio dia as 2 1/2. Continúa a dar consultas em sua residencia, Alameda do Triumpho n. 1, ás 8 horas da manhã.

Chamados a qualquer hora. 30—21

DR. JERONIMO DE CUNTO

MEDICO E OPERADOR

ESPECIALIDADE

EM

Molestias de senhoras

Formado pela Real Universidade de Napoles e approvado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, dá consultas das 11 as 2 horas em seu consultorio *rua José Bonifacio n. 12* (antiga rua do Ouvidor) e acceita chamados por escripto a qualquer hora, tanto em seu consultorio como em sua residencia á rua do dr. Antonio Prado n. 1.

Acceita tambem chamados para o interior da provincia.

Encarrega-se do exame da ourina, quer qualitativo, quer quantitativo, de qualquer doente. 40—6 4ª e sab.

VENDE-SE terrenos, no bairro de Bom Retiro, já arruados a 100$ o metro corrido com 50 de fundo ; quem pretender entenda-se com o sr. de Tres Rios.

DR. CARLOS PENNA

MEDICO OPERADOR

ESPECIALISTA

DAS

MOLESTIAS DOS OLHOS

Consultorio—**Rua da Imperatriz, 55**, de 1 ás 3 horas.—Telephono 190.
Residencia—**Rua do Barão de Itapetininga, 8.**—Telephono n. 42.
Dispõe de excellentes aposentos para o tratamento de clientes de QUALQUER classe
ATTENDE A CHAMADOS PARA QUALQUER PONTO DA PROVINCIA

Precisa-se

de uma creada que cosinhe e arrume casa á rua da Princeza, 28. 2—2

SORVETEIRAS AMERICANAS

Produzem o melhor sorvete em dez minutos e com grande vantagem de consumirem pouco gelo pelo aperfeiçoamento do systema.

Em consequencia do grande sortimento que mandamos vir e contracto que fizemos com o fabricante, podemos vendel-as por atacado e a varejo, a preços

Sem competencia

RUA DE S. BENTO N. 36

S. PAULO

Pedro P. Bittencourt & Comp.

Deposito de vidros e papeis pintados

LOTERIA DE HAMBURGO

Somente Premios de dinheiro de ev.

M. 500,000, 300,000, 200,000, 100,000, 80,000, 60,000, 50,000

Mesmo pelo menor premio fica coberto o custo.

Bilhetes de 15 $ por um para a estracção que tem lugar no meio de Dez. e Janeiro serão entregues contra remessa previa do custo.

E. CALMANN, caza bancario
HAMBURGO (Allemanha)

Os Senhores commitentes receberão as listas officiaes.

PELLETIERINA

DE

TANRET

Laureado pelo Instituto de França

Fornecedor da Marinha franceza e dos Hospitaes de Pariz

O remedio mais certo e o mais facil de tomar

PARA COMBATER O

VERME SOLITARIA

Cada dose é acompanhada de uma instrucção detalhada.

PARIZ, Phᶜⁱᵃ TANRET, 64, RUA BASSE-DU-REMPART

Depositarios em S.-Paulo : JOÃO CANDIDO MARTINS & Cª

DOENÇAS DO ESTOMAGO

DIGESTÕES DIFFICEIS

Dyspepsias, Gastralgias, Anemia, Perda do Appetite, Vomitos, Diarrhea, Debilidade das Crianças

CURA SEGURA E RAPIDA PELO

ELIXIR GREZ

TONICO-DIGESTIVO

com *Quina, Coca e Pepsina*

Adoptado em todos os Hospitaes

MEDALHAS NAS EXPOSIÇÕES

PARIS, r. La Bruyère, 34, e em todas as Pharmacias.

Cᴵᴬ DAS VASELINAS FRANCEZAS

MARCA

PÉTRÉOLINE

DIPLOMA DE HONRA, Exposição do Trabalho, PARIS 1885

Exigir sobre a Etiqueta a Firma

A PETREOLINE ou VASELINA FRANCEZA emprega-se nas preparações pharmaceuticas.

Ella é muito empregada na Medicina, nos tratamentos das feridas de má natureza. — Cura com rapidez :

Queimaduras, Rachas dos Peitos, Variola, Eczemas, Erysipela, Pytyriasis, e todas as *Molestias da Pelle* em geral.

EM PERFUMARIA

ella presta e mais elevado serviço para aformoseamento e conservação das Pomadas.

A PETREOLINA não ranca e é d'uma perfeita neutralidade.

LANCELOT Irmãos & Cª,

PARIS — 15, RUA DE L'ECHIQUIER, 15 — PARIS

Depositarios em São-Paulo : Martins LABRE & Cª.

DESCOBERTA NOMAIS **ASMA**

PÓ CLERY — Vende-se em toda a parte

Jᴺ GIRAUD FILHO

Perfumador-Distillador em GRASSE (França)

PERFUMARIA ESPECIAL com

BOUQUET FLORES DE GRASSE

As maiores Recompensas em varias Exposições

Agua do Toucador com	Bouquet Flôres de Grasse
Loção Vegetal	Bouquet Flôres de Grasse
Essencia concentrada	Bouquet Flôres de Grasse
Dentifricio	Bouquet Flôres de Grasse
Oleo Dulcificado	Bouquet Flôres de Grasse
Oleo Brilhantina	Bouquet Flôres de Grasse
Brilhantina	Bouquet Flôres de Grasse
Creme Dulcificado	Bouquet Flôres de Grasse
Veloutine	Bouquet Flôres de Grasse
Cosmetico	Bouquet Flôres de Grasse
Pó de Arroz	Bouquet Flôres de Grasse
Sabão	Bouquet Flôres de Grasse
Bolsinha	Bouquet Flôres de Grasse

Depositarios em S. Paulo :
MARTINS, LABRE & Cª

ATKINSON

PERFUMARIA INGLEZA

afamada ha mais de um seculo ; excede todas as outras pelo seu perfume delicado e exquisito.

TRES MEDALHAS DE OURO
PARIZ 1878, CALCUTTA 1884
pela extra-fina excellencia de sua qualidade.

ESSENCIA DE WHITE ROSE
FRANGIPANNE | YLANG-YLANG
STEPHANOTIS | OPOPONAX

e outros muitos perfumes conhecidos pela sua qualidade e odor deleitavel e exquisito.

Afamada
AGUA DE COLONIA DE ATKINSON

incomparavel pelo seu perfume e concentração. Superior aos productos similares vendidos sob o mesmo nome.

Encontra-se em Casa de todos os Negociantes e Fabricantes

J. & E. ATKINSON
24, Old Bond Street, Londres.

Marca da Fabrica—Uma "Rosa branca" sobre uma "Lyra de Ouro."

TELEGRAMMAS

Rio, 14 de Dezembro

Consta que o major-fiscal do corpo de policia da côrte será nomeado para o corpo de policia de S. Paulo.

—Os alumnos do Collegio Pedro II, revoltaram-se contra os professores, por causa das reprovações nos exames. A policia dispersou os desordeiros.

—Seguiram hoje para S. Paulo 20 praças commandadas pelo capitão-tenente E. da Silva afim de augmentar o contingente daquella provincia.

—Por occasião da promoção a 2º tenente da armada o principe D. Augusto será agraciado com a grã-cruz do Cruzeiro.

—A Sociedade Franceza de Gymnastica deve dar um grande baile no dia 17 do corrente.

—A variola fez hontem apenas 3 victimas.

—Entrou em ensaios no theatro do Recreio « As mulheres de Paul de Kock. Espera-se um successo.

Pernambuco, 14 de Dezembro

O sr. José Soares do Amaral negociante desta praça que foi preso por ser accusado de ter emittido notas falsos, obteve hoje *habeas-corpus.*

Buenos-Ayres, 14 de Dezembro

O presidente da Republica mandou ao parlamento uma mensagem na qual faz conhecer suas intenções sobre o melhoramento da situação financeira, a mensagem trata tambem das boas relações a manter com as potencias estrangeiras.

COMMERCIAES

Rio, 14 de Dezembro

Mercado de café, conserve-se firme.
Venderam-se hontem—4.470 saccas.
Deposito calculado em | 251.000 saccas.
De diversas procedencias entraram hontem—3.520 saccas

—Procedente da Europa e escalas fez entrada hoje pela manhã neste porto o paquete francez « Ville de Bahia », des Chargeurs Reunis.

Londres, 13 de Dezembro

Café do Rio, first ordinary, floating, cargos 77 scheling por 112 libras.

Café de Santos, good average, floating cargos 75 scheling por 112 libras

Havre, 13 de Dezembro

Café do Rio, bon ordinaire, 108 frs. por 50 kilos.

Café de Santos, good average, disponible et courant 93 frs. por 50 kilogrammas.

Mercado de café firme, preços frouxo.

Hamburgo, 13 de Dezembro

Café do Rio real ordinary 78 pf. por 50 libra.

Café de Santos, good average 76 ¼ pf. por 50 libra.

Preços tendem a subir.

Marselha, 13 de Dezembro

Café do Rio, first ordinary, 98 a 99 frs. 50 c. por 50 kilogrammas.

Amsterdão, 13 de Dezembro

Café de Java, good ord. 44 cents. por libra.

Anvers, 13 de Dezembro

Café Santos good ordinary 44 3/4 cents. por libra.

Mercado calmo, preços sustentados.

Nova-York, 13 de Dezembro

Café do Rio, good floating, cargoes (preço medio) 18 3/4 cents por libra.

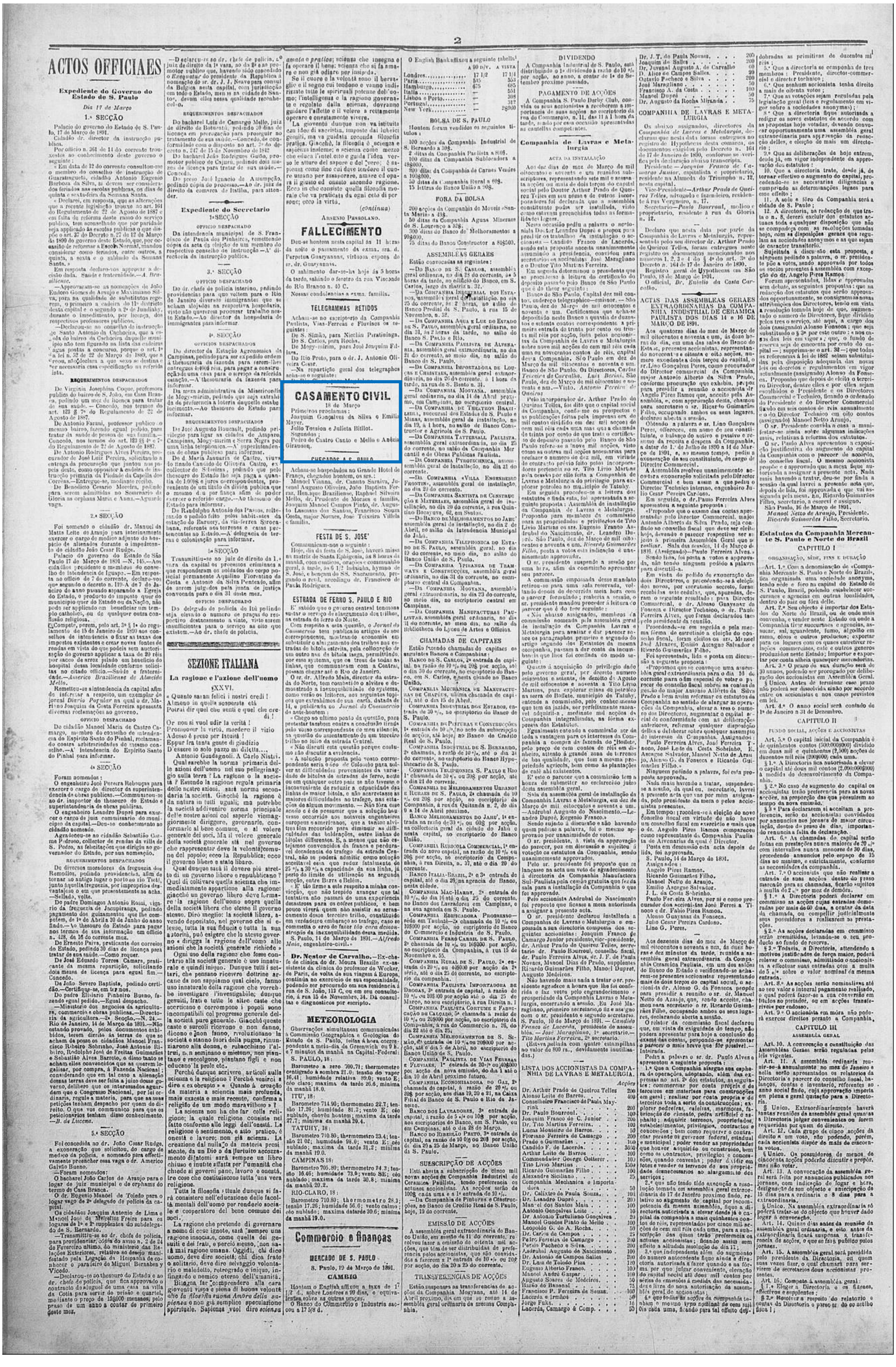
Café do Rio, fair, good floating, cargoes (preço medio) 18 1/2 cents por libra.

Café do Rio fair n. 7 (a livrer prochaix) 15 cents 90 por libra.

Mercado firme.

(Agencia Havas.)

ANEXO D – *Correio Paulistano*, 1891, p. 2. Casamento civil de Canto e Mello e Anézia Giraudon.



CASAMENTO CIVIL

18 de Março

Primeiros proclamas:

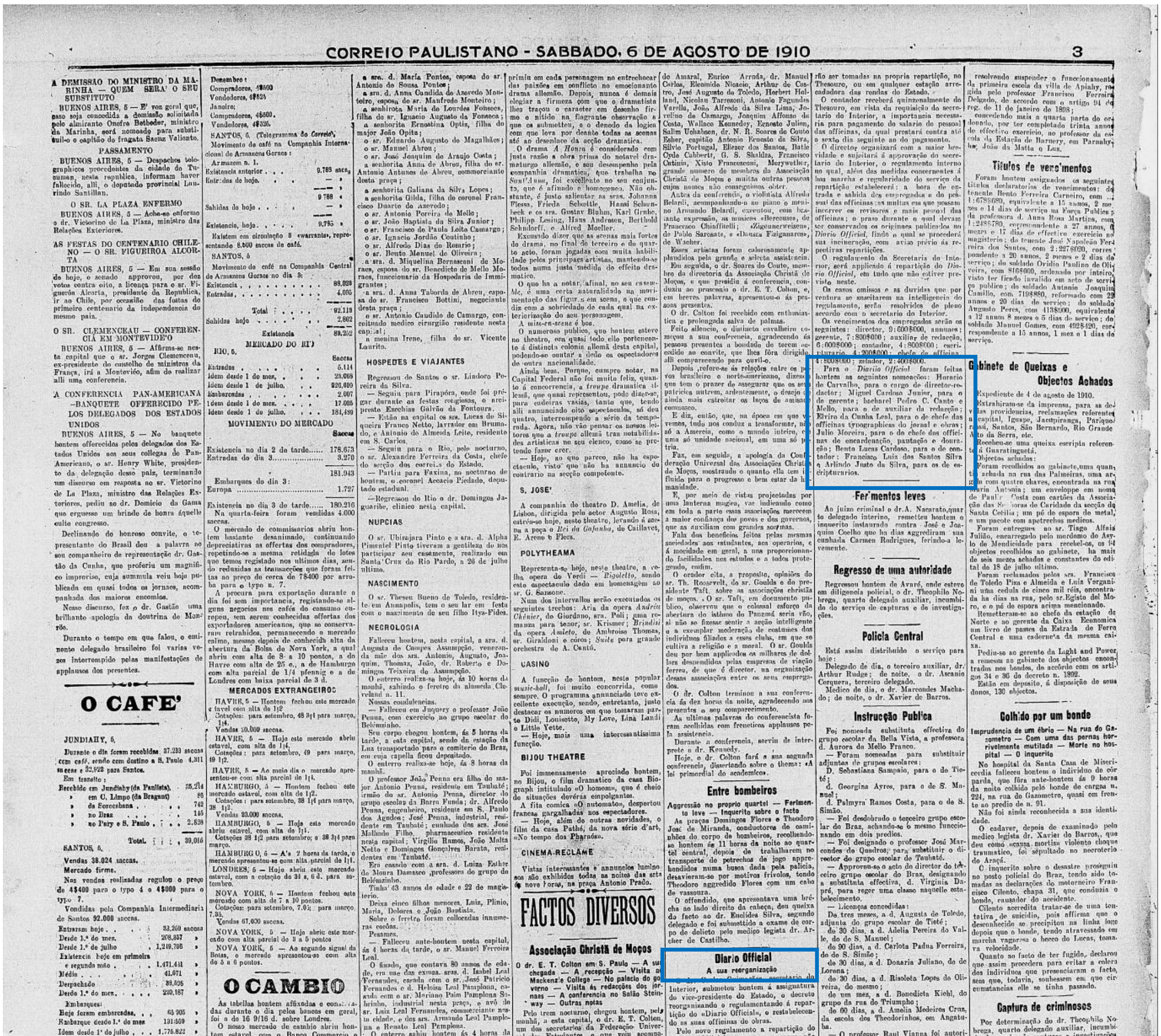
Joaquim Gonçalves da Silva e Emilia Mayer.

Julio Tossion e Julieta Bitllot.

Segundos;

Pedro de Castro Canto e Mello e Anézia Giraudon.

ANEXO E – *Correio Paulistano*, 06 de agosto de 1910, p. 3. Nomeação de Canto e Mello como auxiliar de redação do *Diário Oficial* de São Paulo.



CORREIO PAULISTANO - SABBADO, 6 DE AGOSTO DE 1910 3

Diario Official

A sua reorganização

[illegible], secretario do Interior, submetteu hontem á assignatura do vice-presidente do Estado, o decreto reorganizando e regulamentando a repartição do «Diario Official», e restabelecendo as suas officinas de obras.

Pelo novo regulamento a repartição do «Diario Official», tem a seu cargo não só a impressão e distribuição do jornal, como tambem officinas para confecção de trabalhos concernentes á arte typographica, á encardenação e á pautação, tanto officiaes como particulares.

O pessoal encarregado da publicação do «Diario Official», e dos serviços a que se refere o artigo 1.o será o seguinte: 1 director-redactor, 1 gerente, 1 auxiliar de redacção, 1 contador, 2 escripturarios, 1 chefe de officinas typographicas do jornal e obras, 1 chefe das officinas de encadernação, pautação e douração e 2 zeladores.

Além deste pessoal, haverá os revisores, pessoal technico, typographos e serventes, que o serviço exigir, todos assalariados, os quaes serão contractados pelo director e não serão considerados empregados publicos.

Os empregados do «Diario Official» serão nomeados pelo presidente do Estado, com excepção dos zeladores que serão nomeados pelo secretario do Interior.

Aquelles prestarão compromisso perante o secretario do Interior e estes perante o respectivo director.

O «Diario Official», continu'a a ser destinado a dar publicidade nos actos officiaes do governo do Estado, e nelle serão publicados: as explicações e defesa dos actos do governo, quando este julgar conveniente; as leis e resoluções do Congresso Legislativo; o resumo dos trabalhos legislativos; os decretos, regulamentos e outros actos do Poder Executivo; os despachos e actos do presidente do Estado, dos secretarios, o expediente das secretarias e das repartições subordinadas; as leis, decretos, regulamentos e instrucções do governo Federal, que devam ter execução no Estado; os editaes, avisos, declarações dos juizes e Tribunaes do Estado, de interesse publico e de natureza officiaes; os editaes, avisos, declarações, annuncios e publicações de interesse particular, mediante pagamento; os extractos de relatorios apresentados ao Congresso; artigos originaes ou traduzidos sobre instrucções publica, viação, colonização, estatistica, sciencias, artes e quaesquer assumptos de interesse geral; noticias de concorrencias notorias, politicas, commerciaes, literarias e de outras ordens; o resumo dos debates do Congresso Federal; a chronica do fôro, despachos e sentenças dos juizes e tribunaes, monographias e estudos juridicos.

O *Diario Official* será distribuido mediante assignatura paga adeantadamente.

Aos funccionarios publicos, pagos pelos cofres do Estado, é facultado o pagamento da assignatura por meio de desconto mensal em seus vencimentos.

A repartição do *Diario Official* é directamente subordinada no secretario do Interior.

Todos os funccionarios estão sujeitos ao ponto diario, excepto o director.

O contador, antes de entrar em exercicio, prestará uma fiança que fica arbitrada em 5:000$000.

O contador terá, a titulo de quebra, a gratificação de 300$000 annualmente.

As assignaturas do *Diario Official* poderão ser tomadas na propria repartição, no Thesouro, ou em qualquer estação arrecadadora das rendas do Estado.

O contador receberá quinzenalmente do Thesouro, em vista da requisição do secretario do Interior, a importancia necessaria para pagamento do salario do pessoal das officinas, da qual prestará contas até o sexto dia seguinte ao do pagamento.

O director organizará com a maior brevidade e sujeitará á approvação do secretario do Interior, o regulamento interno no qual, além das medidas concernentes á boa marcha e regularidade do serviço da repartição estabelecerá: a hora de entrada e sahida dos empregados e do pessoal das officinas; as multas em que possam incorrer os revisores e mais pessoal das officinas; o praso durante o qual devam ser conservados os originaes publicados no *Diario Official*, findo o qual se procederá sua incineração, com aviso prévio ás respectivas repartições.

O regulamento da Secretaria do Interior, será applicado á repartição do *Diario Official*, em tudo que não estiver previsto neste.

Os casos omissos e as duvidas que por ventura se suscitarem na intelligencia do regulamento, serão resolvidos de pleno accordo com o secretario do Interior.

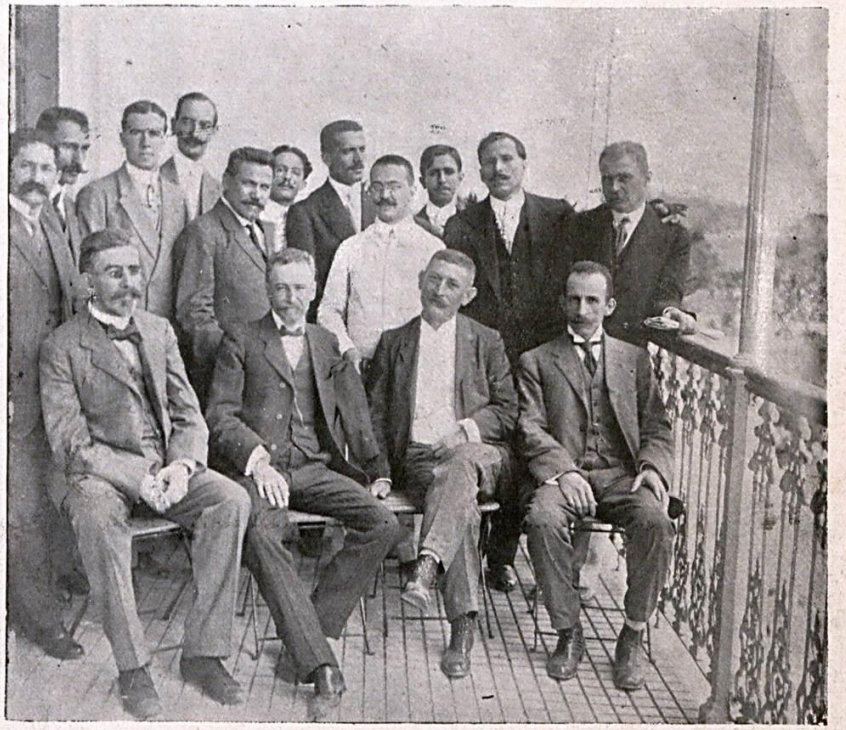
Os vencimentos dos empregados serão os seguintes: director, 9:600$000, annuaes; gerente, 7:800$000; auxiliar de redacção, 6:000$000; contador, 4:800$000; escripturario, 4:200$000; chefe de officina, 4:800$000; zelador, 2:400$000.

Para o *Diario Official* foram feitas hontem as seguintes nomeações: Horacio de Carvalho, para o cargo de director-redactor; Miguel Cardoso Junior, para o de gerente; bacharel Pedro C. Canto e Mello, para o de auxiliar da redacção; Elviro da Cunha Leal, para o de chefe das officinas typographicas do jornal e obras; Julio Moreira, para o de chefe das officinas de encardenação, pautação e douração; Bento Lucas Cardoso, para o de contador; Francisco Luiz dos Santos Silva e Arlindo Justo da Silva, para os de escripturarios.

ANEXO F – *A Vida Moderna*, 03 de outubro de 1912. Fotografia de Canto e Mello.

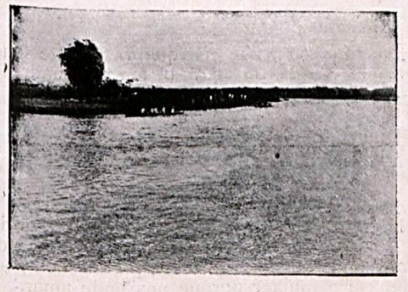
A VIDA MODERNA

Sociedade de Cultura Artistica



No grupo acima, tirado por occasião do almoço offerecido, em dezembro de 1911, a Vicente de Carvalho, em Santos, durante o qual se resolveu a fundação da Sociedade de Cultura Artistica, vêm-se: sentados — os srs. Silvio de Almeida, Vicente de Carvalho, Canto e Mello e Jacomino Define; em pé — Joaquim Catunda, Valdomiro Silveira, Paulo Assumpção, Simões Pinto, Antonio Piccarollo, Heitor de Moraes, Armando Prado, Plinio Barreto, Sylvio Portugal, Manoel de Azevedo e Candido de Carvalho.

São Paulo pittoresco



Um bello aspecto do rio Tietê.

— Um padre reprehendia asperamente um rapaz que tinha o vicio de embriagar-se.

— A culpa é toda sua — diz-lhe o rapaz —

— Porque?! interroga o padre, indignado.

— Porque quando me baptisou poz-me muito sal na bocca: até hoje não consegui estancar a sêde...

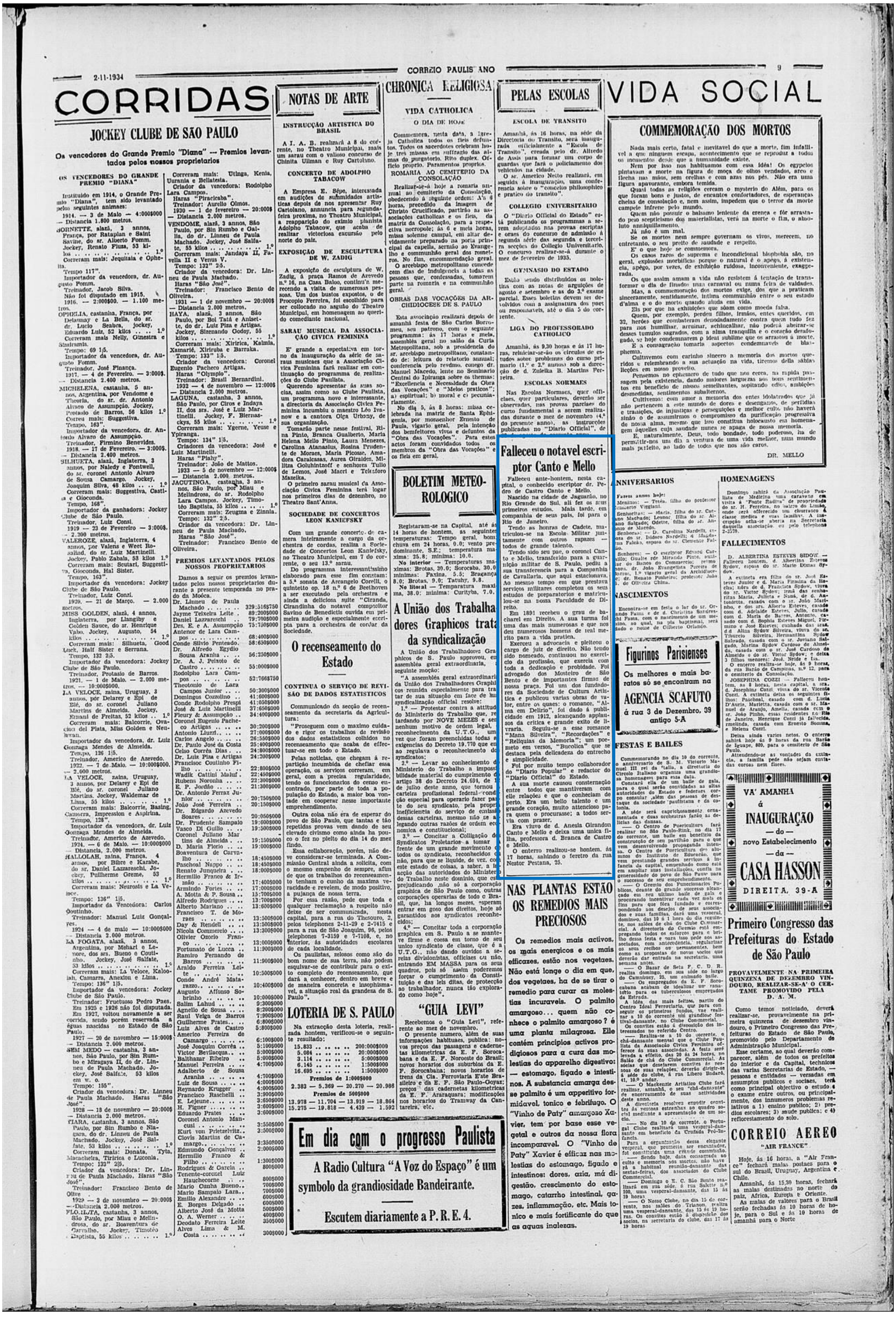
— Julio, preciso dizer-te uma cousa, mas exijo absoluto segredo.

— ?...

— Preciso de 50$000

— Podes estar descançado; é como se eu não tivesse ouvido.

ANEXO G – *Correio Paulistano*, 02 de novembro de 1934, p. 9. Nota de falecimento de Canto e Mello.



2-11-1934 — CORREIO PAULISTANO — 9

CORRIDAS

JOCKEY CLUBE DE SÃO PAULO

Os vencedores do Grande Premio "Diana" — Premios levantados pelos nossos proprietarios

OS VENCEDORES DO GRANDE PREMIO "DIANA"

Instituido em 1914, o Grande Premio "Diana", tem sido levantado pelos seguintes animaes:

1914. — 3 de Maio — 4:000$000 — Distancia 1.800 metros.
JORNETTE, alazã, 3 annos, França, por Rataplan e Saint Savine, do sr. Alberto Fomm. Jockey, Renato Piuza, 53 kilos 1.º
Correram mais: Jequitaia e Ophelia.
Tempo 117".
Importador da vencedora, dr. Augusto Fomm.
Treinador, Jacob Silva.
Não foi disputado em 1915.
1916. — 2:000$00. — 1.100 metros.
OPHELIA, castanha, França, por Delaunay e La Bella, do sr. dr. Lucio Seabra, jockey, Eduardo Luiz, 52 kilos 1.º
Correram mais Nelly, Ginestra e Simiramis.
Tempo: 69 1|5.
Importador da vencedora, dr. Augusto Fomm.
Treinador, José Finança.
1917. — 4 de Fevereiro. — 3:000$. — Distancia 2.400 metros.
MICHELENA, castanha, 5 annos, Argentina, por Vendome e Theoria, do sr. dr. Antonio Alvaro de Assumpção. Jockey, Protasio de Barros, 56 kilos 1.º
Correu mais: Suggestiva.
Tempo, 163".
Importador da vencedora, dr. Antonio Alvaro de Assumpção.
Treinador, Firmino Benevides.
1918. — 17 de Fevereiro. — 3:000$. — Distancia 2.400 metros.
SILHUETA, alazã, Inglaterra, 3 annos, por Naledy e Fontwell, do sr. coronel Antonio Alvaro de Sousa Camargo. Jockey, Joaquim Silva, 48 kilos 1.º
Correram mais: Suggestiva, Castia e Gioconda.
Tempo, 168".
Importador da ganhadora: Jockey Club de São Paulo.
Treinador, Luiz Consi.
1919 — 23 de Fevereiro — 3:000$. — 2.300 metros.
VALEROZE, alazã, Inglaterra, 4 annos, por Valens e Weet Rosalind, do sr. Luiz Martinelli. Jockey, Pablo Zabala, 53 kilos 1.º
Correram mais: Scutari, Suggestiva, Gioconda, Hal Sister.
Tempo, 163".
Importador da vencedora: Jockey Clube de São Paulo.
Treinador, Luiz Conzi.
1920. — 21 de Março. — 2.000 metros.
MISS GOLDEN, alazã, 4 annos, Inglaterra, por Llangiby e Golden Sauce, do sr. Henrique Vabo. Jockey, Augusto, 54 kilos 1.º
Correram mais: Silhueta, Good Luck, Half Sister e Serrana.
Tempo, 132 2|5.
Importador da vencedora: Jockey Clube de São Paulo.
Treinador, Protasio de Barros.
1921. — 1 de Maio. — 2.000 metros. — 10:000$000.
LA VELOCE, zaina, Uruguay, 3 annos, por Delarey e Epi de Blé, do sr. coronel Juliano Martins de Almeida. Jockey, Ernani de Freitas, 52 kilos .. 1.º
Correram mais: Balcorrie, Ovacion del Plata, Miss Golden e Neuwan.
Importador da vencedora, dr. Luiz Gonzaga Mendes de Almeida.
Tempo, 126 1|5.
Treinador, Americo de Azevedo.
1922. — 7 de Maio. — 10:000$000. — 2.000 metros.
LA VELOCE, zaina, Uruguay, 3 annos, por Delarey e Epi de Blé, do sr. coronel Juliano Martins. Jockey, Waldemar de Lima, 55 kilos 1.º
Correram mais: Balcorrie, Basing, Camorra, Impression e Aspirina.
Tempo, 128".
Importador da vencedora, dr. Luiz Gonzaga Mendes de Almeida.
Treinador, Americo de Azevedo.
1924. — 6 de Maio. — 10:000$000 — Distancia, 2.000 metros.
HALLOLAH, zaina, França, 4 annos, por Bibre e Karabe, do sr. Daniel Lazzareschi. Jockey, Pullherme Greme, 53 kilos 1.º
Correram mais: Neurosis e La Veloce.
Tempo: 136" 1|5.
Importador da Vencedora: Carlos Coutinho.
Treinador: Manuel Luiz Gonçalves.
1924 — 4 de maio — 10:000$000 — Distancia 2.000 metros.
LA FOGATA, alazã, 3 annos, Argentina, por Mehari e Lenore, dos srs. Bueno e Coutinho. Jockey, José Salfate, 53 kilos 1.º
Correram mais: La Veloce, Kaloolah, Camarra, Anexion e Lima.
Tempo: 136" 1|5.
Importador da vencedora: Jockey Clube de São Paulo.
Treinador: Fructuoso Pedro Paes.
Em 1925 e 1926 não foi disputada.
Em 1927, voltou novamente a ser corrida, sendo porém reservada a éguas nascidas no Estado de São Paulo.
1927 — 20 de novembro — 15:000$ — Distancia 2.000 metros.
SEM MEDO — castanha, 3 annos, São Paulo, por Sin Rumbo e Miragaya II, do dr. Linneu de Paula Machado. Jockey, José Salfate, 53 kilos em w. o.
Tempo: 155".
Criador da vencedora: Dr. Linneu de Paula Machado. Haras "São José".
1928 — 18 de novembro — 20:000$ — Distancia 2.000 metros.
TIARA, castanha, 3 annos, São Paulo, por Sin Rumbo e Niagara, do dr. Linneu de Paula Machado. Jockey, José Salfate, 53 kilos 1.º
Correram mais: Donata, Tyta, Macacheira, Tiririca e Luconia.
Tempo: 133" 2|5.
Criador da vencedora: Dr. Linneu de Paula Machado. Haras "São José".
Treinador: Francisco Bento de Olive[ira].
1929 — 3 de novembro — 20:000$ — Distancia 2.000 metros.
FLORILTA, castanha, 3 annos, São Paulo, por Miau e Melindrosa, do sr. Boaventura de Carvalho. Jockey, Timotêo Baptista, 55 kilos 1.º
Correram mais: Utinga, Kenia, Urania e Bellatesta.
Criador da vencedora: Rodolpho Lara Campos.
Haras "Piracicaba".
Treinador: Aurelio Olmos.
1930 — 1 de fevereiro — 20:000$ — Distancia 2.000 metros.
VENDOME, alazã, 3 annos, São Paulo, por Sin Rumbo e Gallia, do dr. Linneu de Paula Machado. Jockey, José Salfate, 55 kilos 1.º
Correram mais: Jandaya II, Favella II e Venus V.
Tempo: 132" 2|5.
Criador da vencedora: Dr. Linneu de Paula Machado.
Haras "São José".
Treinador: Francisco Bento de Oliveira.
1931 — 1 de novembro — 20:000$ — Distancia 2.000 metros.
HAYA, alazã, 3 annos, São Paulo, por Boi Tatá e Aniseta, do dr. Luiz Piza e Artigas. Jockey, Sizenando Godoy, 55 kilos 1.º
Correram mais: Xiririca, Kalmia, Xamarié, Xiriruba e Barraka.
Tempo: 133" 1|5.
Criador da vencedora: Coronel Eugenio Pacheco Artigas.
Haras "Olympio".
Treinador: Brasil Bernardini.
1932 — 4 de novembro — 12:000$ — Distancia 2.000 metros.
LAGUNA, castanha, 3 annos, São Paulo, por Ciros e Indaya II, dos srs. José e Luiz Martinelli. Jockey, F. Biernackys, 55 kilos 1.º
Correram mais: Ygerne, Yeuse e Ypiranga.
Tempo: 134" 1|5.
Criadores da vencedora: José e Luiz Martinelli.
Haras "Piahy".
Treinador: João de Mattos.
1933 — 5 de novembro — 12:000$ — Distancia 2.000 metros.
JACUTINGA, castanha, 3 annos, São Paulo, por Miau e Melindrosa, do sr. Rodolpho Lara Campos. Jockey, Timotêo Baptista, 55 kilos 1.º
Correram mais: Zeugma e Zinnia.
Tempo: 132" 2|5.
Criador da vencedora: Dr. Linneu de Paula Machado.
Haras "São José".
Treinador: Francisco Bento de Oliveira.

PREMIOS LEVANTADOS PELOS NOSSOS PROPRIETARIOS

Damos a seguir os premios levantados pelos nossos proprietarios durante a presente temporada no prado da Mooca.

Dr. Linneu de Paula Machado	329:516$750
Jayme Teixeira Leite	89:200$000
Daniel Lazzareschi	79:700$000
Drs. E. e A. Assumpção	75:750$000
Antenor de Lara Campos	68:400$000
Conde Silvio Penteado	58:650$000
Dr. Alfredo Egydio Sousa Aranha	56:250$000
Dr. A. J. Peixoto de Castro	55:000$000
Rodolpho Lara Campos	52:766$750
Theotonio de Lara Campos Junior	50:300$000
Domingos Cozzolino	41:600$000
Conde Rodolpho Prespi	41:050$000
José & Luiz Martinelli	37:650$000
Fleury & Assumpção	34:400$000
Coronel Eugenio Pacheco Artigas	30:200$000
Antonio Liuzzi	27:000$000
Carlos Angelo	26:550$000
Dr. Paulo José da Costa	25:400$000
Celso Corrêa Dias	24:800$000
Dr. Luiz Piza e Artigas	24:200$000
Francisco Coutinho Filho	22:800$000
Wadik Cattini Maluf	22:450$000
Rubens Noronha	22:300$000
E. P. Jordão	21:300$000
Dr. Antonio Ferraz Junior	20:750$000
João José Ferreira	20:150$000
Dr. Edgardo Azevedo Soares	20:050$000
Dr. Prudente Sampaio	19:600$000
Vasco Di Guilio	19:500$000
Coronel Juliano Martins de Almeida	19:150$000
D. Maria Florio	19:000$000
Boaventura de Carvalho	18:450$000
Paschoal Nappo	18:450$000
Renato Junqueira	18:000$000
Hermillo Franco & Irmão	17:400$000
Armindo Fortes	17:000$000
A. Motta & P. Sousa	15:700$000
Alfredo Rodrigues	13:700$000
Alberto Mariano	13:600$000
Francisco T. de Moraes	13:500$000
Day & Rendell	13:500$000
Nicola Commercio	13:300$000
Olivier Ozorio Franco	13:000$000
Fortunato de Lucca	11:900$000
Ramiro Fernando de Barros	11:900$000
Araldo Ferreira Leite	10:500$000
Conde André Matarazzo	10:400$000
Augusto Affonso Sobrinho	10:000$000
Salim Lahud	9:300$000
Agnello de Sousa	8:200$000
Raul Veiga de Barros	7:900$000
Guilherme Prates	6:800$000
Luiz Alves de Castro	5:800$000
Americo Ferreira de Camargo	6:100$000
José Joaquim Corrêa	5:100$000
Victor Bevilacqua	5:000$000
Balthazar Ribeiro	5:000$000
Manuel Ferreira	4:700$000
Adalberto de Sousa Aranha	4:700$000
Luiz de Sousa	4:000$000
Reynardo Krugger	4:000$000
Francisco Raschelli	3:900$000
E. Lejeune	3:650$000
H. Figner	3:600$000
Eduardo Prates	3:600$000
Coronel Antonio Mancusi	3:550$000
Kurt von Prietzelvitz	3:500$000
Clovis Martins de Camargo	3:350$000
Edmundo Gonçalves	2:000$000
Hermillo Franco & Filho	1:300$000
Rodrigues & Garcia	800$000
Tenente-coronel Luiz Hauchecorne	800$000
Mario Cunha Bueno	700$000
Mario Sampaio Lara	700$000
Emilio Alexandre	600$000
E. Borges Delgado	600$000
Alberto José da Motta	500$000
O. A. Werner	400$000
Deodato Ferreira Leite	350$000
Alves Lima & M. Costa	300$000

NOTAS DE ARTE

INSTRUCÇÃO ARTISTICA DO BRASIL

A I. A. B. realizará a 8 do corrente, no Theatro Municipal, mais um sarau com o valioso concurso de Chinita Ullman e Ruy Cartolano.

CONCERTO DE ADOLPHO TABACOW

A Empresa E. Sépe, interessada em audições de summidades artisticas depois de nos apresentar Ruy Cartolano, annuncia para segunda-feira proxima, no Theatro Municipal, a reapparição do eximio pianista Adolpho Tabacow, que acaba de realizar victoriosa excursão pelo norte do paiz.

EXPOSIÇÃO DE ESCULPTURA DE W. ZADIG

A exposição de esculptura de W. Zadig, á praça Ramos de Azevedo n.º 16, na Casa Baloo, continú'a merecendo a visita de numerosas pessoas. Um dos bustos expostos, o de Procopio Ferreira, foi escolhido para ser collocado no asguão do Theatro Municipal, em homenagem ao querido comediante nacional.

SARAU MUSICAL DA ASSOCIAÇÃO CIVICA FEMININA

E' grande a espectativa em torno da inauguração da série de saraus musicaes que a Associação Civica Feminina fará realizar em continuação do programma de realizações do Clube Paulista.

Querendo apresentar ás suas socias, assim como ao Clube Paulista, um programma novo e interessante, a directoria da Associação Civica Feminina incumbiu o maestro Léo Ivanow e a cantora Olga Urbany, de sua organização.

Tomarão parte nesse festival, Rina Pinto, Branca Gualberto, Maria Helena Mello Pinto, Laura Menezes, Carolina Atanasius, Rosina Prudente de Moraes, Maria Picosse, Amadora Caralcasas, Aurea Giraldes, Militza Goluhintzoff e senhores Tullo de Lemos, José Macri e Telesforo Mazeika.

O primeiro sarau musical da Associação Civica Feminina terá logar nos primeiros dias de dezembro, no Theatro Sant'Anna.

SOCIEDADE DE CONCERTOS LEON KANIEFSKY

Com um grande concerto de camera inteiramente a cargo da orchestra de cordas, realiza a Sociedade de Concertos Leon Kaniefsky, no Theatro Municipal, em 7 do corrente, o seu 13.º sarau.

Do programma interessantissimo elaborado para esse fim constam: a 5.ª sonata de Arcangelo Corelli, o quintetto op. 18 n.º 6 de Beethoven a ser executado pela orchestra e ainda a deliciosa suite "Ciranda, Cirandinha do notavel compositor Savino de Benedictis ouvida em primeira audição e especialmente escripta para a orchestra de cordas da Sociedade.

O recenseamento do Estado

CONTINUA O SERVIÇO DE REVISÃO DE DADOS ESTATISTICOS

Communicado da secção de recenseamento da secretaria da Agricultura:

"Proseguem com o maximo cuidado e rigor os trabalhos de revisão dos dados estatisticos colhidos no recenseamento que acaba de effectuar-se em todo o Estado.

Pelas noticias, que chegam á repartição incumbida de chefiar essa operação, os serviços correram, em geral, com a precisa regularidade, tendo os funccionarios do censo encontrado, por parte de toda a população do Estado, a maior boa vontade em cooperar nesse importante emprehendimento.

Outra coisa não era de esperar do povo de São Paulo, que tantas e tão repetidas provas vem dando de seu elevado civismo como ainda ha pouco o fez no pleito do dia 14 do mez findo.

Essa collaboração, porém, não deve considerar-se terminada. A Commissão Central ainda a solicita, com o mesmo empenho de sempre, afim de que os trabalhos do recenseamento tenham o cunho da maxima veracidade e revelem, de modo positivo, a pujança de nossa terra.

Por essa razão, pede que toda e qualquer reclamação a respeito não deixe de ser communicada, nesta capital, para a rua do Thesouro, 2, pelos telephones 2-11-29 e 2-7415 e para a rua de São Joaquim, 96, pelos telephones 7-3159 e 7-7108, e, no interior, ás autoridades escolares de cada localidade.

Os paulistas, zelosos como são do bom nome de sua terra, não podem esquivar-se de contribuir para o exito completo do recenseamento, que dará a conhecer, dentro em breve e de maneira concreta e insophismavel, a situação real da grandeza de S. Paulo".

LOTERIA DE S. PAULO

Na extracção desta loteria, realizada hontem, verificou-se o seguinte resultado:

15.833	200:000$000
5.084	20:000$000
3.114	5:000$000
6.145	1:500$000
16.695	1:500$000

Premios de 1:000$000

2.383 — 5.369 — 20.270 — 20.986

Premios de 500$000

13.978 — 11.704 — 13.919 — 18.864
15.275 — 19.818 — 4.439 — 1.592

Em dia com o progresso Paulista
A Radio Cultura "A Voz do Espaço" é um symbolo da grandiosidade Bandeirante.
Escutem diariamente a P. R. E. 4.

CHRONICA RELIGIOSA

VIDA CATHOLICA

O DIA DE HOJE

Commemora, nesta data, a Igreja Catholica todos os fieis defuntos. Todos os sacerdotes celebram hoje tres missas em suffragio das almas do purgatorio. Rito duplex. Officio proprio. Paramentos proprios.

ROMARIA AO CEMITERIO DA CONSOLAÇÃO

Realizar-se-á hoje a romaria annual ao cemiterio da Consolação, obedecendo á seguinte ordem: A's 6 horas, precedido da imagem de Christo Crucificado, partirão as associações catholicas e os fieis, da matriz da Consolação, para a respectiva necropole; ás 6 e meia horas, missa solenne campal, em altar devidamente preparado na porta principal da capella, sermão ao Evangelho e communhão geral dos romeiros. No fim, encommendação geral.

O arcebispo metropolitano concede cem dias de indulgencia a todas as pessoas que, confessadas, tomarem parte na romaria e na communhão geral.

OBRAS DAS VOCAÇÕES DA ARCHIDIOCESE DE S. PAULO

Esta associação realizará depois de amanhã festa de São Carlos Borromeu, seu patrono, com o seguinte programma: ás 17 horas e meia, assembléa geral no salão da Curia Metropolitana, sob a presidencia do sr. arcebispo metropolitano, constando de: leitura do relatorio annual; conferencia pelo revdmo. conego dr. Manuel Macedo, lente no Seminario Central do Ipiranga sobre os themas: "Excellencia e Necessidade da Obra das Vocações" e "Meios praticos": a) espiritual; b) moral e c) pecuniariamente.

No dia 5, ás 8 horas: missa celebrada na matriz de Santa Ephigenia, por monsenhor Ernesto de Paula, vigario geral, pela intenção dos bemfeitores vivos e defuntos da "Obra das Vocações". Para estes actos foram convidados todos os membros da "Obra das Vocações" e os fieis em geral.

BOLETIM METEOROLOGICO

Registaram-se na Capital, até ás 14 horas de hontem, as seguintes temperaturas: Tempo geral, bom; chuva em 24 horas, 0.0; vento predominante, S.E.; temperatura maxima: 25.8; minima: 10.0.

No interior — Temperaturas maximas: Brotas, 30.0; Sorocaba, 30.0; minimas: Faxina, 5.5; Bragança 8.0; Brotas, 9.0; Tatuhy, 9.8.

No litoral — Temperatura maxima, 38.0; minima: Curityba, 7.0.

A União dos Trabalhadores Graphicos trata da syndicalização

A União dos Trabalhadores Graphicos de S. Paulo approvou, em assembléa geral extraordinaria, a seguinte moção:

"A assembléa geral extraordinaria da União dos Trabalhadores Graphicos reunida especialmente para tratar de sua situação em face da syndicalização official resolve:

1.º — Protestar contra a attitude do Ministerio do Trabalho que, retardando por NOVE MEZES e sem nenhum motivo de ordem legal, o reconhecimento da U.T.G., uma vez que foram preenchidas todas as exigencias do Decreto 19.770 que então regulava o reconhecimento dos syndicatos;

2.º — Levar ao conhecimento do Ministerio do Trabalho a impossibilidade material do cumprimento do artigo 38 do Decreto 24.694, de 12 de julho deste anno, que tornou a carteira profissional federal condição especial para operario fazer parte do seu syndicato, pela propria inefficiencia do serviço de emissão dessas carteiras, mesmo não se allegando outras razões de ordem economica e constitucional;

3.º — Concitar a Colligação dos Syndicatos Proletarios a tomar a frente de um grande movimento de todos os syndicato, reconhecidos ou não, para que se liquide, de vez, com este estado de coisas, a saber, a intervenção das autoridades do Ministerio do Trabalho neste dominio, que está prejudicando ,não só a corporação graphica de São Paulo como, outras corporações operarias de todo o Brasil, que, ha longos mezes, esperam entrar em goso dos direitos, hoje só garantidos aos syndicatos reconhecidos;

4.º — Concitar toda a corporação graphica em S. Paulo a se manter firme e coesa em torno de seu unico syndicato de classe, que é a U.T.G., não dando ouvidos a sereias divisionistas, officiaes ou não, entrando EM MASSA para os seus quadros, pois só assim poderemos forçar o cumprimento da Constituição e das leis ditas, de protecção ao trabalhador, nunca tão explorado como hoje".

"GUIA LEVI"

Recebemos o "Guia Levi", referente ao mez de novembro.

O presente numero, além de suas informações habituaes, publica: novos preços das passagens e cadernetas kilometricas da E. F. Sorocabana e da E. F. Noroeste do Brasil; novos horarios dos suburbios da E. F. Sorocabana; novos horarios de trens da Cia. Ferroviaria E'ste Brasileiro e da E. F. São Paulo-Goyaz; preços das cadernetas kilometricas da E. F. Araraquara; modificações nos horarios do Tramway da Cantareira, etc.

PELAS ESCOLAS

ESCOLA DE TRANSITO

Amanhã, ás 16 horas, na séde da Directoria do Transito, será inaugurada officialmente a "Escola de Transito", creada pelo dr. Alfredo de Assis para formar um corpo de guardas que fará o policiamento dos vehiculos na cidade.

O sr. Americo Netto realizará, em seguida á inauguração, uma conferencia sobre o "conceito philosophico e pratico do transito".

COLLEGIO UNIVERSITARIO

O "Diario Official do Estado" está publicando os programmas a serem adoptados nas provas escriptas e oraes do concurso de admissão á segunda série das segunda e terceira secções do Collegio Universitario. O concurso realizar-se-á durante o mez de fevereiro de 1935.

GYMNASIO DO ESTADO

Estão sendo distribuidos os boletins com as notas de arguições de agosto e setembro e as do 3.º exame parcial. Esses boletins devem ser devolvidos com a assignatura dos paes ou responsaveis, até o dia 5 do corrente.

LIGA DO PROFESSORADO CATHOLICO

Amanhã, ás 9,30 horas e ás 17 horas, reiniciar-se-ão os circulos de estudos sobre problemas do curso primario (1.º e 2.º annos) sob a direcção de d. Zuleika B. Martins Ferreira.

ESCOLAS NORMAES

Nas Escolas Normaes, quer officiaes, quer particulares, deverão ser observadas, nas provas parciaes do curso fundamental a serem realizadas durante o mez de novembro (4.ª do presente anno), as instrucções publicadas no "Diario Official", de [...]

Falleceu o notavel escriptor Canto e Mello

Falleceu ante-hontem, nesta capital, o conhecido escriptor dr. Pedro de Castro Canto e Mello.

Nascido na cidade de Jaguarão, no Rio Grande do Sul, ali fez os seus primeiros estudos. Mais tarde, em companhia de seus pais, foi para o Rio de Janeiro.

Tendo as honras de Cadete, matriculou-se na Escola Militar juntamente com outros rapazes — todos de grande talento.

Tendo sido seu pae, o coronel Canto e Mello, transferido para a guarnição militar de S. Paulo, pediu a sua transferencia para a Companhia de Cavallaria, que aqui estacionava. Ao mesmo tempo em que prestava serviços militares completou os seus estudos de preparatorios e matriculou-se na nossa Faculdade de Direito.

Em 1891 recebeu o grau de bacharel em Direito. A sua turma foi uma das mais numerosas e que nos deu numerosos homens de real merito para a vida pratica.

Exerceu a advocacia e pleiteou o cargo de juiz de direito. Não tendo sido nomeado, continuou no exercicio da profissão, que exercia com toda a dedicação e probidade. Foi advogado dos Mosteiro de São Bento e de importantes firmas de nossa praça. Foi um dos fundadores da Sociedade de Cultura Artistica e publicou varias obras de valor, entre os quaes: o romance, "Alma em Delirio", foi dado á publicidade em 1912, alcançando applausos da critica e grande exito de livraria. Seguiu-se a esse romance "Mana Silveira", "Recordações" e "Reliquias da Memoria"; um poemeto em versos, "Bucolica" que se destaca pela delicadeza do entrecho e simplicidade.

Foi por muito tempo collaborador do "Diario Popular" e redactor do "Diario Official" do Estado.

A sua morte causou consternação entre todos que mantiveram com elle relações e que o conheciam de perto. Era um bello talento e um grande coração, muito attencioso para quem o procurasse; a todos servia com prazer.

Era viuvo de d. Anesia Girandon Canto e Mello e deixa uma unica filha, professora d. Branca de Castro e Mello.

O enterro realizou-se hontem, ás 17 horas, sahindo o feretro da rua Nestor Pestana, 25.

NAS PLANTAS ESTÃO OS REMEDIOS MAIS PRECIOSOS

Os remedios mais activos, os mais energicos e os mais efficazes, estão nos vegetaes. Não está longe o dia em que, dos vegetaes, ha de se tirar o remedio para curar as molestias incuraveis. O palmito amargoso... quem não conhece o palmito amargoso? é uma planta milagrosa. Elle contém principios activos prodigiosos para a cura das molestias do apparelho digestivo: — estomago, figado e intestinos. A substancia amarga desse palmito é um appetitivo formidavel, tonico e febrifugo. O "Vinho de Paty" amargoso Xavier, tem por base esse vegetal e outros da nossa flora incomparavel. O "Vinho de Paty" Xavier é efficaz nas molestias do estomago, figado e intestinos: dores, azia, má digestão, crescimento do estomago, catarrho intestinal, gazes, inflammação, etc. Mais tonico e mais fortificante do que as aguas inglezas.

VIDA SOCIAL

COMMEMORAÇÃO DOS MORTOS

Nada mais certo, fatal e inevitavel do que a morte, fim infallivel a que ninguem escapa, acontecimento que se reproduz a todos os momentos desde que a humanidade existe.

Nem por isso nos habituamos com essa idéa! Os egypcios pintavam a morte na figura de moça de olhos vendados, arco e flecha nas mãos, sem orelhas e com azas nos pés. Não era uma figura apavorante, embora temida.

Quasi todas as religiões cercam o mysterio do Além, para os que foram bons e justos, de encantos confortadores, de esperanças cheias de consolação e, nem assim, impedem que o terror da morte campeie infrene pelo mundo.

Quem não possuir o balsamo leniente da crença e fôr arrastado pelo scepticismo dos materialistas, verá na morte o fim, o absoluto anniquillamento.

Já não é um mal.

Se os mortos nem sempre governam os vivos, merecem, no entretanto, o seu preito de saudade e respeito.

E' o que hoje se commemora.

Os casos raros de suprema e incondicional biophobia são, no geral, explosões morbificas porque o natural é o apego, á existencia, apêgo, por vezes, de exhibição ruidosa, inconveniente, exaggerada.

Os que assim amam a vida não resistem á tentação de transformar o dia de finados num carnaval ou numa feira de vaidades.

Mas, a commemoração dos mortos exige, dos que a praticam sinceramente, sentidamente, intima communhão entre o seu estado d'alma e o do morto quando ainda em vida.

Eis por que ha exhibições que sôam como moeda falsa.

Quem, por exemplo, perdeu filhos, irmãos, entes queridos, em 32, heróes que combateram denodadamente contra quem tudo fez para nos humilhar, arruinar, achincalhar, não poderá abeirar-se desses tumulos sagrados, com a alma tranquilla e o coração desafogado, se hoje condemnarem o ideal sublime que os arrastou á morte.

E a consagração tomaria aspectos condemnaveis de blasphemia.

Cultivemos com carinho sincero a memoria dos mortos queridos e relembrando a sua actuação na vida, tiremos della sábias lições em nosso proveito.

Pensemos no ephemero de tudo que nos cerca, na rapida passagem pela existencia, dando maiores larguezas aos bons sentimentos em beneficio de nossos semelhantes, sopitando odios, ambições desmedidas, sentimentos subalternos.

Cultivemos com amor a memoria dos entes idolatrados que já não pertencem a este mundo de dores e desenganos, de perfidias e traições, de injustiças e perseguições e melhor culto não haverá sinão o de assumirmos o compromisso da purificação progressiva de nossa alma, mesmo que isso constitua holocausto em homenagem áquelles cuja saudade nunca se apaga de nossa memoria.

E, naturalmente, Deus, todo bondade, todo poderoso, ha de permittir-nos um dia a ventura de uma vida melhor, num mundo mais perfeito, ao lado de todos que nos são caros.

DR. MELLO

ANNIVERSARIOS

Fazem annos hoje:
Meninos: — Tetéa, filha do professor Humberto Viggiani.
Senhoritas: — Maria, filha do sr. Caetano Machado; Leonor, filha do sr. Alano Salgado; Odette, filha do sr. Antonio de Macedo.
Senhoras: — D. Carolina Nardelli, esposa do sr. Isidoro Nardelli; d. Magdalena Falcão, esposa do sr. Clemente Falcão.
Senhores: — O escriptor Edvard Carvalho; Gualter de Miranda Pinto, auxiliar do Banco do Commercio; revmo. mons. dr. João Evangelista Pereira de Barros, 1.º vigario geral da Archidiocese; dr. Renato Pinheiro; professor João B. de Oliveira China.

NASCIMENTOS

Encontra-se em festa o lar do sr. Orlando Palma e de d. Christina Sandreschi Palma, com o nascimento de um menino, ao qual, na pia baptismal, será dado o nome de Gilberto Orlando.

Figurinos Parisienses
Os melhores e mais baratos só se encontram na AGENCIA SCAFUTO
á rua 3 de Dezembro, 39
antigo 5-A

FESTAS E BAILES

Commemorando no dia 10 do corrente, o anniversario de S. M. Victorio Manuel III rei da Italia, a directoria do Circolo Italiano organiza uma grandiosa homenagem para essa data.

Constará ella de um baile de gala, para o qual serão convidadas as altas autoridades do Estado e federaes corpo consular ,além das pessoas de destaque da sociedade paulistana e da colonia.

A séde será caprichosamente ornamentada e duas orchestras farão as delicias das dansas.

—— O Centro de Puericultura fará realizar no São Paulo-Rink, no dia 17 do corrente, um baile em beneficio da construcção de seu pavilhão para o que vem desenvolvendo propaganda intensa. O Centro de Puericultura dos alumnos do Instituto de Educação, que vem prestando grandes serviços á infancia da capital, empenhado como está em ampliar suas installações, confia na generosidade do povo de São Paulo para o successo de seu emprehendimento.

—— O Gremio dos Funccionarios Publicos, deante do grande successo alcançado em seu ultimo baile de gala e procurando incentivar cada vez mais os fins para que fôra fundado e correspondendo aos desejos de seus associados e suas familias, dará uma vesperal, domingo, das 10 á 1 hora do dia seguinte, nos salões de chá do Clube Commercial. A directoria do Gremio está empregando todos os esforços para o brilho dessa festa e para isso pede aos associados, com antecedencia, regularizar os seus recibos os permanentes, bem como as propostas de novos socios que deverão dar entrada na secretaria, uma semana antes.

—— O Bazar de Seta F. C. D. R. realiza domingo, em sua séde no largo do Cambucy, 25, um animado baile.

—— Os empregados da E. F. Sorocabana acabam de idealizar um sanatorio para os tuberculosos empregados da Estrada.

A idéa, das mais felizes, partiu do Centro Ideal Ferroviario, que para conseguir os primeiros fundos, vae realizar a 10 do corrente um grandioso festival-dansante, no Clube Commercial.

Os convites estão á disposição dos interessados no referido Centro.

—— Realiza-se a 10 do corrente, o chá-dansante mensal que o Clube Paulista da Associação Civica Feminina offerece ás suas associadas. A festa será levada a effeito, das 20 ás 24 horas, no Salão de chá do Clube Commercial. As sócias que desejarem convites ás pessoas de suas relações, deverão dirigir-se á séde do clube, á rua Libero Badaró, 41, 10.º andar.

—— O Mackenzie Artistico Clube fará realizar, amanhã, o seu "chá-dansante" de encerramento de suas actividades deste anno.

A directoria resolveu expedir convites ás pessoas estranhas ao quadro social mediante a apresentação de um socio.

—— No dia 10 do corrente, o Portugal Clube realizará uma vesperal-dansante em beneficio da Cruzada Pró-Infancia.

Para a organização dessa elegante vesperal, que promette ser encantador, foi constituida uma grande commissão.

—— Sendo hoje, data consagrada ao culto e memoria aos mortos, não haverá a habitual reunião-dansante das sextas-feiras, dos associados do Clube Commercial.

—— Domingo o E. C. São Bento realizará em sua séde, á rua Salette n.º 100, uma vesperal-dansante, das 15 ás 19 horas.

—— O Nosso Clube, no dia 15 do corrente, nos salões do Trianon, realiza uma vesperal-dansante, das 15 ás 19 horas. Os convites estão á disposição dos socios, na secretaria do clube, das 17 ás 19 horas.

HOMENAGENS

Domingo sahirá da Associação Paulista de Medicina uma caravana em visita á "Fonte Radiva" de propriedade do sr. H. Ferreira, no bairro do Limão, onde será offerecido um churrasco á classe medica e suas familias. A inscripção acha-se aberta na Secretaria daquella associação ou pelo telephone 2-3570.

FALLECIMENTOS

D. ALBERTINA ESTEVES SIDOW — Falleceu hontem, d. Albertina Esteves Sydow, esposa do sr. Mario Dimas Sydow.

A extincta era filha do sr. José Esteves Junior e d. Maria Firmina da Rocha; nóra de d. Francisca Sydow, viuva do sr. Victor Sydow; irmã das senhoritas Maria, Julieta e Naná, de d. Antonietta, casada com o sr. João Marinho, e dos srs. Alberto Esteves, casado com d. Adelaide Esteves, Julio, casado com d. Maria de Barros, Antonio, casado com d. Sophia Esteves Miguel, Firmino e José Esteves; cunhada das sras. d.d. Alina Sydow Silveira, viuva do sr. Tiburcio Silveira, Hermantina Sydow Salgado, casada com o sr. Joviano Salgado, Marina Sydow Cardoso de Almeida, casada com o sr. José Cardoso de Almeida e do sr. Victor Sydow; e deixa 3 filhos menores: José, Neide e Isa.

O enterro realiza-se hoje, ás 9 horas, da rua Barão de Campinas, n.º 12, para o cemiterio da Consolação.

JOSEPHINA COZZI — Falleceu hontem, as 8 horas, nesta capital, a sra. d. Josephina Cozzi, viuva do sr. Vicente Cozzi. A extincta deixa os seguintes filhos: Paschoal, casado com d. Lucia D'Auria, Marietta, casada com o sr. Manuel de Araujo, Amelia, casada com o sr. João Pinho, essas residentes no Rio de Janeiro, Henrique Cozzi já fallecido, Ermelinda, casada com Ernesto Somma, e Helena Cozzi.

Deixa ainda varios netos. O enterro sahirá hoje ás 9 horas da rua Barão de Iguape, 800, para o cemiterio de São Paulo.

Attendendo-se as vontades da extincta, a familia pede não sejam enviadas corôas nem flores.

VA' AMANHA á INAUGURAÇÃO — do — novo Estabelecimento — da — CASA HASSON
DIREITA, 39-A

Primeiro Congresso das Prefeituras do Estado de São Paulo

PROVAVELMENTE NA PRIMEIRA QUINZENA DE DEZEMBRO VINDOURO, REALIZAR-SE-A' O CERTAME PROMOVIDO PELA D. A. M.

Como temos noticiado, deverá realizar-se, provavelmente na primeira quinzena de dezembro vindouro, o Primeiro Congresso das Prefeituras do Estado de São Paulo, promovido pelo Departamento de Administração Municipal.

Esse certame, ao qual deverão comparecer, além de todos os prefeitos do interior e da Capital, technicos das varias Secretarias de Estado, — pessoas e entidades — versadas em assumptos publicos e sociaes, terá como principal objectivo o estudo e o exame entre outros, ou principalmente, dos innumeros problemas relativos a 1) ensino publico; 2) predios escolares; 3) saude publica; e 4) reflorestamento do solo.

CORREIO AEREO

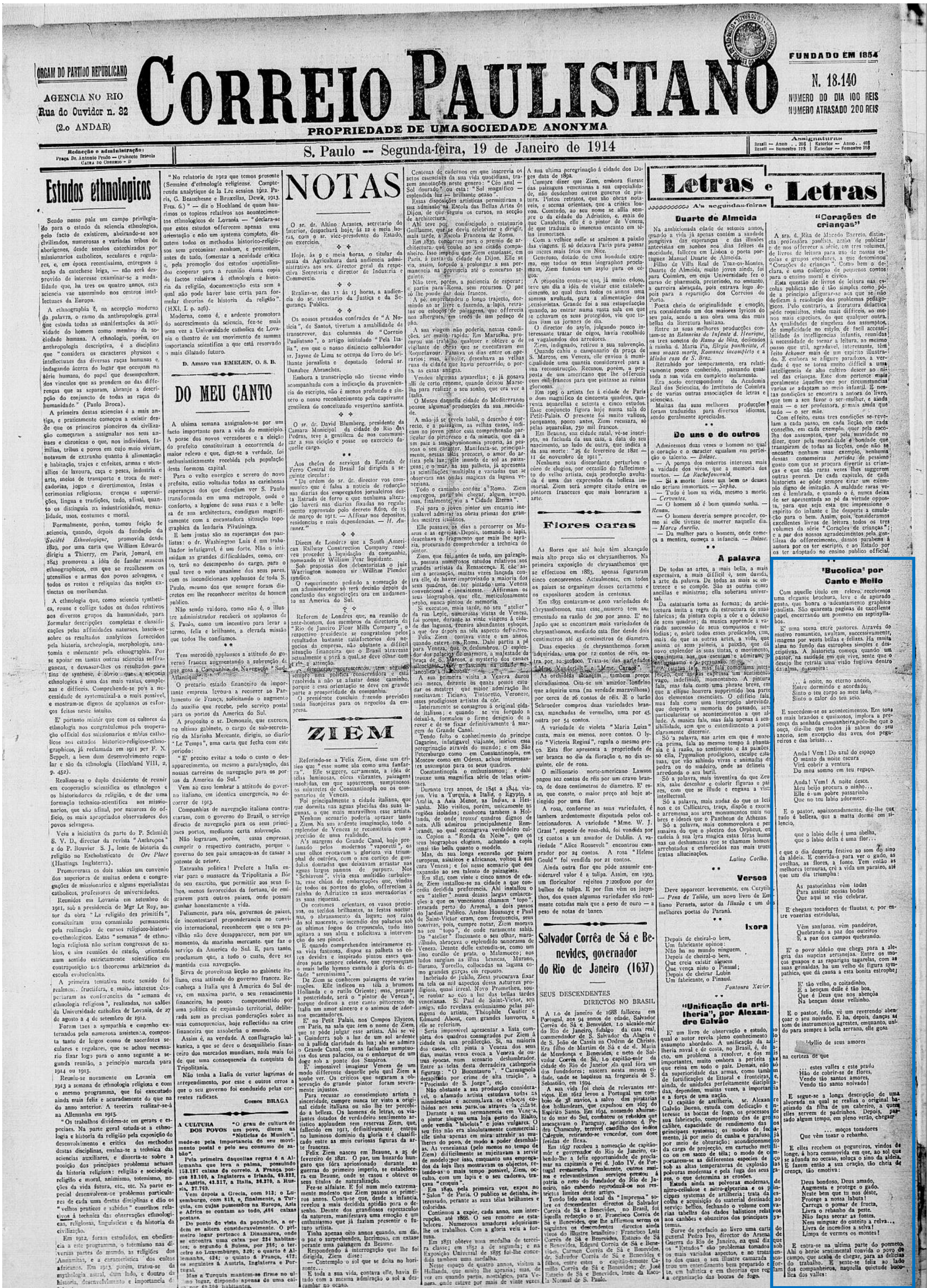
"AIR FRANCE"

Hoje, ás 16 horas, a "Air France" fechará malas postaes para o sul do Brasil, Uruguay, Argentina e Chile.

Amanhã, ás 15,30 horas, fechará as malas destinadas ao norte do paiz, Africa, Europa e Oriente.

As malas de valores para o Brasil serão fechadas ás 10 horas de hoje, para o Sul e ás 10 horas de amanhã para o Norte.

ANEXO H – *Correio Paulistano*, 19 de janeiro de 1914, p. 1. Crítica sobre *Bucólica*, na seção *“Letras e Letras”* do jornal.



ORGAM DO PARTIDO REPUBLICANO
AGENCIA NO RIO
Rua do Ouvidor n. 32
(2.o ANDAR)

CORREIO PAULISTANO

PROPRIEDADE DE UMA SOCIEDADE ANONYMA

FUNDADO EM 1854
N. 18.140
NUMERO DO DIA 100 REIS
NUMERO ATRASADO 200 REIS

S. Paulo -- Segunda-feira, 19 de Janeiro de 1914

Letras e Letras

A's segundas-feiras

"Bucolica" por Canto e Mello

Com aquelle titulo em relevo, recebemos uma elegante brochura, leve e de apurado gosto, que honra o adeantamento graphico paulista. São quarenta paginas de excellente papel, encerrando um poemeto em septisyllabos.

E' uma scena entre pastores. Através do motivo romantico, avultam, successivamente, imagens por vezes bellas e felizes. Ha muita alma no fundo das estrophes simples e descriptivas. A historieta começa quando um pastor, na saudade em que vive, sente que o desejo lhe retrata uma visão fugitiva dentro da alma, e suspira:

... á noite, no eterno anceio,
Entre dormindo e acordado,
Sinto o teu corpo ao meu lado,
Sinto o calor do teu seio.

E succedem-se os acontecimentos. Em tons os mais brandos e queixosos, implora a presença da sonhada companheira, pede-lhe que o ouça, diz-lhe que todos já sabem do seu anceio, sem excepção das aves, dos pegureiros e das brisas...

Anda! Vem! Do azul do espaço
O manto da noite escura
Virá cobrir a ventura
Do meu somno em teu regaço.

Anda! Vem! A noite desce.
Meu beijo procura o ninho...
Elle é um pobre passarinho
Que no teu labio adormece.

E o pastor, apaixonadamente, diz-lhe que tudo é belleza, que a matta dorme em silencio,

que o labio delle é uma abelha,
que o labio della é uma flor...

e que o dia desperta festivo ao som do sino da aldeia. E convida-a para ver o gado, as ovelhas, as flores, a fonte. Tem então as melhores ternuras, crê a vida um paraizo, até que um dia triumpha:

As pastorinhas vêm todas
Para assistir nossas bodas
Que aqui se vão celebrar.

E chegam tocadores de flautas, e, por entre vozerias estridulas,

Vêm sanfonas, vêm pandeiros,
Quebrando a paz dos outeiros
E a paz dos campos quebrando.

E' o povo aldeão que chega para a alegria das nupcias sertanejas. Entre os moços guapos e as raparigas tagarelas, com as suas grinaldas, ha um velho de figura sympathica, que dá causa a esta bonita estrophe:

E' tão velho, o coitadinho,
E a bençam delle é tão boa,
Que é Deus que nos abençôa
Na bençam desse velhinho.

E o pastor, feliz, vê um reverendo abençoar o seu noivado. E ha, depois, danças ao som de instrumentos agrestes, emquanto, unido para sempre á bella serrana, elle gosa

... Idyllio de seus amores

na certeza de que

... estes valles e este prado
Hão de cobrir-se de flores,
Vendo tão santos amores,
Vendo tão santo noivado!

E segue-se a longa descripção de uma alvorada na qual se realiza o original baptizado da filha de um cabreiro, a quem elles servem de padrinhos. Depois, passado algum tempo, em pleno verão, chegam

... moços tozadores
Que vêm tozar o rebanho.

E elles recebem os pegureiros, vindos de longe, á hora commovida em que, ao sol que se afunda no occaso, soluça o sino da aldeia. E fazem então a sua oração, tão cheia de crença, tão emotiva:

Deus bondoso, Deus amado,
Augmenta e protege o gado.
Neste bem que tu nos déste,
Protege a nossa labuta!
Carrega o pomar de fructa,
Livra o rebanho da peste.
Não faças seccar as fontes,
Nem minguar do outeiro a relva...
Livra de incendios a selva!
Limpa de vermes os montes!

E entra-se na ultima parte do poemeto. Ahi o heróe sentimental convida o povo do campo, que acaba de chegar, para as delicias do trabalho. E sente-se feliz ao lado dos companheiros, naquella quietude bucolica dos valles:

MUTILADO

ANEXO I – *Correio Paulistano*, 19 de janeiro de 1914, p. 2. Crítica sobre *Bucólica*, na seção *"Letras e Letras"* do jornal (continuação).

2 CORREIO PAULISTANO - Segunda-feira, 19 de Janeiro de 1914

Não ha, não ha sobre a terra
Bem cobiçado ou tamanho
Que valha o ter um rebanho
E um prado, e um rio, e uma serra.

E depois... Ai! quem nos diz!
Junto ao fogão que crepita,
A companheira bemdita,
Cantando alegre e feliz...

E fecha o poemeto assim:

E o dia acabou-se quando,
Aos sons da flauta e da avena,
Foram por noite serena
Os tocadores voltando...

E' um poemeto mimoso, que agrada aos sentimentos puros, com a sua harmonia, com o seu perfume, com a sua simplicidade.

Permittam-se-nos, todavia, alguns reparos: ha nelle pobreza de rimas, além de que ellas são empregadas sem esthetica, com visivel prejuizo da fórma. As agudas encontram-se, ao acaso, por entre as exdruxulas e as graves, sem que o autor visasse a tirar algum effeito da sua promiscuidade. Ainda, na sexta parte do livro, ha cinco estrophes que, sem nenhuma alternativa symetrica, apresentam a mesma rima, o que não é de bom gosto.

Ha tambem este descuido:
Para *assistir* nossas bodas.

Este verbo, neste sentido, é sempre regido da preposição *a*.

A metrificação é boa. Em toda a brochura, são raros os versos como estes:

Baptizo a sua filha Idála
Vede no ar socegado
Dá-nos de trigo boa messe.

E terminamos. Agradou-nos *Bucolica*. Estes ligeiros reparos em nada turvarão a harmonia do presente trabalho do festejado autor de *Alma em delirio*.

O ASSASSINATO DO JORNALISTA CHACON — O Club Militar não intervirá na defesa do tenente Mello

CHRONICA SOCIAL

Das margens do Tejo

CULTO CATHOLICO

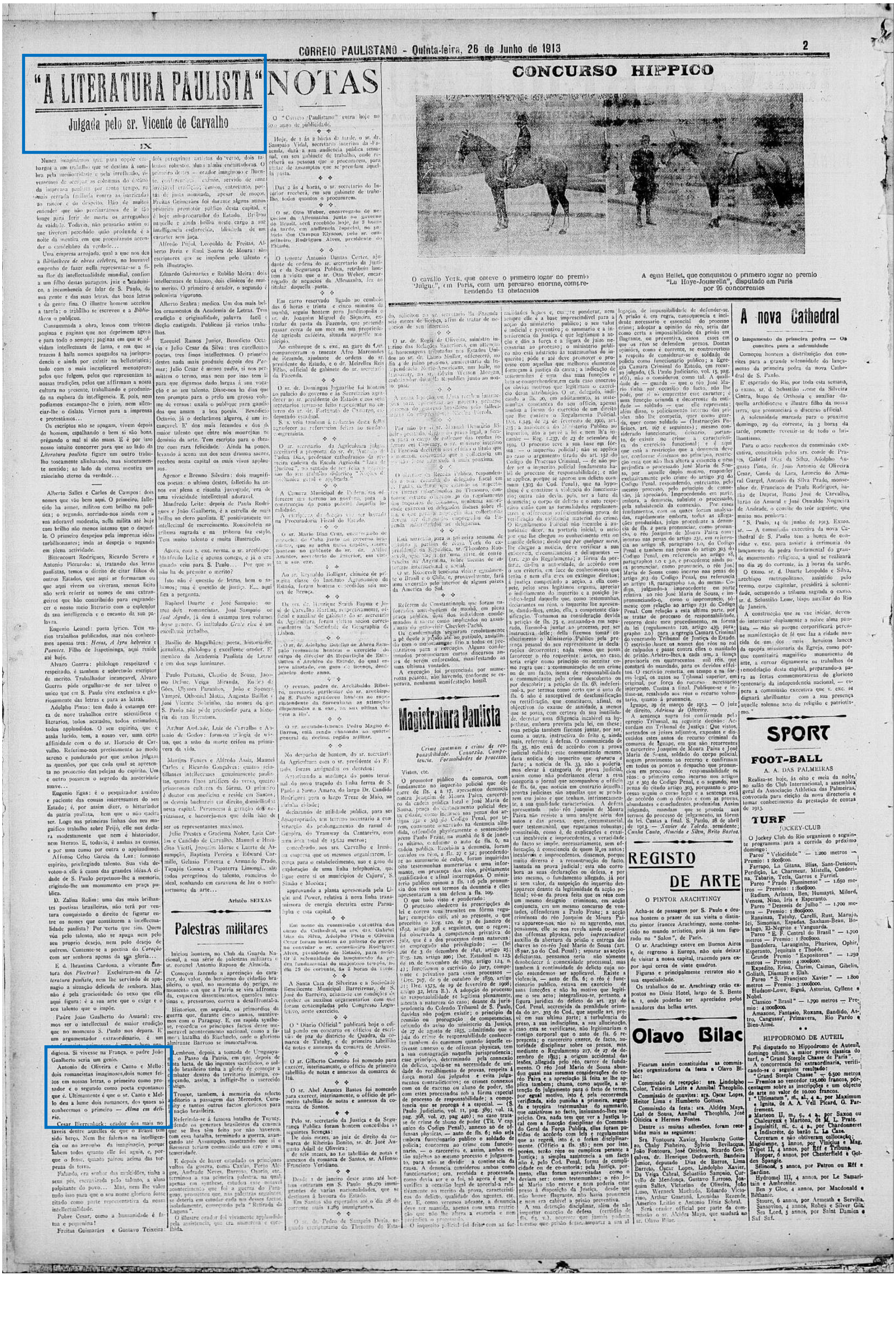
Publicações — Para fechar — Em Monte Verde

CHRONICA SPORTIVA — TURF — FOOT-BALL — TIRO — PELOTA

THEATROS E SALÕES

MUTILADO

ANEXO J – *Correio Paulistano*, 26 de junho de 1913, p. 2. Na coluna *A Literatura Paulista*, julgado por Vicente de Carvalho, *Alma em delírio* é citado como o único romance conhecido.



CORREIO PAULISTANO - Quinta-feira, 26 de Junho de 1913 2

"A LITERATURA PAULISTA"

Julgada pelo sr. Vicente de Carvalho

IX

...

digiosa. Si vivesse na França, o padre João Gualberto seria um genio.

Antonio de Oliveira e Canto e Mello: dois romancistas imaginosos,dois nomes feitos em nossas letras, o primeiro como prosador e o segundo como poeta espontaneo que é. Ultimamente é que o sr. Canto e Mello deu a lume dois romances, dos quaes só conhecemos o primeiro — *Alma em delirio*.

...

NOTAS

CONCURSO HIPPICO

A nova Cathedral

Magistratura Paulista

Palestras militares

SPORT

FOOT-BALL

TURF

REGISTO DE ARTE

Olavo Bilac

ANEXO K – *Correio Paulistano*, 16 de janeiro de 1916, p. 2. Crítica sobre *Bucólica* e referência a *Alma em delírio* como o melhor dos livros de Canto e Mello.

Homens e Livros

Canto e Mello, *Bucolica*; Empresa typographica editora — "O Pensamento", S. Paulo, 1914.

Por mais conscienciosos e independentes que pretendam ser os criticos de obras literarias, o seu *verdictum* é sempre dado através do estado de espirito em que se encontram no acto do julgamento; aliás, não seria trabalho humano... E como, nesse particular, o tribunal da nossa consciencia deve ser formado mais de optimismo que de pessimismo, claro é que o melhor criterio, para não incidir num acto de injustiça, em verdade tão prejudicial ao apreciado quanto ao apreciador, é deixar passar a nuvem carregada, que nos faz vêr o mundo dos homens pelo prisma tenebroso, mas verdadeiro, da miseria moral em que se debatem os nossos semelhantes de perfido coração e de alma vesga, armando nas trévas o laço da insidia, e amanhando ás occultas a arma desprezivel da inveja e da ambição desabalada de chegar ao fim sem cogitar dos meios... O melhor é deixar que retorne o instante da illusão bemdita, o doce engano que nos faz supportar, sem as torturas do nojo e os impetos do estrangulamento, uma boa parte dos que nos cercam pelas escarpas da vida, sorrindo com os labios da mentira, e acariciando com aquella caricia de que Marat foi victima na tepidez do memoravel banho...

Seguindo esta orientação, que se nos antolha verdadeira e necessaria, estivemos quasi a depôr a penna, ao iniciarmos a presente chronica, delineada á guisa de um simples cartão de visita, onde pretendemos accusar o recebimento de *Bucolica*, com que, ha muito tempo já, nos distinguiu o fidalgo e brilhante espirito de Canto e Mello. E não nos correriamos de assim proceder, por isso que só razão houvera de render graças á nossa boa estrella, que, dess'arte, nos preservaria dos riscos de um juizo desarrazoado.

Mas, a dedicatoria com que Canto e Mello nos honrou traz a data de 17 de janeiro de 1914; e, pois, de ha muito que temos idéa formada sobre o valor do poeta e sobre a graça do seu livrinho. Ao recrear-nos de novo com a singeleza das suas paginas, nenhum momento de mau humor, nenhum motivo de tédio dos homens e dos seus actos nos diminuiria o prazer que experimentámos com a primeira leitura da encantadora *Bucolica* de Canto e Mello.

O poeta illustre soube tecer com brilho e com simplicidade a despreoccupada vida dos pastores, que tão felizes se sentem com o insulamento dos campos e o pastorejar das ovelhas:

Não, não ha sobre a terra
Bem cobiçado ou tamanho
Que valha o ter um rebanho
E um prado, e um rio, e uma serra...

E depois... Ai! quem o diz!
Junto ao fogão, que crepita,
A companheira bemdita
Cantando alegre e feliz...

O elegante volumezinho com que Canto e Mello enriqueceu a poesia paulista, é todo feito de versos de sete syllabas, trabalhados com muita inspiração, mas sem grandes apuros de technica, nem vigores de linguagem.

E' commum apparecerem rimas do mesmo éco, em casamentos de vocabulos com a mesma indole grammatical:

Todos sabem deste *anceio*:
— As aves já nos *conhecem*
E as brisas, lentas, *se esquecem*
Bebendo aroma em teu *seio*.

Quasi a não mais se *avistar*
A tarde vai *se acabando*
E eu vou comigo *sonhando*,
Tu vais commigo a *cantar*...

As rimas agudas, que, segundo a regra, só devem apparecer com symetria, o sr. Canto e Mello as dispõe desordenadamente em todas as composições do seu mimoso trabalho.

Os pronomes nem sempre foram empregados com segurança:

Os valles vão *se cobrindo* (p. 12)
A tarde vai *se acabando*. (idem).

Tinha fé consoladora
Que, ahi banhando o innocente,
Davam-*lhe* a sina ridente, etc. (p. 24).

Não nos parece que esteja certo, assim no singular, o verbo do segundo verso desta estrophe:

Pobres das flores, não é?
Ellas de tanto *querer-te*
Morrem felizes ao ver-te,
Pois morrem sob teu pé. (p. 11).

Nem correcto se nos afigura o emprego do verbo *assistir*, no sentido intransitivo de *presenciar*, sem o emprego da preposição *a*:

Hoje ha festa no logar,
As pastorinhas vêm todas
Para *assistir nossas* bôdas
Que aqui se vão celebrar. (p. 19).

Conforme já temos dito em artigos anteriores, não é tambem para ser imitado o emprego do verbo *fitar*, em torneios como este:

E eu, *fitando os olhos teus*,
Direi a tremer: — emfim! (p. 22).

Comquanto o distincto poeta da *Bucolica* esteja á sombra de muitos escriptores de nota, só falaremos rigorosamente á portugueza quando dissermos que *fitamos os olhos em alguma cousa*. *Fitar isto ou aquillo*, entre os apaixonados pela pureza da lingua, só por descuido se diz ou escreve.

Que valem, porém, essas nugas, que andamos caturramente a respigar aqui e alli, num livro cuja poesia corre sem quédas nem cachopos? Que significam esses pequeninos *nadas* que a nossa paciencia andou procurando pagina a pagina, estrophe a estrophe, verso a verso?

O sol tem manchas, e ninguem o conhece sinão como a fonte perpetuamente veneranda do calor e da vida...

Assim devem ser os bons poetas. O que os distingue e immortaliza, não são os defeitos; as bellezas é que os fazem conhecidos e amados. E, pois, amemos a Canto e Mello através da simplicidade artistica destas formosas estrophes pastoris:

. . . .

Lá no recanto sombrio,
Onde é mais macia a relva,
Quasi na entrada da selva
Que segue beirando o rio,

Vive um casal de pastores
Que veiu de longes serras
Para gosar nestas terras
O idyllio de seus amores.

E andam os dois tão chegados,
Vagando pelos outeiros,
Que inveja dão aos solteiros
E inveja dão aos casados.

E, assim, os dois, unidinhos,
Ouvem, por noite serena,
Os tocadores de avena
Sonorizando os caminhos,

Emquanto por sobre os montes
Passam estrellas cadentes
E as brizas velam contentes
O somno e o sonho das fontes...

. . . .

O mais que, com justiça, se póde dizer da personalidade de Canto e Mello, fica para quando tivermos de apreciar-o como romancista, através de *Alma em delirio*, o melhor livro dos que até agora deu á estampa.

Por hoje, basta que o saudemos como um dos poetas mais naturaes e mais simples dentre os que rouxinoleiam na formosa terra paulista...

Aristêo SEIXAS

Villa "Desdemona", 15 — 1 — 916.

CHRONICA RELIGIOSA

O DIA

A Egreja Catholica commemora hoje S. Marcello, papa e martyr.

Este santo papa, havendo-se recusado a renunciar o summo pontificado e a sacrificar aos idolos, foi condemnado pelo tyranno Maxicencio a cuidar dos estabulos publicos.

Elle passou assim 9 mezes na oração e no jejum, visitando por meio de cartas as egrejas que não podia visitar pessoalmente.

Retirado de lá pelos christãos, S. Marcello recebeu hospitalidade no palacio da bemaventurada Lucina e ahi estabeleceu uma egreja, que recebeu mais tarde o seu nome.

Maxicencio, sabendo que os christãos iam a essa egreja ouvir as exhortações de Marcello, transformou-a em cavallariça.

Foi ahi que o santo papa acabrunhado pelos maus tratos e pelas fadigas adormeceu no Senhor.

EVANGELHO DE HOJE (S. JOÃO, CAP. 2 — V. 1)

Naquelle tempo celebraram-se umas bodas em Caná de Galiléa, e achava-se lá a mãe de Jesus.

E foi tambem convidado Jesus com seus discipulos para o noivado.

Faltando o vinho, a mãe de Jesus lhe disse: Elles não têm vinho. E Jesus lhe respondeu: Mulher, que me vai a mim e a ti nisso? Ainda não é chegada a minha hora. Disse a mãe de Jesus aos que serviam: Fazei tudo que elle vos disser.

Ora estavam alli postas seis talhas de pedra, para servirem ás purificações, de que usavam os judeus, cada uma das quaes levava dois ou tres almudes.

Disse-lhes Jesus: Enchei de agua essas talhas, e encheram-se até em cima. Então lhe disse Jesus: Tirai agora, e levai ao architriclino, e elles lh'a levaram. E o que governava a mesa, tanto que provou a agua, que se fizera vinho, como não sabia de onde lhe viera, ainda que o sabiam os serventes, porque eram os que tinham tirado a agua, chamou o tal arquitriclino ao noivo e disse-lhe: Todo o homem põe primeiro o bom vinho, e quando os convidados os têm já bebido bem, então lhes apresenta o inferior; tu ao contrario tiveste o bom vinho guardado até agora.

Por este milagre deu Jesus principio aos seus em Caná de Galiléa, e assim fez que se conhecesse a sua gloria e seus discipulos crêram nelle.

EXPEDIENTE DO ARCEBISPADO

Foi hontem despachado o seguinte expediente:

Provisão annual, a favor da capella de Santo Antonio, filial da parochia de Nossa Senhora do O';

Idem, idem, a favor da capella de Santa Cruz, filial da mesma parochia;

Idem, de binação, a favor do revmo. padre Messias de Mello Tavares, residente na parochia da Sé;

Idem, de uso de ordens, confessor e faculdade para assistir aos matrimonios do rito Maronita, a favor do revmo. padre Miguel Ibrahim, residente na parochia da Sé;

Idem, autorizando as revmas. irmãs Laura de Sousa Lopes, Lourença Campioni e Carmella de Moura, da Divina Providencia, a receberem o santo habito, e a revma. irmã Gabriella da Santissima Trindade a emittir os santos votos como religiosa da mesma Congregação;

Idem, autorizando a revma. irmã Magdalena do Calvario, do convento de Santa Thereza, a receber o santo habito;

Idem, de confessor ordinario das irmãs ...entinas, da Penha, a favor do revmo. padre Antonio Jorge e confessor extraordinario das mesmas irmãs, os revmos. padres Estevam Maria e José Wendel; aos mesmos sacerdotes foi concedida faculdade para ouvir confissões de religiosas.

Carta testemunhal a favor de João Moraes Lima, da Congregação dos Salesianos.

Ao requerimento da revma. irmã Maria de Aquino, pedindo licença para conservar o SS. Sacramento e celebrar o santo sacrificio da missa no oratorio do Externato do Sagrado Coração de Jesus, foi dado o seguinte despacho: Aguarde ulterior resolução.

Ao requerimento de Hermogenes Godoy, pedindo para ser admittido no Seminario Menor, foi dado o seguinte despacho: Matricule-se como meio pensionista.

NOVA DIOCESE

Vai ser creada brevemente por s. santidade Bento XV mais uma diocese no Brasil, que terá por séde a cidade de Caratinga, no Estado de Minas Geraes.

ADORAÇÃO DO SANTISSIMO SACRAMENTO

O Santissimo Sacramento hoje, estará solennemente exposto á adoração dos fieis, em fórma de Laus perenne das 7 ás 19 horas, nas seguintes egrejas da archidiocese:

Matriz de S. José do Belém, matriz do Cambucy, capella do Calvario, basilica de N. S. Apparecida, capella da Santa Cruz (Bragança), matriz de Cabreu'va, egreja de S. Benedicto (Itu'), matriz de Mogy das Cruzes, matriz de Piracaia, capella do Alto da Serra, matriz de Salto de Itu', capella de S. Caetano e matriz de S. Roque.

PELAS PAROCHIAS

VENERAVEL ORDEM TERCEIRA DE S. FRANCISCO DA PENITENCIA

Reunião mensal — Hoje, ás 13 horas realizar-se-á a reunião mensal dos irmãos e irmãs professos, noviços e postulantes, de accôrdo com o paragrapho 11 do cap. 13 da Regra.

Missas — Haverá missas ás 8 e ás 9 horas, e á tarde bençam com o SS. Sacramento, ás 19 horas.

ENTHRONIZAÇÃO DO S. CORAÇÃO DE JESUS

O sr. Amaro de Abreu, almoxarife da fabrica de Tecidos Sant'Anna, fez enthronizar solennemente, hontem, ás 20 horas, em sua residencia, á rua Maria Marcolina n. 162, o Sagrado Coração de Jesus.

PIA UNIÃO DE SANTO ANTONIO

Uma romaria de devotos de Santo Antonio partirá da parochia do Belemzinho, hoje, ás 5 horas, em direcção á egreja de S. Francisco, onde se acha canonicamente estabelecida a Pia União de Santo Antonio.

Por esse motivo haverá missa e communhão geral no altar do glorioso thaumaturgo, ás 7 horas.

Convida-se os associados da Pia União de Santo Antonio a tomarem parte na communhão, revestidos de seus distinctivos.

PAROCHIA DE SANTO AMARO

Hoje, dia de Santo Amaro, padroeiro desta parochia, celebra-se com solennidade a sua festa. A's 8 horas haverá missa rezada, com communhão geral; ás 10 horas, missa cantada, prégando ao Evangelho o revmo. conego dr. Mello e Sousa, vigario da Consolação; de tarde, ás 16 horas e meia, procissão pelas ruas da cidade, sermão á entrada, pelo mesmo sacerdote, e bençam com o Santissimo Sacramento.

Amanhã realizar-se-á a festa do glorioso martyr S. Sebastião, observando-se o mesmo programma do dia anterior, com sermões pelo mencionado sacerdote.

Como preparação para estas duas festas, houve novena solenne ás 19 horas.

O côro para as festas é composto de elementos desta cidade, sob a regencia do maestro Sizenando, que executará os diversos canticos liturgicos, em rigorosa harmonia com as leis ecclesiasticas, sobre musica sacra.

INSTRUCÇÃO RELIGIOSA

A's 7 e meia horas, em Sant'Anna;
ás 12 horas, na Bella Vista;
ás 13 horas, em Sant'Anna, Santa Cecilia, Cambucy, Braz, Coração de Jesus e Villa Mariana;
ás 14 e 30, no Convento da I. Conceição e S. Gonçalo;
ás 14 horas, no Curato da Sé, Consolação, S. João Baptista, S. José do Belém.

REUNIÕES

A's 19 horas, das conferencias de S. Vicente de Paulo, das egrejas de S. Francisco e Coração de Jesus.

BENÇAM DO S. S. SACRAMENTO

A's 18 horas na matriz de Villa Mariana;
ás 18,30, nas matrizes de Santa Cecilia, Consolação, Braz, S. João Baptista, S. José do Belém, Bella Vista, Cambucy e Abbacial de S. Bento;
ás 19 horas, na matriz de Santa Iphigenia, egrejas do Coração de Jesus, Coração de Maria, Convento da Immaculada Conceição.

A LEPRA

O que diz a seu respeito o sr. dr. Arnaldo Vieira de Carvalho

Aquelle eminente clinico dirigiu ao sr. provedor e mais membros da Mesa Administrativa da Santa Casa de Misericordia desta capital o seguinte officio, que publicamos na integra:

"Como director clinico da Santa Casa de Misericordia de S. Paulo, recebo diariamente reclamações contra o funccionamento do hospital de morpheticos de Guapira. Sou forçado a reconhecer existirem em quasi todas ellas allegações justas e fundadas razões de queixas. De facto esse hospital deixa muito a desejar — já vos disse isso uma vez quando, informando por vossa ordem um officio do director do Serviço Sanitario, aconselhei o fechamento dessa secção da nossa Assistencia, por não estarmos então, como agora, em condições de qualquer cousa fazer para remediar as irregularidades existentes. Mais ou menos as mesmas cousas repito, desculpando-nos da inacção pela pobreza, sempre que rebato as accusações dos actuaes reclamantes, já descrentes das nossas palavras. São disso causa a divulgação pela imprensa das novas theorias do dr. Lutz referentes á transmissão da lepra por insectos hematophagos.

Como se sabe, o sabio entomologista sustenta se infeccionarem os sãos com o terrivel morbo por meio de mosquitos que sugaram leprosos febris.

Firmada como parece estar esta premissa, já não posso eu cousa alguma articular em defesa do nosso recolhimento transformado, pelas ultimas idéas scientificas, em perigo para o povo, visto as deficiencias hygienicas de que padece e que quasi annullam os ingentes e bons esforços de seu medico, o illustre dr. Emilio Ribas.

Em taes aperturas, não podendo reclamar de vós a remodelação do hospital incriminado por conhecer perfeitamente a penuria de meios que nos assoberba, só uma cousa me occorre — suggerir á dignissima mesa administrativa um alvitre:

O governo do Estado transferiu a colonia correccional da Ilha dos Porcos, de sua propriedade, para ponto mais conveniente e deixou sem occupação nem destino esse proprio estadual. Essa Ilha se presta admiravelmente para ser nella installado um leprosario modelo — qualquer cousa semelhante ao que nesse ramo já possuem outros paizes. E o problema da lepra é um problema estadual, para não dizer nacional. Porque, pois, não nos dirigirmos ao governo do Estado, expondo nossa situação afflictiva e precaria e nos offerecendo para com elle cooperarmos para, de qualquer maneira, encararmos seriamente o problema de prophylaxia da morphéa baseando nossa acção no estabelecimento de um isolamento modelar na Ilha dos Porcos?

Seria a maneira mais prompta de solver nossas difficuldades actuaes e de attenuar nossa responsabilidade na possivel contaminação da população pelo hospital do Guapira.

Espero que tomareis esta suggestão com o acatamento de que a julgardes digna, assim como confio que encontrará ella no governo todo o agasalho por elle dispensado a tudo relacionado com o bem-estar e saude publica, e na Directoria do Serviço Sanitario, cujas idéas não divergem muito das aqui contidas."

A policia, esse factor encarregado de manter, nas sociedades organizadas, a ordem, os costumes, as leis da moral e do humanitarismo, com ser uma organização indispensavel, a que devemos a garantia do nosso socego e até de nossa vida — não passa, para os familiares aos desrespeitos e aos crimes, de um Argus monstruoso que em toda a parte surge com os seus cem olhos relampejantes ou de um daquelles famosos Centimanus que, agitando os pulsos cabelludos, armados de temiveis panoplas, foram o terror dos heróes e semi-deuses da miraculosa mythologia grega. Dia não ha em que ella, operando secretamente, não desvende uma infracção da lei, um facto punivel: ora é um roubo audacioso, ora um assassinio ignobil, ora são mystificadores da fé dos ingenuos, passadores do conto do vigario ou de moedas falsas.

Ainda hontem, segundo registou a imprensa, foram coroadas do melhor triumpho umas diligencias policiaes. Os agentes da ordem, orientados pelas autoridades superiores, sahiram no encalço de uns falsarios. Cruzaram trilhas esconsas, farejaram casebres, tabernas e quitandas. Por fim, ao cabo de porfiadas pesquizas, levantaram a lebre. Em seguida os senhores delegado e escrivão de policia, que se fizeram acompanhar da respectiva força, passaram em revista o mysterioso abrigo desse casal Zampaglione, que, como se verificou, se entretinha, nas horas vagas, no fabrico de moedas falsas...

Para encurtar razões, foram conduzidos ao xadrez, pois debalde se desculparam deante dos seus machinismos e engrenagens, das suas drogas e fórmas, dizendo que aquillo eram componentes da mechanica e da chimica com que, para amenizar as ecchymoses que lhes abriam nas finanças os tempos bicudos, procuravam descobrir a pedra philosophal. Nada de conversas, não é impunemente que se é alchimista em pleno seculo XX. Por isso, ao brado de *meia volta, em frente*! rodaram os tratantes para a regeneradora solidão das enxovias...

SPORT

TURF

JOCKEY-CLUB PAULISTANO

Realiza-se hoje, no prado da Moóca, a terceira corrida deste anno.

O programma consta de nove pareos muito bem organizados, em que figuram os melhores parelheiros, não só de S. Paulo como alguns do Rio de Janeiro.

Uma reunião como esta ha muito que se não organiza nesta capital, e esse resultado tão promettedor deve-se, em grande parte, aos esforços e á boa vontade do sr. Olavo de Barros.

Assim, pois, si os turfistas não se divertirem hoje, não será por falta de opportunidade.

TAÇA "DR. ALFREDO REDONDO"

Em virtude da desillusão que os chronistas sportivos tiveram com o famoso concurso de palpites, do anno passado, ficou resolvido que nenhum jornal entraria mais em semelhante viannissima palhaçada.

Em reunião effectuada hontem, porém, os chronistas resolveram, em nome do Centro, instituir a taça "Dr. Alfredo Redondo".

O dr. Redondo (o Semana), como os leitores naturalmente leram, em nossa noticia de hontem, resignou, por motivos de ordem profissional, o cargo de presidente do Centro dos Chronistas, logar que com grande criterio exerceu desde a fundação dessa sociedade.

Nada mais natural e mais justa do que essa homenagem, que os chronistas sportivos prestam ao seu ex-presidente, e com a qual estamos de plenissimo accôrdo.

• •

O "Correio" publica abaixo os palpites dos jornaes que concorrem á taça "Dr. Alfredo Redondo":

"Vida Moderna":
Michelena — Koralia; Colombina — Idyl; Pitangueira — Harmonia; Florete — Gazeta; Guatambu' — Ganay; Stromboli — Soneto; Vesuvienne — Sixpence; Azaléa — Marry Bay — Marvellous — Macauba.

"Correio da Semana":
Koralia — Michelena; Florete — Flor de Liz; Idyl — Colombina; Pitangueira — Harmonia; Guatambu' — Golden Star; Stromboli — Dionéa; Vesuvienne — Margot; Azaléa — M. Bay; Marvellous — Poilu.

"Meio-dia":
Koralia — Michelena; Florete — Flor de Liz; Colombina — Idyl; Pitangueira — Conquistadora; Guatambu' — Ganay; Soneto — Dionéa; Paraguassu' — Vesuvienne; Azaléa — Feniano; Macauba — Miss Florence.

"Platéa":
Koralia — Michelena; Flor — Flor de Liz; Pitangueira — Harmonia; Guatambu' — Golden Star; Dionéa — Soneto; Vesuvienne — Sixpence; Marry Bay — Azaléa; Marvellous — Macauba.

"Cigarra":
Koralia — Michelena; Florete — Gardingo; Colombina — Fidalgo; Houli — Harmonia; Guatambu' — Golden Star; Soneto — Dionéa; Vesuvienne — Sixpence; Azaléa — Marry Bay — Macauba — Marvellous.

"Nação":
Koralia — Michelena; Florete — Bohemio; Fidalgo — Idyl; Pitangueira — Biscaia; Golden Star — Cicero; Stromboli — You-You; Vesuvienne — Margot; Lady Olive — Feniano; Marvellous — Miss Florence.

"A Capital":
Michelena — Koralia; Florete — Gardingo; Colombina — Idyl; Pitangueira — Harmonia; Cicero — Guatambu'; Soneto — Pathé; Sixpence — Vesuvienne; Marry Bay — Azaléa; Macauba — Marvellous.

"Correio Paulistano":
Koralia — Michelena; Florete — Flor de Liz; Colombina — Idyl; Pitangueira — Conquistadora; Guatambu' — Ganay; Stromboli — Soneto; Vesuvienne — Margot; Azaléa — Feniano; Marvellous — Miss Florence.

"Commercio de S. Paulo":
Koralia — Michelena; Flor de Liz — Florete; Colombina — Idyl; Pitangueira — Conquistadora; Guatambu' — Golden Star; Stromboli — Soneto; Margot — Vesuvienne; Azaléa — Marry Bay; Miss Florence — Marvellous.

"A Gazeta":
Koralia — Michelena; Flor de Liz — Bohemio; Idyl — Colombina; Pitangueira — Conquistadora; Guatambu' — Golden Star; Stromboli — Soneto; Margot — Vesuvienne; Marry Bay — Azaléa; Miss Florence — Marvellous.

"Fanfulla":
Michelena — Koralia; Bohemio — Florete; Fidalgo — Idyl; Houli — Biscaia; Stud P. Machado — Ganay; Soneto — Dionéa; Stud Q. Reis — Vesuvienne; Azaléa — Bority; Miss Florence — Marvellous.

"O Combate":
Koralia — Michelena; Gazeta — Florete; Idyl — Colombina; Pitangueira — Conquistadora; Guatambu' — Golden Star; Stromboli — You-You; Vesuvienne — Margot; Azaléa — Feniano; Marvellous — Macauba.

"O Pirralho":
Koralia — Michelena; Florete — Gazeta; Idyl — Colombina; Pitangueira — Houli; Guatambu' — Cicero; Stromboli — Soneto; Vesuvienne — Margot; M. Bay — Azaléa; Macauba — Miss Florence.

FOOT-BALL

S. C. 11 DE AGOSTO versus RIO BRANCO F. C.

Realiza-se hoje, ás 13 horas, um encontro de foot-ball, entre os tres teams do Sport Club 11 de Agosto e os correspondentes do Rio Branco F. C., no ground do primeiro.

Os teams do Rio Branco acham-se assim constituidos:

1.o team:
Sylvio
Isidoro — Cabral
Luz — Vicente — Paulino
Quim — Firmino (cap.) — Plinio — Saverio — Victorino

2.o team:
Izidro
Franco (cap.) — Cesar
Guilherme — Manuel — Faria
Vicente II — Marcilio — Portella — Lulu' — Sousa

• •

MATCH INTER-MUNICIPAL — A. A. MACKENZIE VERSUS SANTOS F. B. CLUB

A convite do Santos F. B. Club, da vizinha cidade de Santos, segue hoje pelo trem das 8 horas para alli, o 1.o team da A. A. Mackenzie, afim de disputar um amistoso match de foot-ball com aquella associação santista, cujo producto será revertido em beneficio de uma casa de caridade dalli.

Os teams acham-se assim organizados:

"Mackenzie"
Casimiro
Ferreira — Fritz
Tufy — Sylvio — Zecchi
Yarussi — Armando — Almeida — Damaso — Fabio

"Santos F. B. Club"
Benedicto
Urbano — Americo
Pereira — Oscar — Ricardo
Millon — Marba — Ary — Arnaldo — Anacleto

• •

MATCHES INTER-ESTADUAL EM TAUBATE'

Realizam-se hoje, ás 15 horas, no ground da praça Monsenhor Silva Barros, em Taubaté, amistosos matches inter-estadual de foot-ball, entre as equipes, primeira e segunda, do "Mendes Sport Club", da cidade fluminense desse nome, e primeira do Sport Club Taubaté, e segunda da A. A. Guaratinguetáense", respectivamente.

Estes matches, certo, se revestirão de grande brilhantismo, visto tratar-se de uma festa de congraçamento sportivo, com a entrega das taças instituidas pela Liga do Norte de S. Paulo, em seu campeonato, aos teams vencedores: 1.o, do Sport Club Taubaté, e 2.o, da A. A. Guaratinguetáense, e ser o Mendes um dos campeões do Estado do Rio.

Salvo alterações de momento, os teams serão os seguintes:

Primeiros teams:

MENDES
Robin
Soares — Virgilio
Torres — Adhemar — Alcindo
Oscar — Apollo — Carlos — Ernani — Pinheiro
||
Pereira — Ernesto — Renato — Waldemiro — Jajá
Sergio — Juca — Simi
Lulu' — Moura
Paulino
SPORT CLUB

Segundos teams:

MENDES
Freitas
Braga — Sucena
Chiquito — Reid — Felix
Leite — Lopes — Wald — Pito — Tupy
||
Penna — Ruy — Neves — Aquila — Dudu'
Mauricio — Mario Bacariça
Cipolli — Laurito
Dario
GUARA'

• •

MATCH INTER-MUNICIPAL

Pelo trem da tarde, segue hoje para S. Bernardo, afim de jogar um match com a A. A. S. Bernardo, o Rachou Team desta cidade.

Eis a organização dos teams:

S. Bernardo:
Armando
Mario — Lin
Berck — Fontes — Nelson
Rocco — Daniel — Balliti—Cotita—Mucio

Rachou Team:
Agenor
Salerno — Pereira
Gilberto — Lagreca — Marques
Laraya — Damasco — Marçal — Lamartine — Italo

PELOTA

FRONTÃO BOA VISTA

Em vista do successo que tem alcançado a brilhante quiniela de honra disputada pelos melhores profissionaes do actual quadro do Frontão Boa Vista, a gerencia dessa casa de sport fez incluir no programma de hoje, esse magnifico numero que tem o condão de attrahir todos os aficionados da péla.

Assim, mais uma vez, Gaspar, Villabona, Potonito, Zalacain, Lino e Gurruchaga se baterão galhardamente para a conquista do cobiçado "brassar" de honra.

TIRO

TIRO PAULISTANO N. 35 DA CONFEDERAÇÃO (STAND EM PINHEIROS)

Caso faça bom tempo haverá hoje mais um exercicio de tiro no stand desta sociedade começando ás 10 horas em ponto.

De hoje em deante os exercicios de fogo serão ministrados pelo socio sr. aspirante Tullo Paes Leme, que gentilmente se prontificou a fazel-os em virtude de pedidos da Directoria.

Como auxiliares do director de tiro estarão de dia os socios srs. B. Jorge Flaquer, Gastão Leal e B. Cunha Lima Filho.

— Os socios que já tiveram fardamento devem comparecer ao exercicio de hoje devidamente uniformisados.

— Em reunião da directoria realizada em 12 do corrente foram eliminados do quadro social e de accôrdo com o artigo 9 do decreto n. 7.350 de 11 de março de 1909, os seguintes srs.: Nestor Gilberto de Oliveira, Antenor Alves de Brito, Joaquim Pinto Xavier de Moraes, Alfredo de Araujo Silveira, Decio de Campos Araujo, Pedro de Oliveira Andrade, Dario Pereira de Oliveira Monteiro, por falta de pontualidade das contribuições. Nessa data foram feitas ás devidas communicações ás demais sociedades da confederação, ministerio e departamento da guerra, e ao general inspector desta região militar e ao director da confederação do Tiro Brasileiro. — Na proxima reunião da directoria serão eliminados os socios que estiverem em atrazo de mais de 3 mezes de suas mensalidades.

— Haverá hoje exercicio para a banda de cornetas e tambores.

— Para o torneio de tiro á realizar-se brevemente, serão distribuidos 5 valiosos premios aos vencedores.

— Continua aberta as inscripções para esse torneio na séde social á rua Direita, n. 8-A 1.o andar, salas 3 e 9.

• •

ELEIÇÃO DA DIRECTORIA

Em assembléa geral ordinaria, realizada na séde do Tiro Paulistano, foi eleita e empossada a directoria que tem de reger os destinos desta sociedade, no decurso do anno de 1916, a qual se acha assim constituida:

Presidente honorario: dr. Washington Luis Pereira de Sousa, prefeito da capital; representante do sr. general inspector permanente da 6.a região militar: tenente Brasilio Carneiro de Castro; presidente, dr. José Roberto Leite Penteado; vice-presidente, B. Jorge Flaquer; 1.o secretario, dr. Oscar Drummond Costa; 2.o secretario, Luiz Gonzaga Sertorio; director de tiro, Victor Macias; vice-director, B. Cunha Lima Filho; thesoureiro, Americo de Mattos; vogaes, dr. Rimigio Gomes Guimarães, dr. João Mauricio Sampaio Vianna, dr. F. H. Ferreira Brandão Filho, Candido do Assis Ribeiro e Gastão Lopes Leal; commissão de contas, Amphilloquio Vianna, Paulo de Carvalho e dr. Melchior Schilittler.

Boletim Republicano

ELEIÇÕES DE DEPUTADOS ESTADUAES

De accôrdo com as bases do partido, convidamos os directorios municipaes reconhecidos a designarem dentre os seus membros o delegado que deve tomar parte nas reuniões districtaes respectivas para a organização da chapa de deputados, que esta Commissão tem de apresentar á eleição convocada para o dia 2 de fevereiro do anno corrente. Os delegados deverão comparecer munidos de procuração ou declaração assignada por todos ou pela maioria do directorio.

As reuniões effectuar-se-ão:

A do 1.o districto, nesta capital, no edificio em que funcciona a redacção do "Correio Paulistano", no dia 16 do corrente, ás 14 horas e presidida pelo dr. Albuquerque Lins.

A do 3.o districto, na cidade de Guaratinguetá, no dia 16 do corrente, e presidida pelo coronel Virgilio Rodrigues Alves.

A do 5.o districto, na cidade de Botucatu', no dia 18 de janeiro corrente e presidida pelo coronel Fernando Prestes.

A do 7.o districto, na cidade de Mogy-mirim, no dia 16 de janeiro corrente e presidida pelo dr. Carlos de Campos.

A do 9.o districto, na cidade de S. Carlos do Pinhal, no dia 17 de janeiro corrente e presidida pelo dr. A. de Padua Salles.

A do 10.o districto, na cidade de Ribeirão Preto, no dia 17 de janeiro corrente e presidida pelo dr. Carlos de Campos.

Deverão fazer tambem parte da reunião do 1.o districto os delegados districtaes reconhecidos da capital.

ELEIÇÕES DE SENADORES ESTADUAES

De accôrdo com a resolução do Congresso do Partido, convidamos os directorios municipaes e os delegados districtaes da capital, reconhecidos, a enviarem a esta Commissão, até o dia 18 de janeiro, a indicação dos 8 correligionarios que deverão ser apresentados á eleição de senadores do Estado, convocada para o dia 2 de fevereiro do anno corrente.

S. Paulo, 7 de janeiro de 1916.

Francisco Glycerio.
Jorge Tibiriçá.
M. J. de Albuquerque Lins.
A. de Lacerda Franco.
Fernando Prestes de Albuquerque.
Virgilio Rodrigues Alves.
A. de Padua Salles.
Carlos de Campos.

EXPEDIENTE

Assignaturas

DE HOJE A 31 DE DEZEMBRO DE 1916. . 24$000
DE HOJE A 30 DE JUNHO DE 1916. . . . 14$000

As nossas assignaturas vencer-se-ão a 30 de junho e 31 de dezembro.

Avisamos aos nossos dignos agentes do interior que os pedidos de assignaturas só serão attendidos mediante a remessa da segunda via do recibo, **embora as respectivas importancias sejam remettidas depois.**

Esta medida será observada sem distincção de quem quer que seja.

São nossos agentes de annuncios e assignaturas nesta capital, trabalhando exclusivamente para o "Correio Paulistano", os srs. major Osorio da Fonseca e capitão José China.

O coronel Rondon, que tem sido um incançavel nas expedições emprehendidas através das nossas terras virgens, dá-nos, de vez em quando, interessantes noticias das suas explorações. O intrepido chefe da commissão das linhas telegraphicas estrategicas, que cortam os immensos sertões do Norte, encontra-se agora numa região, dentro de Matto Grosso, a que jámais chegara nenhum explorador. Essa vasta zona, coberta de majestosas florestas e majestosos campos, como que foi formada do esmagamento de um grande planalto. Nella, são seus maioraes, senhores de féras e de aves, de campinas e ribeirões, os primitivos pagés que dominaram estas fecundas paragens de Santa Cruz, e de cujo tronco ancestral é oriundo um dos tres elementos de que se compõe a nossa nacionalidade.

O bravo sertanista, que se acha em Jaru', varando o semi-desconhecido territorio mattogrossense, attingiu a immensa área que medeia entre as cabeceiras do Jamary, do Urupá e Cantario Grande. Toda a região, nessas alturas, é montanhosa. Guiaram-no a ella indios urupás, os quaes tiveram mesmo occasião de receber no seu *pantheon*, que se ergue, em estylo de rudezas e barbarismos, num dos morros alli existentes, esse, para elles, assombroso representante da cultura (com *c*), da intelligencia e da civilização...

O coronel Candido Rondon, habituado ás aventuras, nas longas jornadas emprehendidas por sertões intermináveis, onde é um mysterio a estrada mais rudimentar e uma revelação sobrehumana o mais remoto meio de conducção, já se não assombra deante de cousa alguma. Foi mesmo com naturalidade que, de certo, entrou o *templo indigena*, em que, respeitosamente, se descobriu deante de ossadas de venerandos capitães, as quaes, em urnas funerarias, se calcinavam, á inclemencia dos tempos, alli a um lado do austero salão. Sem esses pittorescos incidentes seria, aliás, positivamente insupportavel essa vida errante, em que, deixando-se philosophicamente chupar pelos pernilongos e borrachudos, vai, patrioticamente, tomando dados regionaes ou levantando plantas geographicas.

NOTAS

O sr. secretario do Interior deu hontem audiencia publica, no seu gabinete de trabalho, a qual esteve muito concorrida.

Pelo comboio nocturno, seguiu hontem para Mogy-mirim o nosso prezado director o sr. dr. Carlos de Campos, senador estadual e membro da Commissão Directora do Partido Republicano.

S. exc. foi presidir a prévia dos representantes do 7.o districto eleitoral para a escolha dos deputados da proxima legislatura.

De Mogy-mirim o sr. dr. Carlos de Campos partirá para Ribeirão Preto, afim de presidir amanhã á prévia do 10.o districto.

Realizam-se hoje as seguintes prévias para a escolha de candidatos á deputação estadual:

Primeiro districto, ás 14 horas, no salão do "Correio Paulistano", sob a presidencia do sr. senador Albuquerque Lins;

Terceiro districto, em Guaratinguetá, sob a presidencia do sr. senador Virgilio Rodrigues Alves;

Setimo districto, em Mogy-mirim, sob a presidencia do sr. senador Carlos de Campos.

Em nome do sr. secretario da Fazenda, o seu official de gabinete, sr. dr. Mario Cardoso de Almeida, visitou hontem o sr. senador Lacerda Franco, membro da Commissão Directora do Partido Republicano, que se acha enfermo.

Parte hoje, em carro reservado ligado ao nocturno de luxo, para o Rio de Janeiro, o general Carlos A. de Campos, inspector da sexta região militar. S. exc., que vai áquella capital a serviço do seu cargo, leva em sua companhia o seu ajudante de ordens, tenente Brasilio C. de Castro, devendo regressar a S. Paulo dentro de tres ou quatro dias.

A lei da receita geral da Republica para 1916, na parte em que reduzia as taxas de capatazias das Alfandegas e docas, é assim redigida:

"Dito de capatazias, mantidas as taxas em vigor para os generos de importação extrangeira e fixadas as taxas em um real e meio por kilo de generos de producção nacional, exportados para o extrangeiro ou para portos nacionaes ou importados de portos nacionaes, em um real por kilo de minerios de manganez e de ferro e areias monaziticas, exportados para o extrangeiro, e em meio real por kilo de sal, assucar e carvão de pedra nacionaes exportados ou importados de portos nacionaes, taxas essas que serão desde já obrigatoriamente extensivas tambem aos portos em que houver obras de melhoramentos, de accôrdo com as disposições constantes dos respectivos contractos."

O sr. presidente do Estado assignou o decreto que declara em disponibilidade o sr. José Antonio de Freitas, collector de rendas de Pirajú'.

O sr. secretario da Fazenda concedeu tres mezes de licença, para tratar da sua saude, ao sr. Alfredo Mario Guastini, terceiro escripturario da Recebedoria de Rendas da capital.

Acham-se na Secretaria da Justiça e da Segurança Publica, á disposição dos interessados, as cartas de naturalização concedidas a Carlos Alberto Jacob e Antonio José Dias, naturaes de Portugal.

Ao sr. Agostinho de Almeida Prado, collaborador da Repartição de Estatistica e Archivo do Estado, foi concedido um anno de licença, para tratar de negocios do seu interesse.

Os bachareis João Pinto Ferreira, João Manuel Vieira de Moraes, Antonio Rivadavia Dias de Toledo Barros e José Carlos Dias Torres de Oliveira, Fernando Ramos de Araujo, Antonio Novaes Mourão, Dulcidio Costa e Joaquim Pereira da Costa, registraram seus diplomas na Secretaria do Tribunal de Justiça.

O sr. dr. Xavier de Toledo, ministro e presidente do Tribunal de Justiça, convocou para o dia 18 do corrente, ás 12 horas, uma sessão extraordinaria da Camara Criminal, para julgamento de "habeas-corpus", recursos-crimes e recursos eleitoraes.

O sr. presidente do Tribunal de Justiça remetteu hontem ao governo os papeis referentes ao concurso para provimento do officio de 5.o tabellião de notas da comarca de Santos.

O sr. ministro e presidente do Tribunal de Justiça informou hontem ao governo o pedido de permuta feito pelos official de registo geral de hypothecas e annexos da comarca de Dois Corregos, e escrivão de orphams e ausentes da comarca de Jahu'.

O sr. conselheiro Rodrigues Alves, presidente do Estado, mandou o seu ajudante de ordens, capitão Afro Marcondes de Rezende, cumprimentar o sr. dr. Carlos Guimarães, vice-presidente do Estado, pela passagem do seu anniversario natalicio.

O sr. dr. Cardoso de Almeida, secretario da Fazenda e interino da Agricultura, visitou pessoalmente s. exc.

Theatros e Salões

S. JOSE'

O *great* Raymond, um illusionista de primeira ordem, não ha negar, continua a attrahir a este theatro avultada concorrencia. Os seus espectaculos são variadissimos, e não ha noite em que elle não apresente uma novidade que cada vez mais acirra a curiosidade do publico. E' difficil encontrar um illusionista que trabalhe com tanta limpeza, com tanta finura, com tanta elegancia.

Dahi o intitular-se Raymond o *rei da illusionismo*.

Ainda hontem trabalhou o insigne prestidigitador e magico deante de numerosa assistencia que não lhe regateou applausos.

— Hoje, Raymond dará dois interessantes espectaculos: um em *matinée* e outro á noite, cada qual com variadissimo programma.

IRIS THEATRO

Neste procurado cinema exhibem-se hoje os esplendidos films *Sob as azas da morte* e *Vencer ou morrer*, ambos em 7 longos actos, em *matinée*; e, á noite, os que se intitulam *A mancha do brazão*, em 1 prologo e 4 extensos actos, e *Gaumont Actualidades* (jornal cinematographico sempre bem informado).

— Para amanhã já se annuncia a continuação do grandioso drama de aventuras, em 15 séries — *A chave mestre* (13.a e 14.a séries).

VARIAS

Companhia "Esperanza Iris"

Com a opereta *El mercado de muchachas*, nova para S. Paulo, deve estrear-se brevemente a companhia "Esperanza Iris", que ainda está no Rio alcançando grande successo.

ANEXO L – *Careta*, 30 de maio de 1914. Crítica a *Alma em delírio*.

CARETA

ARTES e LETRAS

Herança de odio.

Em dias desta semana, o *Cinema Eclair* vae exhibir uma bella fita destinada a alcançar um esplendido successo. Ha dias, a empreza exploradora desse importante cinematographo fez uma exhibição intima, para alguns jornalistas, entre os quaes o nosso representante, e todos calorosamente consignaram a admiração que lhes inspirou a *Herança de odio*. Esse grande *film*, de uma commovedora intensidade dramatica, é verosimil na acção e, sob o ponto de vista scenographico, é de uma empolgante belleza.

* * *

Srta. Olyntha Braga.

A SRTA. OLYNTHA BRAGA, cujo concerto brilhantemente realisado no salão do *Jornal do Commercio*, conquistou os encomios e os applausos que merecia,

é uma distincta artista brasileira, filha da linda cidade de Sant'Anna do Livramento, no Rio Grande do Sul. Quando, pela primeira vez, a distincta cantora sahio do seu Estado, já vinha consagrada pelo bom gosto dos seus patricios competentes. Nesta cidade, os seus concertos e aquelles em que se fazia ouvir a sua bella voz educada, marcaram sempre justos triumphos. Apezar destes, a SRTA. OLYNTHA fez uma excursão de estudo ás terras cultas da Europa, onde louvores de mestres e applausos de publicos exigentes confirmaram o julgamento anterior dos seus compatriotas.

* * *

Alma em delirio, romance de CANTO E MELLO.

Na sua irregularidade e com os seus defeitos, o romance de CANTO E MELLO é um bom livro. Attrahido pela seducção do assumpto que desenvolve na segunda parte da obra, o auctor, ancioso de tratal-o, precipitou a primeira. Por isso, ás vezes, alguns dos seus capitulos rolam com a pressa desataviada dos relatorios militares. Epysodios como os da campanha contra os *mucker*, que se prestariam a bellos effeitos de arte, foram sacrificados ao desejo de chegar ao estudo dos delirios e allucinações do alcool. Antes de attingil-os, por mais que o procure, o romancista não consegue dar a certeza impressionante das discordias do casal Duarte, não raro busca em causas externas explicações que só poderiam residir no estado morbido do seu heroe; alonga-se em detalhes sem importancia e passa com rapidez excessiva sobre cousas que a tem. O estylo é arrastado. Do meio para o fim do volume, o escriptor movimenta os seus periodos, tornando-os graciosos, apezar de apressados. Mostra a plena incompatibilidade do casal. Produz paginas emocionantes de uma originalidade bizarra. Se CANTO E MELLO quizer retocar o seu romance, poderá tranformal-o numa grande obra.

Folk-lore

Tu, Coelho, te salvaste
Já da corda e do alçapão;
E ao Mexico quem commuta
A pena de intervenção?

JOTA

O divorcio nos Estados-Unidos

(DE UMA ESTATISTICA)

Para cada mil casamentos, ha um divorcio na Irlanda, dez na França, treze na Inglaterra, quatorze na Russia, vinte e oito na Italia, quarenta e um na Austria, cincoenta e quatro na Belgica e cento e quarenta e quatro na Allemanha prussiana.

E' absolutamente impossivel determinar a porcentagem dos divorcios nos Estados-Unidos. O certo é, porém, que as leis do divorcio alli são muito complacentes e adversas. Um homem póde estar divorciado em um estado e continuar a ser casado em outro. D'ahi, em um Estado, póde-se casar de novo, ao passo que incorreria no crime de bigamia se o fizesse em outros.

O Estado de Dakota do Sul é o que mais se distingue pelas facilidades de divorcio, que tem causado campanhas renhidas em diversos Congressos com o fim de serem estabelecidas leis uniformes para toda a União.

ANEXO M – *Illustração Paulista*, 06/06/1912, n. 71, p. [32]. *Alma em delírio* na seção "Letras e Artes" do peródico.

O ex-presidente

— *Adeus! adeus, meu povo!*

E. F. Campos do Jordão

Dr. ANTONIO PRUDENTE DE MORAES

OS jornaes noticiam que vão ser atacados brevemente os serviços relativos á construcção da estrada de ferro de Pindamonhangaba aos Campos do Jordão.

Não é preciso encarecer a importancia desse grande emprehendimento, quer em relação ao progresso de Pindamonhangaba, quer em relação aos beneficios que representa para todos aquelles que precisam de procurar o clima saluberrimo daquella região.

Os serviços technicos dessa estrada estão a cargo do distincto engenheiro dr. Antonio Prudente de Moraes, que é tambem um dos directores da empreza a quem se deve tão importante iniciativa.

Casa Graphica - Typographia - Papelaria Encadernação - Pautação
RUA S. EPHIGENIA, 68 - Telep. 2166 - S. PAULO

Dr. Carlos Coelho da Rocha

Dr. CARLOS COELHO DA ROCHA

CAUSOU profunda magua a toda a sociedade paulista a noticia do fallecimento, na Europa, onde se achava a passeio, do talentoso moço dr. Carlos Coelho da Rocha, extremecido filho do sr. José Coelho da Rocha, estimado cavalheiro aqui residente e um dos nossos mais adeantados industriaes.

Pelo seu trato affavel, pelos dotes de intelligencia e de coração que o caracterisavam, o dr. Carlos Coelho da Rocha tinha o dom de attrahir de um modo tão captivante os seus amigos, que sua morte não podia deixar de provocar, como provocou, o mais sincero sentimento de pesar em todos aquelles que o conheciam.

A esse sentimento associa-se a *Illustração Paulista*.

Letras e artes

"Alma em delirio,,

A VIDA literaria de S. Paulo, que tão raramente se revela, teve esta semana uma bella manifestação de que a sua existencia embora precaria, é uma realidade.

Canto e Mello, esse fino espirito que se estiola na semsaboria infinita do *Diario Official*, lançou no mercado o seu romance — *Alma em delirio*.

E' um excellente romance, em que Canto e Mello, com estylo polido e seguro, descreve um caso de loucura delirante com a proficiencia de um medico que fôsse um bom escriptor.

Não cabem nestas linhas um estudo critico. Isto é apenas uma noticia. Mas uma noticia sincera, em que não ha elogios ditados pela amizade, nem louvores devidos á benevolencia.

Alma em delirio tem um logar de destaque entre os livros ultimamente apparecidos e deu aos que o leram a confirmação do juizo lisonjeiro em que era tido o seu autor.

O trabalho typographico, bem feito, é da empreza d'*O Pensamento*.

ANEXO N – *Gazeta Artistica*, 1912, n. 21, p. 8. *Alma em delírio* na seção "Boletim Literário" do peródico como um grande acontecimento literário de SP.

do um verdadeiro trame de sympathia entre os dois grandes homens.»

Miss Dickens lembra ainda que seu pai se habituara a ensinar aos seus filhos cantigas, antes delles se irem deitar: punha um dos pequeninos no joelho e, emquanto cantarolava, ria tambem com os outros, que dançavam em torno...

Mas Charles Dickens não gostava muito de musica classica, com excepção apenas de algumas paginas de Mendelssohn e Chopin.

CANÇÕES

Um anonymo enviou-nos as CANÇÕES do Snr. F. de Otero, e pede a nossa opinião sobre o valor musical dessas composições.

Promettemos ao Snr. ANONYMO que no proximo numero desta Revista satisfaremos o seu desejo.

Um soneto inedito

DE VICENTE DE CARVALHO

Enganei-me supondo que, de altiva
Desdenhosa, tu vias sem receio
Desabrochar de um simples galanteio
A rubra flor desta paixão tão viva.

Era segredo teu? adivinhei-o,
Hoje sei tudo: álerta, em defensiva,
O coração que eu tento e se me esquiva
Treme, treme de susto no teu seio.

Quem foi que disse que as paixões são cégas?
Veem... deixam-se ver... Debalde insistes:
Que mais desejas si tu'alma entregas?

Bem vejo, vejo-o nos teus olhos tristes
Que tu, negando o amor que em vão me négas,
Mais a ti mesma do que a mim resistes.

BOLETIM LITERARIO

O maior acontecimento literário (maior ou unico?) de S. Paulo, nestes quinze dias mais chegados, é o romance do sr. Canto e Mello — «Alma em delirio».

A critica já se manifestou, por alguns jornaes daqui e do Rio, acêrca desse livro, e os elogios feitos nada tem de exagerados. A nosso vêr, o snr. Canto e Mello revelou-se escritor de pulso, capaz de nos dar ainda muita coisa excelente no género romance, tão inexplicavelmente abandonado pelos nosos escritores de hoje.

«Alma em delirio» é uma narrativa, autobiografica, «escrita» por um antigo oficial do exercito que sofre de dipsomania. Toda a intensidade emotiva do trabalho está na descrição pormenorizada, viva e implacavel das torturas fisicas e morais por que passa o desgraçado, preso de allucinações de toda a sorte, até cair na loucura e, depois, na tuberculose.

O livro tem páginas bellissimas, que aqui e ali se destacam pela poesia que as estréla ou pela felicidade das observações que élas resumem e alteiam em vigorosos relevos de estilo.

Escrevendo a palavra estilo, ocorre-nos notar que ahi está a força e tambem a fraqueza do autor. Simples, incisivo, despido de adornos e distensões inuteis, esse estilo, em suas linhas gerais é muito bom; entretanto, sem prejudicar-lhe a sobriedade, antes dando mais energia a esta, o autor podia ter-lhe aplicado com mais paciencia uma diligente lima, que lhe suprimisse uma ou outra excrecenciazinha — aqui uma palavra demais, ali uma dissonancia, acolá uma frase banal, etc.

Isso tudo, porêm, não tira — é bem de ver — coisa alguma ao merito do livro, que é um livro forte.

***

Agita-se no Rio a idéa duma herma ou estátua de Eça de Queirós. A lembrança seria muito boa, se nestas coisas se devesse apenas levar em conta os meritos do homegeado. Quanto a valor literario, seria ociosa qualquer discussão, em se tratando do autor do «Primo Basilio». Mas não há nada que justifique a pretenção de se prestar a homenagem de um monumento ao illustre escritor português, quando ainda não rendêmos identico preito á escritores brasileiros, dignos não só de calorosa admiração literária, como tambem dessa afectuosa e particular estima que em toda a parte do mundo se vota aos compatriotas notaveis.

***

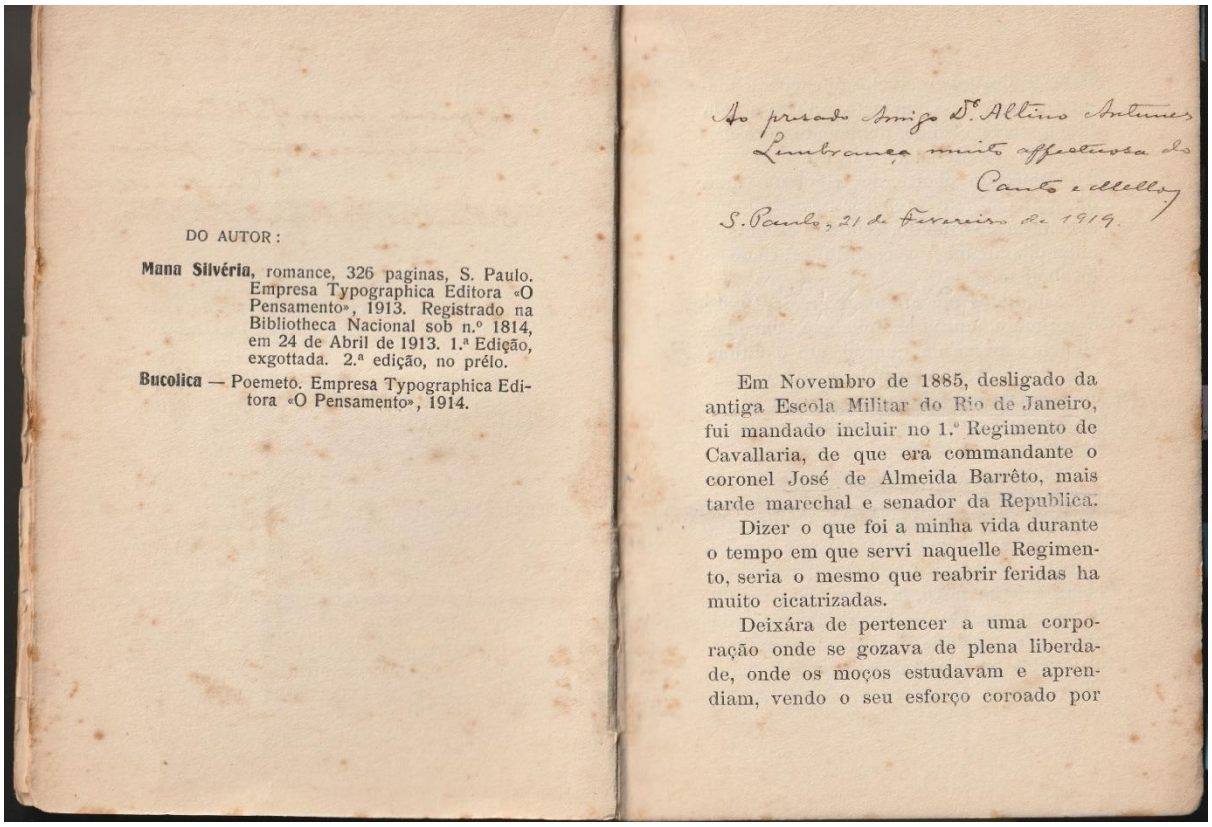
O eminente escritor francês sr. Paul Adam, a exemplo de tantas outras celebridades do velho mundo, deu-nos tambem a honra de nos vir... descobrir. Fez em S. Paulo, no theatro Municipal, uma longa conferencia que era muito boa para ser lida e que, apesar de a termos lido em resumo publicado pelos jornais, não conseguimos entender.

***

Apareceram os «Versos da Mocidade» do nosso grande poeta Vicente de Carvalho. A edição é da casa Chardron, do Porto.

Yorick.

ANEXO O – Prefácio da 2ª edição de *Alma em delírio* (1914), p. 7-29, seguido da página final do romance, p. 311, em que a voz narrativa retorna à Pedro.



DO AUTOR:

Mana Silvéria, romance, 326 paginas, S. Paulo. Empresa Typographica Editora «O Pensamento», 1913. Registrado na Bibliotheca Nacional sob n.º 1814, em 24 de Abril de 1913. 1.ª Edição, exgottada. 2.ª edição, no prélo.

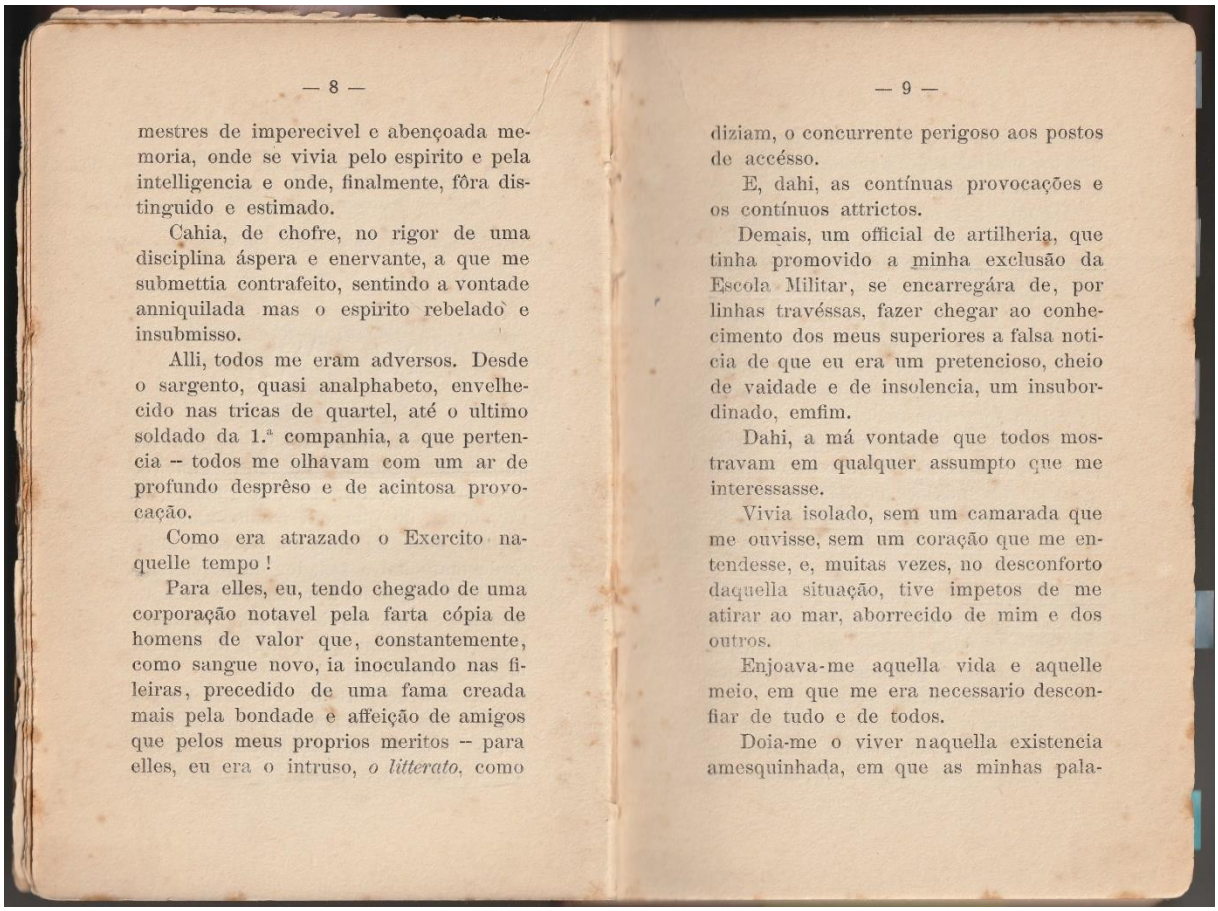
Bucolica — Poemeto. Empresa Typographica Editora «O Pensamento», 1914.

Ao prezado Amigo Dr. Altino Antunes
Lembrança muito affectuosa do
Canto e Mello
S. Paulo, 21 de Fevereiro de 1919.

Em Novembro de 1885, desligado da antiga Escola Militar do Rio de Janeiro, fui mandado incluir no 1.º Regimento de Cavallaria, de que era commandante o coronel José de Almeida Barrêto, mais tarde marechal e senador da Republica.

Dizer o que foi a minha vida durante o tempo em que servi naquelle Regimento, seria o mesmo que reabrir feridas ha muito cicatrizadas.

Deixára de pertencer a uma corporação onde se gozava de plena liberdade, onde os moços estudavam e aprendiam, vendo o seu esforço coroado por



— 8 —

mestres de imperecivel e abençoada memoria, onde se vivia pelo espirito e pela intelligencia e onde, finalmente, fôra distinguido e estimado.

Cahia, de chofre, no rigor de uma disciplina áspera e enervante, a que me submettia contrafeito, sentindo a vontade anniquilada mas o espirito rebelado e insubmisso.

Alli, todos me eram adversos. Desde o sargento, quasi analphabeto, envelhecido nas tricas de quartel, até o ultimo soldado da 1.ª companhia, a que pertencia -- todos me olhavam com um ar de profundo desprêso e de acintosa provocação.

Como era atrazado o Exercito naquelle tempo!

Para elles, eu, tendo chegado de uma corporação notavel pela farta cópia de homens de valor que, constantemente, como sangue novo, ia inoculando nas fileiras, precedido de uma fama creada mais pela bondade e affeição de amigos que pelos meus proprios meritos -- para elles, eu era o intruso, *o litterato*, como

— 9 —

diziam, o concurrente perigoso aos postos de accésso.

E, dahi, as contínuas provocações e os contínuos attrictos.

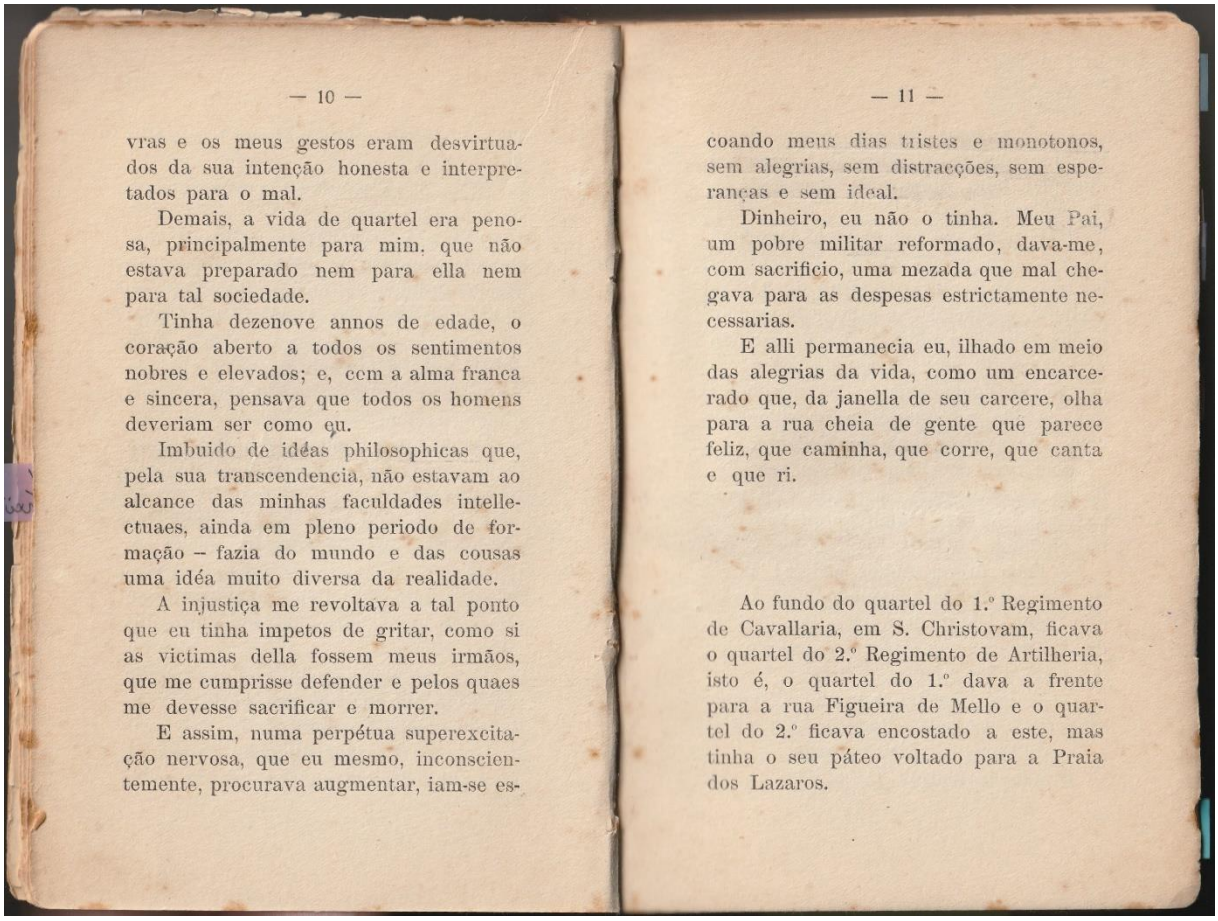
Demais, um official de artilheria, que tinha promovido a minha exclusão da Escola Militar, se encarregára de, por linhas travéssas, fazer chegar ao conhecimento dos meus superiores a falsa noticia de que eu era um pretencioso, cheio de vaidade e de insolencia, um insubordinado, emfim.

Dahi, a má vontade que todos mostravam em qualquer assumpto que me interessasse.

Vivia isolado, sem um camarada que me ouvisse, sem um coração que me entendesse, e, muitas vezes, no desconforto daquella situação, tive impetos de me atirar ao mar, aborrecido de mim e dos outros.

Enjoava-me aquella vida e aquelle meio, em que me era necessario desconfiar de tudo e de todos.

Doia-me o viver naquella existencia amesquinhada, em que as minhas pala-



vras e os meus gestos eram desvirtuados da sua intenção honesta e interpretados para o mal.

Demais, a vida de quartel era penosa, principalmente para mim, que não estava preparado nem para ella nem para tal sociedade.

Tinha dezenove annos de edade, o coração aberto a todos os sentimentos nobres e elevados; e, com a alma franca e sincera, pensava que todos os homens deveriam ser como eu.

Imbuido de idéas philosophicas que, pela sua transcendencia, não estavam ao alcance das minhas faculdades intellectuaes, ainda em pleno periodo de formação – fazia do mundo e das cousas uma idéa muito diversa da realidade.

A injustiça me revoltava a tal ponto que eu tinha impetos de gritar, como si as victimas della fossem meus irmãos, que me cumprisse defender e pelos quaes me devesse sacrificar e morrer.

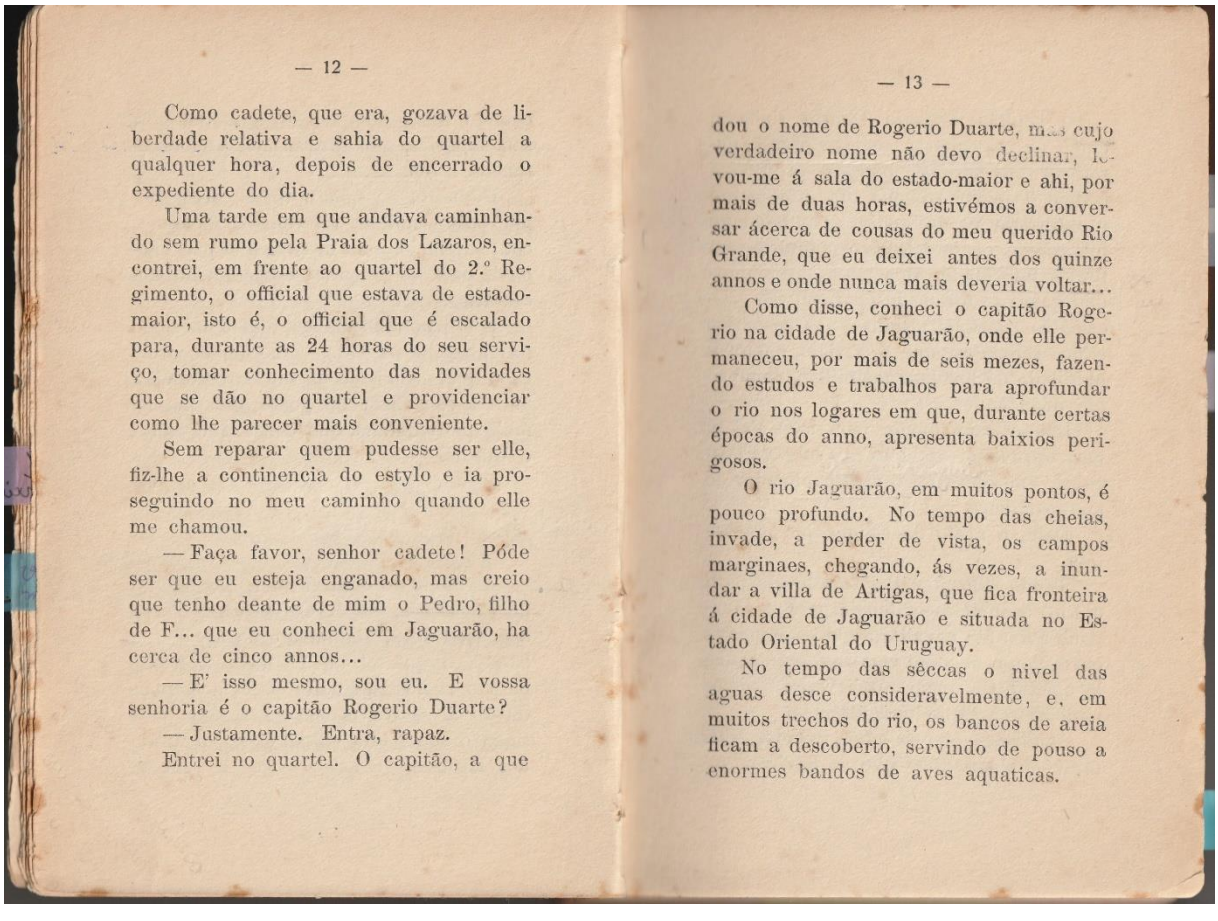
E assim, numa perpétua superexcitação nervosa, que eu mesmo, inconscientemente, procurava augmentar, iam-se es-

coando meus dias tristes e monotonos, sem alegrias, sem distracções, sem esperanças e sem ideal.

Dinheiro, eu não o tinha. Meu Pai, um pobre militar reformado, dava-me, com sacrificio, uma mezada que mal chegava para as despesas estrictamente necessarias.

E alli permanecia eu, ilhado em meio das alegrias da vida, como um encarcerado que, da janella de seu carcere, olha para a rua cheia de gente que parece feliz, que caminha, que corre, que canta e que ri.

Ao fundo do quartel do 1.º Regimento de Cavallaria, em S. Christovam, ficava o quartel do 2.º Regimento de Artilheria, isto é, o quartel do 1.º dava a frente para a rua Figueira de Mello e o quartel do 2.º ficava encostado a este, mas tinha o seu páteo voltado para a Praia dos Lazaros.



Como cadete, que era, gozava de liberdade relativa e sahia do quartel a qualquer hora, depois de encerrado o expediente do dia.

Uma tarde em que andava caminhando sem rumo pela Praia dos Lazaros, encontrei, em frente ao quartel do 2.º Regimento, o official que estava de estado-maior, isto é, o official que é escalado para, durante as 24 horas do seu serviço, tomar conhecimento das novidades que se dão no quartel e providenciar como lhe parecer mais conveniente.

Sem reparar quem pudesse ser elle, fiz-lhe a continencia do estylo e ia proseguindo no meu caminho quando elle me chamou.

— Faça favor, senhor cadete! Póde ser que eu esteja enganado, mas creio que tenho deante de mim o Pedro, filho de F... que eu conheci em Jaguarão, ha cerca de cinco annos...

— E' isso mesmo, sou eu. E vossa senhoria é o capitão Rogerio Duarte?

— Justamente. Entra, rapaz.

Entrei no quartel. O capitão, a que

dou o nome de Rogerio Duarte, mas cujo verdadeiro nome não devo declinar, levou-me á sala do estado-maior e ahi, por mais de duas horas, estivémos a conversar ácerca de cousas do meu querido Rio Grande, que eu deixei antes dos quinze annos e onde nunca mais deveria voltar...

Como disse, conheci o capitão Rogerio na cidade de Jaguarão, onde elle permaneceu, por mais de seis mezes, fazendo estudos e trabalhos para aprofundar o rio nos logares em que, durante certas épocas do anno, apresenta baixios perigosos.

O rio Jaguarão, em muitos pontos, é pouco profundo. No tempo das cheias, invade, a perder de vista, os campos marginaes, chegando, ás vezes, a inundar a villa de Artigas, que fica fronteira á cidade de Jaguarão e situada no Estado Oriental do Uruguay.

No tempo das sêccas o nivel das aguas desce consideravelmente, e, em muitos trechos do rio, os bancos de areia ficam a descoberto, servindo de pouso a enormes bandos de aves aquaticas.

O capitão Rogerio Duarte tinha o curso de engenharia, seguira para o Paraguay nos ultimos tempos da guerra com a Triplice Alliança, era intelligente e illustrado e, de genio extremamente folgasão e communicativo, adquiriu em breve, na cidade, uma roda de amigos dos quaes se tornou inseparavel nos passeios ás *estancias* visinhas, nas pescarias e nas serenatas, que se faziam, então, á claridade de um luar magnifico, como só alli póde haver.

Deu-se intimamente com meu Pai e, para aproveitar aptidões que julgava descobrir em mim — foi o meu explicador de mathematicas.

Dahi, a razão da estima que me votava.

Tendo sido meu Pai transferido para o Rio de Janeiro e depois para a Companhia fixa de cavallaria que estacionava em S. Paulo, deixámos em Jaguarão aquelle official, de quem raras vezes tivémos noticias e sempre noticias más.

Soubémos que se havia casado. Mais tarde ouvimos dizer que se havia entregue á bebida e que não vivia em paz com a mulher.

Soubémos ainda que, num extraordinario assomo de loucura, devida a excessos alcoolicos, tinha sido internado num manicomio.

Emfim, a ultima noticia que tivémos delle foi que enviuvára, tendo sua esposa fallecido de uma pneumonia dupla, adquirida num dia em que sahira, por uma chuva torrencial, em busca do marido que estava, embriagado, promovendo uma desordem num botequim mal frequentado.

Pouco depois desse rapido encontro com o meu velho amigo, vim para São Paulo, tive baixa do serviço do Exercito e aqui fiquei mourejando.

Um dia, ha mais de dez annos, entrou-me inesperadamente em casa o capitão Rogerio Duarte.

Estava bem differente.

Elle, que eu conhecêra um homem robusto e desembaraçado, de hombros largos e peito saliente, de fronte erguida e olhar dominador, mostrava-se agora titubante, acabrunhado e abatido.

Trazia o corpo vergado, os olhos encovados, as orelhas transparentes e acabanadas. Os bigodes, que elle uzára retorcidos e empinados, pendiam-lhe aos cantos da bocca, como os bigodes de um chinez.

De instante a instante levava o lenço aos labios e todo seu corpo tremia, sacudido por accéssos de tósse violenta e sibilante.

Estava tuberculoso.

Contou-me pedaços de sua existencia, atormentada durante os ultimos annos. Lembrava-se de tudo e só não podia lembrar-se de quando e onde tinha apanhado aquella *bronchite*.

Fallou do seu casamento, a que não se referira no nosso primeiro encontro. Disse quem tinha sido a sua esposa: — uma menina que eu conheci e que fôra minha companheira de folguedos infantis, em Jaguarão: — chamava-se Carolina.

Disse, com uma franqueza rude, que a sua vida não tinha sido regular, nos ultimos tempos e que, por isso, o ministro da guerra, com quem muito se déra no tempo da campanha, o mandara chamar e o aconselhára a que se reformasse.

De facto, tinha obtido reforma, no posto e com o soldo de major.

Agora, ia para os Campos do Jordão, cujo clima gabavam tanto e onde pretendia encontrar allivio para *aquelle inferno*.

Esteve em nossa casa durante uma semana e, á tarde, na vespera do dia em que deveria seguir para os Campos, entrou no meu escriptorio, trazendo na mão um rôlo de papeis e disse-me:

— « Ouve, meu caro. Amanhan sigo, mas sigo unicamente para fazer a vontade ao medico, que assim o exige: — não tenho confiança nos taes Campos...

Campos, e lindos, vi eu em tua terra, mas olhei-os então com olhos indifferentes, porque era sadío e feliz...

Agora... » E neste momento veiu-lhe um forte accésso de tósse.

— « Agora... Vou jogar a ultima cartada. Eu te conheço desde menino e, por isso, estou cérto de que farás o que te vou pedir:

— « Escrevi, ha tempos, estas notas da minha vida. Vim concluil-as aqui, em tua casa... » E apresentou-me o rôlo de papeis.

— « Posso morrer... Não tenho quem cuide de mim e, em taes condições, irão estas notas cahir nas mãos de qualquer desconhecido, que nem siquer saberá comprehender quanto de arrependimento, de vergonha, de remorso e de tristeza me inspiraram as linhas que ahi deixei.

— « Guarda isto. Si eu morrer, quando vires que mais ninguem se lembra do meu nome, quando vires que ninguem mais poderá, coordenando os factos, recordar-se de que possa ser eu o autor disso — arranja tudo, dá-lhe a feição que quizeres e publica.

— « Quando não tenha outro merecimento, servirá ao menos de lição e de exemplo áquelles que sendo, como eu,

talhados para o bem, se tornam, por sua culpa, enormemente desgraçados ».

Acceitei o rôlo de papeis e guardei-o.

Disse-lhe que não, que o seu estado de saúde não era tão precário quanto elle o suppunha.

Disse-lhe que elle mesmo poderia, quando voltasse, organizar o volume, para o que lhe offerecia o meu auxilio.

Elle riu-se, com um riso contrafeito e, chegando á janella, esteve por longo tempo de pé, olhando a rua, com o busto banhado em cheio pelas claridades derradeiras do sól, que tombava lentamente no occaso.

Depois, voltou-se para mim e, tendo por detraz de si a claridade da janella aberta, destacou-se de um modo sinistro a transparencia de suas orelhas, quasi cahidas, quasi diaphanas.

Olhou-me de novo, demoradamente, com um olhar sem fixidez, como si estivesse com a alma embebida a contemplar alguma visão retrospectiva, como si o seu pensamento andasse viajando, e disse:

— « O que me entristece não é a idéa de morrer... Não faço falta a ninguem... O que me anniquilla unicamente é a certeza do tremendo horror que me hade apavorar o ultimo instante... E' a agonia suprema, é a dispnéa que me aguarda em longas noites de insomnia... E' o abandono, sem uma pessôa amiga que me consóle, sem mão carinhosa que arrume os meus travesseiros e me enxugue o suor de agonisante, no catre onde hei morrer como um cão!

Sim! Como um cão! Como um cão! »

E começou a tossir e a passear lentamente pelo escriptorio, com as mãos e o lenço unidos á bocca.

As ultimas claridades do dia davam em cheio na janella. O seu vulto desenhava-se na parede fronteira como um arco, que caminhasse aos solavancos.

E eu fiquei calado, olhando aquella ruina, com um grande sentimento de piedade e de respeito.

Aquelle homem era uma testemunha, e talvez uma das ultimas testemunhas, da minha infancia descuidosa e feliz...

Era mais uma reliquia que se ia...

Era mais uma saudade que ficava...

Fui acompanhal-o ao embarque.

Estavamos em Junho. Amanhecia tarde.

Um espesso lençol de bruma cobria toda a cidade.

O dia ainda estava longe. Era a madrugada de um domingo.

Sahimos.

Por deante da porta, ia caminhando um rondante, embuçado no seu capóte escuro, encimado pelo capuz em ponta.

Ouvia-se, ao longe, o ruido dos vehiculos.

Passou um grupo de varredores de ruas. Levavam aos hombros as vassouras de guaxima, de longos cabos de bambú, com as ramas voltadas para as costas.

A' distancia, os lampeões da illuminação publica pareciam cercados de uma auréola azulada e, mais ao longe, na volta

da rua, mal se percebia o ultimo delles, envolto numa nuvem de neblina, que parecia uma poeira de opála.

Nenhuma nesga de céu. Nenhuma estrella.

Ouviu-se o sino de S. Bento, tocando a matinas. O carro tardava.

Passaram dois moços, encapotados, com as mãos mergulhadas nos bolsos. Sahiam do baile de um clube carnavalesco situado na visinhança e discutiam acaloradamente. O ruido de seus passos fazia éco mais adiante. Ouviam-se trechos de sua conversa:

— Vagabunda!

— Então ella pensa que o Felisberto hade ser paio toda a vida?

— Mas, olha...

— Qual, nada! No fim do mez sócolhe uma penhóra que ella hade se... E neste momento dobraram a esquina.

Chegou o carro. Seguimos.

Quando desciamos a ladeira do Carmo, no quartel de policia installado no antigo convento desse nome, o corneteiro tocava a ultima parte da alvorada.

— Não tens saudades, Rogerio?

Elle não respondeu. Levou o lenço á bocca e abaixou a cabeça, num grande accésso de tósse convulsiva e doída.

Não sei si estava apenas tossindo ou si estava tossindo e chorando...

Atravessámos a Varzea, que parecia um mar de bruma.

A terra toda devia ter sido assim, em principio.

Chegámos á estação do Norte. Pouco faltava para a partida do comboio.

A custo encontrámos um logar.

Arrumei a mala entre dois bancos. Rogerio abraçou-me longamente, com a barba crescida a espinhar-me o rosto.

Sahi para a platafórma. O chefe de trem agitou a lanterna. A machina apitou. Dois novellos de fumaça branca foram confundir-se com a bruma. As ferragens rangeram e o comboio partiu.

Acompanhei-o com a vista emquanto pude. Breve sumiu-se em meio da neblina. Percebia-se vagamente a lanterna presa ao ultimo carro e que ia, como uma

estrella opáca, desmaiando lentamente na distancia.

Por fim, dobrou a curva fronteira á Hospedaria de Immigrantes e sumiu-se.

Passaram-se mezes sem que tivesse noticias do meu amigo, de quem não recebi, até então, nenhuma carta.

Escrevi-lhe, mas não respondeu, ou porque não quizesse ou porque não tivesse recebido a carta, o que é pouco provavel.

Por fim, um negociante de S. Bento de Sapucahy, que viéra a S. Paulo, passando antes pelos Campos, onde tem parentes, deu-me as noticias que eu buscava.

Disse que Rogerio, depois de uma viagem muito penosa, aos rigores daquella estação inclemente, tinha chegado aos Campos.

Tivéra uma crise fortissima, que o forçára a permanecer por muito tempo

no «Bicudinho», criando forças para poder proseguir na viagem.

Nos Campos, tivéra outra crise, mas alli, tendo á mão melhores recursos, a crise fôra debellada.

O soldo de official reformado e a renda de seus haveres, que recebia mensalmente por intermedio de uma casa commercial de Pindamonhangaba, chegavam-lhe, de sobra.

Vivia retrahido. Alugára um pequeno chalé de madeira, arranjára um empregado e alli, em alternativas de coragem e de desanimo, ia arrastando lentamente os dias.

Passaram-se, de novo, mais alguns mezes sem noticias do enfermo quando, com verdadeira surpresa, recebi delle uma carta communicando que se sentia mais forte e mais encorajado e que, por isso, ia ao Rio de Janeiro para adquirir varias cousas de que precisava, com o fim de estabelecer-se definitivamente nos Campos do Jordão.

Dizia elle que aquelle logar era o melhor logar do mundo; que alli poderia ter

existido o Paraizo Terrestre, si por ventura fosse possivel encontrar naquella redondeza uma cobra, para tentar a mãi da humanidade.

Dizia que alli não havia cobras, não havia insectos nocivos, não havia peixes nos rios, cujas aguas eram limpidas e puras.

Fallava de pinheiraes lindissimos e de campinas indescriptiveis, cobertas de flores, onde nasciam amores-perfeitos agrestes e perfumados, que o gado errante pisava, descuidoso e feliz.

Emfim, era um enthusiasta do logar.

Não me pareceu opportuna aquella viagem.

Previ que o enfermo, encontrando-se de novo no Rio de Janeiro, de posse das avultadas economias que forçadamente deveria ter feito, iria cahir outra vez nos desregramentos que o levaram á beira da sepultura.

E foi o que se deu.

Pessôas a quem escrevi, pedindo noticias, confirmaram as minhas previsões.

O enfermo tivéra uma recahida violentissima. O Hotel Giorelli ainda existia na Praça da Republica, esquina da rua do Hospicio, e alli se achava elle hospedado.

Indicou o nome de varios officiaes do Exercito, que tinham sido seus contemporaneos no Regimento e pediu que os procurassem.

Com grande difficuldade, foram encontrados dois dos officiaes indicados. Estes intercederam junto aos poderes competentes e Rogerio Duarte foi mandado recolher ao Hospital Militar do Castello.

Alguns dias depois de me haverem chegado estas informações, li n'*O Paiz* a seguinte noticia:

«Victima de antigos padecimentos, falleceu na madrugada de hontem, no Hospital Militar do Castello, onde se achava em tratamento, o major-reformado do Exercito, Rogerio Duarte.

«O finado, que pertencêra á arma de artilheria, era bacharel em mathematicas e fizera parte da Campanha do Paraguay. Era cavalleiro da Ordem de Christo, condecorado com medalha de mérito e bravura militar, tinha a medalha de campanha com o passador de prata numero 2. Desempenhou várias commissões importantes e, em todas ellas, soube distinguir-se pelo seu alto preparo scientifico.

«O enterro effectuou-se hontem mesmo, seguindo o côrpo para o cemiterio do Cajú».

Com estas linhas, estava feito o necrologio do extincto...

Acudiram-me á memoria as palavras que lhe ouvira no meu escriptorio. Concebi, numa visão instantanea, todo o tremendo horror que deveria ter apavorado a sua ultima hora...

Lembrei-me de quanto deveria ter sido anciada a agonia daquelle desventurado, a extinguir-se assim, quasi ao desamparo...

E, involuntariamente, encaminhei a vista para a gaveta onde estavam os manuscriptos que elle me confiára, recordando o pedido que fizéra.

Lembrei-me de que só deveria cuidar da publicação dessas notas quando ninguem mais se recordasse do finado e deixei ficar os papeis onde estavam.

E agora, que são decorridos cerca de onze annos, achei que devia desempenhar-me do compromisso tomado.

Li e reli os manuscriptos. Passei-os a limpo, expurgando-os das emendas e borrões que continham.

Completei vários trechos, onde encontrei periodos sem conclusão.

Organizado tudo, remetti os originaes para a typographia.

Vieram as primeiras provas do que adeante se segue.

E, para explicar a razão de ser do volume, é que escrevo estas linhas, á guiza de prefacio.

No caminho da existencia cheguei a vêr, de longe, a felicidade que me acenava, chamando.

Mas, debalde corri no seu encalço.

Ella era como a sombra do meu corpo, illuminado por um sól no occaso: -- seguia adiante de mim, fugindo, fugindo sempre, como uma paizagem de sonho ou como o ruido de um éco, que se vai affastando.

Chegava ao fim da vida levando apenas em minh'alma -- ruinas de esperanças.

A mim, não era dado nem o triste consolo de viver de recordações...

— Que existencia inutil, a minha!

Rogerio Duarte, como tu foste infeliz!... »

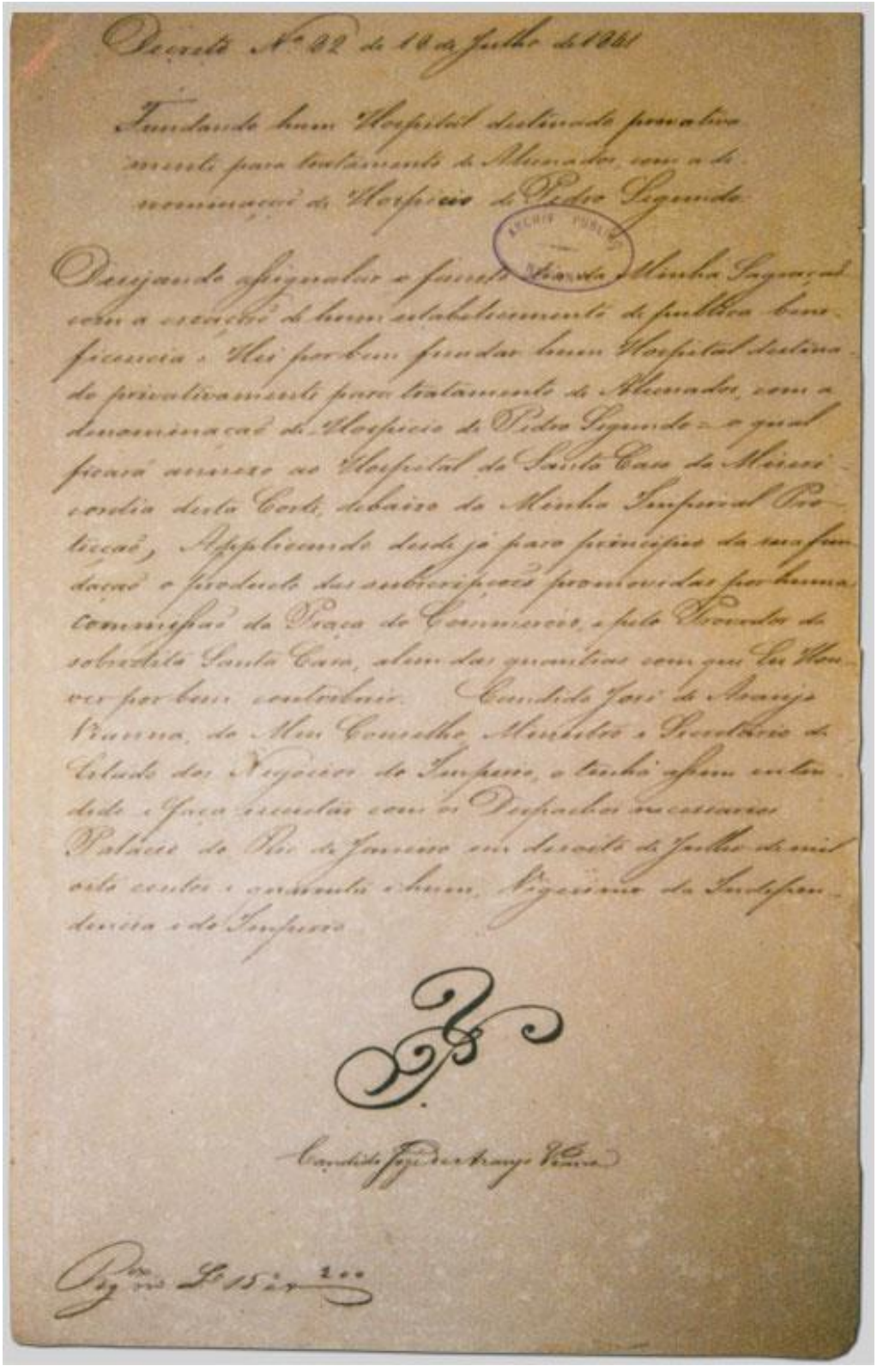
Considera sua vida inútil

O manuscripto terminava ahi.

Está cumprida a minha missão.

FIM

ANEXO P – Decreto (manuscrito) n. 82, de 18 de julho de 1841, da criação do Hospício de Pedro II. Acervo do Instituto Municipal Nise da Silveira (IMNS), consultado no site do Centro Cultural do Ministério da Saúde.[95]



Decreto N.º 82 de 18 de Julho de 1841

Fundando hum Hospital destinado primativamente para tratamento de Alienados, com a denominação de Hospicio de Pedro Segundo.

Tendo Eu sanccionado a Lei que Manda Segurar sob a creação de hum estabelecimento de publica beneficencia: Hei por bem fundar hum Hospital destinado privativamente para tratamento de Alienados, com a denominação de Hospicio de Pedro Segundo: o qual ficará annexo ao Hospital da Santa Casa da Misericordia desta Corte, debaixo da Minha Imperial Protecção, Applicando desde já para principio da sua fundação o producto das subscripções promovidas por huma Commissão da Praça do Commercio, e pela Provedoria da referida Santa Casa, alem das quantias com que Eu Houver por bem contribuir. Candido José de Araujo Vianna, do Meu Conselho, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Imperio, o tenha assim entendido, e faça executar com os Despachos necessarios. Palacio do Rio de Janeiro em dezoito de Julho de mil oito centos e quarenta e hum, Vigesimo da Independencia e do Imperio.

Candido José de Araujo Vianna

Pagou 1$ 15 r 1.00

[95] Disponível em: http://www.ccms.saude.gov.br/memoria%20da%20loucura/Mostra/acervodocumental.html. Acesso em: 24 mar. 2020.

ANEXO Q – Decreto (transcrito) n. 82, de 18 de julho de 1841, da criação do Hospício de Pedro II, disponível no Portal de Legislação.

Decreto nº 82 de 18/07/1841 / IB - Império do Brasil
(D.O.U. 18/07/1841)

DECRETO N. 82 - DE 18 DE JULHO DE 1841

Fundando um Hospital destinado privativamente para tratamento de Alienados, com a denominação de Hospicio de Pedro Segundo.

Desejando assignalar o fausto dia de Minha Sagração com a creação de um estabelecimento de publica beneficencia: Hei por bem fundar um Hospital destinado privativamente para tratamento de alienados, com a denominação de - Hospicio de Pedro Segundo -, o qual ficará annexo ao Hospital da Santa Casa da Misericordia desta Côrte, debaixo da Minha Imperial Protecção, Applicando desde já para principio da sua fundação o producto das subscripções promovidas por uma Commissão da Praça do Commercio, e pelo Provedor da sobredita Santa Casa, além das quantias com que Eu Houver por bem contribuir.

Candido José de Araujo Vianna, do Meu Conselho, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Imperio, o tenha assim entendido, e faça executar com os despachos necessarios. Palacio do Rio de Janeiro em dezoito de Julho de mil oitocentos quarenta e um, vigesimo da Indepedencia e do Imperio.

Com a Rubrica de Sua Magestade o Imperador.

Candido José de Araujo Viana.

ANEXO R – *Correio Paulistano*, 1930. Aquisições da Bibliotheca Publica do Estado, fevereiro de 1930. Canto e Mello compõe o acervo.

CORREIO PAULISTANO — 7-3-30

Bibliotheca Publica do Estado

BOLETIM ESTATISTICO DO MEZ DE FEVEREIRO

Durante o mez de fevereiro de 1930, procuraram a Bibliotheca Publica do Estado 1.110 pessoas, que consultaram 1.600 obras assim classificadas segundo o systema decimal:

Obras geraes, 258; Philosophia, 72; Religião, 7; Sciencias sociaes, 245; Linguistica, 109; Sciencias puras, 171; Sciencias applicadas, 92; Bellas-artes, 10; Literatura, 483; Historia e Geographia, 153.

Das obras consultadas, 5 eram em grego; 2 em latim, 26 em italiano, 188 em francez, 4 em hespanhol, 1.334 em portuguez, 33 em inglez, 4 em allemão, e 4 em outros idiomas.

A Bibliotheca recebeu doação das seguintes pessoas e instituições: senhora Torrealba, dr. Veiga Miranda, dr. Decio Ferraz Alvim, dr. Pompeo de Camargo, dr. Alberto Seabra, consul do Japão em S. Paulo, Bibliotheca Nacional, Cia. Melhoramentos de S. Paulo, Secretaria da Agricultura, Ascanio del Mazza.

A Bibliotheca Publica do Estado possue excellente collecção de revistas nacionaes e extrangeiras, illustradas e de estudo para a qual deve ser chamada a attenção do publico.

Entre as extrangeiras contam-se "The Graphic, de Londres, L'Illustration, Je Sais Tout, Lectures por tous, La Mer, La Nature, Revue Mondiale, Revue Bleue, Revue des Deux Mondes, Revue Scientifique, L' Illustrazione Italiana, Petite Illustration.

Quasi todas as revistas nacionaes e todas as publicações illustradas e scientificas de S. Paulo se encontram na bibliotheca.

Foram mais incorporadas ao catalogo e deste modo offerecidas a consulta publica 334 obras novas, inclusivé a Galeria dos Homens Celebres, em 12 volumes e numerosas biographias sobre personalidades brasileiras. E' interessante notar que a Bibliotheca com os novos trabalhos de catalogação collocou á disposição do publico muitas obras sobre o movimento contemporaneo das idéas inclusivé sobre a moderna literatura brasileira, possuindo as obras completas de: Afranio Peixoto, Menotti del Picchia, Canto e Mello, Monteiro Lobato, Guilherme de Almeida, Raul Pompeia, Mario de Andrade, Coelho Neto, Claudio de Sousa, Léo Vaz, João do Norte, José Agudo, Oswaldo de Andrade.

Maria Moreira Dias de Torrealba.

secretaria interina.

ANEXO S – *Illustração Paulista*, 1912, p. [12]. Coluna em que se comenta sobre Canto e Mello, por Maria da Luz.

Illustração Paulista

Da minha janella

Sabbado hoje, um dia movimentado na minha rua.

Desde cedo os meus olhos e os meus ouvidos vão experimentando as delicias a que se acostumaram em dias como este.

A's sete horas vejo passar as costureirinhas que seguem sorridentes para os *ateliers*, onde vão passar até a noite no labor de alinhavar vestidos da moda para o mundo elegante.

Passam tambem alguns pequinos correndo e apregoando a *Illustração Paulista* e ficam tontos, coitados, chamados d'aqui e d'alli. Não têm mãos a medir.

A's oito e pouco passam apressadas as normalistas, abraçadas ás pequenas pastas de livros, receiosas de perder a hora, os olhares muito firmes, indifferentes aos transeuntes que procuram inutilmente um pouco de luz da luz dos olhos d'ellas.

E por entre todos eu vou vendo conhecidos e desconhecidos, homens, mulheres e crianças, occupados e desoccupados.

Vejo por fim um senhor de estatura regular, physionomia sympathica e intelligente, que fica demoradamente ante a vitrine de um livreiro, a contemplar alguns volumes expostos.

Percebo que os seus olhos se prendem mais a algumas brochuras espalhadas por aqui e por alli e que têm na capa este bello titulo — *Alma em delirio*, que eu diviso ao longe.

O cavalheiro parte abanando a cabeça em signal de desagrado, ao tempo que da janella se approxima um primo meu, estudante de direito e que logo me revela o seu nome: — Aquelle é o dr. Canto e Mello, auctor de um bello romance — *Alma em delirio*, que acaba de vir a lume. Não conhecias o romancista, mas já conheces de certo o seu primoroso trabalho.

Tive de confessar que não conhecia a obra senão pelos ligeiros reclames de alguns jornaes e que acabava de ser surprehendido com a presença do auctor diante de uma vitrine onde se achavam expostas algumas brochuras de *Alma em delirio*.

Comprehendi então a sua manifestação de desagrado, muito justa pela indifferença de muita gente que sabe ler e que não procura se deliciar algumas horas passando os olhos attentamente pelas paginas de um bom romance como *Alma em delirio*, que desde logo mandei comprar e li com o maximo prazer sentada á minha janella, indifferente então ao borborinho da rua

Não tenho pretenções a critica e não venho, por isso, fazer a critica do trabalho delicado de um poeta como o dr. Canto e Mello, que deixou de lado os versos para produzir um romance, cujas letras são inspiradas como as das suas poesias.

O titulo *Alma em delirio* está indicando o que o livro encerra, como se fosse um pequeno cofre com estas palavras sobre a tampa: *Contem joias de valor*.

Li o trabalho e lamento que a nossa imprensa não procure tornal-o bastante conhecido, não só fazendo a sua critica, como publicando-o em roda-pé, de preferencia a essas obras de escriptores estrangeiros, já muito conhecidos, lidos e relidos, e que por ahi apparecem todos os dias nas doses homœpathicas dos folhetins.

Emfim, o que vale é a affirmativa dos entendidos, dos nossos homens de letras, do valor de *Alma em delirio*.

Esses hão de conseguir tornar conhecido e apreciado o trabalho delicado do dr. Canto e Mello.

Maria da Luz

O sr. Sá Freire é auctor de um projecto de lei segundo o qual a União, os Estados e os municipios não poderão, sob pena de nullidade, contrahir emprestimos externos, nem realisar emissão de titulos ou obrigações nas praças extrangeiras, — sem que no contracto se declare a disposição da lei federal que o autorisou, o praso do resgate e a importancia da amortisação annual.

Este sr. Sá Freire é com certeza um homem perverso. Com que intentos quer elle embaraçar assim o aproveitamento de uma das mais abundantes *fontes de renda* de que tanto usam e abusam a União, os Estados e os municipios?

Isto é perversidade delle, com certeza!

Contraste

Os Guinle, em S. Paulo são Companhia Brasileira de Energia Electrica e batem-se pela livre-concurrencia; em Santos, são Docas de Santos e querem monopolio.

(Das observações do sr. José Povo.)

— Aqui estou eu, para te livrar das garras do monopolio odioso...

... contanto que em Santos ninguem perturbe a paz do meu monopolio... privilegiado!

ANEXO T – *O Pirralho*, 08/03/1913, p. [14]. Categorização de *Mana Silvéria* como o "romance que demoliu o romancista". (1)

O PIRRALHO

No Jockey Club Paulistano

No alto os srs. drs. Paulo de Moraes Barros, secretario da Agricultura, Egydio de Souza Aranha e João Rubião Filho da Directoria do Jockey. — Um grupo chic. — Em baixo o cavallo Jequitaia vencedor do grande Premio. No centro, o cavallo que chegou em 2.º lugar no mesmo grande premio.

OS RATOS

Publicação d'inquerito á vida brasileira

(Em seguimento a "Os Gatos" de Fialho d'Almeida)

Mana Silvéria

OU

Um romance que demoliu o romancista

Affirmar que *Mana Silvéria* estragou a reputação de romancista do sr. Canto e Mello, é dar voz a uma opinião já muito generalizada para que precisemos de lhe demonstrar o acerto.

O livro foi escripto atabalhoadamente, de 20 de agosto a 17 de novembro do anno passado, segundo se vê na pagina 362, antes da palavra *Fim*; e o autor não teve tempo de encaixar na sua prosa, para fazer naturalismo, alem da narrativa de umas «nupcias sacrilegas», senão umas palavras pesadas e outras de limitado uso. Entre estas, o verbo parir, que hoje só é usado pelo dr. Amancio de Carvalho nas suas preleções de Medicina Legal. Manda a lealdade accrescentar que o sr. Canto e Mello põe essa palavra na bocca de uma mulher exasperada e de educação duvidosa. Mas, francamente, não se póde compreender como é que uma dama dessa qualidade sabe tão bem grammatica, e tão bem maneja a lingua, para perguntar ao marido, referindo-se ao filho:

— Pois tu não lhe és o pae?

Como se vê, a fórma dessa interrogação é de um sabor classico, delicioso, egual ao das phrases de uma anthologia de quinhentos.

Mas quem é que não percebe logo que as palavras são do sr. Canto e Mello? De facto, a mulher não podia ter tido a idéa de transformar o possessivo em «lhe», pois, se a tivesse, havia de ser uma *bas bleu*, e não a consorte do commendador Belisario Fernandes, tio da mana Silvéria e dono de uma casa de ferragens. Não lhes parece?

ANEXO U – *O Pirralho*, 08/03/1913, p. [15]. Categorização de *Mana Silvéria* como o "romance que demoliu o romancista". (2)

O PIRRALHO

Demais, o sr. Canto e Mello tem mesmo o costume de tomar a palavra em lugar dos seus personagens. Imaginem que dois portuguezinhos, os irmãos Fernandes, em viagem para Brasil, conversam neste gosto:

— Ouves o vento, irmão? Ouves como geme? Elle chega do lado de Portugal... Quem sabe se não vem misturada com elle a voz de nossa mãe, que nos chama, Belisario?

— Não creias, Julio... Nossa mãe a esta hora está tão longe, tão longe, que a voz della não póde mais chegar até nós... Ficou por ahi desmanchada, a misturar-se com a poeira dagua, no vazio immenso do céo...

Por essa amostra, hão de os senhores pensar que os fedelhos eram poetas. Pois não eram. Quem faz questão de mostrar que é poeta é o sr. Canto e Mello, que commette o crime de attentado ao bom senso, obrigando o pobre do Julio Fernandes a recitar, curvado sobre a borda de uma galéra, em pleno mar, toda a pagina 107 do romance, caprichosamente escripta para celebrar as bellezas naturaes do Brasil.

É enorme. O romancista chega a affiançar que o Belisario, depois do discurso do Julio, vaticina que do seu consorcio com «uma moça bonita, muito bonita», nascerão dois filhos, Isidoro e Joanna. Joanna é tambem o nome da mãe dos pequenos viajantes. Por isso, Belisario, accrescentando que sua filha será bonita como a avó, «aponta com o braço extendido o horizonte longinquo». Os srs. acreditam que o portuguezinho fizesse tal gesto?

Mas o melhor é que, algumas paginas, adeante, a gente vae se encontrar com o Isidorinho e com a Joanninha. É phenomenal. Um filho e uma filha! Exactamente o que o rapaz declarára ao irmão. E' de assombrar, é de arripiar os cabellos. O Belisario adivinhára!

Mas qual! E' arteirice do romancista. Pois se s. s. até faz o Belisario prevêr que ia possuir uma loja de ferragens no Rio de Janeiro!...

Evidentemente, o sr. Canto e Mello deslembra-se ás vezes de que é um romancista. Leiam estas linhas com que s. s. declara terminada a viagem dos dois irmãos:

«Ao fim do quadragesimo segundo dia, começaram a apparecer as costas do Brasil e na tarde do quadragesimo quinto dia, isto é, a 23 de março de 1840, entrou (a galéra) na bahia do Rio de Janeiro.»

Releiam. É ou não é, com pouca differença, um pedacinho da Historia do Brasil de Saraiva?

Mas não é só isso. O sr. Canto e Mello, depois de escrever, por exemplo, que «o leme da galéra deixava atraz de si um leve amarrotado de aguas», não resiste ao desejo de qualificar egualmente de *leve* uma rajada, rajada essa «de um mormaço quente e *pesado*», passada a qual as velas cáem «em rugas *fundas* e *pesadas*», porque «paira no ar a calmaria *funda*». E logo temos, com intervallo de uma pobre linha, umas embarcações a bulançarem-se *levemente*. Em quatorze linhas, o *leve*, o *pesado* e o *fundo* alternam-se que não é brinquedo. Pode muito bem ser que isso se chame literatura, mas é, pelo menos, e só em attenção ao sr. Canto e Mello,—exquisito.

Ha mais ainda: ha chapas. Tudo se tolera menos que um cidadão tòme da penna para escrever um livro e use não só de uma, de duas, mas de uma ou duas dezenas de chapas.

«A magestade empolgante do deserto infinito das aguas»—uma; «a curva estrellada do céo»—duas; «seios artisticamente assentados em um busto flexivel»—tres. Referindo-se a um abysmo, qualifica-o o sr. Canto e Mello de socegado e quieto, e não perde a occasião de accrescenntar: «deante do qual a creatura humana, confrangendo a alma *(sic)*, sentia a angustia da sua pequenez e da sua insignificancia». Mais uma chapa. Adeante: «Aquelle prado immenso, pontilhado de bosques verdejantes, parecia um enorme jardim *(sic)* inglez feito pela natureza para recreio das gazellas timidas e dos veados ligeiros». Sem já fallar na enormidade do jardim, a qual, alem de ser desnecessario consignar depois da immensidade do prado, ainda por cima deu aquelle desgracioso cacophaton; sempre diremos que, lá porque o sr. Canto e Mello escolheu para o citado jardim o qualificativo inglez, e lá porque, a referir-se a «timidas gazellas», como é de praxe, preferiu fazel-o a «gazellas timidas», o que é mais novo,—não deixa s. s. de ter feito uma comparação frequentissima em composições escolares. Portanto—mais chapa. Os srs. já viram uma casa magestosa e acaçapada? Pois lá está na pag. 236:... «surgiu *magestosa* a casa branca do fazendeiro, *acaçapada* e enorme». O sr. Canto e Mello preferiu o absurdo a privar-se daquella chapa—surgiu magestosa.....

Interrompamo nos. *Mana Silvéria* dá panno para mangas...

ANEXO V – *O Pirralho*, 22/03/1913, p. [12]. Na mesma coluna, posição positiva da crítica a *Mana Silvéria*.

O PIRRALHO

OS RATOS

Publicação d'inquerito á vida brasileira

(Em seguimento a "Os Gatos" de Fialho d'Almeida)

O «fundo scientifico» de um romance

A *Careta*, em sua secção paulista, dedicou umas linhas dithyrambicas ao impagavel romance que, sob a responsabilidade do sr. Canto e Mello, corre por ahi (se è que corre...) com o titulo de «Mana Silvéria».

Constituem taes linhas um curioso documento de ignorancia e falta de gosto, e exprimem uma opinião que, só por ter sido, como parece, formulada por um paulista, nos enche de vergonha.

Os incensadores do sr. Canto e Mello teem o direito de applaudir-lhe em particular o stoicismo, revelado na publicação da babozeira. Mas intrujar o publico, fazendo *réclame* de tal babozeira, é na verdade indecente.

Imaginem os srs. que, na cantilena da revista carioca, se diz que á nova maravilha das letras paulistas não falta o «fundo scientifico»!

E' de arromba! Temo-nos referido aqui a numerosos trechos do livro, e em nenhum delles lobrigámos, apesar da nossa conhecida malicia, a mais leve sombra de fundo scientifico. Onde estará escondido o demonio? Naquelle pedacinho em que o A. arrojadamente compara uma varzea cheia de capões de matto a um «enorme jardim inglez»? Aqui, fundo scientifico, só se fôr no cacophaton. Talvez com alguma boa vontade se possa descobrir ali um pouco de physiologia. E' bom fazer a analyse. Ou o «fundo scientifico» está occulto no trecho arrebatador em que o Belisario sente «uma necessidade imperiosa de acocorar-se debaixo da mesa»? Tambem póde ser. Aquella «necessidade imperiosa» está no dominio da sciencia. Onde mais? Na bebedeira do boticario, na pergunda «pois tu não lhe és o pae?» ou na febre cerebral do Isidorinho? Ou nas citações de leis que esse capadocio faz ao pae? Ou na conversa dos portuguezitos a bordo? Ou na paralysia da Joanninha? Ou nas apoplexias que dizimam os personagens?

Talvez em tudo isso haja parcella de «fundo scientifico».

Os incensadores do A. podém affirmar que um livro em que morre tanta gente apopletica, e em cujas paginas ha palavras tão bonitas attribuidas a rudes creanças, não deixa de ter o seu bocado de sciencia.

— Lá isso, sciencia, tem! Póde não ter flôres de rhetorica, como dizem os medicos em suas communicações ás sociedades sábias, mas tem sciencia que é um Deus nos acuda.

E, falando a serio, «o fundo scientifico» alastra-se por todo o romance; é o substratum da narrativa. No fundo desse fundo, bem no fundinho, lá onde só chegam os olhares dos grandes scientistas, como o Saturnino Barbosa e o noticiarista da *Careta*, existe uma novidade estupefaciente, que o Zola já estafou ha muitos annos: a he-re-di-ta-ri-e-da-de!

Bonito, hein!?

Mas como é que se manifesta a hereditariedade no livro do sr. Canto e Mello? De um modo muito simples: a filha de uma rameira imita o exemplo da mãe. E imita-o — aqui é que está a sciencia — sem a ter conhecido; sò pela força do sangue!

Não desrespeitemos a sciencia. O sr. Canto e Mello tem-na p'ra burro. Mas fique tambem assente que, na primeira vez que se representar em Sant'Anna do Arrebenta-Rabicho o celebre drama social «A voz do sangue», a *Careta* publicará o retrato do autor, acompanhado de elogios ao «fundo scientifico» da peça.

Agora, uma intimação ao sr. Canto e Mello:

— Ha no seu romance uma pagina em que o commendador X (já nos não lembramos do nome delle), depois de encontrar a filha aos beijos com o caixeiro, faz uma profundissima reflexão sobre a hereditariedade e solta estas exclamações épicas: — «E' o sangue! *E' o canalha do sangue de mulata do raio da minha sogra!*» Pois bem; fica v. s. intimado a arranjar para o commendador, podendo valer-se do auxilio da *Careta*, o titulo de membro effectivo da Sociedade Scientifica de S. Paulo.

***

Constou-nos á ultima hora que o Saturnino Barbosa está damnado com o negocio do «fundo scientifico». O vate do Cubatão absolutamente não admitte fundo de tal ordem senão nas suas poesias.

***

Já estavam escriptas essas linhas quando nos observaram que a *Careta* trocou o titulo do romance por este outro: *Maria Silveira*. Signal de que o noticiarista nem sequér leu a obra.